Curso de Museus – MHN, 1932-1978

O perfil acadêmico-profissional

por

Graciele Karine Siqueira
Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Orientador: Professor Doutor Ivan Coelho de Sá

UNIRIO/MAST - RJ, Junho de 2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Curso de Museus – MHN, 1932-1978

O perfil acadêmico-profissional

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por:

Prof. Dr. _____

IVAN COELHO DE SÁ

Prof. Dr. _____

MARCUS GRANATO

Profª. Drª. _____

FÁTIMA REGINA NUNES NASCIMENTO

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2009

S63c Siqueira, Graciele Karine

Curso de Museus – MHN: 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional /Graciele Karine Siqueira; orientador: Ivan Coelho de Sá. Rio de Janeiro, 2009.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

178p. : il.

1. Museu – Estudo e Ensino. 2. Museu Histórico Nacional –História- Brasil. 3. Museologia – Brasil. 4. Sá, Ivan Coelho de. I. Título.

CDD – 069.07

“Para os entendidos em Museu no mundo inteiro, o título Conservador possui incontestável prestígio”

Gustavo Barroso

A todos os alunos do Curso de Museus e profissionais que dedicaram suas vidas aos museus e à museologia.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, pela oportunidade de ser sua aluna em dois momentos importantes da minha trajetória acadêmica e profissional: graduação e mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, pela oportunidade de amadurecimento profissional.

À Profª. Tereza Scheiner e ao Prof. Marcus Granato, pela dedicação ao Programa.

À Escola de Museologia e a todos os professores que contribuíram na transformação de um sonho em realidade.

Ao Projeto Memória e Preservação da Museologia no Brasil, pela oportunidade de aprender.

Ao orientador e amigo, Ivan Coelho de Sá, pela disponibilidade e generosidade em ensinar, pela paciência e amizade, pelos inúmeros momentos alegres e tensos que serviram de aprendizado, pelas divertidas conversas e implicâncias...

À Profª. Icléia Thiesen, por despertar e estimular o amor pelas fontes primárias.

Ao Prof. Marcus Granato, pela colaboração, perseverança e prontidão durante minha caminhada pela pós-graduação.

À D. Nair Moraes de Carvalho, pelo exemplo de dedicação e profissionalismo.

Ao arquivista Cláudio Ribeiro, pelo bom atendimento, pela boa troca de idéias, pelas muitas risadas e pela liberação dos minutos extras durante a pesquisa no Arquivo Institucional do MHN, bem como aos demais profissionais e bolsistas que muito ajudaram no desenvolvimento da pesquisa: Pedro, Beth, Gomes, Bianca e Julianna.

À Anna Etchenart, monitora do Ivan, que baixou e imprimiu muitas vezes meus textos durante o processo de orientação.

Às instituições por onde passei: Museu Nacional, IPHAN, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e Museu da Chácara do Céu.

Ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC/UFC pela oportunidade de colocar em prática todos os ensinamentos adquiridos na graduação e no mestrado.

Ao Prof. Pedro Eymar, pelo reconhecimento e respeito ao profissional da Museologia.

Aos amigos conquistados durante minhas andanças: Suely Ferreira, Fernanda Tiago, Pedro Henrique Cruz, Sérgio Boas, Janaina Teixeira e Rômulo Reis (MG); Ana Luisa Nascimento, Raquel Barbosa, Henrique Vasconcelos, Edina Pereira, Ana Paula Pacheco, Cristina Moura, Angela Taddei, Janaina Angelo, Marilene Alves, Rafael Guterres, Diego Lemos, Cristiane Castro, Janete Santos, Patrícia Alexandra, Emannuelle Lack, Jaqueline Gruneveld, Rossane Faria, D. Nasaré Vasconcelos, D. Nair de Carvalho, Ozias Santos e Denise Maria (RJ); e Márcia Oliveira, Tadeu Lima, Alecéia Maia, Fernando Maia, Mary Rose (CE)... extensivo às famílias que me "adotaram"!

Agradeço, em especial, àqueles que muito contribuíram para concretização dos meus sonhos:

Aos meus pais Manoel e Lourdes, pelo amor, desprendimento e compreensão do meu amor pela Museologia.

À Vânia, minha segunda mãe, pela confiança e apoio (imprescindíveis) em todos os momentos da minha caminhada.

Às minhas irmãs Sandra, Leila e Célia pelo exemplo de disciplina e profissinalismo.

Ao meu irmão Welson e meu dindo Tião.

Às minhas fontes de alegria e amor: Rayanne, Rayara, Karol, Eugênia, Guilherme, Marina e Gustavo.

À minha querida Irmã Primi, pelas tantas conversas e conselhos.

Às amigas Ana Luisa e Raquel que muito contribuíram ao longo da minha estada no Rio de Janeiro.

A todos, muito obrigada!

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: O perfil acadêmico-profissional.* 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2009. 178p. Orientador: Ivan Coelho de Sá.

RESUMO

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, em plena efervescência dos movimentos que valorizavam os ideais e a cultura nacional, surgem dois novos fatos interligados no cenário museológico brasileiro: a criação do Museu Histórico Nacional - MHN (1922) e do primeiro Curso de Museus (1932). Inicialmente, idealizado como curso técnico, tinha a duração de dois anos, inaugurando e institucionalizando o ensino sobre museus e museologia no país. Ligado à Direção do MHN e funcionando em suas dependências de 1932 a 1978, o Curso passou por importantes reformulações curriculares que visavam atender às novas demandas que surgiam conforme as transformações ocorridas na sociedade. Estas transformações acarretaram mudanças no perfil acadêmico e profissional dos alunos matriculados e formados por esta instituição, bem como as frentes de atuações deste período.

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: The Academic Profile Professional.* 2009. Dissertation (Master's) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2009. 178p. Supervisor: Ivan Coelho de Sá.

ABSTRACT

Along the 1920s and 1930s, during the outburst of movements valuing national ideals and national culture, two new, interconnected facts arise in the Brazilian museological scene: the creation of the Museu Histórico Nacional (National Historical Museum) MHN (1922) and that of the first Curso de Museus (Museum Course) (1932). Initially conceived as a two-year long technical course, it stood for the inaugural and institutionalizing teaching on museums and museology in Brazil. Linked to the direction of the MHN and functioning in its premisses from 1932 to 1978, the Course underwent important curricular reformulations aiming at meeting new demands following the transformations of the society itself. These transformations led to changes in the academic and professional profiles of both enlisted and graduated students from this institution, as well as in the professional performances in this period.

SUMÁRIO

Introdução 12

Capítulo I – História e Trajetória do Curso de Museus 18

1.1 – O MHN e a idéia de um Curso Técnico 19

1.2 – A concretização do Curso de Museus 23

1.3 – A organização do Curso e a primeira alteração curricular – 1934 27

1.4 – A primeira grande Reforma Curricular – 1944 29

1.4.1 – Bolsas de Estudos 33

1.4.2 – Excursões de Estudos 35

1.5 – As transformações da década de 50 38

1.6 – As transformações da década de 60 41

1.7 – 1960: nova direção, prêmios e cursos 43

1.8 – O Curso e as exposições curriculares 46

1.9 – A Reforma de 1966 48

1.10 – A gestão Léo Fonseca e Silva 50

1.11 – As reformas na década de 70 52

Capítulo II – Curso de Museus: Perfil Acadêmico 55

2.1. Década de 1930 56

2.2. Década de 1940 59

2.3. Década de 1950 69

2.4. Década de 1960 80

2.5. Década de 1970 89

2.6. Panorama Geral 100

Capítulo III – Perfil Profissional: Frentes de atuação 110

3.1. Década de 1930 111

3.2. Década de 1940 118

3.3. Década de 1950 125

3.4. Década de 1960 131

3.5. Década de 1970 140

3.6. Panorama Geral 150

Considerações Finais 154

Referências 163

Anexos 169

Anexo 1 – Currículo 1932-1933 170

Anexo 2 – Currículo 1935 171

Anexo 3 – Bolsistas 172

Anexo 4 – Excursões de Estudos 174

Anexo 5 – Currículo (Reforma de 1944) 175

Anexo 6 – Currículo (Reforma de 1966) 176

INTRODUÇÃO

Introdução

Em 1922, ano em que se comemorava o Centenário da Independência e em plena efervescência de movimentos ufanistas que valorizavam as tradições nacionais, foi criado conforme projeto do político, escritor e jornalista, Gustavo Barroso, o Museu Histórico Nacional – MHN, por meio do Decreto-Lei nº 15.596, de 02/08/1922, do presidente Epitácio Pessoa. Inaugurado a 1º de outubro do mesmo ano, o MHN estava em perfeita consonância com o sentimento neocolonial do período, cujo apogeu correspondeu exatamente à década de 20, marcada pelo choque entre os valores europeus e nacionais.

Fundador e primeiro diretor do MHN, Gustavo Barroso, teve uma atuação marcante na literatura regionalista do início do século XX. Por outro lado, Barroso destacou-se na idealização e construção de um projeto de "memória nacional", tendo sua atuação mesclada com a história da preservação, da museologia e dos museus. Nestes campos, podemos analisar suas ações através da criação do MHN; do projeto de um Curso Técnico comum ao MHN, à Biblioteca e ao Arquivo Nacional; do projeto de um Museu Ergológico Brasileiro; das atividades da Inspetoria de Monumentos Nacionais e, sobretudo, através da implantação efetiva e consolidação do Curso de Museus (OLIVEIRA, 2003, p. 10).

Em 1930, com as transformações políticas provocadas pela ascensão de Getúlio Vargas à Presidência, Gustavo Barroso foi destituído do cargo de Diretor do MHN, assumindo em seu lugar o historiador Rodolfo Garcia. Na breve gestão de Garcia, é inaugurado o primeiro Curso de Museus das Américas, através do Decreto-Lei nº 21.129, de 7 de março de 1932.

O Curso era diretamente vinculado à direção do MHN e tinha a proposta de habilitar técnicos para ocupar cargos desta instituição, necessidade reivindicada por Barroso desde a fundação do Museu e apresentada no Relatório de Atividades, de 1923, através do qual ele já pleiteava a criação do cargo de conservador *"funcionário que ficaria encarregado de dirigir os serviços de limpeza e restauração dos objetos, com a responsabilidade direta de sua conservação"* (MHN, 1923).

Inicialmente idealizado como curso técnico, o Curso de Museus tinha a duração de dois anos, inaugurando o ensino sobre museus no país e equiparando-se ao Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional. Segundo Ana Cristina Oliveira, o Curso representava

> "... a institucionalização de uma agência de construção e transmissão do conhecimento na área de museus em continuidade e interação com a prática do Museu Histórico Nacional que ganhava assim *status* de matriz intelectual de um conhecimento que o curso pretendia divulgar e implantar nos museus do país, ao formar seus quadros. " (OLIVEIRA, 2003, p. 12).

Durante os 44 anos que esteve vinculado à Direção do MHN, 1932-1976, o Curso de Museus passou por importantes reformulações estruturais, curriculares e ideológicas que delinearam e definiram o perfil do aluno, matriculado e concluinte, atendendo às novas demandas e transformações da sociedade e das políticas educacionais e culturais. Na década de 70, a partir da gestão de Léo Fonseca e Silva como diretor do MHN, cresce o movimento visando vincular o Curso a uma instituição universitária. Finalmente, em 1977, o Curso de Museus passa a integrar a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ, continuando, porém, a funcionar no MHN. Dois anos depois, em 1979, a FEFIERJ é transformada em UNI-RIO, Universidade do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano o agora denominado Curso de Museologia é instalado no Prédio do Centro de Ciências Humanas, na Urca.

A idéia de trabalhar na dissertação com o Curso de Museus do MHN desenvolveu-se a partir de nossa participação no Projeto de Pesquisa Memória da Museologia no Brasil. A proposta inicial referia-se ao estudo do Curso no período Léo Fonseca e Silva. No entanto, em decorrência de nossa atuação direta no levantamento dos alunos e formandos – trabalho que acabou produzindo o catálogo "Curso de Museus – MHN: 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional", publicado pela Escola de Museologia em 2008, com apoio do então Departamento de Museus e Centros Culturais, DEMU, do IPHAN. O projeto de dissertação tomou um sentido diferente, amadurecendo mais e convergindo para um olhar mais centrado no levantamento dos alunos, assunto que nos permitia trabalhar com maior segurança em função da própria experiência com as fontes analisadas. Paralelamente a este levantamento, fizemos um estudo e uma análise das fontes primárias relativas à implantação do Curso de Museus e às suas transformações, bem como sua efetiva participação na formação acadêmico-profissional do alunado deste período.

A partir deste estudo, pretendemos analisar a história do Curso de Museus no período em que funcionou no MHN – pontuando as Reformulações Curriculares ocorridas no período em questão –, e também destacar suas contribuições para a formação profissional, ressaltando sua importância na formação durante quatro décadas. Assim, esta dissertação tem como objetivo principal:

1º.) traçar o perfil acadêmico-profissional do conservador / museólogo formado pelo antigo Curso de Museus entre os anos de 1932 a 1978;

2º.) levantar os dados dos alunos ingressantes disponíveis nas Fichas de Requerimento de Matrícula (sexo, faixa etária, estado civil, ocupação, procedência, escolaridade e tipo de rede de ensino);

3º.) analisar o perfil profissional dos egressos e suas frentes de atuação (museus de história, museus de arte, museus de etnografia, museus de ciências e tecnologias; magistério, conservação-restauração; outras áreas).

Levando-se em conta a dificuldade de se encontrar fontes bibliográficas relativas ao tema estudado, a metodologia deste trabalho fundamentou-se em fontes primárias encontradas em arquivos das principais instituições ligadas ao Curso de Museus, em especial, o acervo do Núcleo de Memória da Museologia – NUMMUS, da Escola de Museologia da UNIRIO; do Arquivo Institucional do Museu Histórico Nacional; e do Arquivo Central da UNIRIO. Além dos documentos acadêmicos oficiais do Curso, como Decretos, Regulamentos, Relatórios, Portarias, Livros de Registros de Alunos, Fichas de Matrícula e Livro de Atas. Foram analisados também artigos de jornais e revistas, bem como depoimentos e entrevistas, buscando, assim, dados para subsidiar e estruturar nosso estudo.

No que se refere aos primeiros textos e organização de documentação referentes aos currículos do Curso de Museus, podemos destacar “O Museu Histórico Nacional através de seu 25 anos de existência”, de Adolpho Dumans, “Relação dos Currículos Adotados de 1932 a 1975”, da Profª. Anna Barrafatto e “Relação de Currículos Adotados pela Escola de Museologia: 1932-1995”, da Profª. Tereza Scheiner. O texto de Dumans se destaca pelo pioneirismo ao tratar o tema referente à criação e funcionamento do Curso de Museus do MHN, constituindo uma das bases de estudo sobre este tema. O documento escrito se caracteriza como um vestígio do passado, por oferecer ao pesquisador, através da observação histórica, o acesso às informações. Por sua vez, o conhecimento do passado é algo que está sempre em progresso e sujeito a inúmeras transformações e reconstruções.

A primeira etapa deste trabalho consistiu no levantamento destas fontes primárias, bem como de material bibliográfico, coletando textos que pudessem endossar a pesquisa de forma crítica e conceitual, com ênfase nos campos da Museologia e do Patrimônio. O corpo da dissertação foi estruturado em três capítulos. O primeiro tem um formato historicizante, por trabalhar com as questões referentes aos antecedentes e à criação do Curso de Museus, bem como às suas alterações curriculares e transformações conceituais, tendo sido elaborado a partir dos relatórios setoriais e anuais de atividades do MHN, apresentados à Direção e aos Ministérios da Justiça e

Negócios Interiores, da Educação e Saúde e da Educação e Cultura, bem como a partir de decretos, leis, ofícios e cartas. Este primeiro capítulo tem como função básica apresentar, em linhas gerais, a trajetória e as transformações ocorridas no Curso de Museus ao longo do período que esteve ligado ao MHN, 1932-1978, e que irão influenciar tanto no perfil do aluno ingressante quanto do egresso.

No segundo capítulo, trabalhamos a análise do perfil acadêmico do estudante do Curso de Museus, a partir das informações referentes ao gênero, faixa etária, estado civil, ocupação profissional, estado de origem, escolaridade e instituições de ensinos frequentadas, tentando, desta forma, traçar um perfil social desejado.

No terceiro e último capítulo, fizemos a análise das frentes de atuação do egresso, ou seja, do profissional já formado pelo Curso de Museus: atuação em museus de história, museus de arte, museus de ciências e tecnologia, magistério em museologia ou áreas afins, bem como a migração para outras áreas. Tal análise teve como base as informações contidas no catálogo **Curso de Museus MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional.**

No que se refere à pesquisa bibliográfica, ainda escassa, utilizamos para embasar o primeiro capítulo os trabalhos de Ana Cristina Audebert e Aline Montenegro Magalhães, além dos artigos publicados nos anais do MHN sobre o Curso de Museus. No trabalho de Auderbert pudemos ver a formação do pensamento barrosiano sobre o universo museológico, bem como suas principais ações neste campo, dentre as quais podemos citar a criação do MHN, do Curso de Museus, da Inspetoria de Monumentos e o projeto de criação de um Museu Ergológico. Já no texto de Magalhães, o enfoque se volta para a análise das atividades da Inspetoria de Monumentos, no entanto, seu texto também aborda a criação do MHN a partir do discurso do “Culto da Saudade”, tema defendido por Barroso, além de mapear os passos trilhados pelo criador do MHN no campo do patrimônio, em especial, a criação do Curso de Museus e dos Anais do MHN.

Para o desenvolvimento do segundo capítulo, fizemos apenas a análise das informações das Fichas de Requerimento de Matrícula. Já no terceiro capítulo utilizamos, principalmente, a legislação brasileira do campo patrimonial como forma de fazer um cruzamento das possíveis frentes de atuação dos egressos do Curso de Museus e com as possibilidades de atuação, tomando como ponto de partida as diretrizes internacionais (criação do ICOM, 1946 e Carta de Santiago do Chile, 1972) e nacionais através dos decretos, das leis, das cartas e dos encontros no campo do patrimônio, da arqueologia e dos museus.

Em resumo, a recuperação da memória do Curso de Museus, principalmente no que se refere ao seu alunado e ao profissional por ele formado é, a nosso ver, de grande importância, não apenas para a construção de sua história, mas também, e,

sobretudo, para o estudo da própria Museologia no Brasil. Esperamos, com este trabalho, contribuir um pouco com a construção de uma história da Museologia num momento em que ela se afirma como campo de conhecimento interdisciplinar no contexto das Ciências Sociais Aplicadas.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DO CURSO DE MUSEUS

Capítulo I. História e trajetória do Curso de Museus

1.1 – O MHN e a idéia de um Curso Técnico

O movimento Neocolonial, iniciado ainda nos anos 1910, teve sua fase de maior produção na década de 1920, período final da República Velha, quando acentuam-se choques políticos e ideológicos. O Neocolonial, enquanto oponente dos processos de europeização, sobretudo dos galicismos, tenta propor novas bases para a modernização da arquitetura, através de uma orientação nacionalista e da defesa das raízes culturais e manifestações tradicionais artísticas como expressão da nacionalidade brasileira. Este movimento teve como base a recuperação e a retomada das características estilísticas das obras do período colonial, no intuito de retornar as raízes culturais brasileiras. O movimento expandiu-se para além da arquitetura, influenciando e ganhando forma no campo da arte, seja através da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e a Exposição do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, ambas em 1922, e na literatura de Monteiro Lobato.

Neste contexto Neocolonial podemos inserir a criação do Museu Histórico Nacional e do Curso de Museus. Recuando um pouco no tempo, em 1912, Gustavo Barroso[1], sob o pseudônimo João do Norte, publica o artigo "O Culto da Saudade" no Jornal do Commércio[2], denunciando o descaso pelas tradições e alertando para a necessidade premente de se preservar e cultuar as tradições artísticas e a história nacional. Tal fato mostra que seu pensamento estava perfeitamente sintonizado com os sentimentos e conceitos que norteavam o movimento neocolonial. Um trecho do artigo, mostrado a seguir, caracteriza o fato.

> O descaso pelas nossas tradições vai se tornando crime imperdoável. (...) Nunca se viu tanto desamor. O que se dá com os objetos históricos verifica-se com os costumes tradicionais das regiões, das cidades e dos bairros. Só

---

[1] Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, nasceu a 29 de dezembro de 1888, na cidade de Fortaleza, CE. Fez os estudos básicos no Páternon Cearense e no Liceu do Ceará, ingressando, em 1907, na Faculdade de Direito do Ceará. Em 1910, transfere-se para o Rio de Janeiro, bacharelando-se dois anos depois. Exerceu o cargo de deputado federal pelo Estado do Ceará, no período de 1915 a 1918. Mas, foi nos campos da história e das letras que Gustavo Barroso se destacou, sendo eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1923 e do Instituto Histórico e Geográfico em 1931. Historiador, jornalista e ensaísta, publicou mais de cem livros abrangendo os mais diversos temas: história, folclore, memória, museologia, romances, contos, política, entre outros. No campo político, também esteve ligado a Ação Integralista. Para esta pesquisa, será estudada apenas sua atuação frente ao Museu Histórico Nacional e ao Curso de Museus, sendo o último o marco da inicialização dos estudos na área de museus e do patrimônio sob sua guarda. Após 37 anos, exceto entre os anos 1930 e 1932, Gustavo Barroso, falece no Rio de Janeiro, em 1959.

[2] Publicado na 1ª. edição do Jornal do Commércio, de 22 de dezembro de 1912 e reeditado no Volume 29 dos Anais do MHN, de 1997.

> uma coisa se mantém perpetua e imutável: o carnaval, que não é autóctone. O mais morre a pouco e pouco. Até os cordões desaparecem. (NORTE, Anais do MHN. 1997, vol. 29, p. 32)

Até a segunda década do século XX, as instituições museológicas existentes no Brasil eram voltadas, na grande maioria, para as ciências naturais: Museu Nacional (1818), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), Museu Paranaense (1876), Museu Botânico do Amazonas (1883) e Museu Paulista (1895). Os museus de história tinham pouca ou quase nenhuma representatividade no território nacional e os que existiam, tinham fechado as suas portas como é o caso do Museu Militar do Arsenal de Guerra, criado em 1865, e cujo acervo foi, posteriormente, agregado ao Museu Histórico Nacional. Data desta mesma época a criação do Museu Naval e Oceanográfico (1868), cujos objetos também foram solicitados para o MHN por Barroso ao longo da década de 20 e cuja transferência efetiva ocorreu em 1933, quando a instituição foi extinta por Decreto do Governo Provisório, em 14 de janeiro de 1932 (MHN, AS/DG 1 (7)[3].

O ano de 1922 é marcado pela criação e implantação do primeiro museu efetivamente dedicado à história nacional, o Museu Histórico Nacional. O MHN foi criado pelo Decreto-Lei nº 15.596, de 2 de agosto de 1922, e inaugurado a 1º de outubro do mesmo ano, no governo do então Presidente Epitácio Pessoa, no âmbito das comemorações do Centenário da Independência do Brasil[4]. O trecho a seguir da ata do Decreto, demonstra os motivadores para criação do MHN.

> Considerando que será da maior conveniência para o estudo da História Pátria reunir os objetos a ela relativos que se encontram nos estabelecimentos oficiais e concentrá-las em museu, que os conserve, classifique e exponha ao público, e, enriquecido com os obtidos por compra ou por doação ou legado, contribua, como escola de patriotismo, para o culto do nosso passado :
> Resolve, em vista da autorização expressa no art. 3 do Decreto Legislativo nº 4.492, de 12 de janeiro do corrente ano, criar o Museu Histórico Nacional, expedir para êle o regulamento que com êste baixa [sic] assinado pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, e organizar-lhe, *ad referendum* do Congresso, o quadro do pessoal.

---

[3] AS/DG refere-se ao Fundo Documental dos Relatórios do Museu Histórico Nacional.

[4] Marco das duas primeiras décadas do século XX, ocorreu em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, em função do Centenário da Independência do Brasil, a Exposição Internacional do Centenário da Independência. Esta exposição foi oficialmente aberta durante o governo do presidente Epitácio Pessoa, em 7 de setembro e o seu encerramento ocorreu em julho do ano seguinte. A área destinada à Avenida das Nações se estendeu do Palácio Monroe até a Ponta do Calabouço. (SANT'ANA, Thaís Rezende da Silva de. Fincando Estacas: a Exposição do Centenário da Independência do Brasil de 1922 nas fotografias da coleção Augusto César Malta de Campos pertencente ao Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, abr. 2007. Disponível: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/expo_1922.htm>. Acesso: 05 de jun. 2009)

> Rio de Janeiro, 2 de agôsto de 1922, 100º da Independência e 34º da República. (BRASIL, Decreto nº 15.596, de 02/08/1922. Cria o Museu Histórico Nacional e aprova o seu Regulamento)

A direção ficou a cargo de seu idealizador, Gustavo Barroso, que assumiu a responsabilidade de fundar e organizar um museu que representaria - como ele difundira desde a década anterior - os fatos, feitos e heróis nacionais. O trecho a seguir mostra o momento em que Barroso assume a Direção e instala o MHN. De acordo com Dumans,

> O Dr. Gustavo Barroso assumiu imediatamente o cargo e a 12 de outubro de 1922, data do Descobrimento da América, 50 dias após a sua nomeação, o Presidente da República inaugurava oficialmente o Museu, instalado em duas salas do edifício do Arsenal de Guerra da Côrte, à ponta do Calabouço, no recinto da antiga Exposição do Centenário com regular acêrvo de objetos, cerca de mil, entre os quais figurava já a preciosa coleção de relíquias do General Osório. (...) (DUMANS, 1947, p. 3)

Em seu primeiro ano de funcionamento, o MHN contava apenas com vinte e três funcionários no seu quadro de pessoal, entre os quais podemos destacar Gustavo Barroso, Diretor; Alberto Faria (membro da ABL), chefe da 1ª Seção de História, 1922-25; o bacharel Edgar de Araújo Romero, Chefe da 2ª Seção de Numismática, 1922-51; o também bacharel Joaquim Menezes de Oliva, posteriormente, chefe da 1ª Seção, 1925-1948 (1º Oficial) e João Angyone Costa (2º Oficial). Destes, apenas Alberto Faria, falecido em setembro de 1925, não irá ministrar aulas no Curso de Museus. Nesta primeira década de funcionamento do museu, a principal preocupação de Barroso era a de coletar e adquirir objetos e ampliar o conjunto arquitetônico. À época da fundação, a 2ª Seção, proveniente da Biblioteca Nacional e dedicada às coleções numismáticas, filatélicas e sigilográficas, mantinha-se ainda nas dependências daquela instituição, onde permaneceu até o final do ano seguinte, 1923, quando os espaços do MHN foram ampliados

As dificuldades enfrentadas por Barroso nestes primórdios da formação do museu podem ser percebidas no Relatório de Atividades de 1922, referindo-se ao seu primeiro ano de existência, como vemos no trecho destacado a seguir.

> Alem das doações e acquisições a que nos reportamos anteriormente, esta secção foi organisada de accordo com o regulamento do MUSEU, com a parte verdadeiramente histórica do antigo MUSEU DE ARTILHARIA, transformado em MUSEU MILITAR, grande cópia de objectos históricos que existia no MUSEU NACIONAL, no Ministério da Guerra, no ARCHIVO NACIONAL e no MUSEU NAVAL. Nestes dois últimos, bem como na CASA DA MOEDA e no antigo paço imperial da BÔA VISTA, restam ainda muitas preciosidades que não fôram já transportadas devido à angústia de espaço que nos debatemos e que não nos permite mais expôr quasi objectos algum

> sob pena de impedir o transito nas salas. Desde que tenhamos local apropriado, certamente os poderes públicos facilitarão a entrega desses remanescentes á repartição creada por lei para conserval-os.[sic] (MHN, 1922)

No Regimento Interno do MHN, de 1922, Barroso já previa um Curso Técnico que atendesse às necessidades da própria instituição, bem como da Biblioteca e do Arquivo Nacional. No Capítulo VI, estavam explicitados os detalhes referentes às disciplinas, professores, organização de programas de aulas, processo de seleção, período letivo, processos avaliativos e certificados de habilitação, como vemos no trecho destacado a seguir.

> Art. 55. O curso técnico, destinado a habilitar os candidatos ao cargo de 3.° oficial do Museu Histórico Nacional e ao de amanuense da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional, constará das seguintes matérias, distribuídas por dois anos:
> 1.° ano: história literária, paleografia e epigrafia, história política e administrativa do Brasil,
> arqueologia e história da arte.
> 2.° ano: bibliografia, cronologia e diplomática, numismática e sigilografia, iconografia e cartografia.
> Art. 56. O ensino das matérias será dividido entre os estabelecimentos a que é comum o curso técnico, cabendo ao Museu Histórico Nacional o de arqueologia e história da arte e de numismática *e* sigilografia, à Biblioteca Nacional o de história literária, de bibliografia, de paleografia e epigrafia e de iconografia e cartografia e ao Arquivo Nacional o de história política *e* administrativa do Brasil e de cronologia e diplomática.
> Art. 57. Como professôres das matérias do curso técnico servirão os funcionários designados pelos diretores dos estabelecimentos a que tais matérias corresponderem ou, em caso de necessidade,
> outras pessoas para êsse fim convidadas.
> (...)
> Art. 71. Às pessoas que obtiverem aprovação em tôdas as matérias do curso técnico serão expedidos certificados de habilitação que serão assinados pelos secretários dos três estabelecimentos e em que se declarará o número de pontos obtidos em cada exame. (BRASIL, Decreto nº 15.596, de 02/08/1922. Cria o Museu Histórico Nacional e aprova o seu Regulamento)

A idéia visionária deste curso, ou seja, interligando as três áreas que trabalhavam com a preservação de patrimônio, não se concretizou. Nos Relatórios do MHN, apresentados anualmente ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, no período entre 1922 a 1930, primeira fase da Gestão Barroso à frente desta instituição, não se percebe nenhuma movimentação acerca deste assunto. Provavelmente, os problemas oriundos da falta de espaços e da própria organização do museu, absorveram todos os esforços da direção e dos técnicos, inviabilizando a implantação deste curso técnico. Isto pode ser depreendido no Relatório de Atividades do MHN, do ano seguinte à fundação do Museu, justificando o não funcionamento do curso técnico por falta de espaço, problema já referido no relatório do primeiro ano. Neste primeiro

relatório havia também um pedido *"para criação do cargo de conservador do Museu, funcionário que ficaria encarregado de dirigir os serviços de limpeza e restauração dos objetos, com a responsabilidade direta de sua conservação"* (MHN, 1923).

Aline Montenegro Magalhães ratifica tal afirmativa e nos apresenta trecho do Relatório de Atividades de 1931, da gestão do historiador Rodolfo Garcia Amorim, que assumiu interinamente a Direção do MHN, 1930-1932, quando Barroso afastara-se por motivos políticos. Nota-se que é a primeira vez que aparece nos Relatórios de Atividades a solicitação para efetiva implantação do Curso de Museus e da Inspetoria de Monumentos, esta última só viria a ser implantada por Barroso, em 1934.

> Duas sugestões, Sr. Ministro, cabem aqui, como propostas que tenho a honra de fazer, tanto para a maior eficiência administrativa, como para a consecução dos fins culturais da nossa instituição, eminentemente educacional. Uma é referente ao 'Curso de Museus'. Já apresentei a V. Ex. um projeto de decreto, que espero venha a merecer a indispensável aprovação. Fundamentei-o nos objetivos de ordem técnica, que justificaram a creação recente do 'Curso de Biblioteconomia', da Biblioteca Nacional. O 'Curso de Museus' habilitará esta Repartição com um pessoal especializado, que futuramente fornecerá à administração os funcionários de que necessitar, para os serviços deste Museu Histórico, ou dos congêneres institutos estaduaes. A outra proposta é a de uma Inspetoria de Monumentos.[sic] (MAGALHÃES, 2002, p. 109 apud Relatório de Atividades do MHN, 1931)

A partir de tal pedido, no ano seguinte, 1932, inicia-se no MHN o primeiro Curso de Museus[5] das Américas e talvez o mais antigo do mundo a capacitar profissionais para lidar e pensar as questões concernentes aos museus e aos seus objetos, uma vez que o curso para formação de profissionais da Escola do Louvre[6] tinha uma formação mais voltada para a área arqueológica e, posteriormente, para o campo da História da Arte. No entanto, anterior à Escola do Louvre, houve uma iniciativa semelhante na Espanha, correspondendo, ao que parece, a um curso de formação integrada de bibliotecários, arquivistas e "antiquários"[7].

---

[5] O Curso de Museus aparece denominado desta forma no Relatório de Atividades do MHN de 1933.

[6] Fundada em 1882, como parte do projeto pedagógico de Jules Ferry, a Escola do Louvre tinha como missão "sacar de las colecciones, para instruir al público, el conocimiento que contienen e y de adiestrar a los conservadores, los misionarios y los exacavadores". Somente em 1927 foi criado o Curso de Museografia, cujas aulas ocorreram no ano seguinte.

[7] Segundo Elena Carrión Santafé, desde 1857, a Escola Superior de Diplomática da Espanha, formava bibliotecários, arquivistas e antiquários, cujo Regulamento disciplinar ensinava a "(...) 'la classificación e colocación de los objetos antiguos en los Museos e Bibliotecas", así como la organización de los museos nacionales (Piero y Pasamar, 1989-90:130)". Assim como no Brasil, somente na década de 30, a Espanha baixa o Decreto de 19 de maio de 1932 e a Lei de 13 de maio de 1933, constituindo estas, as primeiras legislações a respeito da formação de profissionais de museus. (SANTAFÉ, Elena Carrión. La formación museológica en España. Disponível: http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev02/Rev02_Elena_Carrion.pdf. Acesso: 29 de jun. 2008)

1.2 – A concretização do Curso de Museus

Como vimos anteriormente, apesar de previsto no Regimento Interno do MHN, desde 1922, o Curso de Museus foi implantado efetivamente dez anos depois, justamente no momento em que Barroso esteve afastado da direção do museu, cabendo ao historiador Rodolfo Garcia a inauguração do primeiro Curso Técnico[8] habilitado a formar profissionais para atuarem nos museus (Decreto nº 21.129, de 07/03/1932):

> ... estimulado pelo govêrno federal, o Museu Histórico tomava outra iniciativa – instalava um Curso de Museus, com ensinamentos especialisados de história, de arte, de museografia, de numismática e arqueologia...” (MHN, 1940)

Este Curso subordinava-se diretamente à direção do MHN. Tinha a duração de dois anos e a proposta central de habilitar técnicos para ocuparem os cargos de 3º Oficial na própria instituição. Inicialmente idealizado como curso técnico de especialização, inaugurou a formação nesta área no país, equiparando-se ao Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, criado em 1911. Segundo entrevista do Prof. Angyone Costa, em abril de 1934, o Curso de Museus, preparava

> “... funccionarios com a capacidade precisa para servir em museus, garantindo-lhes a preferencia de nomeações para o quadro do funccionalismo daquella casa, e dá a seus alumnos, ao lado desta, outra vantagem maior: a de adquirirem uma série de conhecimentos que, em nosso paiz, presentemente, sómente ali são professados.” (“O JORNAL”, 1934)[9].

As matrículas foram abertas em abril e as aulas iniciaram-se a 4 de maio, totalizando quarenta aulas, no período compreendido entre os meses de maio e novembro. O Curso era freqüentado por vinte e seis alunos, dentre os quais, dez estavam regularmente matriculados e os outros dezesseis eram ouvintes. Eram alunos regulares: **Adolpho Dumans**, **Alfredo Solano de Barros**, **Guy José Paulo de Hollanda**, Hamilton Scholl, **Luiz Marques Poliano**, **Maria José Motta e Albuquerque**, **Maria Luiza Lage**, Ovídio Clódio Teixeira Ruas, **Paulo Olintho de Oliveira** e **Raphael Martins Ferreira**[10]. Dentre estes, Dumans, Paulo Olintho e Solano

---

[8] Ver anexo 1 (Currículo 1932-1933)

[9] Documento pertencente à coleção de recortes de jornais do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

[10] Em negrito o nome dos alunos que efetivamente se formaram, em 1933, constituindo a primeira turma de “conservadores de museus”.

de Barros já faziam parte do quadro funcional do Museu. Posteriormente, também Poliano trabalhará nesta instituição.

De acordo com os Relatórios de Atividades do MHN, de 1932 até 1944, quando da primeira grande Reforma Curricular, o Curso nada custava aos cofres públicos, pelo simples fato dos professores serem os próprios funcionários do Museu e não terem sido previstas verbas específicas para docentes no próprio decreto de criação do Curso. O artigo 4º que trata dos professores diz apenas que *"serão designados por portaria do diretor do Museu Histórico Nacional, entre os funcionários da mesma repartição."* (BRASIL, Dec. nº 21.129, de 7-03-1932. Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus"). Sendo assim, Gustavo Barroso (Diretor); Rodolfo Garcia (Diretor); Pedro Calmon (Secretário do MHN); Joaquim Menezes de Oliva (Chefe da 1ª Seção); João Angyone Costa (3º Oficial); e Edgar de Araújo Romero (Chefe da 2º Seção), constituem o corpo docente do Curso na época. No Relatório de Atividades de 1942, Barroso chama a atenção para o fato destes professores não serem remunerados por suas atividades docentes, como destaca o trecho a seguir.

> Todos os professores trabalham com dedicação e estão prestando valioso serviço à formação técnica de funcionários especializados como são os conservadores e a cultura geral do país. Mas é de desejar sejam recompensados os funcionários que, há mais de 10 anos, prestam serviços gratuitos, sem prejuízo das funções de seus cargos, lecionando em vários turnos as matérias daquele curso. (MHN, 1943)

Para se matricular no Curso de Museus, o aluno deveria preencher alguns pré-requisitos básicos definidos no artigo 6º do decreto de criação:

> A matrícula no "Curso de Museus" será efetuada na primeira quinzena de março, mediante pagamento da taxa de matrícula e freqüência, devendo os candidatos à inscrição no primeiro ano apresentar, em requerimento, dirigido ao diretor, os seguintes documentos:
> a) certificado de aprovação nos exames da 5ª série do curso secundário, prestados no Colégio Pedro II ou em estabelecimento sob o regime de inspeção oficial, ou certidões de aprovação nos exames de português, francês, inglês, latim, aritmética, geografia, história universal, corografia e história do Brasil, válidos para matrícula nos cursos superiores;
> b) atestado de identidade;
> c) atestado de sanidade;
> d) atestado de idoneidade moral.
> Parágrafo único. Para inscrição no segundo ano do curso além do recibo do pagamento da taxa de matrícula e freqüência, será exigido certificado de habilitação dos exames do primeiro ano. (BRASIL, Dec. nº 21.129, de 7-03-1932. Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus")

Tais requisitos se manterão até o final da década de 1960 e início da seguinte, quando a forma de ingresso ao Curso passa a ser através de vestibular[11]. Aos funcionários de museus – profissionais que já estavam atuando naquele cenário e necessitavam apenas de um diploma de especialista que atestasse a sua função dentro da instituição a que pertenciam –, seria facilitada a matrícula através da "quebra" dos documentos exigidos aos alunos comuns. *"Será facultada matrícula, relevadas as exigências do art. 6, a funcionários dos Museus localizados nos Estados da União, que desejarem fazer o curso a título de aperfeiçoamento."* (BRASIL, Dec. nº 21.129, de 7-03-1932. Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus")

Em novembro de 1932, ou seja, sete meses após a inauguração do Curso, seu idealizador Gustavo Barroso é reconduzido à direção do MHN, assumindo também as funções de Diretor do Curso de Museus e professor[12] da disciplina Técnica de Museus. De acordo com Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira (2003), Barroso imprimiu no curso sua visão pessoal, consolidando-o até 1959, ano de seu falecimento. No entanto, ao reassumir o posto de Diretor do MHN e do Curso de Museus, Barroso encontra a instituição integrada ao Ministério da Educação e Saúde Pública – MES e ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e não mais ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, como era à época de seu afastamento (OLIVEIRA, 2003, p. 78).

O estilo barrosiano[13] de ensino e de lidar com os aspectos referentes aos museus consolidou-se através de seus alunos pioneiros, alguns dos quais viriam, posteriormente, a lecionar no Curso. Exemplo disto é o uso prolongado, até a década de 1970, da obra seminal de Barroso que resume tanto o currículo quanto o conceito do Curso, *Introdução à Técnica de Museus*, publicada em dois volumes, em 1946, sendo o primeiro dedicado ao processamento técnico de acervo e o segundo às coleções.

Estas obras consistem numa compilação de seus conhecimentos e de suas aulas, sendo usados por seus alunos como manuais. Outro marco significativo da influência do pensamento barrosiano e dos primeiros professores do Curso foram os

---

[11] Em alguns relatórios de atividades anteriores à institucionalização do vestibular, estabelecido pelo convênio com a CESGRANRIO em 1973, o processo de seleção aparece denominado de exame de habilitação ou exame de vestibular. "A Fundação Cesgranrio nasceu de uma associação pioneira de 12 instituições universitárias, que tornou possível a criação do Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio, em 12 de outubro de 1971". (Disponível em: http://www.cesgranrio.org.br/institucional/historico.html. Acesso: 10 de nov. 2008)

[12] Na década de 40, assume também as disciplinas de História, quando Pedro Calmon deixa de ministrá-las.

[13] O estilo barrosiano refere-se à forma de dirigir, ensinar e transmitir conhecimentos e conceitos, bem como as normas e técnicas empregadas e aplicadas pelo seu fundador: Gustavo Barroso.

Anais do MHN, periódico cujo primeiro número data de 1940 e que possui inúmeros artigos, não apenas de Barroso, mas também dos demais professores e de seus alunos. Isto denota o efetivo controle do que se ensinava e transmitia aos alunos do Curso, bem como as linhas de pensamento a serem seguidas e trabalhadas naquela instituição.

1.3 – A organização do Curso e a primeira alteração curricular – 1934

No ano de 1934, o Curso de Museus sofre algumas pequenas alterações no seu regulamento, tais como a criação de cursos, conferências, palestras e eventos com profissionais que não fizessem parte do corpo técnico do MHN. Porém, a única alteração ocorrida efetivamente na estrutura curricular refere-se à mudança na denominação de uma disciplina ligada à área de História. A disciplina *História Política e Administrativa do Brasil* passa a ser denominada *História da Civilização Brasileira*, mas, de acordo com Aline Magalhães:

> Essa pequena mudança pode nos dizer muito a respeito das transformações no campo historiográfico, ocorridas em princípios do século XX. (...) No entanto, no Curso de Museus, só houve a mudança na nomenclatura da disciplina, pois o conteúdo ensinado continuou sendo o da história tradicional dos grandes homens, fatos e datas. (MAGALHÃES, 2002, p. 115-117)

Tais modificações e reformas curriculares[14] ocorridas no âmbito do Curso de Museus serão discutidas adiante, afim de elucidar como estas transformações irão alterar ou interferir no perfil acadêmico-profissional dos formandos.

Em seu quarto ano de funcionamento, o Curso de Museus já estava bem integrado à rotina do MHN. O Relatório de Atividades do MHN, de 1935, situa como se desenvolviam as atividades naquele momento, como verificamos no trecho seguinte:

> Quanto ao Curso de Museus, já assumiu as proporções de um verdadeiro curso universitário. Ensinamos matérias de singular importância para o aperfeiçoamento dos nossos futuros technicos, e com isso damos uma projeção intellectual mais extensa ao MHN. Creio que poderíamos manter os serviços de seminários em articulação com a Universidade do Distrito Federal a exemplo do que se pratica nos grandes centros escolares, para todos os assumptos attinentes à investigação histórica e aos problemas do passado nacional. Os professores do Curso são todos professores do Museu, e desde 1933 ensinam regularmente as suas disciplinas sem

[14] Ver anexo 2 (Currículo 1935).

> nenhuma gratificação especial que retribua a sobre-carga de serviço. (MHN, 1936)

Segundo Oliveira (2003, p.83), em sua primeira fase, entre aos anos 1930 e 40, o Curso de Museus contribuiu fundamentalmente para a valorização do MHN, por ser o único centro de formação de profissionais habilitados para trabalhar nos museus históricos e de belas artes do país, legitimando, assim, um conhecimento específico. Entrando em um segundo momento do Curso, ainda sob a gestão de Barroso, tornam-se necessárias reformulações na estrutura curricular, visando sua consolidação como único centro de formação de profissionais para o Brasil.

Em nota *"Curso de Museus – sua reabertura na próxima quinta-feira"*[15], do Jornal Brasil, em maio de 1936, e corroborando com esta afirmativa de Oliveira, ressalta-se a importância do MHN como importante centro de estudos e de preparação de "eruditos" em seu ramo de especialização, bem como das publicações dos professores como de relevo para o campo das ciências históricas. A partir desta institucionalização do ensino na área museológica, o MHN conquista o *status* de centro educativo e cultural brasileiro.

No Relatório de Atividades de 1939 encaminhado ao MES, Barroso enfatiza a relevância do Curso para o MHN e para o campo museológico, apresentando também os obstáculos encontrados em relação a espaços, administração e coordenação. Estes problemas são reiterados anualmente nestes relatórios de gestão e, aos poucos, consideráveis melhorias vão se concretizando na estrutura do Curso e da instituição.

> Constitui esse Curso um dos mais absorventes trabalho a cargo da Diretoria e da Secretaria. Do seu valor diz bem o recente **concurso** realizado pelo DASP, cuja inscrição aberta durante 75 dias, contou para 13 vagas com apenas 14 inscrições, todas elas de pessoas que passaram pelo nosso curso técnico. Ainda com o seu serviço burocrático sem perfeita organização, não são poucos os percalços encontrados, não só no que diz respeito aos assentamentos dos alunos, como a falta de coordenação dos trabalhos. Impõe-se a organização de normas pelas quais se oriente o Curso, doravante. Por isso, a Diretoria prepara uma reforma do seu regulamento e está organizando **fichas individuais** para os alunos – com o que se regularizará a situação para o futuro, providenciando quanto aos que já fizeram o Curso anteriormente. É necessário obviar, com a experiência já adquirida, a uma série de falhas notadas, até porque, com isto, se dará ao

[15] "Reabre-se hoje, o Curso de Museus, o excelente instituto cultural que, há quatro anos, vem funcionando com um êxito invulgar, no Museu Histórico Nacional. Verdadeiro centro de estudos clássicos, o Curso de Museus vem preparando turmas de eruditos, no ramo de sua especialização, ao mesmo tempo de que lá tem têm saído trabalhos de relevo, nas ciências históricas, publicadas pelos seus professores. O corpo docente do Curso de Museus se compõe dos professores Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Menezes de Oliva, Edgar Romero e Angione Costa. A abertura do Curso é publica e será presidida pelo Sr. Ministro da Educação." Acervo pertencente à Coleção de recortes de jornais do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

> Curso uma projeção maior e maior valimento externo. (MHN, 1938; grifos nossos)

Data do final dos anos 30 e início de 40, uma estruturação mais efetiva do Curso. Em 1939, tem início a organização de Fichas Individuais de Requerimento de Matrículas, efetivadas a partir de 1940. Nestas fichas, seriam inseridas todas as informações pessoais e acadêmicas, o histórico escolar completo, bem como uma fotografia (3x4cm) para identificação. Paralelamente ao uso destas fichas, continuaram a ser utilizados os Livros de Assentamentos de Alunos, que remontavam a 1932 e cujos dados eram mais restritos, limitando-se ao histórico escolar. Nesta mesma ocasião, em 1940, ocorreu a mais notável remodelação das salas de conferências e de aulas, bem como das salas de trabalho das seções, que foram dotadas de mobiliário adequado às suas finalidades: carteiras, mesas, fichários e estantes, proporcionando, desta forma, os elementos necessários de trabalho aos professores e alunos. Em 1943, dando continuidade a esta política de reestruturação e organização do Curso, o Ministério da Educação e Saúde determinou que os diplomas e certificados emitidos pelo MHN fossem registrados na Diretoria do Ensino Superior[16].

1.4 – A primeira grande Reforma Curricular - 1944

A primeira grande reforma ocorreu em 1944 e foi estruturada pelo professor Gustavo Barroso que ampliou o curso em termos de tempo, ou seja, de dois para três anos de duração, e também em relação ao conteúdo, tornando-o mais genérico com a oferta de novas disciplinas. Estas mudanças ocorridas preparavam o Curso para sua futura entrada na universidade. Apesar do Curso ter sido criado inicialmente com objetivo de ensinar as matérias que interessavam ao MHN e formar profissionais que pudessem, posteriormente, compor o quadro funcional desta instituição, com a Reforma de 1944[17], esta finalidade se expande aos demais tipos de museus, como podemos perceber no trecho abaixo:

> Art. 2. O Curso de Museus terá as seguintes finalidades:
> a) preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de **museus históricos e artísticos ou instituições com finalidades análogas**;
> *b)* transmitir conhecimentos especializados sôbre assuntos históricos e artísticos, ligados **às atividades dos museus** mantidos pelo Govêrno Federal;
> c) incentivar o interêsse pelo estudo da História do Brasil e da **arte nacional**." (BRASIL, Decreto-Lei nº. 6.689, de 13-07-1944. Dispõe sobre a

[16] Através do processo nº 81.831 (MHN, 1944).
[17] Ver anexo 5 (Currículo – Reforma de 1944).

> organização do Curso de Museus, no Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências.[Grifos nossos])

O caráter universitário do Curso, fora preconizado desde sua criação, como podemos perceber na entrevista de Angyone Costa, professor de Arqueologia para "O Jornal" "Como se formam technicos de museus no Brasil", de abril de 1934, na qual Angyone Costa afirmou que "é um curso universitário, de extensão cultural especializada" ('O Jornal", 1934). No Relatório de Atividades de 1944, percebe-se uma ênfase na função educativa do Curso e no importante caráter pioneiro das disciplinas, como podemos verificar no trecho abaixo.

> não constavam dos nossos programas de ensino e pouco figuravam na bibliografia nacional. (...) Com a criação das cadeiras de **Técnica de Museus**, **Arqueologia** e **Numismática**, únicas existentes no país e que fazem parte integrante dos institutos superiores dos outros países do nosso padrão de cultura, inclusive os sul-americanos, abriu-se amplo interesse por essas disciplinas na nossa cultura geral, revelado pela criação de cursos particulares, conferências, livros e revistas especializadas (...) (MHN, 1944. Grifo nosso).

À época desta reforma, para ingressar no Curso de Museus era necessário participar de uma espécie de exame vestibular, com provas dissertativas sobre os seguintes temas: História Geral, História do Brasil, Geografia do Brasil e tradução de textos em duas línguas estrangeiras a escolher entre francês, inglês, alemão e italiano. Segundo consta nos Relatórios de Atividades do MHN, os exames eram distribuídos em dias diferentes e os portadores de diploma de curso superior estavam isentos das provas.

Era necessário para matrícula no Curso as Fichas 18 e 19 (Clássico ou Científico), Atestado de idoneidade moral com firma reconhecida, Carteira de identidade, Certificado de reservista, e quatro retratos (3x4cm). Mesmos os alunos ouvintes ou matriculados em disciplinas avulsas deveriam apresentar tais documentos. Se fazia necessário apresentar o atestado de idoneidade moral para todos os alunos matriculados regularmente, ouvintes ou avulsos, certamente devido ao fato do curso ser ministrado em uma instituição cultural que tem sob sua guarda um representativo e valioso conjunto de objetos sobre a história do país. Assim, a instituição ficava respaldada quanto às pessoas que circulavam em suas áreas restritas.

O Regulamento aprovado pelo Decreto nº 6.689, de 13 de julho de 1944, que instituiu e realizou a reforma, além de ampliar a duração do Curso para três anos, implantou as habilitações para Museus de História e Museus de Arte, (que seria realizada na última série). Foi criado também o cargo de Coordenador, diretamente subordinado ao Diretor do MHN. Através da Portaria Ministerial nº 355, de 04/08/1944,

a professora Nair de Moraes Carvalho foi designada para assumir a coordenação, função que manterá por 23 anos, até 1967. Todos os demais professores e funcionários administrativos do Curso foram designados por Portarias para exercerem suas funções.

O Curso ganhou uma nova “roupagem”, inclusive com a criação de novas disciplinas ou desmembramento das antigas. As habilitações em Museus de História e Museus de Arte, não definiriam apenas a ampliação do prazo de duração, mas também a própria estrutura curricular. O Curso passou a ser organizado numa **Parte Geral** (2 anos) e numa **Parte Especial** (1 ano), vigorando esta estrutura por mais de vinte anos. Nas duas primeiras séries eram ministradas as seguintes disciplinas:

1º ano - História do Brasil Colonial; História da Arte (geral); Numismática (geral); Etnografia; e Técnica de Museus (parte básica);

- **2º ano –** História do Brasil Independente; História da Arte Brasileira; Numismática Brasileira; Artes Menores e Técnica de Museus (parte básica).

- **3º ano**
  Museus Históricos – História Militar e Naval do Brasil; Arqueologia Brasileira; Sigilografia e Filatelia; e Técnica de Museus (Heráldica, Condecorações e Bandeiras, Armaria, Arte Naval e Viaturas)
  Museus Artísticos ou de Belas Artes – Arquitetura; Pintura e Gravura; Escultura; Arqueologia Brasileira; Arte Indígena e Arte Popular; e Técnica de Museus (Arquitetura, Indumentária, Mobiliário, Cerâmica e Cristais, Ourivesaria e Arte Religiosa).

Os professores, todos técnicos do MHN, passaram a ser remunerados. Data desta época a inclusão de ex-alunos ao Curso como professores. O primeiro aluno a assumir uma disciplina foi Mario Barata, que começou a ministrar, em caráter interino, a disciplina História da Arte Brasileira, ainda nos idos de 1940, ou seja, à época em que concluíra o Curso. Com a criação de novas disciplinas, assumiu a primeira geração docente, não mais autodidata em relação à Museologia. Em 1945, assumiu a docência: José Franscisco Félix de Mariz (Pintura e Gravura); Anna Barrafatto (Escultura e História da Arte); Oswaldo Mello Braga de Oliveira (História da Arte Brasileira); Jenny Dreyfus (Sigilografia e Filatelia); Diógenes Vianna Guerra (Etnografia, Arqueologia, Arte Indígena e Arte Popular); e Mario Antonio Barata (Artes

Menores). A partir de 1947, Nair Moraes de Carvalho, começa a ministrar a disciplina Escultura.

No entanto, as matérias ligadas às áreas de História e Técnicas de Museus – principais na estrutura do curso -, eram ministradas pelo seu Diretor, cuja influência fica evidente sobre o ensino e a formação. Essa afirmativa pode ser confirmada pela Portaria Nº 6, de 04/08/1944, que designa o Dr. Gustavo Barroso, conservador Classe L e Diretor Padrão N, do quadro permanente do MES, para exercer a função de professor de **História do Brasil Colonial**; **História do Brasil Independente**; **História Militar e Naval do Brasil**; **Técnica de Museus** (parte geral); **Técnica de Museus** (parte básica) e **Técnica de Museus** (parte aplicada). Cabia também a ele e à Coordenação[18] do Curso, a decisão sobre nomeação de professores, planos e conteúdos programáticos das demais disciplinas.

> Art. 5. O ensino será ministrado por professôres **designados pelo Diretor do Museu Histórico Nacional mediante proposta do Coordenador do Curso**, dentre especialistas em museologia, nacionais e estrangeiros, servidores do Estado ou não.
> § 1.0 Os professôres também poderão ser admitidos como extranumerários, na forma da lei.
> § *2.*° Os funcionários, designados na forma dêste artigo, poderão, em casos especiais e mediante autorização do Presidente da República, ser dispensados dos trabalhos da repartição ou serviço
> em que estiverem lotadas, mas ficarão obrigados, nesta hipótese, a dezoito horas semanais de aulas ou trabalhos escolares, sem direito aos honorários previstos no parágrafo seguinte.
> § *3.*° Os professôres não compreendidos nos casos de que tratam os §§ *1.*° e *2.*° dêste artigo perceberão, nos têrmos da legislação vigente, honorários de Cr$ 50,00 (cinqüenta cruzeiros), por hora de aula dada ou de trabalho executado, até o limite máximo de seis horas por semana. (BRASIL, Decreto-Lei nº. 6.689, de 13-07-1944; Dispõe sobre a organização do Curso de Museus, no Ministério da Educação e Saúde e dá outras providências [grifos nossos])

Em 11 de outubro de 1950, pelo Decreto nº 28.739, que dispôs sobre a Tabela Única de Mensalistas (TUM), os professores do Curso de Museus foram incluídos na Referência 27.

> **Art**. 1º Fica criada, na forma do anexo, a Tabela Única de Extranumerário-mensalista do Departamento Administrativo do Serviço Público.
> **Art**. 2º O preenchimento das funções de extranumerário-mensalista da Tabela Única, a supressão das funções vagas, extintas, de menor salário, ou excedentes, e a dispensa do pessoal extranumerário mensalista, serão

[18] Durante a pesquisa, foram encontrados ofícios encaminhados pela coordenação ao Diretor do MHN, com indicação de ex-alunos para substituir professores licenciados ou aposentados. Podemos citar como exemplos, a indicação de Diógenes Vianna Guerra e Oswaldo Mello Braga de Oliveira para substituírem os professores Angyone Costa e Menezes de Oliva.

> feitos mediante portaria do Diretor-Geral ou da autoridade a que delegar competência, publicados os respectivos atos no *Diário Oficial*.
> § 1º As melhorias de salário obedecerão ao critério alternado de antiguidade, de referência e de merecimento, devendo, em cada referência, a primeira melhoria atender ao critério de antiguidade.
> § 2º As melhorias de salário para referência final obedecerão, exclusivamente, ao critério de merecimento.
> § 3º No processamento das melhorias de salário serão aplicadas, no que couber, as disposições do Regulamento de Promoções, atendidas as instruções que forem expedidas.
> **Art**. 3º A lotação numérica das funções que integram a tabela bem como a relação nominal respectiva, serão aprovadas, mediante portaria do Diretor-Geral, dentro de 90 dias a partir da publicação dêste Decreto. (BRASIL, Decreto nº. 28.739, de 11-10-1950. Dispõe sobre a Tabela Única de Mensalistas)

1.4.1 – Bolsas de Estudos

Em 1942, em caráter experimental, fora criada a figura do aluno bolsista[19] – estudantes residentes fora da cidade do Rio de Janeiro e escolhidos entre servidores públicos, preferencialmente com exercícios em instituições culturais. Data desta época a concessão da primeira bolsa à Lilah Pinho Saback,da Bahia. Com o Regulamento de 1944, as bolsas de estudos foram institucionalizadas no Curso de Museus[20], como mostra a seguir o artigo 34 de seu regimento interno.

> Poderão ser concedidas, anualmente, bôlsas de estudo para o Curso, destinadas a candidatos residentes fora do Distrito Federal e da Capital do Estado do Rio de Janeiro e escolhidos de preferência entre servidores estaduais e municipais com exercício em museus. (BRASIL. Dec. nº 16.078, de 13-07-1944. Aprova o Regulamento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-Lei nº 6.689, de 13 de jul. 1944)

Normalmente, os bolsistas eram indicados pelo Governador do Estado a que a bolsa foi atribuída e, uma vez matriculados no Curso, aprenderiam as “técnicas” corretas de como organizar museus, colocando em prática estes ensinamentos ao retornarem aos seus estados.

O Diretor do MHN, no uso de suas atribuições legais, enviava aos governadores dos estados ofício de oferecimento de bolsas de estudos no MHN. Estes bolsistas estariam isentos do exame de vestibular, dispensados da apresentação do certificado de conclusão do Curso Clássico ou Científico, e, além disso, receberiam passagens de ida e volta aos seus estados de origem e uma mensalidade durante os três anos de duração do Curso. No entanto, perderiam direito a este último benefício, caso ficassem reprovados em qualquer uma das disciplinas.

Segue abaixo, exemplo de ofícios expedidos pelos MHN sobre a concessão de bolsas. Os modelos datados, respectivamente, do início das concessões das bolsas,

---

[19] Ver anexo 3 (Bolsistas).
[20] Referente ao item Intercâmbio

1946, enviado ao Interventor do Estado do Ceará pelo diretor Gustavo Barroso, e outro da década de 60, enviado ao governador de Goiás, pelo diretor Josué Montello.

> **Exemplo 1.**
> 20 Em 28/01/1946
> Sr. Interventor
> Venho, por meio deste, de acôrdo com a decisão em portaria do Sr. Ministro da Educação, pôr à disposição dum funcionário desse Estado, de preferência, dos museus estaduais, uma bolsa de estudos no Curso de Museus deste estabelecimento. Ao funcionário indicado por V. Exa. serão dados, durante os dez meses de duração do ano letivo, quinhentos cruzeiros mensais, pagos por mês vencido, desde que o beneficiado freqüente pelo menos 75% das aulas, visitas, exercícios e trabalhos práticos. O referido curso é dado em três anos. Outrossim, esta Diretoria providenciará, desde que V. Exa. faça a necessária indicação para passagens por via aérea de ida e volta do bolsista.
> Sem mais, esperando breve resposta em vista do início próximo de nossas aulas, apresento a V. Exa. os meus protestos de elevada estima e subida consideração.
> (a) Gustavo Barroso – Diretor
> Ao Exmo Sr.
> Interventor do Estado do Ceará

> **Exemplo 2.**
> Ofício 42 – 4/02/1960
> Do Diretor do Museu Histórico Nacional
> Ao Exmo. Sr. Governador do Estado de Goiás
> Assunto: Bolsa de estudos no Curso de Museus
> Sr. Governador,
> De acordo com a aprovação do Sr. Ministro da Educação e Cultura no Processo 9620/60, tenho o prazer de colocar à disposição de V. Excelência, um bolsa de estudo no Curso de Museus no valor de CR$6.000,00 (seis mil cruzeiros) mensais, paga durante os dez meses de duração do ano letivo, a qual só poderá ser utilizada por funcionário desse Estado de preferência de museus ou repartições culturais.
> 2. O Curso de Museus tem a duração de três anos, sendo o período letivo de 16/03 a 15/12, ministrado em aulas teóricas e práticas, ficando os bolsistas obrigados ao regime escolar com estágio nas diferentes seções do Museu.
> 3. Solicito de V. Excelência a possível urgência na designação, para que não haja por parte do bolsista atrazo que lhe venha dificultar o aproveitamento, enviando junto com o ofício de indicação, uma cópia da portaria que autoriza o afastamento devidamente publicada no órgão oficial do Estado e um atestado que comprove estar o funcionário indicado, em exercício, a fim de que esta Diretoria possa providenciar em nome do interessado, a passagem por via aérea.
> Aproveito o ensejo para apresentar a V. Excelência meus protestos de alta estima e distinta consideração.
> (a) Josué Montello – Diretor

No segundo ofício, podemos notar que o valor da bolsa teve um aumento devido à inflação em vista do anterior. Nos documentos analisados referentes à gestão de Josué Montello, tornou-se muito comum encontrar nos relatórios de atividades, solicitações de aumento do valor das bolsas. Outra novidade que aparece neste ofício é a obrigatoriedade do estágio para estes alunos.

De 1942 a 1969, foram concedidas 64 bolsas de estudos aos estados, das quais 15 alunos não chegaram a concluir o Curso, equivalente a 23%, quase ¼ do total oferecido[21]. Em texto, já publicado, resumimos algumas informações importantes sobre os bolsistas.

> Algumas turmas destacam-se pelo considerável número de bolsas oferecidas como a de 1946, com 8 bolsistas, todas mulheres, três das quais com importante atuação na Museologia: Herundina Baptista (BA), Maria Afonsina Furtado Rodrigues (CE) e Maria Barreto (SP). (...) No que se refere aos números, de um universo de 64 bolsas distribuidas durante 25 anos, ou seja, de 1942 até 1967, quando foram extintas, o estado da Bahia preponderou com 15 bolsistas; seguido pelo Ceará com 8; Rio Grande do Sul, 7; São Paulo, Minas Gerais e Maranhão com 6; Paraná com 3; Amazonas, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina, com 2; e enfim Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Sergipe com apenas uma. Houve ainda um bolsista da Argentina, Jose Martin Bartholomé, ingressante em 1967 e que se formou em 1969 (...). (SÁ; SIQUEIRA. 2007, p. 21)

1.4.2 – Excursões de Estudos

Uma importante atividade didática[22] que se insere na estrutura curricular do Curso de Museus a partir da Reforma de 1944 refere-se às excursões de estudos[23], com o objetivo dos alunos exercitarem e aplicarem os conhecimentos de identificação, classificação e estudos adquiridos ao longo do curso.

Em 1944, antes de ocorrer a primeira excursão às cidades históricas de Minas Gerais e ao apresentar o Relatório do Curso de Museus à Direção do MHN, a Coordenadora do Curso, Nair de Moraes Carvalho, expôs a necessidade da viagem de estudos a algum ponto histórico-cultural do país.

> ... torna-se necessário que em 1945, se promovam excursões a cidades antigas, museus, repartições similares, aos locais onde exista material arqueológico devidamente acompanhados por um fotógrafo, para que se possa ter uma documentação fotográfica que muito ajudará aos estudos do curso. (MHN,1933 / 1940-49[24])

Através destas excursões os alunos matriculados, especialmente os do 3º ano, viajavam a algum ponto do país com destaque para as cidades com conjuntos

---

[21] Ver anexo 3 (Bolsistas).

[22] No regimento do Curso de 1944, as excursões de estudos se enquadram no Capítulo II, em que trata da *Elaboração e Execução dos Programas*, e no Regimento de 1966, no Capítulo XVII – *Do Intercâmbio*.

[23] O fotógrafo Eduardo de Los Rios, Chefe do Serviço Fotográfico do MHN, normalmente acompanhava estas excursões. No acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS, consta um álbum com várias fotografias e postais de monumentos e museus de Ouro Preto, montado numa destas excursões, provavelmente na década de 50.

[24] Relatório geral do MHN de 1933 a 1949.

históricos ou artísticos. Após a viagem, os alunos deveriam apresentar trabalhos e relatórios com observações e estudos sobre os locais visitados. Podemos citar como exemplo, a excursão de 1960 que foi realizada às cidades históricas - São João Del Rey, Tiradentes, Belo Horizonte, Congonhas, Sabará e Ouro Preto -, entre 21 e 29 de outubro, sob a orientação do Prof. José Francisco Felix de Mariz, responsável pela disciplina Pintura e Gravura. Após o término da excursão, cada aluno apresentou trabalhos sobre temas sorteados antes da viagem, relativos a igrejas das cidades visitadas e um relatório ilustrado, elaborado em equipe.

Segue abaixo, uma tabela de como foram distribuídos os temas dos trabalhos da excursão de 1960 às cidade históricas de Minas e, nas Figuras 1 e 2, fotografias da Turma de 1950 na viagem ao estado de Pernambuco e da Turma de 1951 na viagem à cidade de Sabará.

Tabela I. – Temática dos Trabalhos elaborados pelos alunos na excursão de 1960

ALUNO	TRABALHO APRESENTADO
Auta Rojas Barreto	Santuário de Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas
Célia de Almeida Seabra	Matriz de Tiradentes – Tiradentes
Hélida Ferreira Braz	Igreja de Nossa Senhora do Carmo – Ouro Preto
Heliene Ferreira Braz	Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto
Julieta Pinto Sá Brito	Igreja de Nossa Senhora do Carmo – São João Del Rey
Maria Rita Figueiredo Pereira	Igreja de Nossa Senhora do Carmo – Sabará
Neyla Toledo de Macedo	Igreja de São Francisco – São João Del Rey
Arnaldo Machado	Cursando somente a Seção de Museus Históricos, não foi obrigado a apresentar trabalho.

Obs: Esta viagem era composta apenas por alunos da 3ª série. A única aluna deste ano que não participou da viagem de estudos foi Heloisa Nansi Bandeira.

Fonte: Arquivo Institucional – MHN
Série: AS/DG 1
Pasta: DG 1 3(5) 001- Relatórios Setoriais 1960/62

Figura 1. Foto da excursão a Pernambuco, 1950. Visita ao sítio onde ocorreu a Batalha dos Guararapes. Arquivo Insitucional do MHN.

Figura 1. Foto da excursão a Sabará-MG, 1951. Visita ao Museu do Ouro. Arquivo Institucional do MHN

As excursões ocorreram com regularidade por mais de duas décadas (1945-1969) e eram discutidas entre a direção do MHN, o coordenador, os professores e

alunos do curso, escolhendo coletivamente quais cidades seriam visitadas. À época de Barroso as excursões foram mais regulares tendo sido realizado um grande número de viagens, nas quais ele esteve presente em praticamente todas. Nestas viagens, eram visitados museus, sítios históricos e naturais, igrejas e monumentos históricos, proporcionando aos alunos uma vivência prática com o patrimônio e a preservação dos vestígios da memória social e coletiva. (SÁ, 2006, p.18-19)

Entre 1945 e 1969, foram realizadas excursões aos seguintes estados[25]: Amapá, Bahia, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Das dezenove excursões realizadas, onze foram feitas ao estado de Minas Gerais, equivalente a 58% do total. De todas as excursões realizadas pelos alunos do Curso de Museus, somente as de 1945, 1953 e 1960, possuem referências documentais no Arquivo Institucional do MHN e no Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

1.5 – As transformações da década de 50

Em 1951, através de acordo firmado entre o MHN e a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, representados respectivamente por Gustavo Barroso e Pedro Calmon, foi conferido Mandato Universitário ao Curso de Museus, como ressaltamos no trecho a seguir.

> Termo de acôrdo entre a Universidade do Brasil e o Museu Histórico Nacional, para outorga de mandato universitário ao segundo, nos termos do art. 3º do Decreto-Lei nº 8.393, de 17 de dezembro de 1945, combinado com o § 1º do art. 3º do Estatuto da Universidade.
> (...) acordam o primeiro em conferir e o segundo em aceitar, o seguinte mandato universitário :
> Primeira – A Universidade do Brasil, reconhecendo o alto valor do Curso de Museus, criado pelo Decreto nº 21.129, de 7 de março e reorganizado pelo Decreto-Lei nº 6.689, de 13 de julho de 1944, confere mandato universitário para realização do referido curso, sem quaisquer responsabilidades financeiras para a Universidade do Brasil.
> Segunda – O Museu Histórico Nacional colaborará com a Universidade do Brasil : a) franqueando o curso e suas instalações aos seminários das matérias afins da Faculdade Nacional de Filosofia, conforme programas de trabalhos prèviamente comunicados ; b) cooperação entre o curso e a mesma faculdade, e outros órgãos da Universidade, em tudo o que se refira aos estudos especializados constantes do seu 'currículo' ; c) aulas e conferências de interêsse comum e visitas metódicas de professores e estudantes da Universidade do Museu Histórico Nacional, onde encontrarão mostruários de roteiros pertinentes aos assuntos que, interessando à história pátria, lhes suscitem pesquisas de caráter científico ; d) outras formas de entendimento culltural que se revelarem úteis.

[25] Ver anexo 4 (Excursões de Estudos)

> Terceira – O Museu Histórico Nacional, aceitando o mandato que lhes é conferido, assume a responsabilidade da manutenção de Cursos de Extensão Universitária com a organização atual, podendo futuramente introduzir na sua estrutura as modificações que forem acordadas pelas entidades signatárias do presente acordo.
> Quarta – A universidade do Brasil obriga-se a reconhecer os cursos promovidos pelo Museu Histórico Nacional, na conformidade da cláusula terceira, e a expedir certificado de aprovação aos alunos que os tenham freqüentado, com aproveitamento devidadente apurado. (MHN – Curso de Museus : Mandato Universitário, 1956, pg. 3-4)

Outra mudança que ocorreu no final de 1951, é o afastamento de Gustavo Barroso da disciplina Técnica de Museus, disciplina que ele mesmo denominava como "o pedestal em que se alicerçam todos os conhecimentos necessários a um técnico em museologia". No entanto, ao se afastar do ensino desta disciplina, ele encaminha para substituí-lo, sua ex-aluna e funcionária do MHN, Octávia Corrêa dos Santos Oliveira, formada pela Turma de 1938. Com isso, fica clara a continuidade do ensino barrosiano no Curso de Museus.

Em ofício encaminhado ao Ministro da Educação e Saúde, datado de fevereiro de 1952, Barroso solicita a contratação de Octávia Oliveira para ministrar a disciplina Técnica de Museus, juntamente com outros nomes de ex-alunos[26].

> Além dos nomes que tenho a honra de propor a V. Excelência serem de verdadeiros técnicos e especialistas na matéria, três deles são de antigos diplomados com distinção no Curso de Museus. Isto, no caso de serem aproveitados nas funções de professores resultará em prestígio e estímulo para todos que freqüentam o referido curso. (MHN, 1952)

Com isto, evidencia-se a disposição de Barroso em que a "sucessão" das disciplinas seja assumida por egressos do próprio Curso. Ainda sob a vigência da Reforma de 44, outras mudanças ocorrem como: o aumento do número de aulas semanais e a aposentadoria dos professores pioneiros: Edgar de Araújo Romero (1954) e o próprio Gustavo Barroso (1958).

Com a aposentadoria compulsória do Prof. Edgar Romero, que desde a fundação do MHN era o responsável pela Coleção de Numismática e professor desta cadeira no Curso, houve o primeiro concurso de provas e títulos. (Portaria nº.7, de 30 de julho de 1954). Gustavo Barroso designou Edgar Romero, Nair de Moraes Carvalho e Oswaldo Mello Braga de Oliveira[27] para constituírem a banca examinadora deste concurso, que teria como critérios de julgamento:

---

[26] Prof. Diógenes Vianna Guerra para a cadeira de Arqueologia, Prof. Gerardo Alves de Carvalho para Antropologia, de Ruy Alves Campello para Arquitetura. Destes professores, apenas Ruy Campello não concluiu o Curso.

[27] Professor de História da Arte Brasileira.

> I – Diploma de magistério e cursos com relação às matérias da cadeira[28];
> II – Atestado de funções desempenhadas correlatadas à matéria da cadeira;
> III – Trabalhos publicados sobre a mesma matéria. (MHN. Portaria nº 7, 30/07/1954)

Foram aprovados neste concurso dois conservadores da Seção de Numismática, em primeiro lugar, Alfredo Solano de Barros, formado pela primeira turma e em segundo, Yolanda Marcondes Portugal, formada em 1937. Mesmo ocorrendo o concurso, esta disciplina ficou sem professor efetivo até o ano de 1961, quando D. Yolanda foi nomeada professora interina por Decreto de 31/05/1961. Entre 1954 e 1960, as aulas foram ministradas inicialmente por Solano de Barros (1954) em sistema de conferências e, posteriormente, na forma de cursos intensivos, por Yolanda Portugal, devido à desistência[29] do primeiro, como consta no Relatório de Atividade de 1955.

Até a metade da década de 1950, pouco se vê a presença de estagiários no Curso de Museus. Porém, em janeiro de 1954, os alunos Antonio Cid Loureiro Netto e Sérgio de Almeida Lamare, matriculados na 3ª série, tomaram a iniciativa e elaboraram um documento de requerimento solicitando estágio para os alunos da última série e aos já diplomados. Em tal documento, alegam que o estágio seria facultativo, ficando cada estagiário a cargo de um conservador e que se envolveriam apenas com as matérias já estudadas. Em caso de haver um número maior de candidatos a estagiar, 2/3 das vagas seriam destinadas aos diplomados e 1/3 aos matriculados na 3ª série. O critério de seleção seriam as notas obtidas durante o curso e, ao final, seriam avaliados e receberiam um certificado de aperfeiçoamento. Para eles, os estágios

> intensificariam os conhecimentos práticos adquiridos durante o curso e seriam feitos em um dos grupos de matérias:
> 1) Numismática;
> 2) Viaturas e Arte Naval;
> 3) Armaria;
> 4) Heráldica e Sigilografia;
> 5) Medalhas e Condecorações;
> 6) Móveis e Indumentária;
> 7) Porcelanas e Cristais;
> 8) Restauração e Arrumação;
> 9) Administração. (LAMARE; NETTO, 1954)

---

[28] Numismática.

[29] De acordo com a Profª. Nair de Moraes Carvalho, em conversa informal, Solano de Barros desistiu de ministrar a disciplina de Numismática devido ao problema de saúde que afetou sua visão.

Através deste pedido, abria-se mais uma oportunidade de aperfeiçoamento técnico do profissional formado pelo MHN. Ao remeter o requerimento ao Diretor, para apreciação, a Coordenadora Nair de Carvalho justifica os estágios já realizados pelos diplomados Maria Lucia Barreto, Marcelina Alves Brandão e Florisvaldo dos Santos Trigueiros e alega ser de interesse do MHN *"a contribuição e auxílio nos trabalhos de pesquisas, arrumação e preleções aos colégios que visitam o museu, além dos estagiários adquirirem maiores conhecimentos"*. (MHN, 1954) Jenny Dreyfus e Octávia Corrêa Oliveira, à época, respectivamente, chefes da 1ª Seção e 2ª Seção e professoras do Curso, concordaram com a possibilidade de estágios nas seções, propiciando aos novos profissionais o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos nas aulas.

A partir de tal pedido, é permitido aos diplomados, mediante requerimento ao Diretor, o direito de estagiar durante seis meses, sendo dois em cada uma das Seções do MHN. Ao final deste período, caberia à Coordenação e aos respectivos chefes das Seções a aplicação de uma prova demonstrativa de classificação de objetos das respectivas seções. Mediante aprovação, o recém-formado receberia um atestado de aproveitamento[30].

Esta mesma resolução da Coordenadoria do Curso de Museus possibilitou também que os bolsistas deveriam colaborar com as Seções do MHN, freqüentando e trabalhando durante o expediente. Caberia a eles um trabalho auxiliar até que obtivessem mais experiência para assumir atividades de maior responsabilidade e seus trabalhos seriam supervisionados e revisados pelos conservadores das respectivas seções. (MHN, 1957). A institucionalização do Estágio nas Seções do MHN acontecerá somente na Reforma de 1966 e sua obrigatoriedade, no último período do Curso de Museus, na Reforma de 1974.

1.6 – As transformações da década de 60

Em 1958[31], 1960 e 1961, os oradores das turmas de formatura, fizeram sugestões à direção do MHN no sentido de que o Curso fosse denominado Curso Gustavo Barroso[32]. Em 1962, no discurso de formatura do então Capitão de Fragata e Professor de História Naval da Escola Naval, Léo Fonseca e Silva, foi feita a sugestão

---

[30] AS/DG 1 (1) – Estagiários 1954, 55, 59, 75. Processo de solicitação de estágio dos alunos do Curso de Museus.

[31] 70º aniversário do fundador e idealizador do MHN e do Curso de Museus, falecido no ano seguinte.

[32] Processo para alteração da denominação "Curso de Museus", para "Curso Gustavo Barroso".1963.

de transformar o Curso em Instituto Gustavo Barroso. Tal iniciativa foi levada também ao III Congresso Nacional de Museus, em 1962, em Salvador, sendo apresentada através de uma Moção. "*Nada mais justo e digno de aplausos que passe a ter o nome de seu fundador, o curso ao qual ele se dedicou com o melhor de seus esforços e no qual lecionou desde sua fundação*" (MHN,1963).

Na gestão de Josué de Souza Montello, foi elaborado um modelo de lei que alteraria a denominação do Curso, com base nesta justificativa fundamentada na Moção do III Congresso Nacional de Museus, bem como do IV Congresso Nacional de Museus realizado no Rio de Janeiro, em 1965, em que analisa os itens relacionados à alteração da nomenclatura de Curso para Escola e dar a denominação de Gustavo Barroso à Escola fundada por sua inspiração.

Nesta mesma época, foi encaminhado ao Congresso Nacional um projeto de Lei da Câmara (nº. 3231-B/65) e do Senador (nº. 212/66), solicitando a alteração do nome "Curso de Museus" para "Escola Nacional de Museologia", tendo sido negado pelo então Presidente da República. Segue abaixo, a justificativa da Presidência alegando, sobretudo, não haver os recursos necessários:

> embora a proposição, apenas, altere a denominação do Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, na realidade vem criar uma Escola Nacional de Museologia, sem, no entretanto, prever os recursos necessários para sua manutenção, a criação dos cargos exigidos para o seu funcionamento e a devida estrutura didática e administrativa indispensável para o seu funcionamento como escola de nível superior e, também, porque a criação de uma escola com tal finalidade, envolveria um estudo mais apurado em todos os aspectos que o assunto exigiria[33]. (MHN, 1970)

Na gestão Léo Fonseca e Silva, Diretor do MHN entre os anos de 1967 e 1970, o Curso passou a denominar-se, informalmente, Escola Superior de Museologia. Mas, somente no final da década de 70, com a transferência para a Federação das Faculdades Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ, o antigo Curso de Museus será denominado Curso de Museologia. Somente em 1991, os cursos da então Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO, passarão a ser vinculados a uma escola, surgindo, assim, a Escola de Museologia.

[33] AS/DG 4 3(8) – Criação e Reformulação do Curso de Museus 1932, 44, 65, 70 – mudança de nome.

1.7 – 1960: nova direção, prêmios e cursos

Destaca-se, a partir de 1960, uma nova fase para o MHN, correspondendo à gestão de Josué Montello, substituto de Gustavo Barroso, falecido no ano anterior. Entre 16 de março e 8 de maio de 1961, o Curso de Museus funcionou no horário noturno[34], devido ao Decreto nº 50.273, de 16/02/1961. Após adoção de horário especial para funcionamento do MHN, as aulas voltaram a ser ministradas no turno da manhã, no horário das 07:00 às 13:30 horas. Neste mesmo ano, o curso "recebeu" as novas instalações, antes ocupada pelo Almoxarifado do Serviço de Metereologia do Ministério da Agricultura.

Em 1960, em decorrência do 80º aniversário de nascimento de Manuel Gomes Moreira[35], a família do mesmo agracia a aluna Neyla Toledo de Macedo, bolsista pelo estado do Espírito Santo, classificada em primeiro lugar durante o Curso, com o Prêmio Manuel Gomes Moreira, no valor de CR$20.000,00 (vinte mil cruzeiros). No ano seguinte, Maria Mercedes Rosa, bolsista pelo Estado da Bahia, classificou-se em primeiro lugar e recebeu o Prêmio Gustavo Barroso[36], medalha de prata, outorgada pela primeira vez a um diplomado.

O Prêmio Escola Naval[37] foi criado no final da década de 60, na Gestão Léo Fonseca e Silva e instituído na década de 70, através do convênio entre o MHN e a Escola Naval. O prêmio era constituído de um espadim e conferido aos alunos do 3º ano e matriculado na Seção de Museus Históricos, que obtivessem a maior nota na disciplina História Militar e Naval.

> Cláusula 6ª - Fica instituído o prêmio "Escola Naval" a ser concedido anualmente ao melhor aluno da disciplina História Militar e Naval em qualquer dos cursos regulares de nível superior mantido pelo Museu. O referido prêmio constituirá em (um espadim, uma miniatura de espadim, etc) e será custeado com os recursos da Escola. (Convênio entre a Escola Naval e o Museu Histórico Nacional – Institui o prêmio "MHN" e o prêmio "Escola Naval" in BARRAFATTO, 1976)

Segue abaixo, a tabela com os alunos e os prêmios concedidos entre os anos de 1960 e 1976.

---

[34] Segundo D. Nair Moraes de Carvalho, em conversa informal, o Curso funcionou das 19:00 às 22:00 horas, devido ao fato de que a maioria dos professores acumulavam com o cargo técnico no MHN.

[35] Não foram encontradas referências sobre quem teria sido Manuel Gomes Moreira.

[36] Instituída pela Portaria nº 37, de 26 de janeiro de 1961, com o objetivo de estimular e premiar os alunos do Curso de Museus que obtivessem nota superior a noventa nas três séries.

[37] Sobre este prêmio, foi encontrado apenas a referência da Prof. Anna Barrafatto. No entanto, podemos deduzir que foi criado no período da gestão de Léo F. e Silva, entre os anos de 1967 e 1970.

Tabela II – Premiações no Curso de Museus entre 1960 e 1976

ANO	ALUNO	PRÊMIO
1960	Neyla Toledo de Macedo	Prêmio Manuel Gomes Moreira
1961	Maria Mercedes Rosa	Prêmio Gustavo Barroso
1962	Beatriz Pellizzetti	Prêmio Gustavo Barroso
1963	Almir Paredes Cunha	Prêmio Gustavo Barroso
1964	Luiz Carlos de Abreu Pereira	Prêmio Gustavo Barroso
1965	Neusa Cotrim Dias Paes Leme	Prêmio Gustavo Barroso
1966	Ana Lucia Corsino de Araújo	Prêmio Gustavo Barroso
1967	Lea de Oliveira Paula	Prêmio Gustavo Barroso
1969	Luiz Rafael Vieira Souto	Prêmio Gustavo Barroso
1969	Jose Martin Bartolomé	Medalha de Honra
1971	Elza Maria Brum de Arruda	Prêmio Gustavo Barroso
1971	Rodrigo Antonio de Freitas Mourão	Prêmio Escola Naval
1975	Izolete Costa da Silva	Prêmio Escola Naval
1976	Maria Lucia Alves de Niemeyer	Prêmio Escola Naval

Os cursos, palestras e conferências com profissionais extramuros previstas no Regimento, desde a criação do Curso de Museus, em 1932, só vieram a acontecer com mais freqüência a partir da década de 50. Anteriormente, havia um “convênio” entre o MHN e a Universidade do Brasil, em que o primeiro ofereceria cursos de extensão universitária. Na documentação analisada encontramos referências sobre “minicursos” ministrados pelo diretor Gustavo Barroso sobre História da Civilização Brasileira, e pelo professor Edgar Romero sobre Numismática, nas décadas de 30 e 40.

Em 1962, o MHN ofereceu um curso com duração de seis meses, estruturado em 15 aulas, sendo denominado em alguns documentos como um “curso de pós-

graduação" em História e Crítica da Pintura Moderna, ministrado pelo Prof. Carlos Felinto Cavalcanti[38]. A Figura 3 apresenta foto do citado professor nesse curso.

Figura 3. Foto do Professor Carlos Cavalcanti, ministrando o Curso "História e Crítica da Pintura Moderna". Arquivo Institucional do MHN

No início do ano letivo de 1964, o Diretor Josué Montello ministrou aula inaugural, cujo título era "Uma vida a serviço do MHN", sobre a personalidade de Gustavo Barroso. Devido à sua importante atuação frente ao museu que fundara, Barroso sempre esteve presente nas homenagens do corpo técnico e acadêmico do MHN. Em 1949, dez anos antes de seu falecimento foi instituído como o dia do Ex-aluno, a data de seu aniversário, 29 de dezembro, normalmente coincidindo com as formaturas de conclusão de curso.

Nesta época, o Curso e o MHN não tinham a mesma projeção e prestígio do período barrosiano, porém, ao analisarmos os relatórios de atividades do período Montello, podemos perceber um trabalho incansável em busca de melhorias para a instituição e para o seu centro de ensino, como destacado no trecho a seguir.

[38] Matriculou-se em 1940 no Curso de Museus, no entanto, não concluiu o curso. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, dedicou-se ao magistério e à História da Arte.

> Evidentemente, o Curso de Museus, necessita de um bem elaborado programa de divulgação dos seus objetivos, a fim de poder recrutar, anualmente, aqueles que se interessam por assuntos de museus, possibilitando-lhes os conhecimentos necessários e conferindo-lhes os conhecimentos necessários que os habilitará ao exercício da profissão de museólogo.
> No entanto, a precariedade de nossas verbas e ausência de uma equipe especializada impossibilita a elaboração de um plano de divulgação, com penetração em todo o país e que nos proporcionará o recrutamento do elemento humano de que tanto os museus necessitam. (MHN, 1966, s/p.)

1.8 – O Curso e as exposições curriculares

No ano de 1964, orientados pela professora conferencista de História da Pintura, Ecyla Castanheira Brandão[39], os alunos do 3º ano promovem a montagem de duas exposições: "Antônio Parreiras", comemorativa ao centenário de nascimento deste artista, inaugurada a 3 de setembro, e a "1ª Mostra de Artes Plásticas"[40], em homenagem aos 150 anos de morte de Aleijadinho, aberta ao público em 18 de dezembro com palestra do professor de Artes Menores, Mario Barata[41]. (MHN, 1964).

Na "1ª Mostra de Artes Plásticas", poderiam concorrer com trabalhos de pintura, escultura, gravura, desenho e artes decorativas, alunos, ex-alunos e funcionários do MHN. A comissão de avaliação dos trabalhos foi composta por Nair de Moraes Carvalho (Profª. de Escultura e Coordenadora do Curso), Anna Barrafatto (Profª. de História da Arte) e Carlos Cavalcanti (Conservador de Museus e Prof. de História da Arte do IBHA[42]). Coube ao vencedor nas áreas de pintura, gravura, desenho ou escultura, o Prêmio "Profeta Daniel"[43] e aos melhores trabalhos de artes decorativas, menções honrosas. Com estas duas mostras, pelo menos nas fontes pesquisadas, os alunos aparecem pela primeira vez como participantes em montagens de exposições.

No ano seguinte, em 1965, os alunos organizaram duas outras exposições: "A mostra Informativa de Aquarelas" e "Anúncios Alegres da Bela Época". Em agosto de 1966, por ocasião da visita de museólogos portugueses ao MHN, foi inaugurada a "2ª Mostra de Artes Plásticas", com trabalhos de alunos, ex-alunos e funcionários desta instituição. A Comissão de Avaliação composta por Regina Real (Casa de Rui Barbosa), Madalena Cabral (Museu Nacional de Arte Antiga, Portugal) e Maria José

---

[39] Formada na Turma de 1953.
[40] Portaria nº 10, de 15 de outubro de 1964.
[41] Formado na Turma de 1940.
[42] Instituto Brasileiro de História da Arte.
[43] Pequena reprodução em bronze da referida estátua.

Mendonça (Museu dos Coches, Portugal) concedeu ao ex-aluno Almir Paredes o Prêmio “Profeta Daniel”.

A partir de 1973, as exposições montadas pelos alunos ganham um caráter informal e experimental. Em novembro de 1974, os alunos do 4º semestre realizaram as exposições “Ciclo do Café”, no Museu de Arte Moderna de Resende e “Sons e Santos”, no MHN, respectivamente, sob orientação da Profª. Solange Godoy e das professoras Maria Gabriella Pantigoso e Kátia Braune (MHN, 1974). De acordo com Sá,

> A idéia de organizar exposições informais com os alunos do Curso foi sugerida pela professora Therezinha de Moraes Sarmento, em 1973, à época de sua bolsa de estudos no México. Desde os idos de 1974, as professoras Solange Godoy, Tereza Scheiner, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Celma Tereza Franco vinham coordenando os alunos na organização de exposições de caráter experimental, entre as quais: *O café no Vale do Paraíba*, com a Turma de 1975, e *D. Pedro II, O Homem*, com a turma de 1978, ambas no Museu de Arte Moderna de Resende. Como exigência curricular, as exposições foram sistematizadas pelas professoras Tereza Scheiner, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Celma Tereza Franco.(SÁ, 2007, p. 34)

No final da década de 1970, quando o curso ingressa efetivamente no âmbito universitário, foram implantadas as Exposições Curriculares, com o objetivo de modernizar e investir na capacitação profissional do futuro museólogo e criado o Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX.

> Para dar suporte às exposições curriculares foi criado o Laboratório de Desenvolvimento de Exposições - LADEX, idealizado e organizado por Tereza Scheiner, Celma Franco e Maria de Lourdes Naylor Rocha. Seu funcionamento, ainda que informal, remonta aos primeiros anos da década de 80. (SÁ, 2007, p.38)

1.9 – A Reforma de 1966

Em 1966, ocorre uma nova reforma curricular[44] no Curso de Museus, mantendo a duração em três anos e praticamente a mesma estrutura da reforma anterior. A maior mudança refere-se a criação de duas habilitações: Museus Artísticos e Museus Históricos. Ao final do 2º ano, o aluno tinha a liberdade para escolher em qual área queria se habilitar, sendo-lhe facultado o direito de cursar, posteriormente, a outra habilitação. Além das habilitações, foi criada a disciplina Metodologia de Pesquisas Museológicas e institucionalizado o estágio nas seções do MHN.

Nesta 3ª fase do curso, era preciso adaptá-lo ao disposto no artigo 53, do Regulamento do Estatuto do Magistério, instituído com o Decreto nº 39.676, de 06 de dezembro de 1966, referente à proposta de alteração do quadro de pessoal. Era necessário fazer a reclassificação e elevação do nível dos cargos de professor de acordo com as tabelas que acompanhavam a Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1970, na qual os professores encontravam-se enquadrados na categoria de professores de cursos isolados. Como no Estatuto do Magistério Superior existiam três espécies de cargos: Professor Catedrático, Professor Adjunto ou Professor de Nível Superior e Professor Assistente, os professores do Curso de Museus situavam-se através de suas características como professores do Ensino Superior (MHN, 1966).

A partir do final da década de 60, torna-se muito comum a presença de professores conferencistas no corpo docente, em especial, no período de 1967-70. No início desta década, com a vacância das cadeiras ligadas à área de história, é contratado como professor conferencista o Gal. Umberto Peregrino Seabra Fagundes. Este professor ministrou as disciplinas em sistema de conferências por aproximadamente treze anos, 1960 a 1973/74. Entra neste período uma nova “leva” de ex-alunos para o quadro docente do Curso: Ecyla Castanheira Brandão (Pintura e Gravura); Gilda Marina de Almeida Lopes (História da Arte Brasileira); Antônio Pimentel Winz (Metodologia de Pesquisas Museológicas); Almir Paredes Cunha (Artes Menores); Dulce Cardozo Ludolf (Numismática); Therezinha de Moraes Sarmento (Mobiliário, Cristais, Porcelana e Cerâmica), entre outros.

Com esta Reforma de 1966, os pré-requisitos (inscrição e exame de vestibular) para ingresso ao Curso são os mesmos de 1944, exigindo-se, porém, uma “certidão que comprovasse a idade mínima de 18 anos completos, ou por completar até o dia 30 de junho do ano em curso” (Decreto nº 58.800), sendo muito comum, antes desta reforma, a entrada de alunos na faixa etária de 16 e 17 anos, tendo havido um aluno ouvinte com 14 anos, Moysés Veltman (1945).

---

[44] Ver anexo 6 (Currículo – Reforma de 1966).

Criam-se também os cursos de aperfeiçoamento para “Zelador de Museus”, “Auxiliares de Restauração e Conservação” e cursos destinados à especialização profissional de museólogos, todos com duração de um ano e sendo ministrados por professores conferencistas, desde que houvesse verbas para este fim. Neste mesmo ano, foi criado também o Regimento do Conselho Departamental do Curso de Museus, que teria como finalidade estudar e solucionar as questões referentes à didática, à administração e às atividades financeiras.

> Art. 63. O Conselho Departamental do Curso de Museus é o órgão consultivo da Coordenação, para estudo e solução de tôdas as questões administrativas e financeiras da vida do estabelecimento, colaborando com a mesma autoridade pela forma que fôr estabelecida no respectivo regimento.
> (...)
> Art. 73. O Conselho Departamental será constituído pelos diferentes chefes dos Departamentos, sob a presidência do Coordenador do Curso de Museus.(BRASIL, Dec. nº.58.800, de 13-07-1966. Aprova o Regimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional)

O Curso era composto por quatro Departamentos: Técnica de Museus, História do Brasil, História da Arte e Antropologia. A Tabela III, apresentada a seguir, mostra as disciplinas em cada um dos Departamentos.

Tabela III – Departamentos do Curso de Museus e disciplinas correlatas

DEPARTAMENTO	DISCIPLINAS
Técnica de Museus	- Técnica de Museus - Numismática Geral - Numismática Brasileira - Sigilografia e Filatelia
História do Brasil	- História do Brasil Colonial - História do Brasil Independente - História Militar e Naval do Brasil - Metodologia das Pesquisas Museológicas
História da Arte	- História da Arte - História da Arte Brasileira - Artes Menores - História da Arquitetura - História da Escultura - História da Pintura e Gravura
Antropologia	- Etnografia do Brasil - Arqueologia Brasileira, Arte Indígena e Arte Popular
Fonte: Regimento do Conselho Departamental do Curso de Museus, do MHN (Escola de Museologia / NUMMUS – Coleção Nair de Moraes Carvalho)	

Nesta época, o curso ainda ressentia-se de instalações adequadas para desenvolver suas atividades - problema que arrastava-se desde a inauguração –, podendo ser constatado no trecho a seguir do Relatório de Atividades de 1966:

> Por outro lado, os professores interessados solicitam, continuamente, a instalação de pequenos laboratórios e locais adequados para exposição e outros veículos de aperfeiçoamento de ensino, reivindicações, infelizmente, até agora impossíveis de atender. (MHN, 1966)

1.10 – A gestão Léo Fonseca e Silva

A 9 de maio de 1967, Josué Montello passa a direção do MHN ao Comte. Léo Fonseca e Silva, primeiro museólogo a ser nomeado oficialmente para este cargo no MHN. Interinamente, o museu já havia sido dirigido pela também museóloga Nair de Moraes Carvalho. No que se refere à polêmica gestão do Comte. Léo, pouco poderemos avaliar, pois não foram encontrados os relatórios de atividades deste período. Tentaremos, através das correspondências, ofícios, memorados, ordens permanentes e transitórias, analisar as transformações e projetos de reformulações no Curso.

Um ano após a Reforma de 1966, é constituído um grupo de trabalho[45] para estudar a nova reformulação, visando à transformação do Curso de Museus numa Faculdade de Museologia. Este grupo era composto pela coordenadora Sigrid Porto de Barros; pelos professores Anna Barrafatto, Mario Barata e Arthur Tavares Machado[46]; e pela Secretária Rinaura de Alencar Polari Pessoa. Foram convidados também para fazer parte destas reuniões os diretores do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Museu Nacional de Belas Artes e do Museu Nacional.

No período de sua gestão, as documentações analisadas (ordens permanentes, ordens transitórias e ofícios) versam essencialmente sobre a reestruturação administrativa e expositiva do MHN e do Curso de Museus, bem como inúmeros documentos referentes a normas disciplinares entre os funcionários e alunos deste Museu. No entanto, no ano de 1970, antes do final de sua gestão, Fonseca e Silva elabora um anteprojeto de uma Escola Superior de Museologia, denominada desta forma em toda a documentação interna do MHN.

---

[45] MHN, Portaria nº 58, de 16 de outubro de 1967.
[46] Formado pela Turma de 1963 e Professor Assistente de História do Brasil Independente e História História Militar e Naval do Brasil.

Neste anteprojeto, esta Escola Superior de Museologia estaria integrada à então Federação da Faculdade Isoladas do Estado da Guanabara - FEFIEG e teria como principais finalidades:

> a) preparar pessoal técnico de nível superior para:
> I – trabalhar nos museus em geral;
> II – exercer serviços profissionais de restauração, perícia e outros em obras de arte, objetos históricos, peças científicas de interesse museológico e monumentos em geral;
> III – trabalhar em cooperação com botânicos, engenheiros florestais, zoólogos, geólogos, geógrafos e outros profissionais cujo trabalho esteja ligado às artes em geral;
> IV – trabalhar em cooperação com arquitetos, artistas plásticos e outros profissionais cujo trabalho esteja ligados às artes em geral;
> V – trabalhar em cooperação com historiadores, arqueólogos, biblioteconomistas e outros profissionais cujo trabalho esteja ligado à pesquisa e à documentação históricas;
> VI – trabalhar em atividade ligadas ao turismo;
> VII – cooperar nos trabalhos das instituições artísticas, históricas, científicas e culturais, de pesquisas, de tecnologias e outras análogas;
> (...)" (MHN. Ante-projeto [sic] do REGIMENTO da Escola Superior de Museologia submetido ao Conselho Federativo da FEFIEG, p. 1)

No trecho do artigo 2º transcrito acima, podemos ver algumas questões que se mantêm atuais para o campo da museologia: uma formação mais ampla; a interdisciplinaridade e associação com outros campos do saber, sejam eles ligados às áreas das ciências humanas como também às ciências biológicas; a capacitação dos profissionais para atuarem na área de conservação-restauração; e, item b, a capacitação do profissional para atuação no magistério em Museologia ou em outras carreiras. No entanto, este projeto não foi aprovado junto ao Conselho Federativo da FEFIEG.

Ainda em 1970, na gestão Léo Fonseca e Silva, foi criada a habilitação em Museus Científicos, formando, no entanto, apenas uma turma de 10 alunos: Benedito Antonio de Souza, Catarina Eleonora Ferreira da Silva, Cristina Maria Vieira Rabello, Jurena Porto Neumann, Lais Scuotto, Manoel Vital Fernandes Ferreira, Maria Ângela Fiúza Dias Pinto, Reginaldo Rodrigues Guimarães, Tereza Cristina Moletta Scheiner e Vera Lúcia de Azevedo Siqueira.

Em 27 de fevereiro deste mesmo ano, o Conselho Federal de Educação, através da Resolução nº 14, fixa os mínimos de conteúdo e duração dos cursos de Museologia.

> Art. 1º - A formação do Museólogo se fará em curso de graduação do qual resultará o grau de Bacharel em Museologia, com menção de uma das seguintes habilitações:
> Habilitação para Museus de Arte

> Habilitação para Museus de História
> Habilitação para Museus de Ciência e Tecnologia
> Habilitação para Museus escolares polivalentes
> Art. 2º - O currículo mínimo do Curso de Museologia compreenderá um tronco comum a tôdas as modalidades e uma parte diversificada.

O currículo vigente do ano letivo de 1970 apresentado no anexo 6 (Currículo – Reforma de 1966), demonstra bem, como, no início desta década, o Curso já preocupava-se em formar um outro tipo de profissional. Não penas um profissional que pudesse atuar nos museus de história e de arte, mas também em museus de ciências, tecnologia e com coleções vivas. Apesar da habilitação em Museus Científicos ser oferecida apenas uma vez, isto aponta mudanças no sentido de uma visão mais ampla de tipologia de museus e acervos.

1.11 – As reformas da década de 70

A Reformas da década de 70, serão pontuais e mudarão definitivamente os rumos do Curso de Museus do MHN. A seguir, trecho de artigo publicado sobre a importância da Resolução do Conselho Federal de Educação para as mudanças ocasionadas na base curricular do Curso de Museus.

> As Reformas da década de 70, normalmente pontuais, mas rápidas e freqüentes, tiveram como ponto de partida a Resolução do Conselho Federal de Educação, nº 14, de 27 de fevereiro de 1970, determinando os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos cursos de Museologia. (SÁ, 2007, p.33)

Na década de 70, as transformações do campo e dos conceitos ligados à Museologia e aos museus repercutem no Brasil e no Curso de Museus, após a realização da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, tornando inevitável a necessidade de revisão de sua estrutura curricular. Surgem, neste período, os conceitos de museu integral, nova museologia e ecomuseu, cunhado por Hughe de Varine. O ensino e a prática museológica não se restringem mais apenas aos museus tradicionais ortodoxos.

> É possível afirmar que é nos limites dessas coordenadas ideológicas que se define a identidade dos profissionais de museu a partir dos anos 70 do século passado no Brasil. Desde fins dessa década, uma série de transformações ideológicas e institucionais na área de museus, parcialmente inspiradas pelo discurso da nova museologia, provoca uma redefinição nos padrões de formação dos profissionais.” (GONÇALVES, 2005, p. 263)

A partir de 1973, o Curso adota o sistema de créditos e, no seguinte, a forma de ingresso passa a ser o sistema unificado de vestibular aplicado pela CESGRANRIO. Nesta última reforma curricular, em 1974, enquanto vinculado ao MHN e com a denominação Curso de Museus, ocorre uma nova renovação no quadro docente e na denominação das disciplinas. A seguir, trecho sobre o desmembramento da disciplina basilar "Técnica de Museus" em Museologia e Museografia.

> As mudanças de conceito podem ser percebidas nas novas denominações das disciplinas. O exemplo mais marcante refere-se à Técnica de Museus, que constituía o cerne do Curso e é desmembrada em várias disciplinas de Museologia e Museografia, correspondendo à teoria e prática museológicas. (SÁ, 2007, p. 34-35)

Ingressam na carreira do magistério em museologia, como auxiliares de ensino mais um grupo de ex-alunos: Tereza Cristina Moletta Scheiner, Maria Gabriella Pestana de Aguiar Pantigoso, Celma Tereza Franco, Lúcia Maria da Silveira Lopes, Sônia Gomes Pereira, Neusa Fernandes e Solange Godoy. (MHN, 1974)

Neste mesmo ano de 1974, são suprimidas as habilitações específicas e a última turma a se formar, habilitada nas seções de museus históricos ou artísticos, ocorre em 1977. Nesta nova reforma, a duração é ampliada para quatro anos, priorizando uma formação mais ampla e interdisciplinar. De acordo com o Regimento e Currículo do Conselho Federal de Educação, o Curso de Museus tem por finalidade:

> a) formar profissionais e especialistas de Museologia; b) realizar, desenvolver e incentivar a pesquisa no campo da Museologia; c) aprimorar processos, métodos e técnicas relativas aos problemas de Museus, e divulgar seus resultados; d) contribuir, pelos meios ao seu alcance, inclusive em articulação com entidades nacionais e internacionais, para o estudo dos problemas da Museologia, tendo em vista a dinâmica do desenvolvimento do país; e) estender o ensino e a pesquisa à comunidade, mediante cursos ou serviços especiais... (BRASIL, Parecer nº.4.127, 06-12-1974. Aprova o Regimento do Curso de Museus)

Em 1977, o curso foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro – FEFIERJ, antiga FEFIEG, continuando a funcionar nas instalações do MHN até 1979. Pelo Decreto-lei nº66.655 de 1979, a FEFIERJ passou a denominar-se Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO e, em agosto deste mesmo ano, o Curso foi transferido do MHN para o recém-inaugurado prédio do Centro de Ciências Humanas (CCH), na Urca.

Após quarenta e cinco anos vinculado à direção do MHN, 1932-1977, o Curso ganha efetivamente o tão almejado *status* universitário ao ser transferido para a

FEFIERJ e sob a tutela do Ministério da Educação. Abaixo, trecho sobre a transferência do Curso de Museus do MHN para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro.

> A transferência do Curso de Museus para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro -FEFIERJ (hoje UNIRIO), foi um passo significativo para que o Curso se separasse definitivamente do Museu Histórico Nacional, até então vistos numa unidade institucional. Saindo da tutela de um lugar de memória para o campo de produção crítica do conhecimento,o universitário, o Curso ganhava novo status e novas possibilidades de renovação. (MAGALHÃES, 2002, p.127-128)

CAPÍTULO II

CURSO DE MUSEUS

PERFIL ACADÊMICO

Capítulo II. Curso de Museus: Perfil Acadêmico

Há muito se fala, informalmente, sobre o perfil do aluno do Curso de Museus, no entanto, nenhuma pesquisa concreta foi realizada. É muito comum ouvir afirmações de que o Curso de Museus era predominantemente "dominado" pelas senhoras casadas e com coleções particulares ou por aquelas que ainda estavam a esperar seu matrimônio. Será, realmente, este o perfil do alunado do Curso de Museus no período estudado? Este capítulo pretende através de análise de informações referentes ao gênero, faixa etária, estado civil, procedência, ocupação, nível de escolaridade e rede de ensino, traçar o perfil do aluno inscrito no Curso de Museus.

2.1 – Década de 1930

A fase inicial do Curso de Museus nos anos trinta constitui-se com uma entrada baixa[47], em relação às décadas seguintes, porém sem interrupções no funcionamento. Nesta primeira década, serão estudados apenas os dados referentes à entrada e ao gênero, uma vez que neste período ainda não eram usadas as fichas de Requerimento de Matrículas, que passaram a apresentar maiores dados em relação aos alunos. Neste estudo da década de 30, foram usados apenas os Livros de Assentamentos para análise dos dados. Segue abaixo, o gráfico 1 referente à entrada geral dos alunos no Curso de Museus, na década de 30,onde estão inseridos tanto os alunos matriculados regularmente, quanto os alunos matriculados como ouvintes.

[47] Pode-se deduzir, que esta baixa entrada ocorre por ser um curso novo e sem tradição no Brasil e por não estar ligado a uma instituição superior de ensino, bem como por ser, neste período, considerado como um curso de especialização ou extensão.

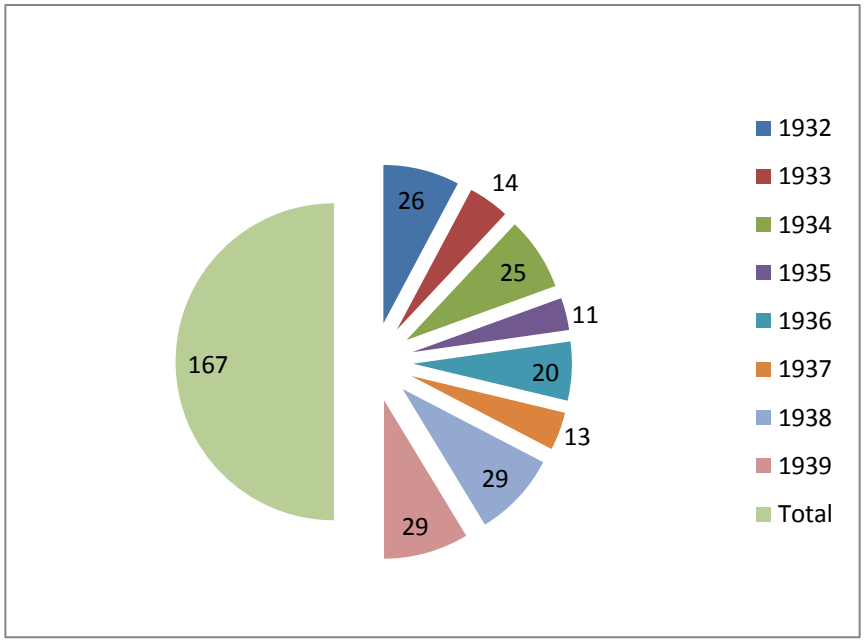

Gráfico 1 – Entrada geral de alunos no Curso de Museus

Podemos notar neste gráfico uma oscilação nas entradas dos seis primeiros anos do curso. Já nos dois últimos anos desta década, há um equilíbrio de alunos. Desde a primeira turma, aparece a figura do aluno ouvinte, matriculado regularmente, como os demais estudantes do Curso, ficando, no entanto, isento das avaliações. Seguem abaixo, os gráficos de entrada (2 e 3) organizados pelo gênero e pelo ano de ingresso no Curso.

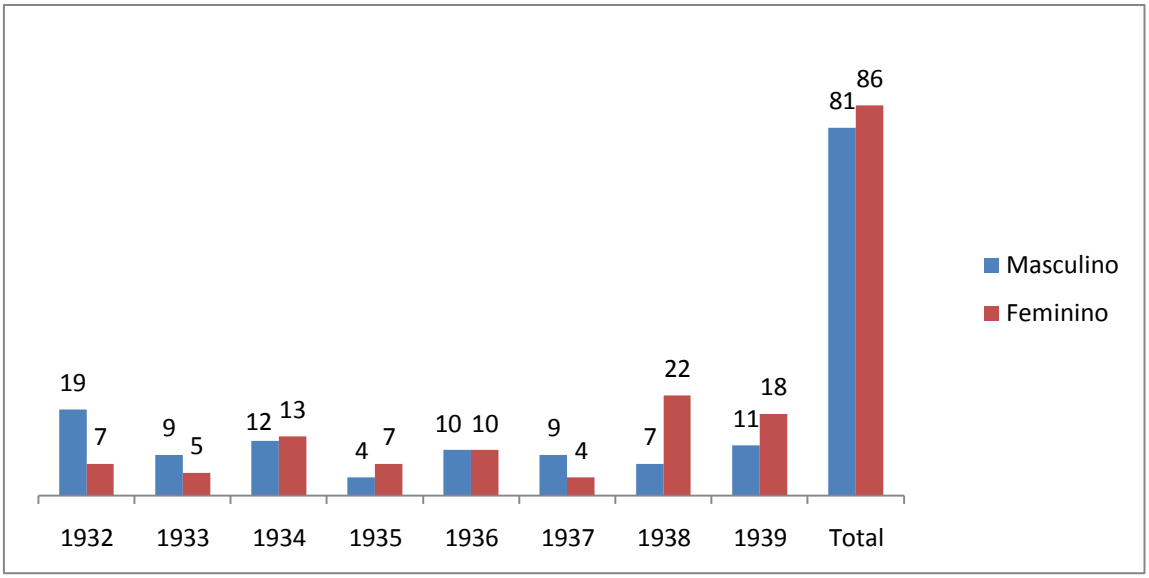

Gráfico 2 – Entrada dos alunos regulares e ouvintes

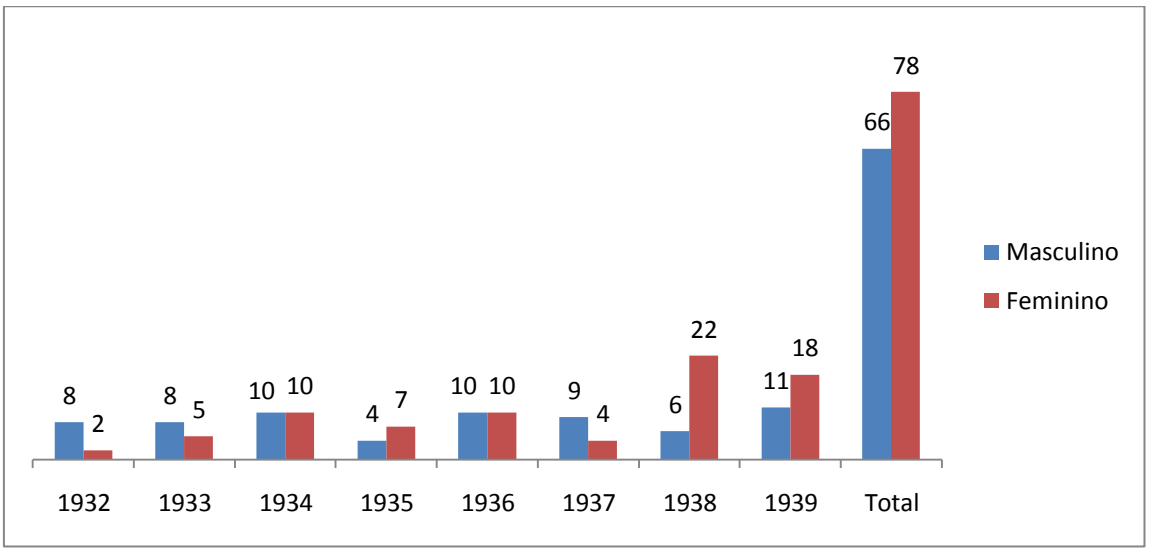

Gráfico 3 – Entrada dos alunos regulares

A partir da análise dos dados dos gráficos acima apresentados, podemos notar o equilíbrio entre o gênero masculino e feminino ao longo da década de 30. Nos referidos gráficos, há uma entrada maior do gênero masculino nos dois primeiros anos de funcionamento do Curso e no ano de 1937. Nos anos de 1935, 1938 e 1939 se apresentam em maior número. Somente no ano de 1936 ocorre um empate na entrada dos homens e mulheres.

2.2 – Década de 1940

A década de 40 é marcada pela primeira grande reestruturação curricular do Curso de Museus, já apresentada no capítulo 1. A partir deste período, serão analisados também a faixa etária, a procedência, o estado civil, a ocupação e o nível de escolaridade. Estes dados foram possíveis de serem analisados, devido à adoção das Fichas de Requerimento de Matrículas pelo Curso de Museus, implantadas em 1939 e regularizadas a partir de 1940. Estas fichas serão as principais fontes informacionais deste capítulo, uma vez, que todas as informações apresentadas aqui foram daí retiradas.

Através do gráfico 4, apresentado abaixo, podemos notar uma maior procura pela formação museológica em relação à década anterior ocorrida pela criação do IPHAN, em 1937, e dos museus federais vinculados a esta instituição, bem como pela emancipação feminina e busca do mercado de trabalho impulsionada pela 2ª. Guerra Mundial entre 1939-43. Nesta época, os cursos superiores eram, em sua grande maioria, voltados para o universo masculino, com exceção dos que permitiam habilitações para a licenciatura. Tanto o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, quanto o de Museus do MHN abrem mais uma oportunidade de atuação para as mulheres.

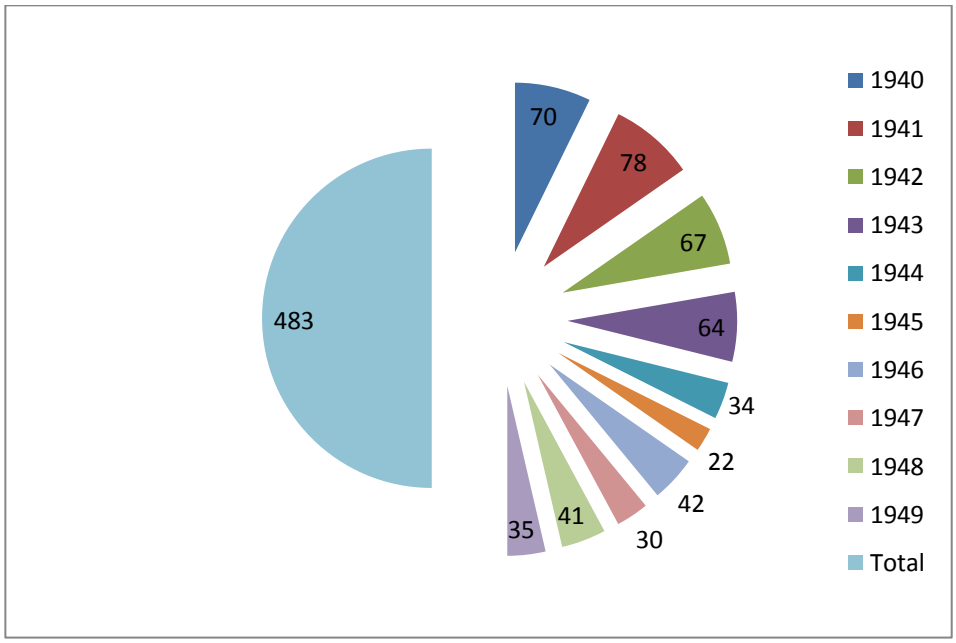

Gráfico 4 – Entrada geral no Curso de Museus

Entre os anos de 1940 e 1943 há uma expressiva procura do gênero feminino pelo Curso de Museus. Apenas no ano de 1948 houve uma procura maior pelo gênero masculino, no entanto, é uma diferença muito pequena se compararmos ao início desta década. Na segunda metade há uma baixa na procura pelo curso, o que pode ser observado no gráfico 4 e na Tabela IV que segue abaixo:

Tabela IV – Tabela de entrada de regulares e ouvintes

Ano	REGULARES		OUVINTES	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1940	51	18	1	-
1941	61	13	3	1
1942	52	13	2	-
1943	44	16	4	-
1944	21	9	2	2
1945	12	4	5	1
1946	18	12	7	5
1947	17	1	7	5
1948	10	12	8	11
1949	13	8	11	3
TOTAL	**299**	**106**	**50**	**28**

Na década de 40 há uma grande procura de alunos, na condição de ouvinte no Curso de Museus, em especial, entre 1946 e 1949: 12, 12, 19 e 14. Estes alunos correspondem a 16,14% do total de alunos inscritos, sendo que 28 são do gênero masculino e 50 do feminino, conforme apresentado.

Contrariando a história de que o Curso de Museus atendia essencialmente a um grupo de senhoras casadas, o gráfico 5 confirma que na década de 40, a maior parte do corpo discente, 83,64%, era composto por alunos solteiros, sendo estes, 61,49% do gênero feminino do total de alunos matriculados. De um total de 483 inscritos, somente 14,49% eram casados e

9,73% destes casados eram mulheres, um número muito pequeno se comparado com a lenda das mulheres casadas no curso. Segue abaixo, o gráfico (6) demonstrativo:

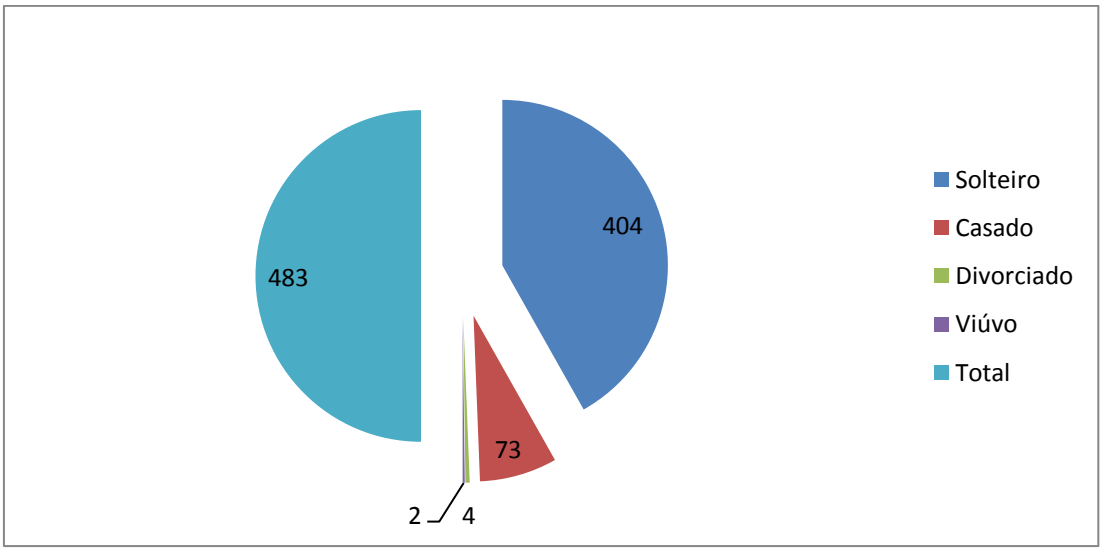

Gráfico 5 – Estado Civil

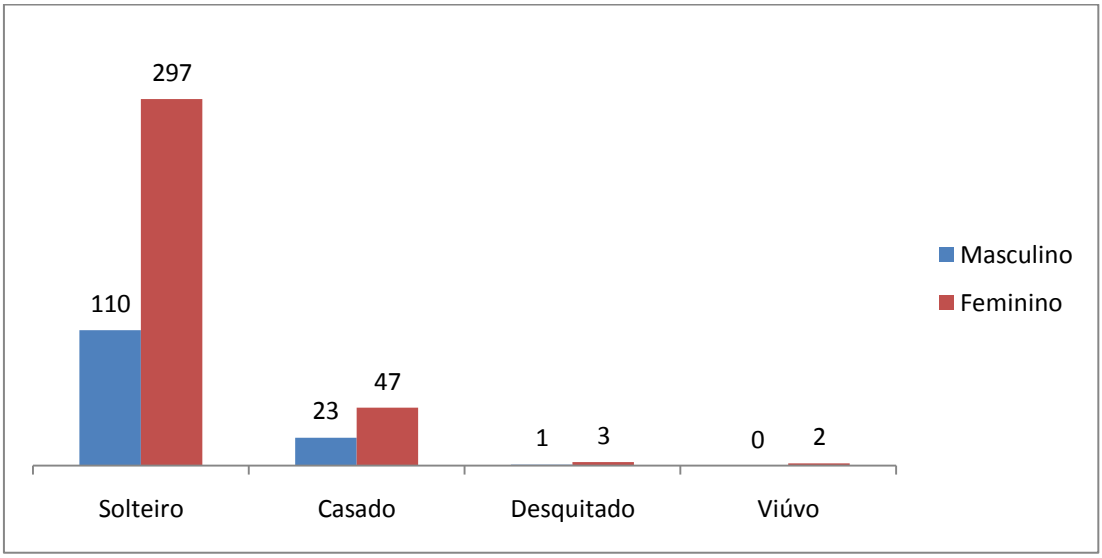

Gráfico 6 – Estado Civil por gênero

Nos gráficos (7 e 8) serão apresentados a faixa etária dos estudantes desta década.

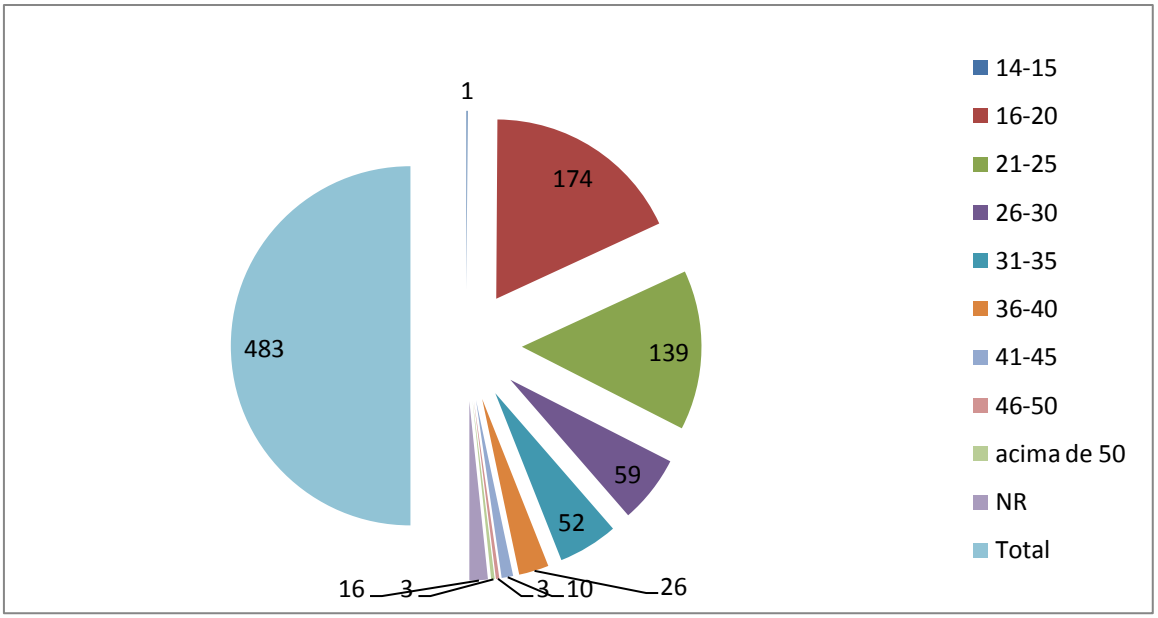

Gráfico 7 – Quadro Geral da Faixa Etária

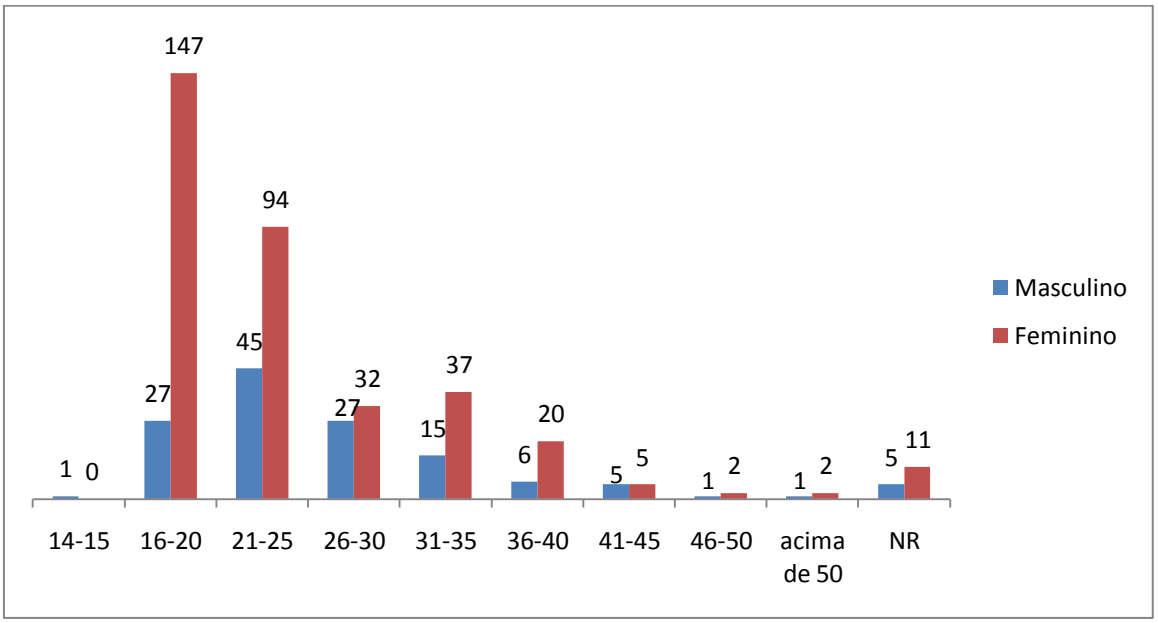

Gráfico 8 – Faixa Etária por Gênero

No que se refere ao gênero, tomaremos como referência ao longo do trabalho sempre os valores mais significativos e os menores. Podemos ver que a faixa etária dos alunos do Curso de Museus gira em torno de um perfil jovem, entre as idades de 16 e 25 anos. Nesta faixa etária destacamos que 49,9% são do sexo feminino e 14,9% do masculino. Vale ressaltar, também, a presença de um aluno de 14 anos matriculado no ano de 1945. No entanto, há também um percentual considerável de estudantes entre 26 e 40 anos que gira em torno de

28,36% de um total de 483 alunos e um número reduzido, 3,31%, da faixa etária acima de 41 anos. Existe também, um grupo de 16 alunos, sendo 5 homens e 11 mulheres que não revelaram[48] sua idade, equivalendo a 3,31%.

Outro item de análise é a procedência ou estado de origem dos estudantes do Curso de Museus. Abaixo, seguem dois gráficos (9 e 10): um por regiões do Brasil e países e o outro por entrada de estudantes do Rio de Janeiro.

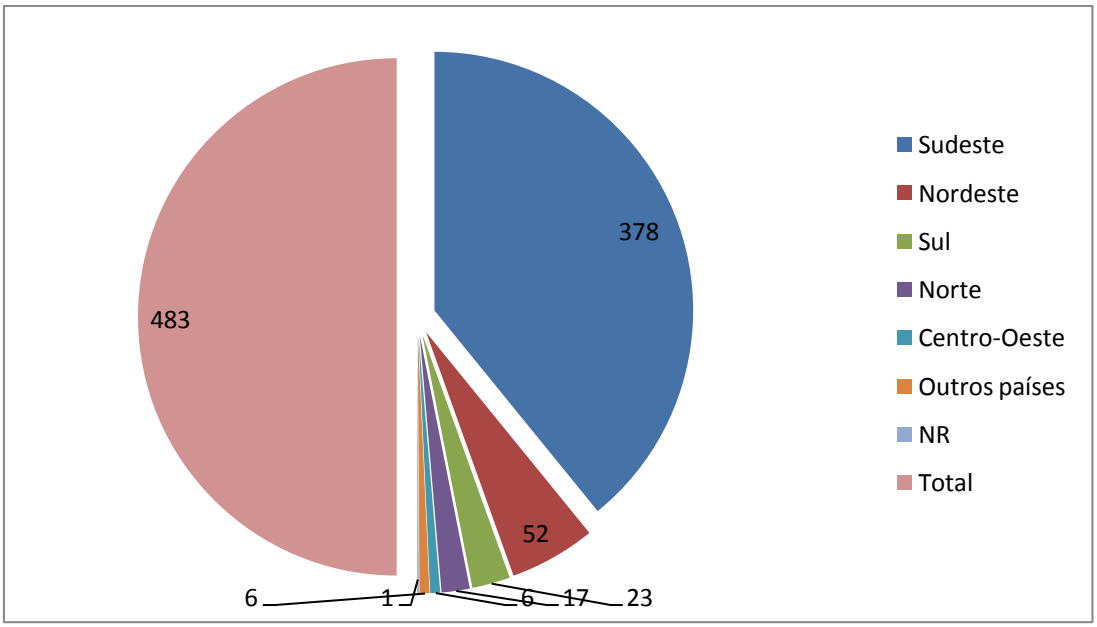

Gráfico 9 – Procedência por Região

Torna-se evidente, que a entrada dos alunos oriundos do estado fluminense é maior, uma vez que o Curso era ministrado na capital deste estado, bem como dos outros estados da região sudeste. Nesta década, o estado de Minas Gerais e São Paulo estiveram representados, respectivamente por 29 (6,0%) e 27 (5,59%) alunos, seguido pelo Rio Grande do Sul com 17 (3,51%). O estado fluminense esteve representado por 317 alunos, perfazendo um total de 65,63% dos alunos matriculados. Da região Norte, podemos destacar a presença do estado do Pará com 11 (2,27%) e do Amazonas com 6 (1,24%). Do Nordeste, a Bahia teve o maior número: 17

[48] Nos próximos gráficos aparecerá em alguns gráficos a abreviatura “NR” que significa Não Respondeu.

(3,51%), seguido por Pernambuco e Ceará com 8 (1,65%). Vale destacar também nesta década a presença de alunos provenientes de outros países: Alemanha, Rússia, França, Uruguai, Itália e Estados Unidos.

Numa análise, em termos percentuais, podemos afirmar que 78,3% pertencem à região Sudeste; 10,8% eram do Nordeste; 4,8% do Sul; 3,5% do Norte; 2,4% do Centro-Oeste e outros países; e 0,2% que não revelaram sua origem.

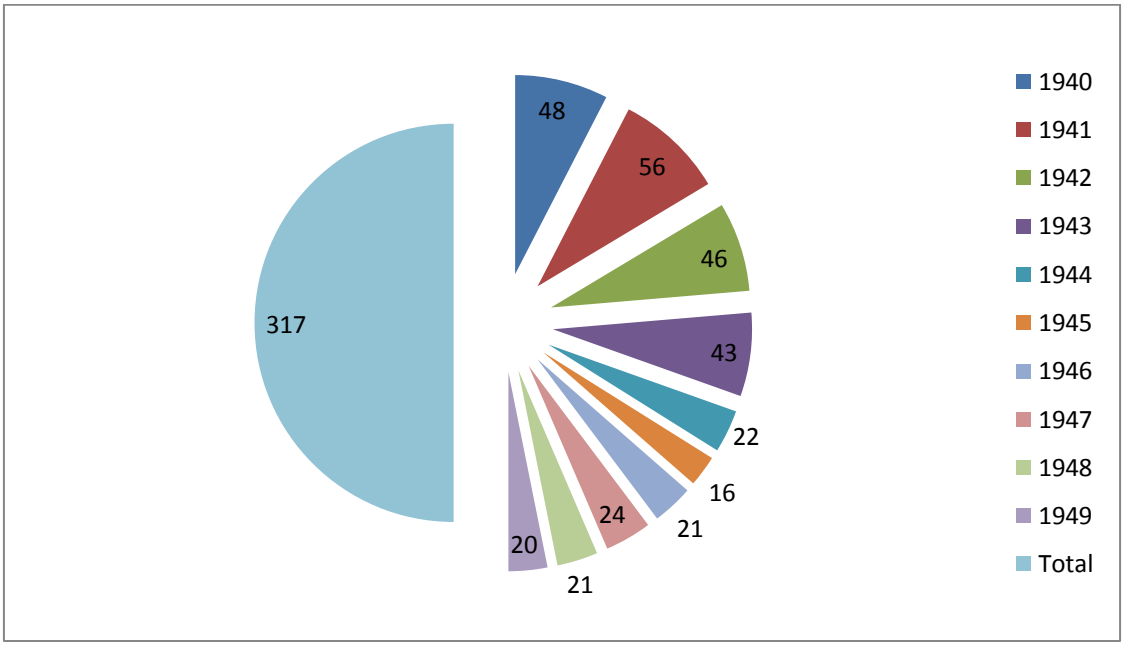

Gráfico 10 – Procedência (Rio de Janeiro)

Nota-se que apesar da predominância de alunos do Rio de Janeiro e do Sudeste o Curso é marcado por uma diversidade regional, uma vez que apesar da desigualdade de números, todas as regiões estão contempladas. Como já falado anteriormente, foi nesta década que apareceu a figura do aluno bolsista, garantindo que esta diversidade e amplitude de alcance do Curso de Museus atingisse as mais diversas regiões do país.

No que se refere à ocupação do alunado do Curso de Museus, podemos verificar uma grande presença entre os ingressantes de estudantes, professores e funcionários públicos. É interessante apresentar, também, a presença de advogados em praticamente todas as turmas desta década, estando ausente apenas na entrada do ano de 1946. Nos gráficos 11 e 12,

podemos analisar a presença dos estudantes, bem como das outras profissões num quadro geral, assim como num quadro organizado pelo gênero:

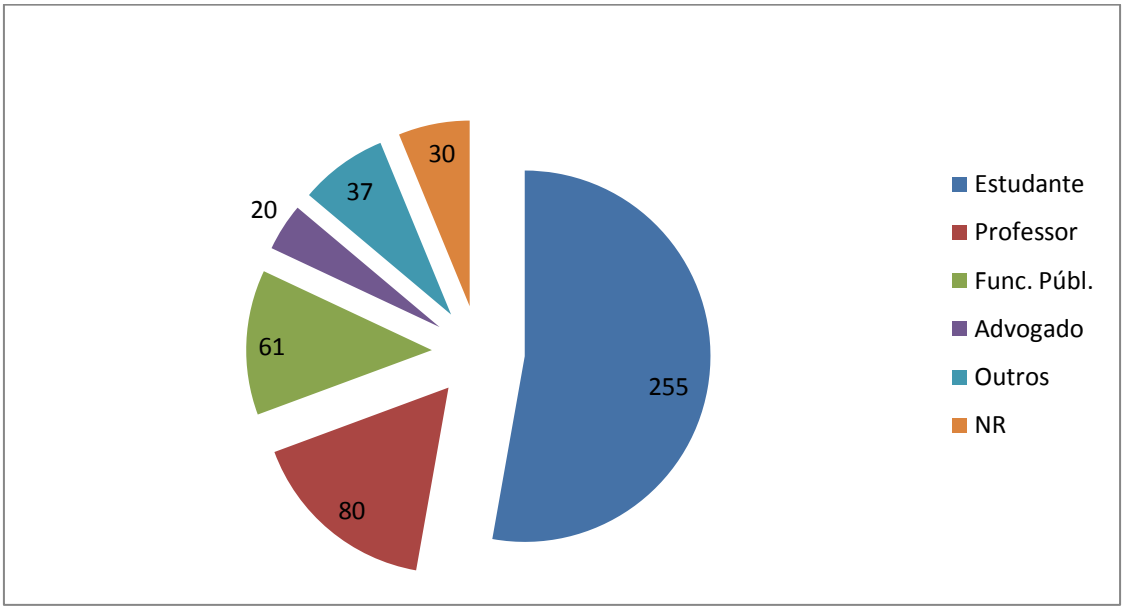

Gráfico 11 – Quadro Geral da Principais Ocupações

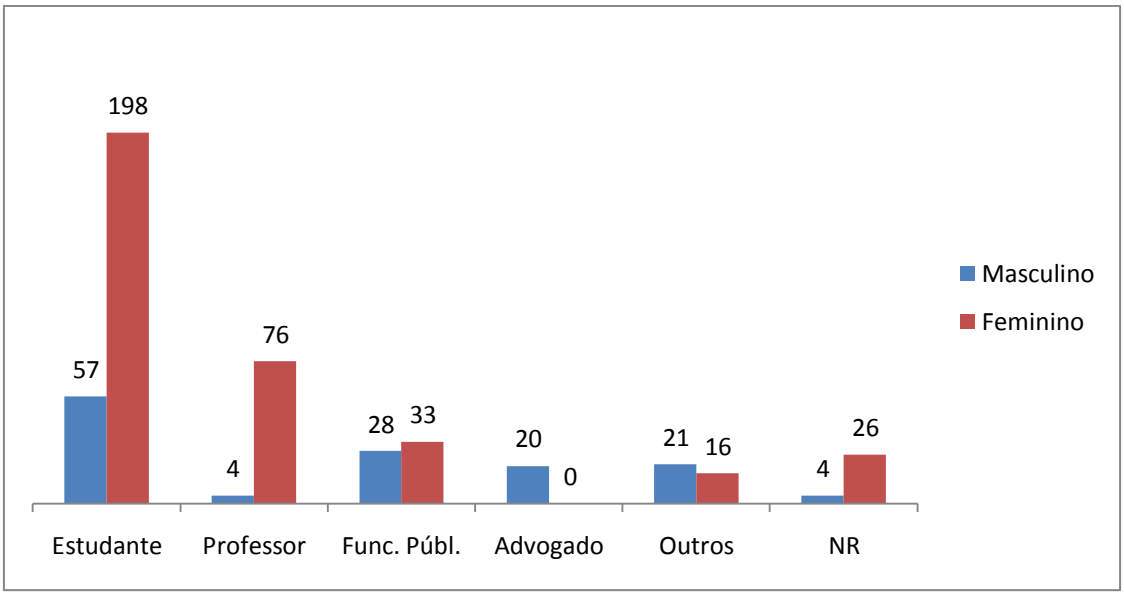

Gráfico 12 – Ocupação por Gênero

Os estudantes representam a maior fatia da porcentagem, 52,8%, seguidos pelos professores 16,6%, sendo que, dos 80 professores inscritos no Curso de Museus, 76 eram do sexo feminino, ou seja, 15,7% do total. Os funcionários públicos também aparecem constantemente no Curso e podemos notar um equilíbrio entre os alunos do gênero masculino e feminino, 28 e 33.

No item outras ocupações, aparecem inscritos: médicos, engenheiros, músicos, comerciantes, “domésticas”, militares, secretárias, desenhistas, além de outras. Há também um número relevante de estudantes que não declararam suas ocupações, 6,2%.

Apesar de sabermos que, desde o Decreto de criação do Curso de Museus, um dos pré-requisitos obrigatórios para ingresso era o “certificado de aprovação nos exames da 5ª. série do curso secundário (...)” (Decreto n^{0} . 21.129, de 7 de março de 1932), nem todas as fichas deste período possuem informações sobre o nível de escolaridade ou a origem acadêmica dos estudantes. Apresentaremos a seguir, o gráfico 13 representando o nível de escolaridade dos alunos.

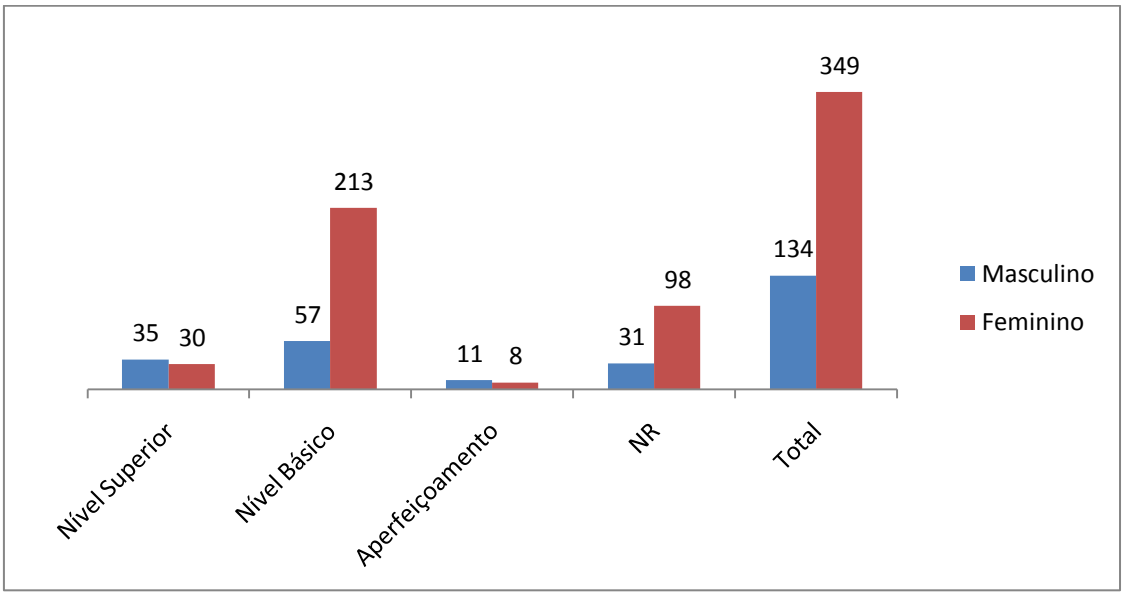

Gráfico 13 – Nível de Escolaridade por gênero

Na década de 40, há um grande número de alunos que havia cursado ou estava cursando concomitamente alguma graduação. Em relação ao curso superior de Direito, foram apresentados 26 diplomas e 2 certificados de graduação nesta área. Aparecem também diplomas nas áreas médicas, especialmente da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atestado da Escola Nacional de Música e de Belas Artes, além de inúmeros certificados de professores pela Faculdade Nacional de Filosofia. No quesito de escolaridade superior, a grande maioria apresentava atestados de conclusão ou de

andamento de cursos da Universidade do Distrito Federal. Os alunos com nível superior completo ou em andamento, equivalem a 13,45% do total.

Houve também quem apresentasse certificados de cursos complementares nas áreas de Direito, Medicina, Engenharia e em Perito-Contador, o que consideramos como cursos de aperfeiçoamento, profissionalizantes ou complementares. Mas a grande maioria dos estudantes apresentava o certificado de 5ª. série, representando 55,9% do total. 26,7% não responderam nos Requerimentos de Matrícula o referido campo, impossibilitando um resultado mais preciso sobre o nível de escolaridade dos estudantes do Curso de Museus.

A seguir, apresentamos o gráfico 14 e 15 referentes à proveniência da rede de ensino destes estudantes, bem como o percentual apurado e as principais instituições de ensino.

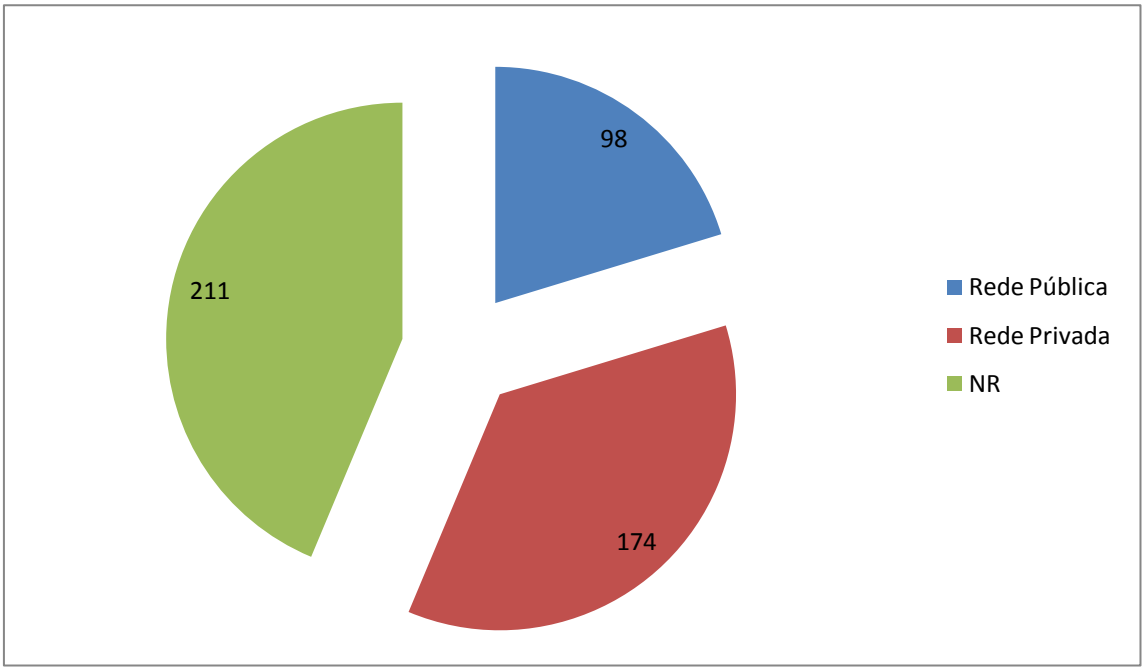

Gráfico 14 – Tipo de Rede de Ensino

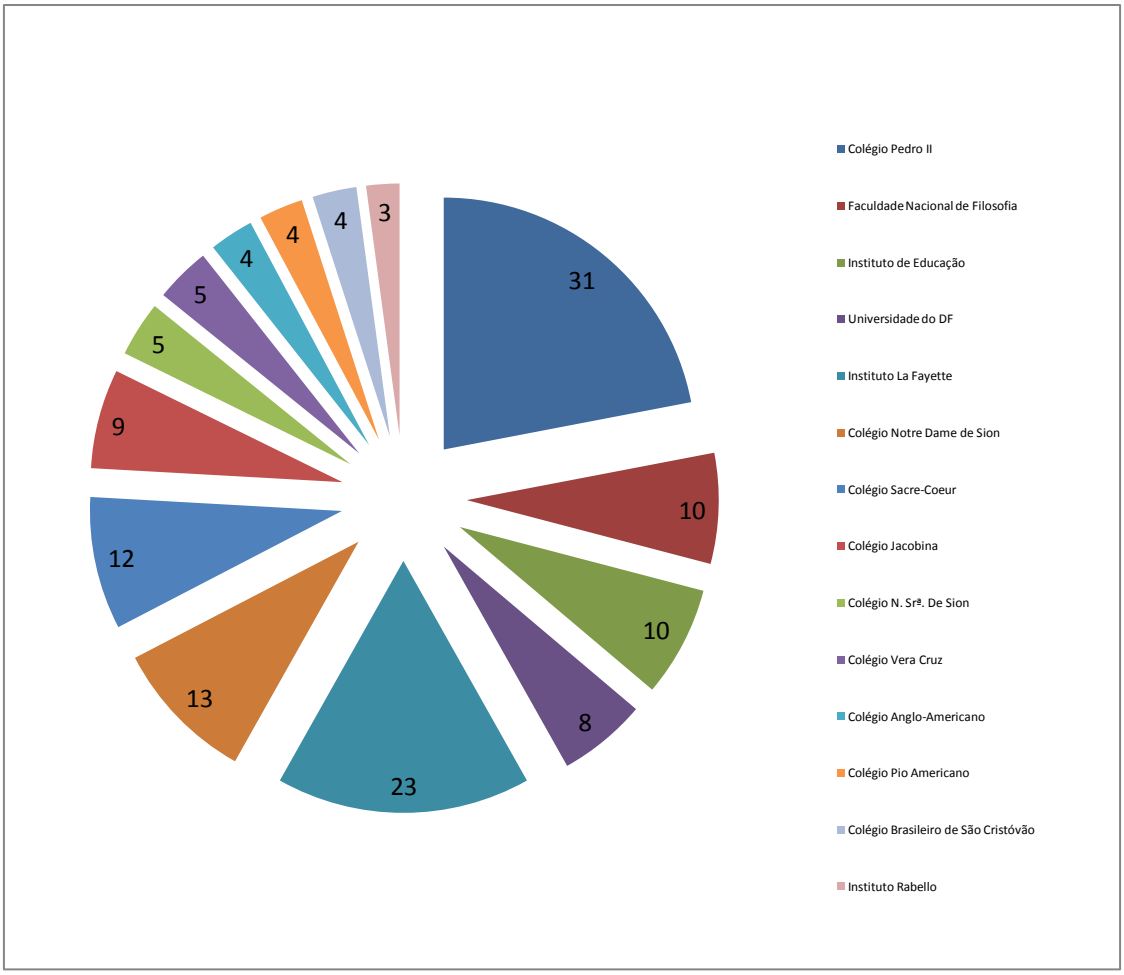

Gráfico 15 – Principais Instituições de Ensino

Dos 483 alunos inscritos no Curso de Museus, somente 272 declaram o nome da escola / colégio / universidade que estudaram. Deste conjunto que apresentou o nome da instituição de estudos anterior, 64%, ou seja, 174 são provenientes da rede de ensino privada e 36% (98) são da rede pública de ensino. Da rede privada de ensino podemos destacar os nomes das principais escolas: Colégio Nossa Senhora de Sion, Colégio Notre Dame de Sion, Colégio Vera Cruz, Colégio Sacre-Coeur, Instituto La Fayette, Colégio Jacobina, Colégio Pio-Americano, Colégio Anglo-Americano, Instituto Rabello, entre outros. Da rede pública, podemos citar o Colégio Pedro II, o Instituto de Educação, a Faculdade Nacional de Filosofia e a Universidade do Distrito Federal.

2.3 – Década de 1950

Na década de 50, o Curso ganha o Mandato Universitário a partir de um convênio realizado entre o MHN e a Universidade do Brasil e mantém a mesma matriz curricular implantada em 1944.

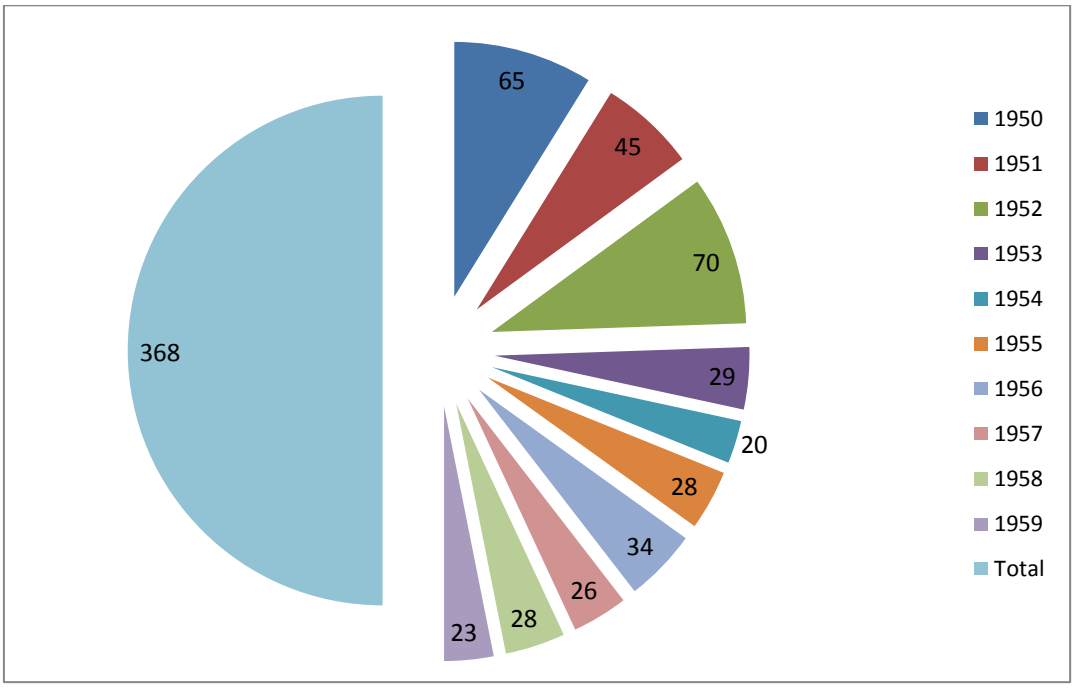

Gráfico 16 – Entrada Geral de Alunos

Nesta década, há uma baixa na procura pelo Curso de Museus, se compararmos à década anterior, e somente nos três primeiros anos há um maior número de alunos inscritos. Já nos outros anos, há uma constância na procura pelo Curso, como podemos verificar no gráfico 16.

A seguir, apresentamos a Tabela V, com os dados referentes aos alunos matriculados regularmente e os ouvintes da década de 1950.

Tabela V – Tabela de entrada de Alunos

Ano	REGULARES		OUVINTES	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1950	17	20	15	13
1951	18	21	6	-
1952	32	33	5	-
1953	18	8	3	-
1954	14	5	1	-
1955	9	7	9	3
1956	21	11	1	1
1957	16	5	3	2
1958	13	10	4	1
1959	10	11	-	2
TOTAL	**168**	**131**	**47**	**22**

Como na década anterior, a maior procura pelo curso vêm do gênero feminino. De um total de 368 inscritos nos anos 50, 58,4% são mulheres e 41,6% são homens, havendo, apesar da predominância feminina. Somente no ano de 1953 as mulheres se apresentam em um maior número no Curso de Museus. No ano de 1959, há mais homens inscritos, porém, a diferença é apenas de 3. Na década de 50, a presença dos alunos ouvintes é grande e perfazem um total de 18,8%, sendo 22 homens e 47 mulheres.

A seguir, o Gráfico 17 referente ao estado civil dos alunos do Curso de Museus:

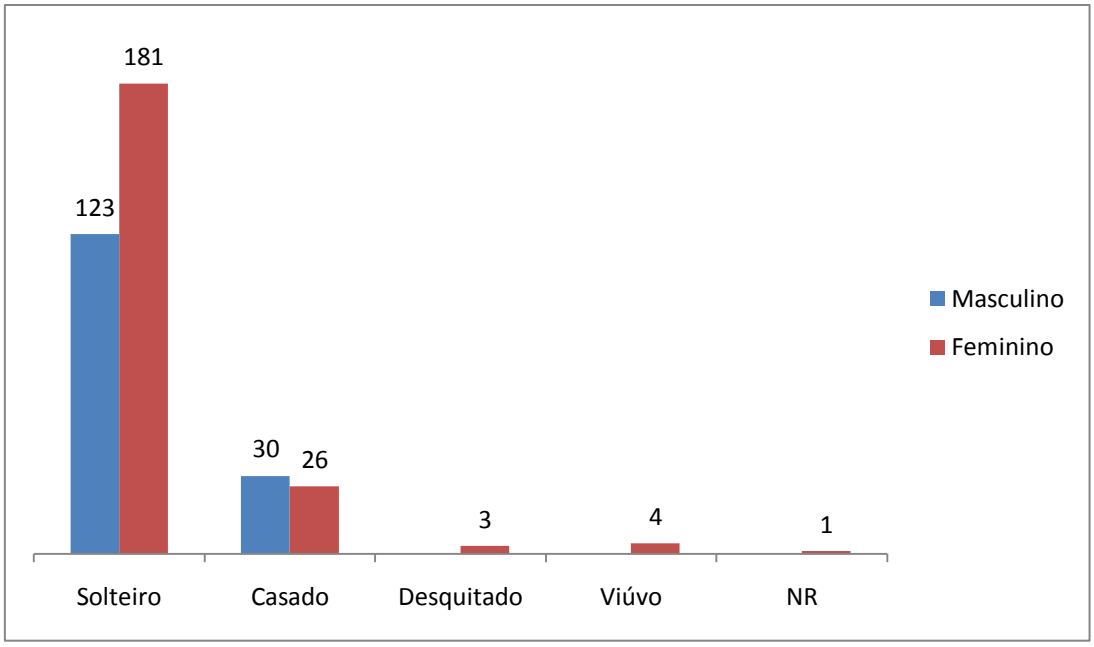

Gráfico 17 – Estado Civil por Gênero

Nesta década, dos 368 inscritos, 82,6% enquadram-se no perfil solteiro, sendo 123 homens e 181 mulheres. Dos 15,2% que se enquadram no perfil casado, 30 são do sexo masculino e 26 são do sexo feminino. No estado civil de desquitado, viúvo e que não responderam, as mulheres foram unânimes, correspondendo 2,2% do total.

Nesta década, assim como na anterior, o perfil do aluno em relação à faixa etária permanece predominantemente composto por jovens como podemos analisar nos gráficos 18 e 19.

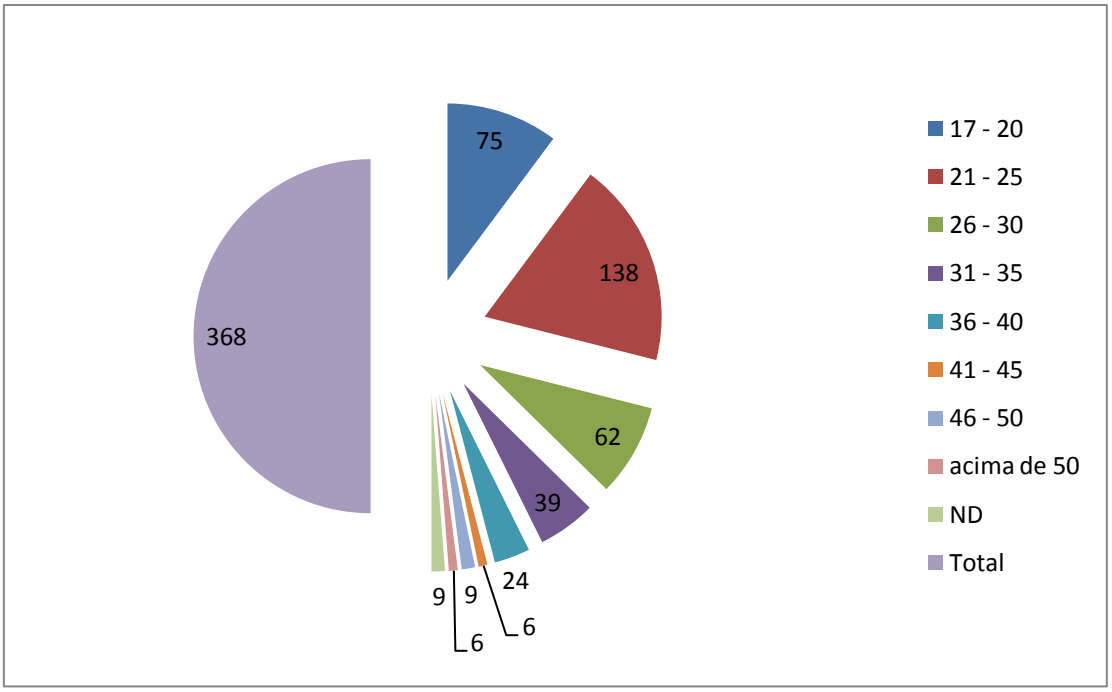

Gráfico 18 – Faixa Etária

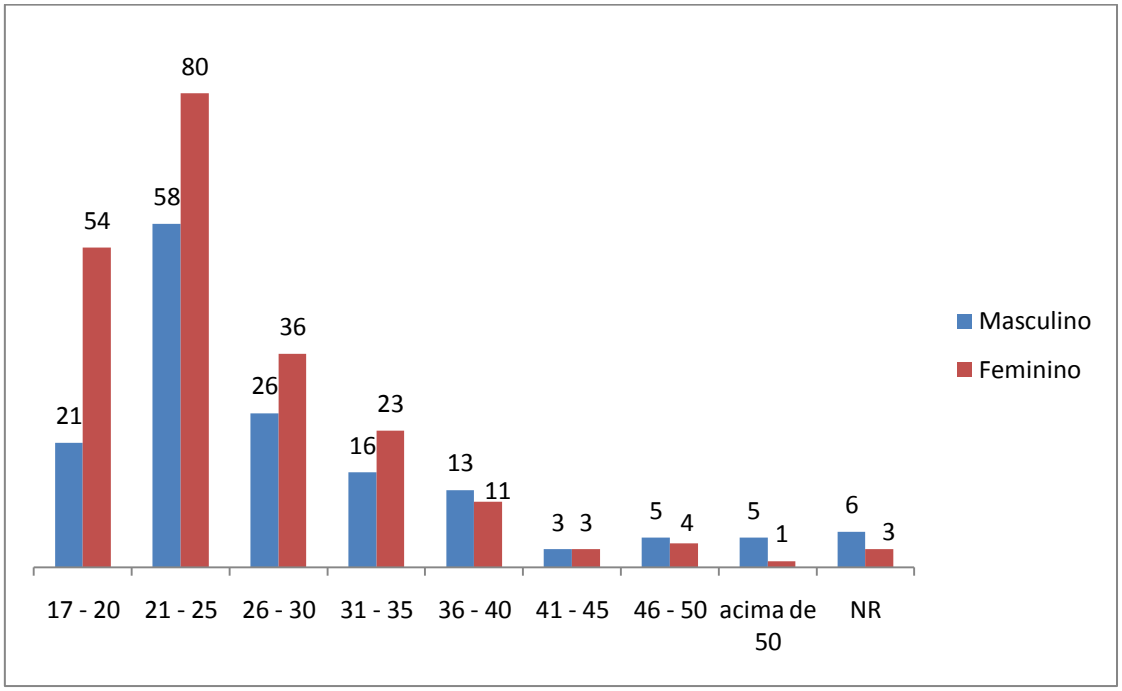

Gráfico 19 – Faixa Etária por Gênero

A maior procura pelo curso ocorreu por estudantes na faixa etária entre 21 e 25 anos o que corresponde a 37,5%, sendo que 58 são do gênero masculino e 80 do feminino, seguido por um grande número de alunos matriculados, 20,38%, na faixa etária entre 17 e 20 anos, sendo a maior parte

de mulheres, 54. Na faixa etária entre 26 e 30 anos, há uma pequena diferença de 10 inscritos entre os gêneros, sendo 26 homens e 36 mulheres. Há mais homens inscritos no Curso que se enquadram na faixa etária entre 36 e 40 anos, acima de 50 e os que não responderam a este questionamento nas fichas de requerimento.

Abaixo, os gráficos 20 e 21, representativos dos dados sobre a procedência dos estudantes do Curso de Museus:

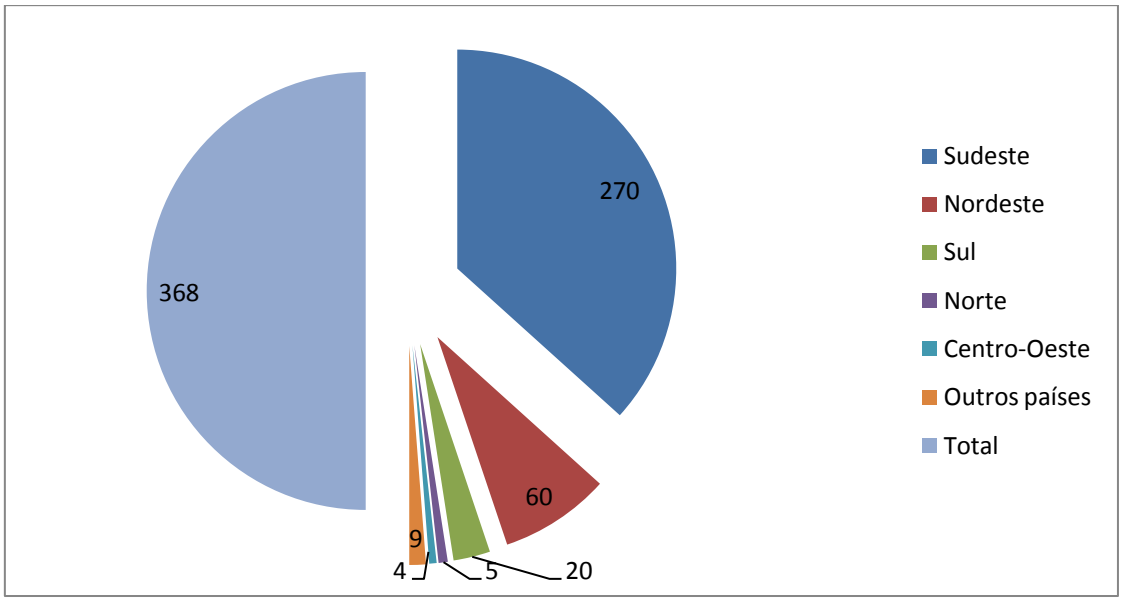

Gráfico 20 – Quadro Geral da Procedência

Na década de 50, o maior número de inscritos são oriundos da região sudeste, correspondendo a 73,4% do total de alunos, seguido pelo Nordeste, com 16,3% e Sul, 5,4%. Há também neste período um grupo de 9 alunos de origem estrangeira: França (3), Itália (2), Polônia, Portugal, Lituânia e Chile (1).

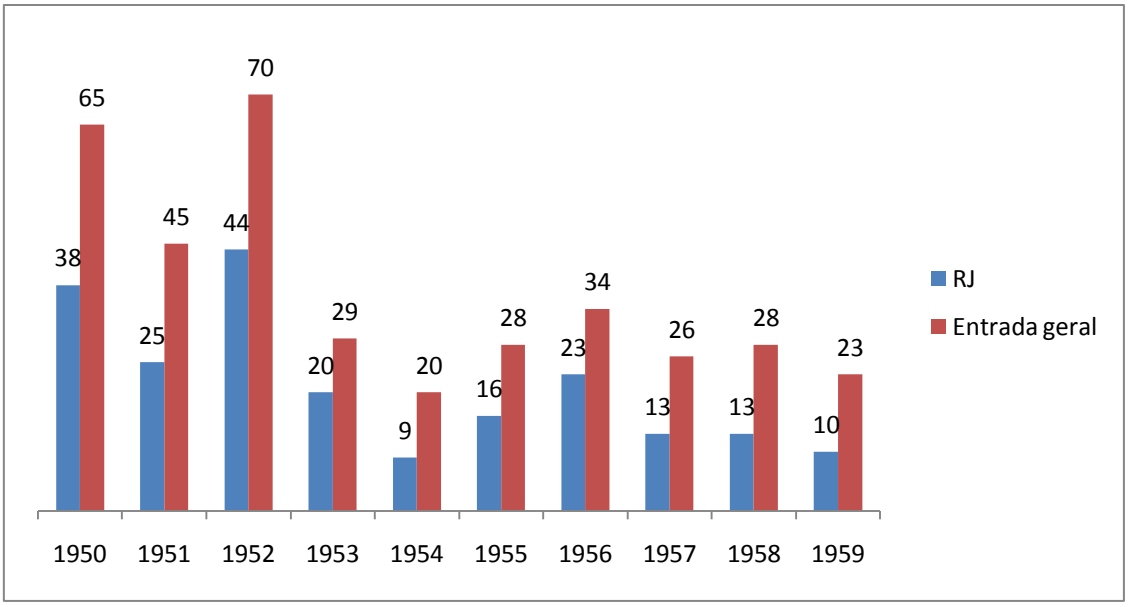

Gráfico 21 – Gráfico Comparativo da Procedência

Assim como na década anterior, o maior número de alunos do Curso de Museus era proveniente do estado fluminense. Da região sudeste, de um total de 368 alunos, 211 são do Rio de Janeiro, perfazendo um total de 57,3%, seguido por 28 de Minas Gerais (7,6%) e 16 de São Paulo (4,4%). Da região nordestina, ingressaram no curso neste período, 14 alunos da Bahia e 13 do Ceará. Da região Sul vieram 12 alunos, e da região norte, mais precisamente do estado do Pará, 5.

Segue, abaixo, os gráficos referentes à principais ocupações dos estudantes:

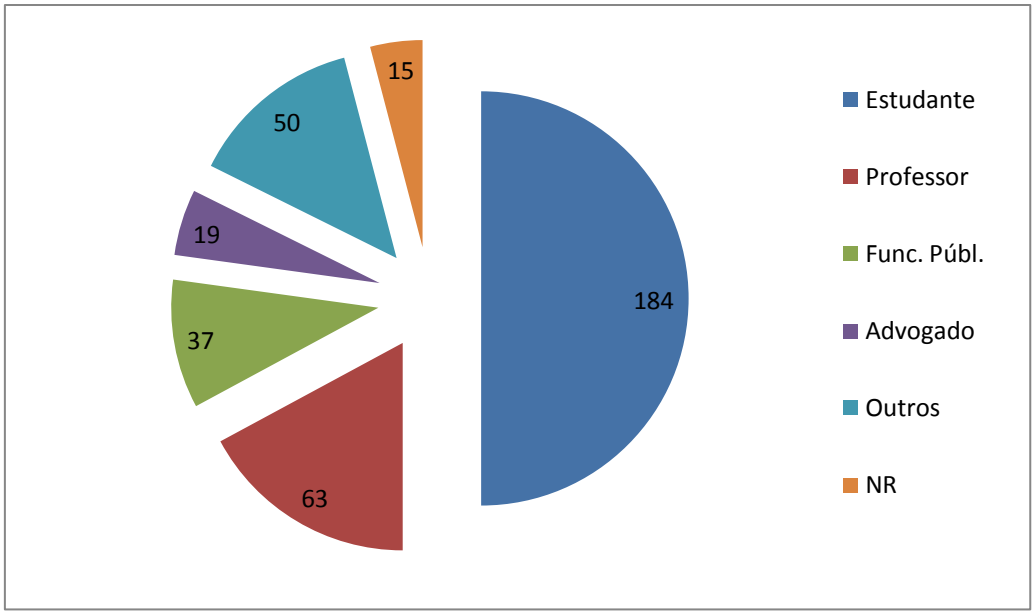

Gráfico 22 – Principais Ocupações

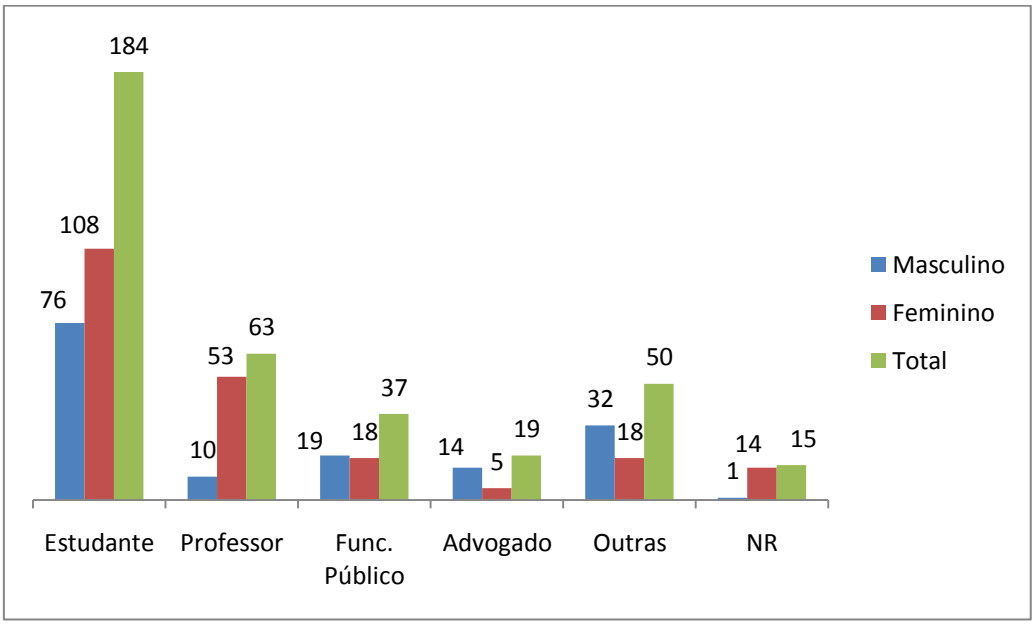

Gráfico 23 – Ocupação por Gênero

Das ocupações dos alunos desta década, 50%, são exclusivamente estudantes e, deste percentual, 76 são do gênero masculino e 108 do feminino. A segunda ocupação mais indicada pelos alunos, refere-se ao magistério, 17,1%, e deste percentual a maior parte são mulheres: 53. No que se refere ao funcionalismo público, há um equilíbrio entre os alunos, sendo 19 do gênero masculino e 18 do feminino. Novamente nesta década há a figura do advogado e de um total de 19, 14 são homens. Do total dos que declararam sua

profissão, 13,6% se enquadram em outras atividades devido ao fato de aparecerem com menor frequência: arquitetos, dentistas, militares, comerciários, “domésticas”, bancários, jornalistas, farmacêuticos, médicos e até sacerdotes. Há também um número considerável de quem não respondeu a esta pergunta nos requerimentos de matrícula, equivalendo a 4,1%.

Abaixo, analisaremos o nível de escolaridade, a escolaridade por gênero e os principais cursos frequentados ou que estavam em curso durante o período em que o estudante esteve vinculado ao MHN.

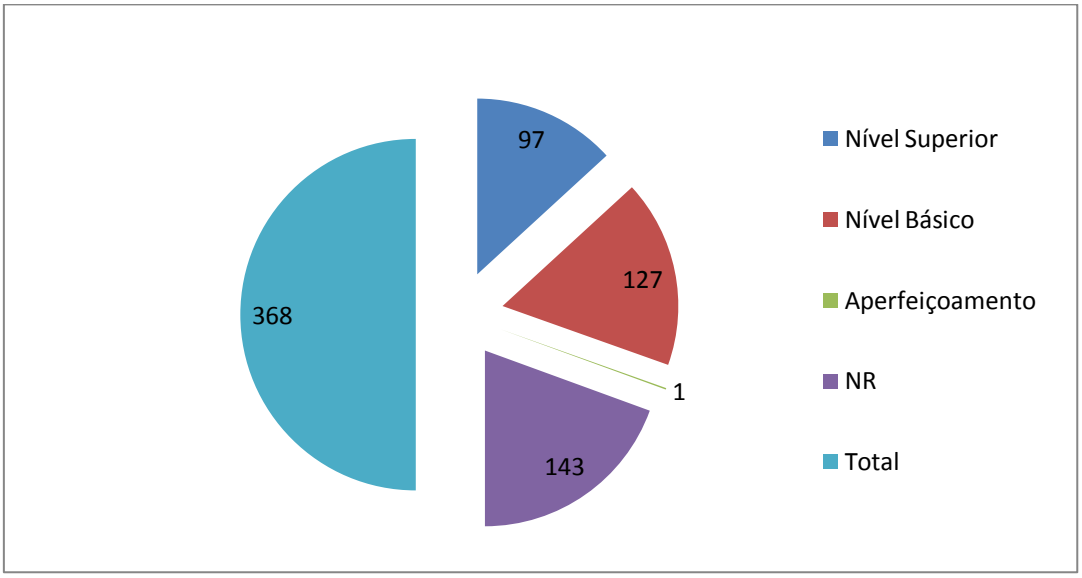

Gráfico 24 – Quadro Geral do Nível de Escolaridade

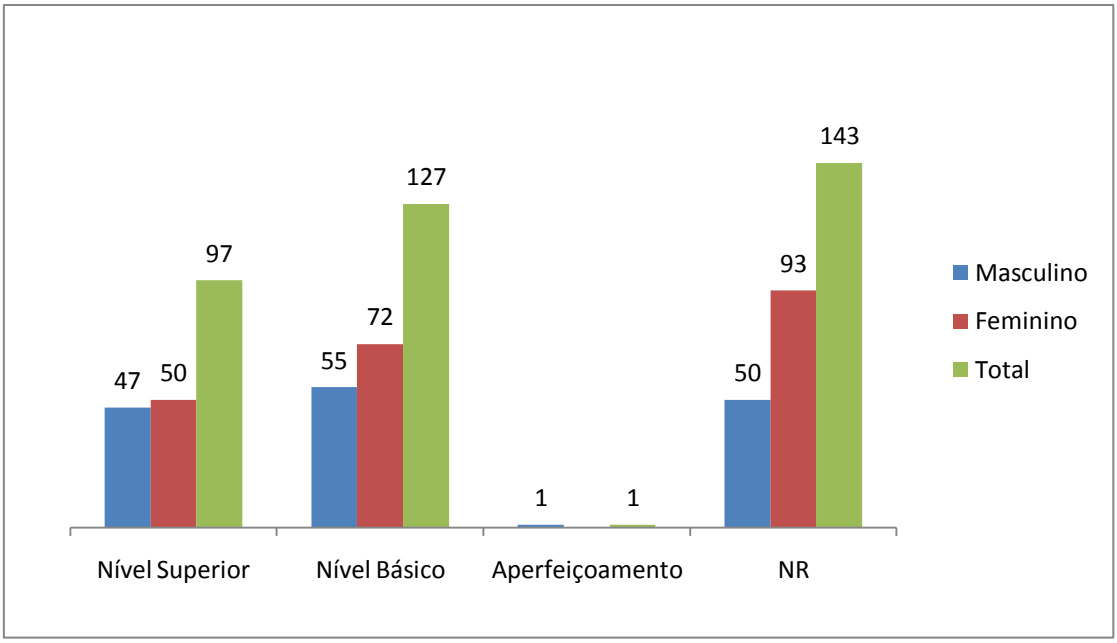

Gráfico 25 – Nível de Escolaridade por gênero

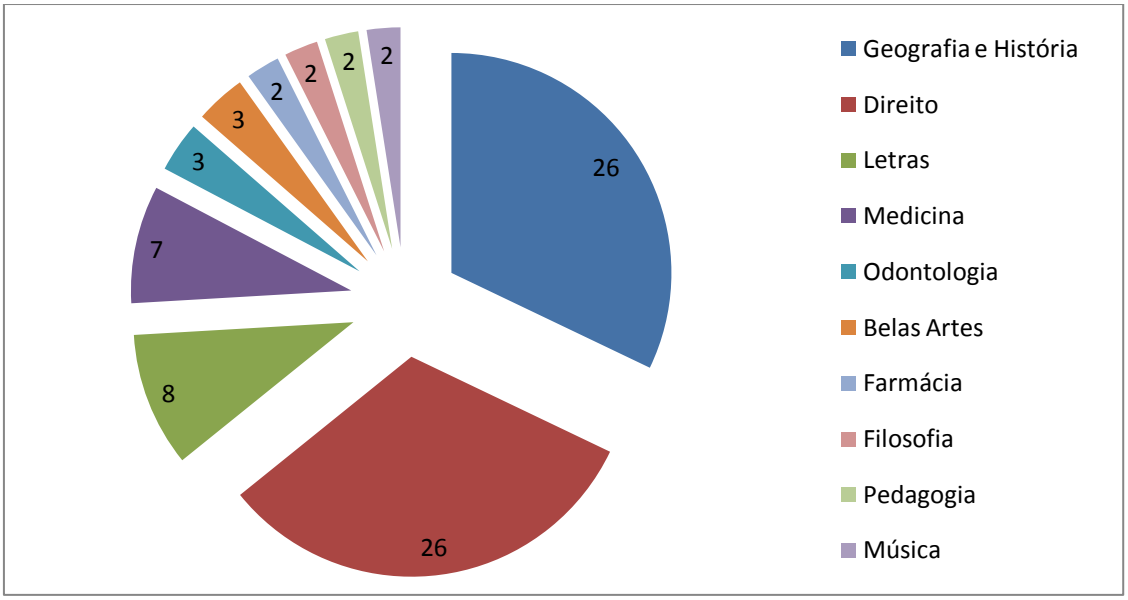

Gráfico 26 – Outra Formação

Na década de 50, há um relevante número de alunos no Curso com nível superior, 97, equivalente a 26,4% do total. Há 26 alunos formados pelo Curso de Direito e 26 pelo curso de Geografia e História[49]. Numa escala menor, há alunos formados em Letras, 8, e Medicina, 7. Há ainda alunos formados em Belas Artes (Curso de Pintura) e Farmácia, entre outros. Dos alunos com nível

[49] Nesta época o curso de bacharelado e licenciatura em Geografia e História eram oferecidos juntos pelas faculdades.

superior há um equilíbrio entre os alunos do gênero masculino e feminino, respectivamente, 47 e 50.

Ocorre também, neste período, um percentual considerável de alunos que apresentaram o certificado de licença clássica ou científica, o que equivale a 34,5%. Nesta época, um grande número de alunos, 38,9%, não respondeu a este item e apenas 1 declarou ter feito curso de aperfeiçoamento. Dos que não responderam, podemos deduzir que todos têm o Curso básico de formação exigido para ingresso no Curso.

No que se refere ao tipo de rede de ensino e principais instituições de ensino, apresentamos os gráficos 27 e 28 para análise.

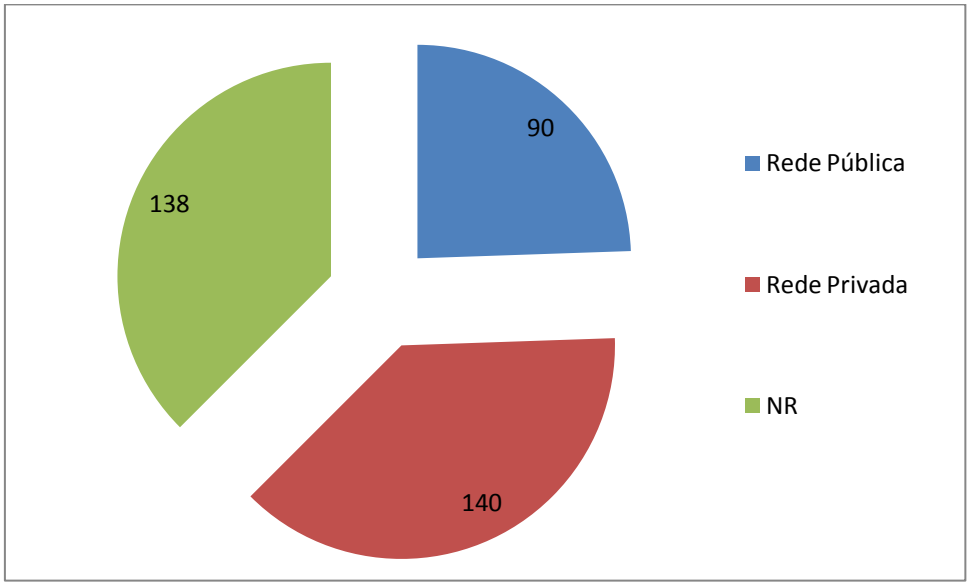

Gráfico 27 – Tipo de Rede de Ensino

Nos anos de 50, a maioria dos alunos é oriunda da rede privada de ensino, 38%, ao passo que da rede pública totaliza 24,5%. Um número grande de matriculados não respondeu, 37,5% em qual instituição cursou seu nível básico ou de graduação, conforme apresentado no gráfico acima.

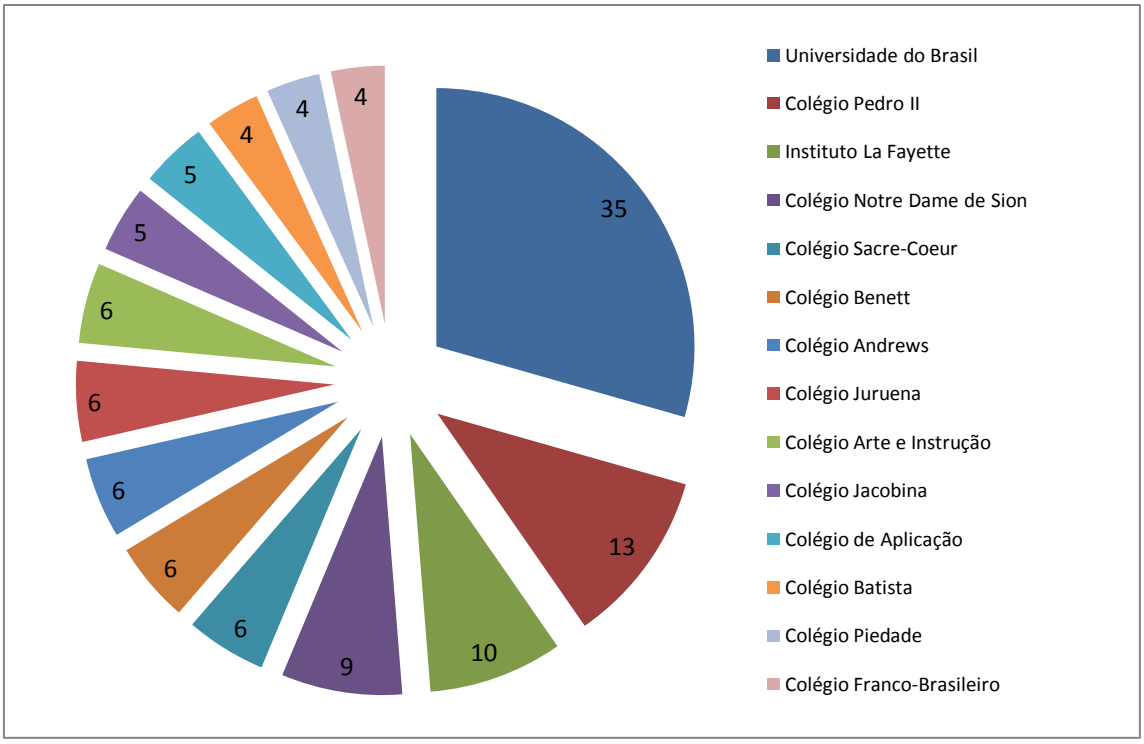

Gráfico 28 – Principais instituições de ensino

Das principais instituições de ensino da rede pública, podemos destacar a predominância de alunos provenientes da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, com 35 e do Colégio Pedro II, com 13. Da rede privada, podemos destacar o Instituto La Fayette, o Colégio Notre Dame de Sion, o Colégio Sacre-Coeur, o Colégio Benett, o Colégio Andrews, o Colégio Juruena e o Colégio Arte e Instrução.

2.4 – Década de 1960

No final desta década, o Curso funcionará sob a matriz curricular. Nesta nova reforma, o aluno do terceiro ano deverá escolher entre a formação em museus de arte ou museus de história, havendo a possibilidade de cursar uma segunda opção após o término da primeira habilitação. Neste período, há uma procura um pouco maior que na década anterior, com picos nos anos de 1960, 1962, 1967, 1968, e, especialmente, 1969. Segue abaixo, o gráfico de entrada por ano no curso:

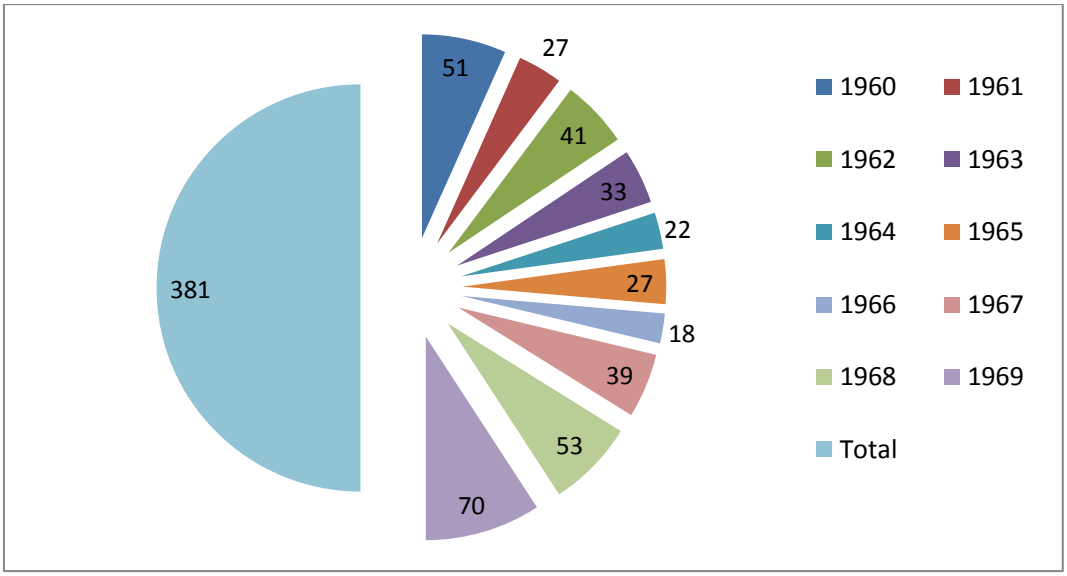

Gráfico 29 – Quadro Geral de Entrada

Dos 381 inscritos, 69,5% são do sexo feminino e 30,5% do masculino, o que equivale em números, respectivamente, 265 e 116 matriculados. Abaixo, a Tabela VI, referente à entrada dos alunos no Curso de Museus.

Tabela VI – Tabela de entrada de Alunos

Ano	REGULARES		OUVINTES	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1960	27	21	3	-
1961	14	13	-	-
1962	28	13	-	-
1963	25	8	-	-
1964	19	3	-	-
1965	18	9	-	-
1966	14	4	-	-
1967	28	11	-	-
1968	39	14	-	-
1969	50	19	-	1
TOTAL	**262**	**115**	**3**	**1**

Vale ressaltar, que em 1960, aparece pela última vez, a figura do aluno ouvinte no curso, sendo 3 mulheres e 1 homem e em 1969, matriculado em condição especial, o argentino José Martin Bartolomé. Sobre este aluno, não foi encontrada documentação referente à sua passagem pelo curso, a não ser pela identificação na fotografia de formatura de 1969 e depoimentos de colegas de turma. No que se refere a entrada por gênero, há uma grande diferença em números entre os anos de 1962 e 1964 e 1967 e 1969. Esta diferença só é menor nos anos de 1960, 1961 e 1965, prevalecendo em todas as turmas desta década a predominância feminina sobre o gênero masculino, conforme podemos verificar na Tabela VI, apresentada acima.

Abaixo, através do gráficos 30 e 31, podemos ver e analisar os dados referentes à faixa etária dos estudantes da década de 60.

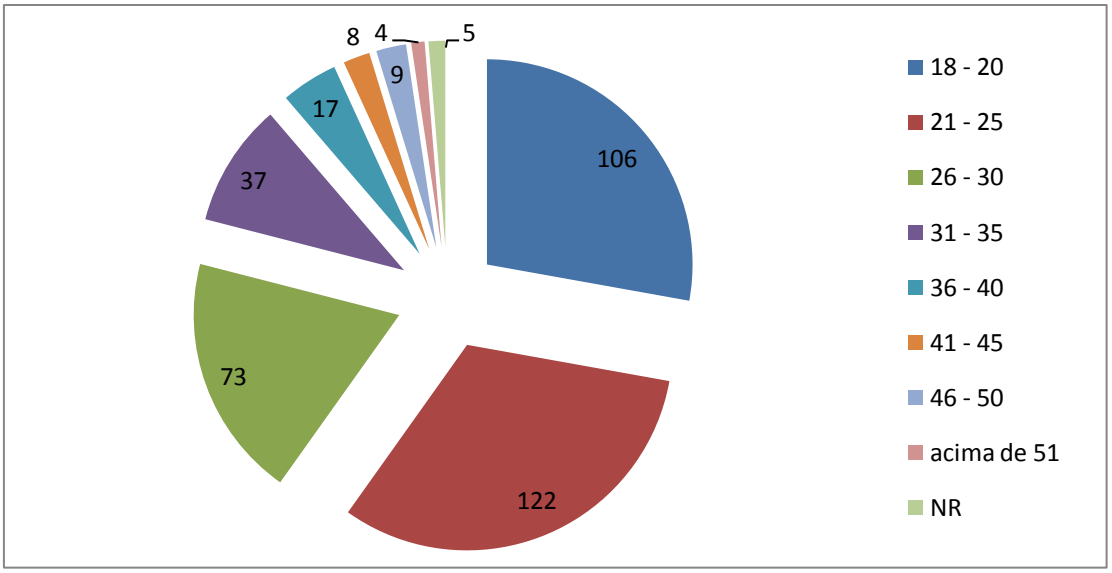

Gráfico 30 – Quadro Geral da Faixa Etária

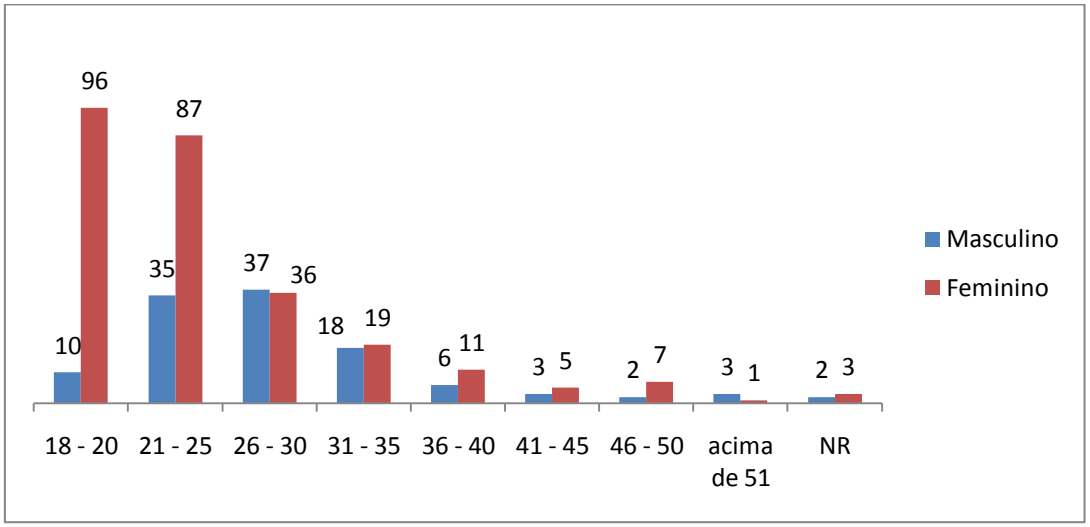

Gráfico 31 – Faixa Etária por Gênero

Como nas décadas anteriores, na de 60, a faixa etária dos alunos também se enquadra num perfil mais jovem, 27,8% entre 18 e 20 anos e 32% entre 21 e 25 anos. Principalmente para os jovens, a década de 60 é marcada pelos ideais de emancipação e liberdade de escolhas, assim como do início do período da ditadura militar e da censura. Há também um número considerável de alunos na faixa etária entre 26 e 30 anos, equivalente a 19,2%. Apenas 19 se enquadram na faixa etária acima de 40 anos e 5 não respoderam em que ano teriam nascido.

No que se refere ao estado civil e ao perfil dos alunos do Curso de Museus, devemos fazer uma análise nos gráficos 32 e 33.

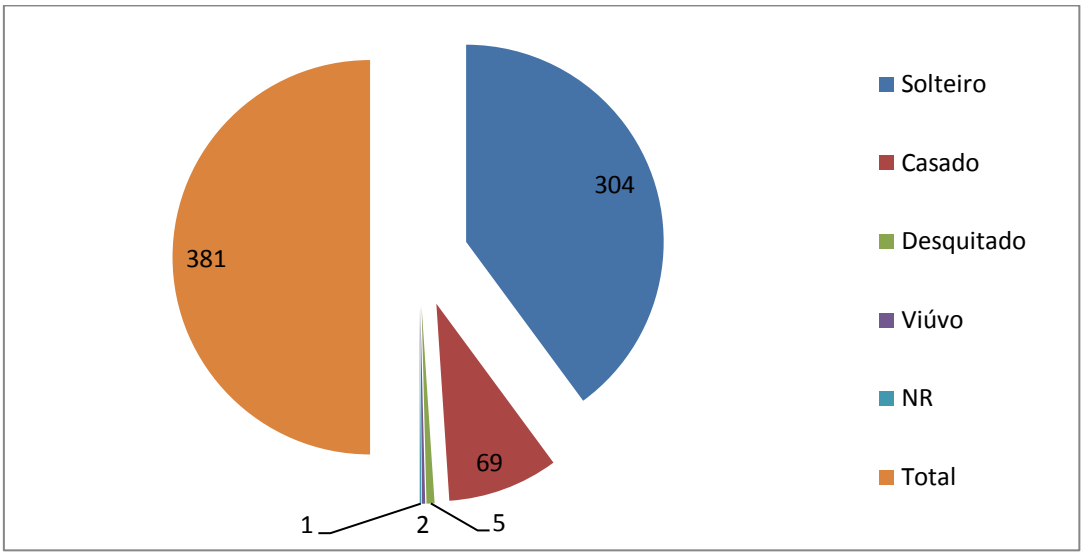

Gráfico 32 – Quadro Geral do Estado Civil

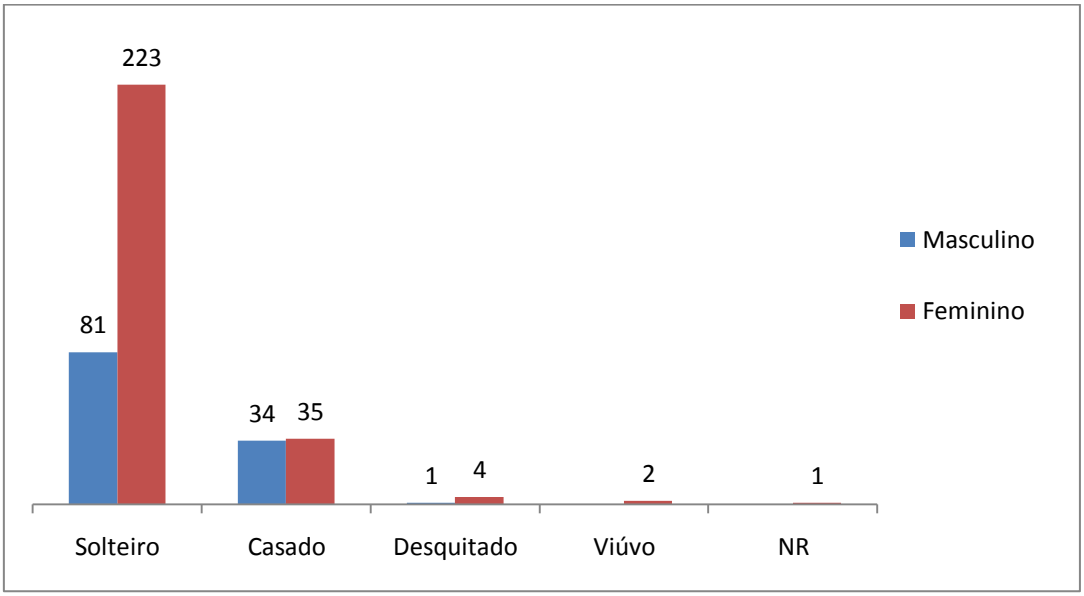

Gráfico 33 – Estado Civil por gênero

No que se refere ao estado civil dos alunos, a maioria respondeu que é solteira, 79,89%, dentre os quais 223 são do gênero feminino e 81 masculino. Entre os casados, há um quase empate entre os dois gêneros, 34 homens e 35 mulheres, correspondendo a 18,1% do total. Entre os 5 desquitados, 4 são mulheres, que buscam refazer suas vidas e realização profissional. Seguem abaixo, os gráficos demonstrativos (32 e 33) por estado civil.

Na década de 60, assim como nas décadas anteriores, a maioria dos alunos que ingressava no Curso de Museus era oriunda da região sudeste, correspondendo a 80,8%.

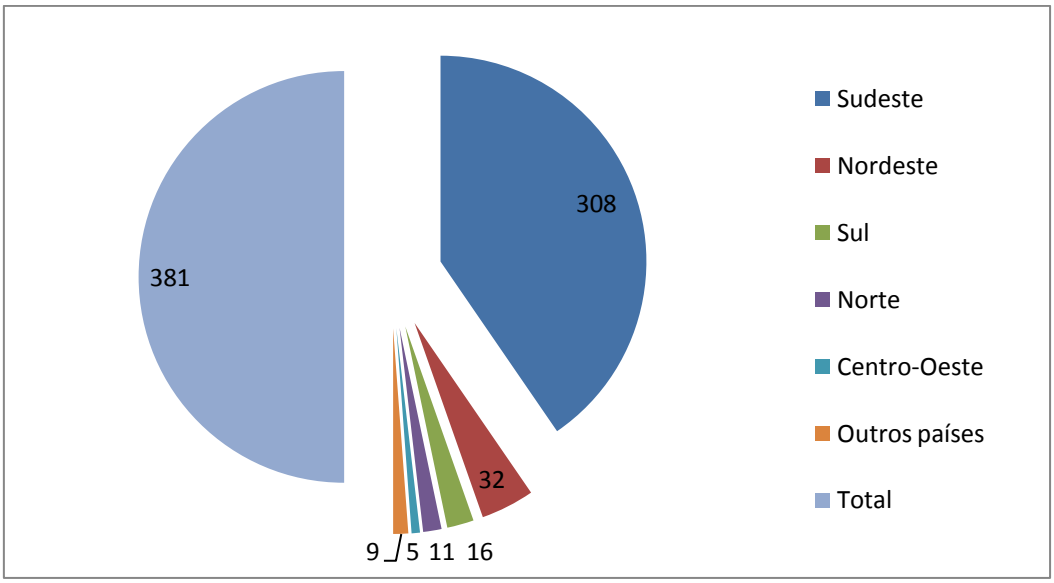

Gráfico 34 – Quadro Geral da Procedência

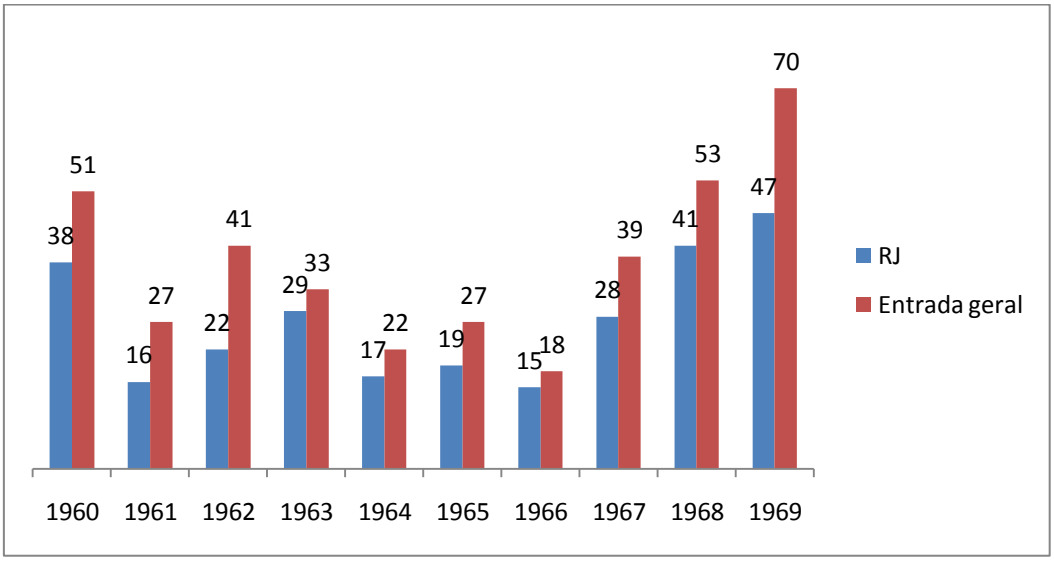

Gráfico 35 – Quadro Comparativo da Procedência

Prevalece, como nas décadas anteriores, a presença de alunos provenientes do estado do Rio de Janeiro: 272. Na década de 60, a exclusividade do Rio de Janeiro e do MHN como único pólo formador de profissionais de museus finda com a implantação de um Curso de Museologia na Universidade Federal da Bahia e com as Faculdades Integradas Estácio de

Sá. Nesta época, o número de estudantes provenientes do nordeste cai em relação aos outros períodos, 8,4%. Do Sul temos 16 inscritos, do Norte 11 e do Centro-Oeste, 5. Há também, uma procura maior por alunos que vinham de outros países: Rumânia (4), Itália (3), Espanha (1) e Hungria (1).

Abaixo, apresentamos, os gráficos 36 e 37 referentes à ocupação profissional dos ingressantes da década de 60:

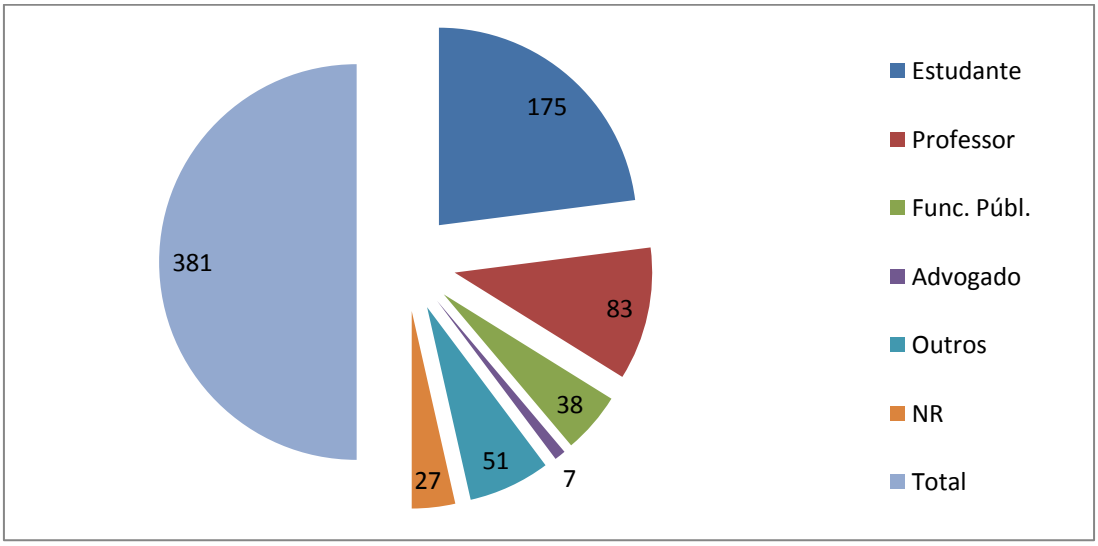

Gráfico 36 – Gráfico Geral da Ocupação

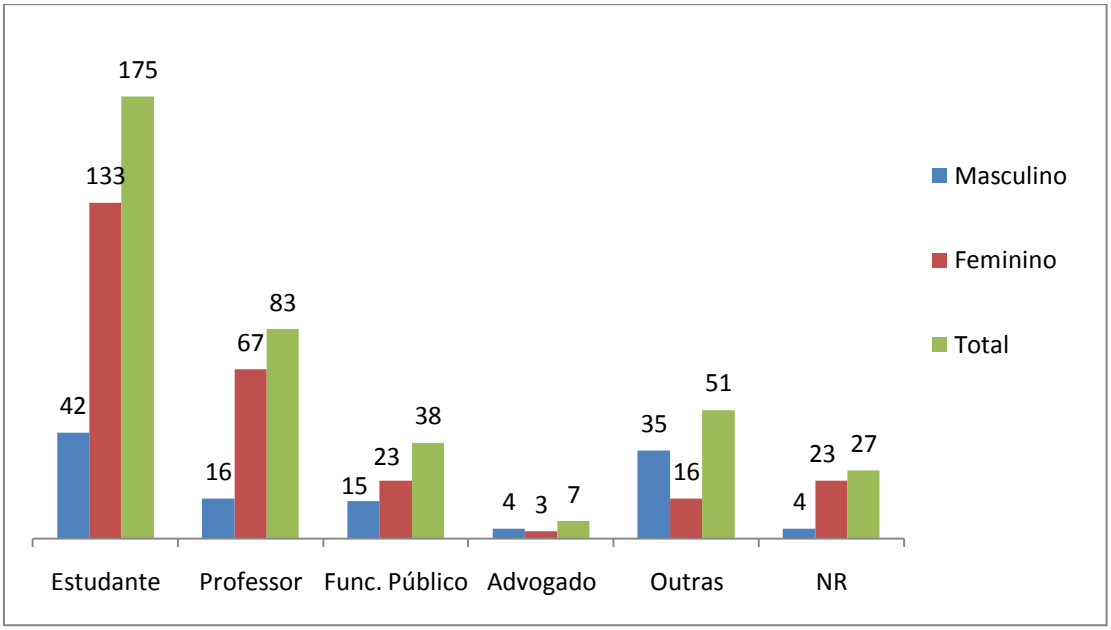

Gráfico 37 – Ocupação por Gênero

No que se refere à ocupação, a maioria dos estudantes declaram ser estudantes, perfazendo 45,9% do total, sendo 42 mulheres e 133 homens. Dos 83 professores, 21,8% dos alunos ingressantes no Curso de Museus, 16 são do gênero masculino e 67 feminino. Este aumento do número de professores decorre da criação de faculdades com habilitação para licenciatura, bem como da formação básica em magistério assim como atuação profissional das mulheres. Entre os funcionários públicos, as mulheres também são maioria 23 para 15. Apenas no que se refere à outras ocupações, os homens são maioria: 35. Nestas outras ocupações aparecem: militares, jornalistas, desenhistas, dentistas, bibliotecários, comerciantes, antiquários, arquitetos, bancários, “domésticas”, contadores, restauradores, economistas, entres outros. Entre o grupo que não revelou sua ocupação, 7,1%, 23 são mulheres e apenas 4 são do gênero masculino.

No item que se refere ao nível de escolaridade, dos 278 inscritos, 73% não revelaram. No entanto, podemos deduzir que pelo menos o curso básico estes alunos possuem, uma vez que não era permitido o ingresso no Curso sem a escolaridade exigida. Apresentamos a seguir, os gráficos 38 e 39:

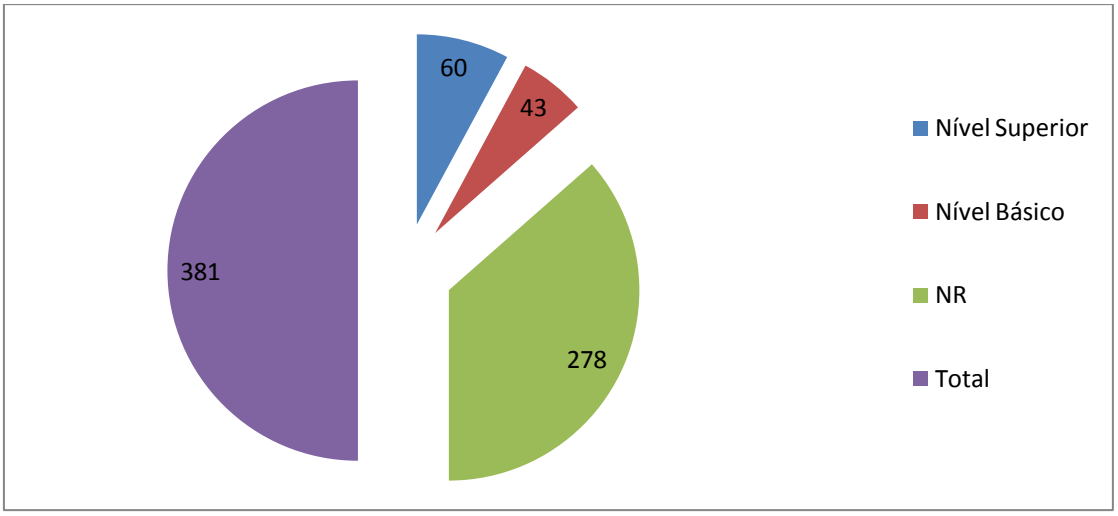

Gráfico 5 – Quadro Geral do Nível Escolar

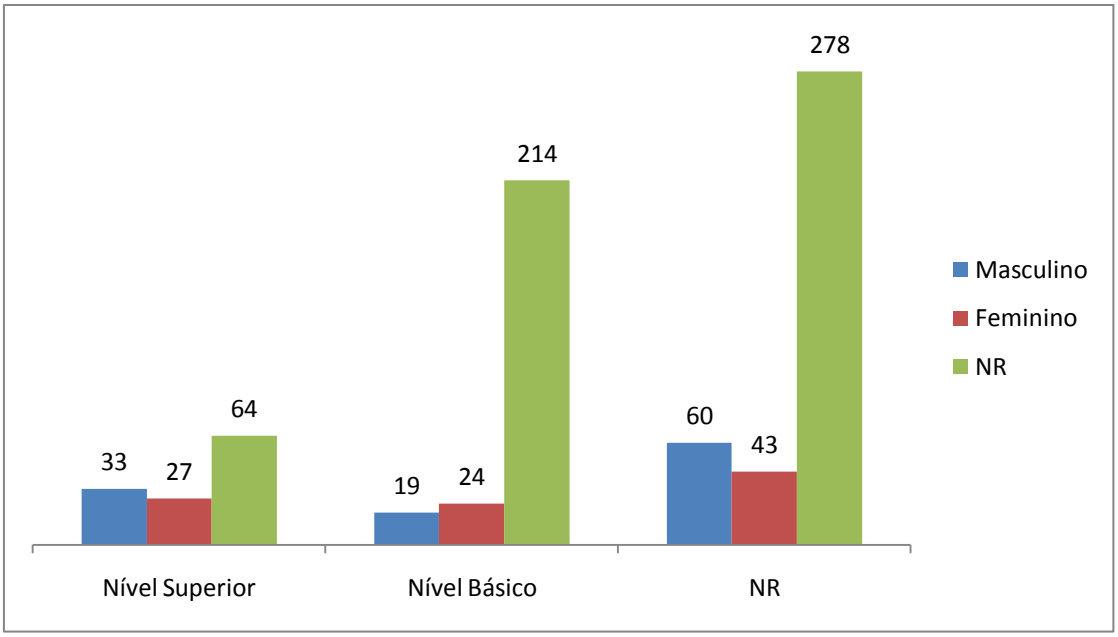

Gráfico 39 – Nível de Escolaridade por Gênero

Dos alunos que declaram seu nível de escolaridade, 15,7% possuem instrução superior, sendo que 33 são homens e 27 mulheres. Do nível básico, apenas 43 responderam: 19 homens e 24 mulheres, correspondendo a 11,3%. Abaixo, um quadro das principais formações superiores dos alunos do Curso de Museus:

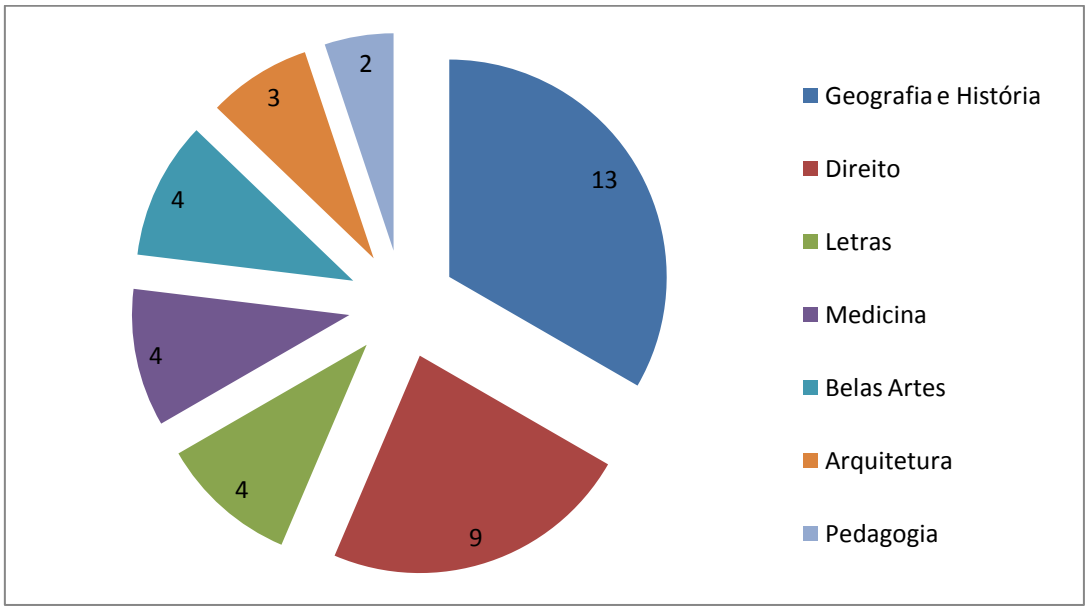

Gráfico 38 – Outra Formação Superior

Entre os alunos com curso superior, as principais formações são: bacharéis e licenciados em Geografia e História, 13 (cursado predominamente por mulheres devido ao fato de ter uma melhor e maior aceitação no mercado de trabalho); Direito, 9; Letras, Medicina e Belas Artes, 4; Arquitetura, 3; e Pedagogia, 2. Aparecem também profissionais formados em Biblioteconomia, Engenharia, Economia, Assistente Social, entre outros.

Segue abaixo, os gráficos relativos (39 e 40) ao tipo de rede de ensino dos alunos do Curso de Museus, além das principais instituições de ensino:

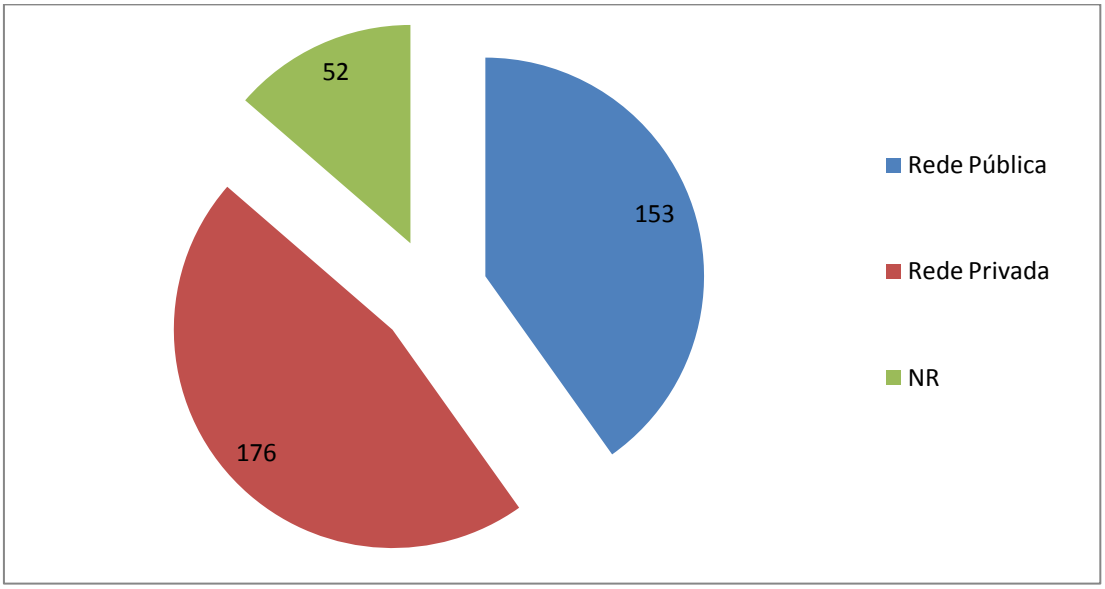

Gráfico 39 – Tipo de Rede de Ensino

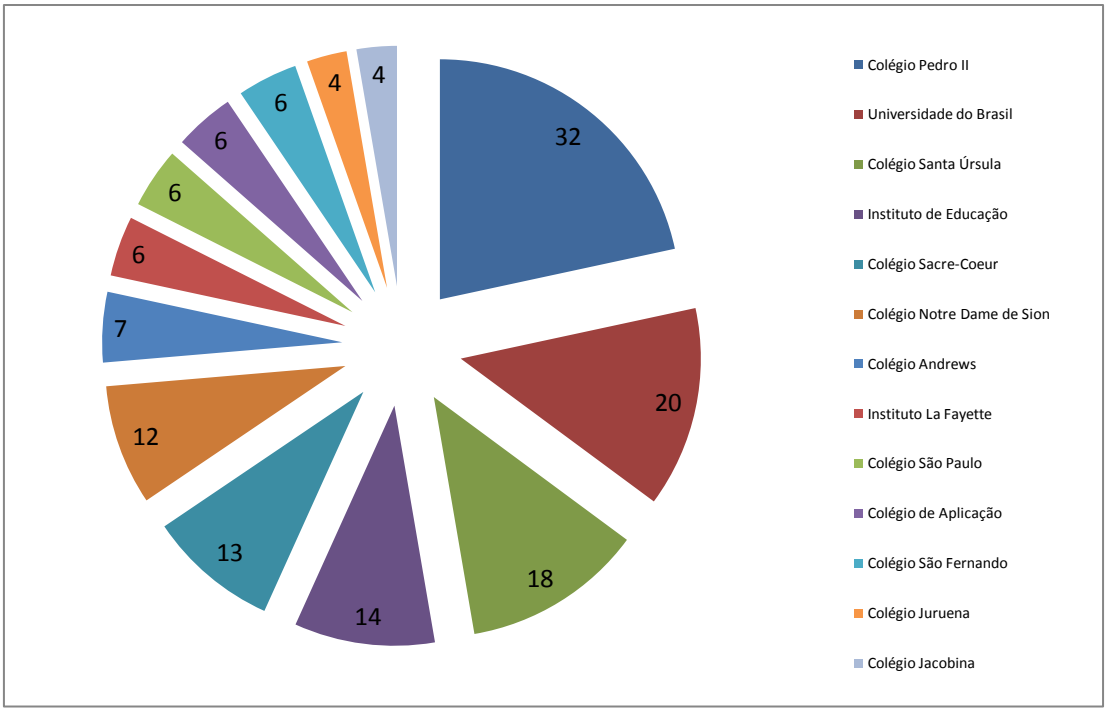

Gráfico 40 – Principais Instituições de Ensino

Nesta década de 60, a maioria dos alunos, apesar da diferença ser menor, são provenientes da rede privada de ensino. De um total de 381 alunos inscritos, 176 são as rede privada, equivalendo a 46,2%, e 153 são da rede pública, 40,1%. Do total, apenas 13,7% não revelou o nome das instituições de ensino onde estudou. Entre as principais instituições de ensino público, podemos citar o Colégio Pedro II, a Universidade do Brasil e o Instituto de Educação. Dentre as privadas: Colégio Santa Úrsula, Colégio Sacre-Coeur, Colégio Notre Dame de Sion, Colégio Andrews, entre outros.

2.5 – Década de 1970

A década de 70 é marcada por importantes mudanças no Curso de Museus: nova reformulação curricular; transferência para a universidade; nova leva de “ex-alunos” para exercerem o magistério no Curso; ampliação do número de vagas e institucionalização do vestibular unificado; os Encontros de Governadores de Brasília e de Salvador, 1970 e 1971, que sugerem a criação de novos cursos de Museologia; a implantação de estágio curricular obrigatório para o formando, entre outras. No cenário brasileiro, destacamos como a

década em que o Brasil comemorava o Sesquicentenário de Independência, bem como o auge da ditadura e os exílios políticos de diversas personalidades de diferentes áreas de pensamento.

Nesta década, analisaremos apenas até a entrada dos alunos no ano de 1975, uma vez que que os alunos que ingressaram no 2^0 . semestre deste ano irão se formar pelo Curso de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro-UNI-RIO, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Neste trabalho, estudaremos apenas os alunos que ingressaram no Curso de Museus até o 1^0 . Semestre de 1975 e se formaram no ano de 1978, quando o Curso ainda funcionava na estrutura do Museu Histórico Nacional.

Apesar de mais curto o período de estudo nesta década, no período entre 1970 e 1975 o número de alunos inscritos é equivalente as das décadas anteriores: 363! Este aumento é ocasionado pelo aumento de número de vagas e da institucionalização do vestibular como forma de ingresso no Curso de Museus. No ano de 1970 e 1974 temos as maiores entradas, 91 e 101, respectivamente. No entanto, nos outros quatros anos há uma constância na entrada que gira em torno de 43 alunos.

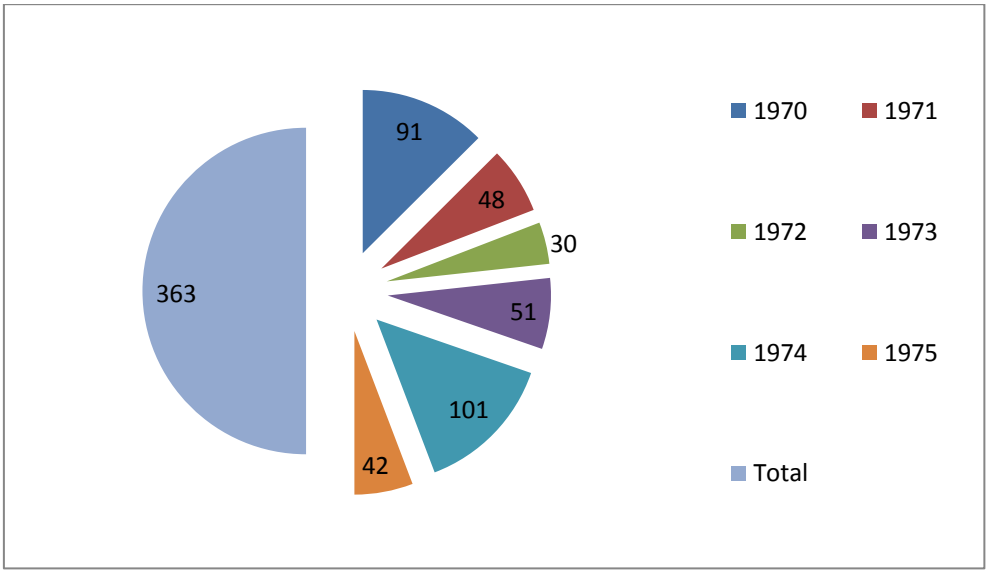

Gráfico 41 – Quadro Geral de Entrada

Tabela VII – Tabela de entrada de Alunos por Gênero

Ano	REGULARES	
	Feminino	Masculino
1970	72	19
1971	40	8
1972	22	8
1973	42	9
1974	88	13
1975	35	7
TOTAL	**299**	**64**

No que se refere à entrada por gênero, podemos notar que nesta década há uma expressiva maioria de alunos do gênero feminino, 299, equivalendo a 82,4%, ocasionada pela emancipação feminina, e 64 alunos do gênero masculino, 17.6%. No que se refere aos homens, sua maior representatividade foi nos anos de 1970, com 19 inscritos, e no ano de 1974, com 13. Nos anos de 1971, 1972, 1973 e 1975, a média de alunos do gênero masculino foi de 8 inscritos. Em relação às mulheres, os gráficos 51 e 52 respondem bem à representação feminina no Curso de Museus.

A seguir, apresentamos os gráficos 42 e 43 representativos do perfil referente à faixa etária:

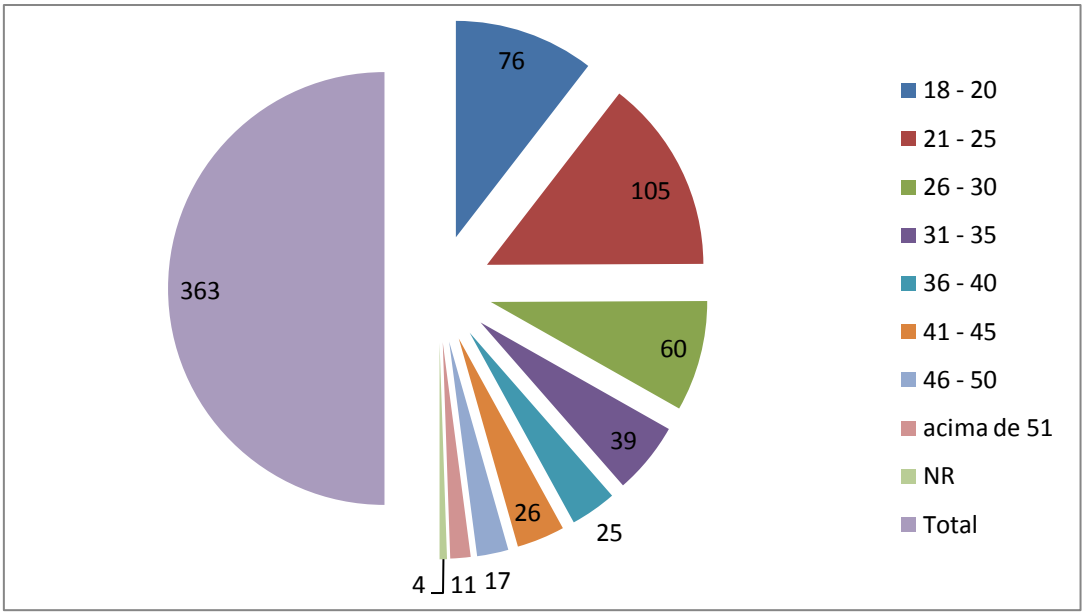

Gráfico 42 – Faixa Etária Geral

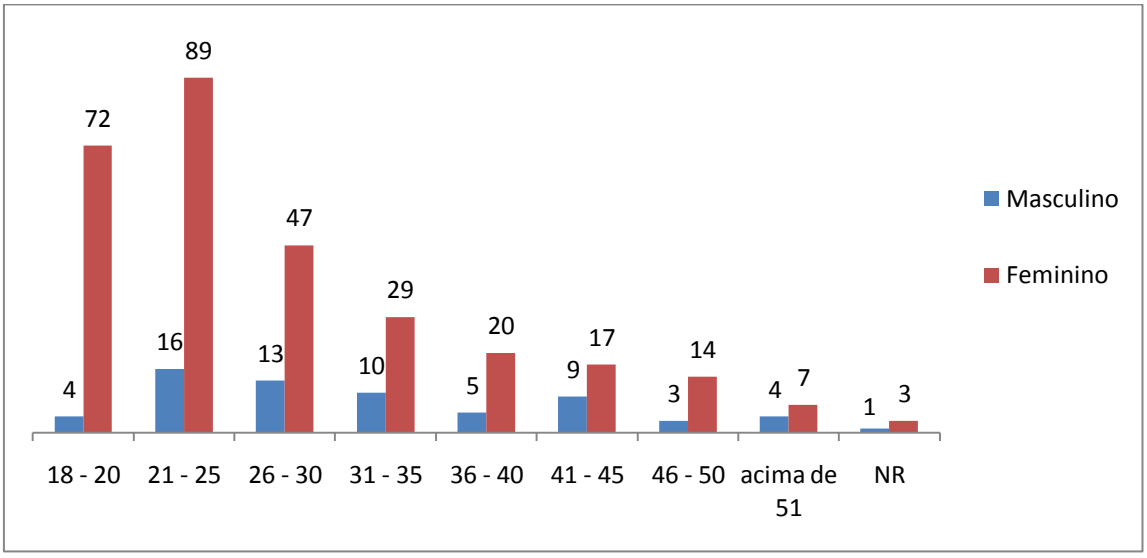

Gráfico 43 – Faixa Etária por Gênero

Como nas três décadas anteriores, o perfil do aluno ingressante no Curso é jovem, enquadradando-se na faixa etária entre 18 e 30 anos, equivalendo a 66,4% do total. Com a institucionalização do vestibular unificado no Curso e o crescente número de instituições museológicas criadas nas décadas anteriores e pleno funcionamento nesta época a procura por esta formação por jovens recém-saídos da formação básica aumentou. O maior número de alunos se concentra na faixa etária entre 21 e 25 anos com um total de 105, sendo que 89 são do gênero feminino e 16 do masculino. Será nesta

faixa etária que aparecem o maior número de homens. Em comparação, é na faixa etária entre 18 e 20 anos que aparece o menor números de homens inscritos, 4 para 72 mulheres, uma diferença percentual muito grande se compararmos as outras entradas. Há também um percentual considerável, 17,6%, de alunos na faixa etária entre 31 e 40 anos. Outra faixa etária que também apresentou uma aparição maior nesta década foi dos alunos que possuem mais de 51 anos de idade, contando com 4 homens e 7 mulheres.

Segue abaixo, os gráficos 44 e 45, referentes ao estado civil dos alunos matriculados na década de 70.

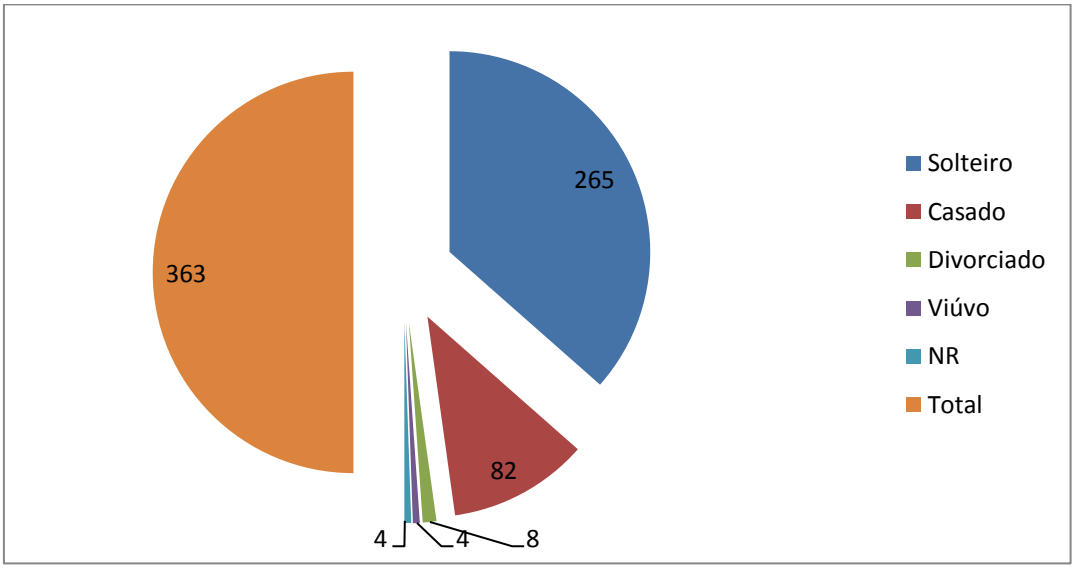

Gráfico 44 – Quadro do Estado Civil

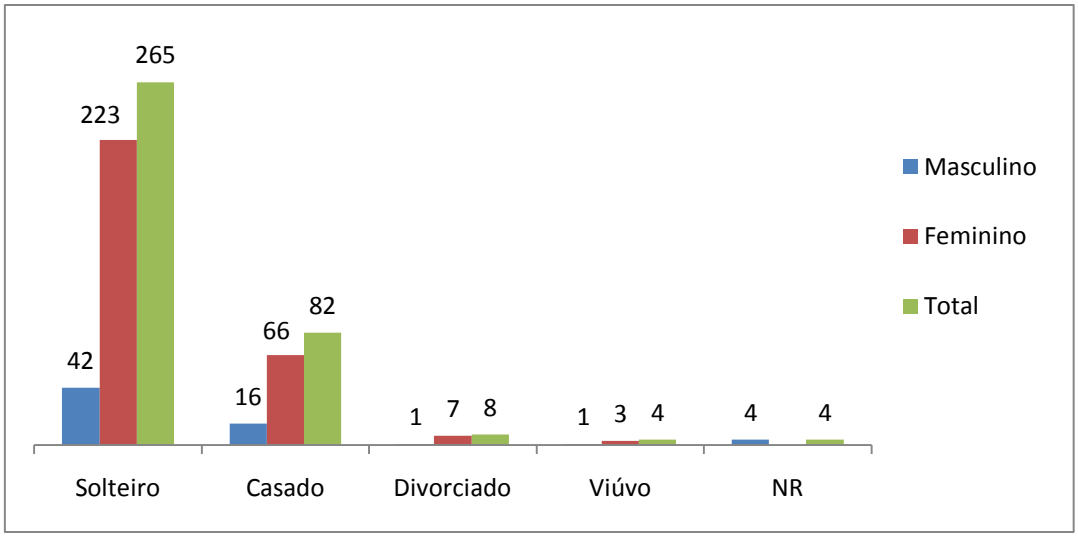

Gráfico 45 – Estado Civil por Gênero

Sem sombra de dúvida, esta foi a década com o maior número de alunos solteiros e casados matriculados no Curso de Museus em um menor período de tempo. Dos 223 alunos que declarararam o estado civil solteiro, 42 são do gênero masculino e 223 do feminino, perfazendo um total de 73%. 22,6% são casados: 16 mulheres e 66 homens. Neste período também aparece um número maior de alunos desquitados: 8, do qual a maioria é de mulheres, 7.

No que se refere à procedência deste alunos, podemos ver que o perfil desta década é muito semelhante à década anterior através dos gráficos 46 e 47.

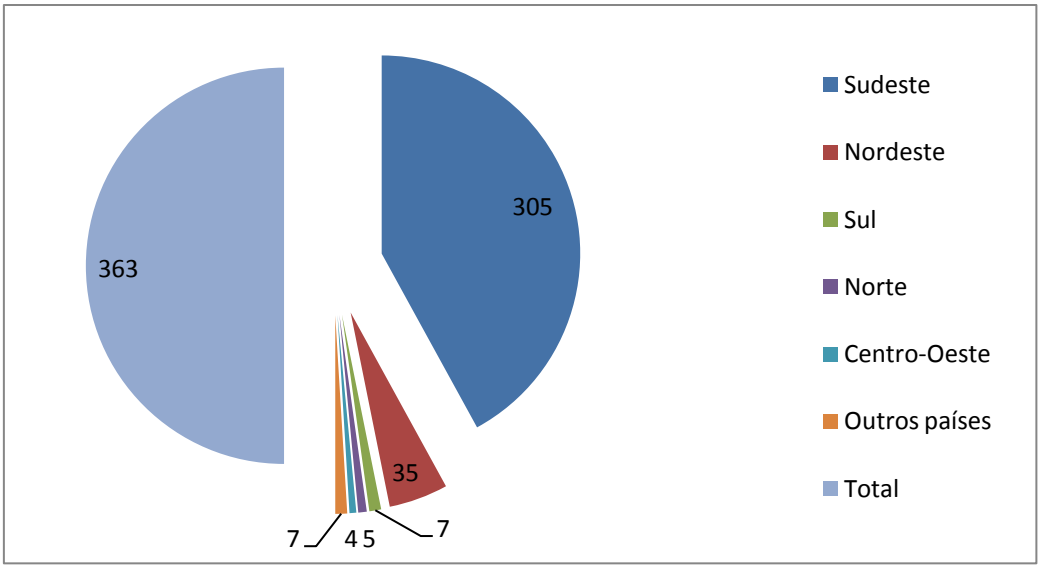

Gráfico 46 - Procedência

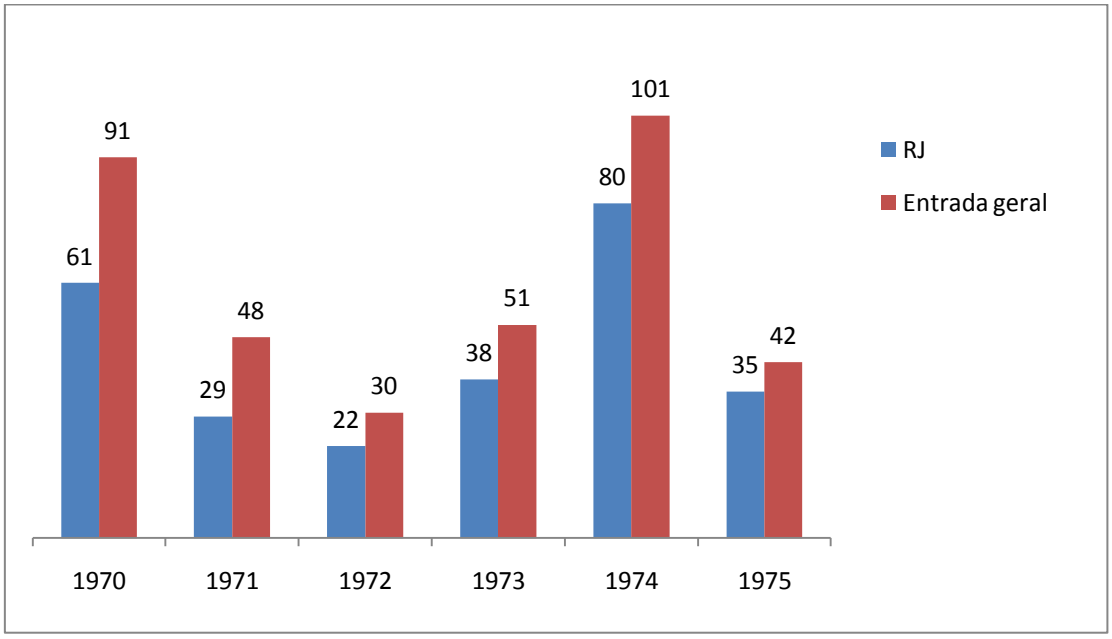

Gráfico 47 – Quadro Comparativo da Procedência

A maioria expressiva dos alunos são oriundos da região sudeste, 305, em especial do Rio de Janeiro com 265 (73%), seguido pelo estado de Minas Gerais com 20 (5,5%). Da região nordestina, destacamos a presença de alunos (9,6%) provenientes da Bahia, 9, Pernambuco, 6 e Maranhão, 5. Da região sul, o Rio Grande do Sul esteve representado por 4 alunos e da região norte, o Amazonas teve 4 alunos. Há também a presença de alunos (1,9%) de outros países: Suécia (1), Itália (2), Bolívia (1), Paraguai (1) e Portugal (2).

Diferentemente das décadas anteriores, o número de alunos que declararam ser estudantes diminuiu nesta época, no entanto, os que não revelaram aumentou consideravelmente, como podemos observar nos gráficos a seguir.

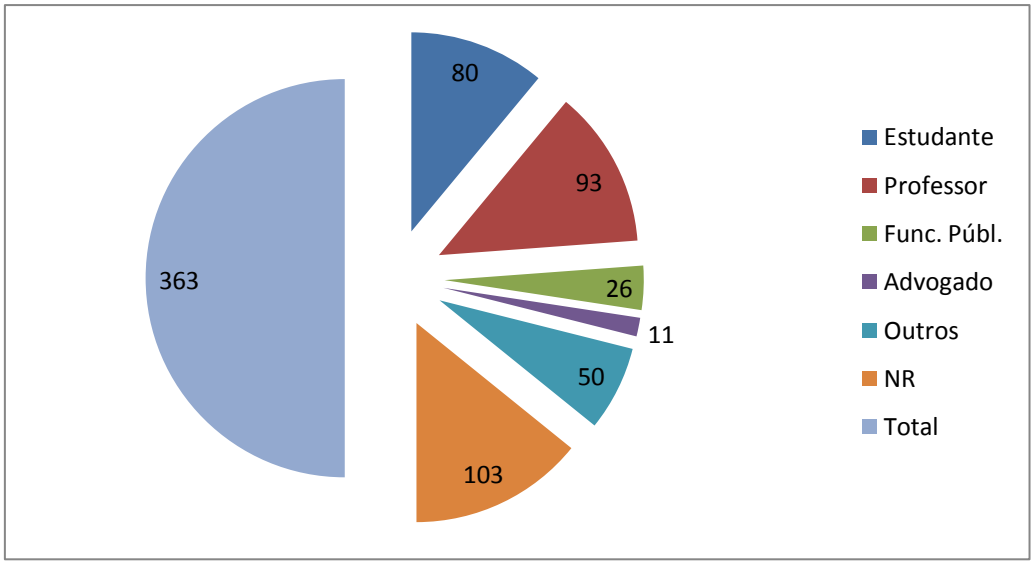

Gráfico 48 – Quadro Geral da Ocupação Profissional

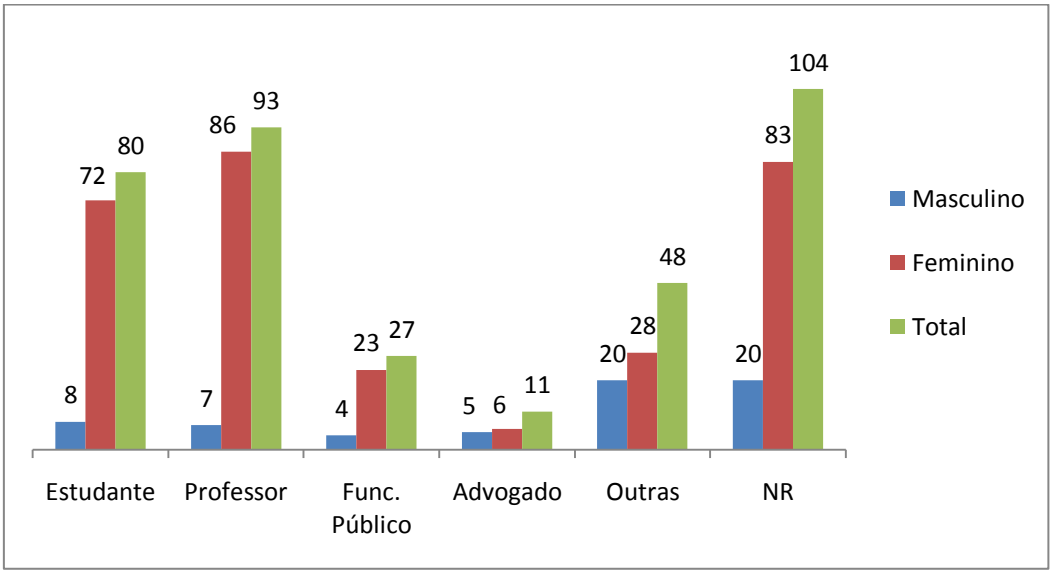

Gráfico 49 – Ocupação por Gênero

Numa década dominada pela presença das mulheres no Curso de Museus, podemos ver através dos gráficos a presença discreta dos homens. Dos 80 estudantes matriculados no Curso de Museus, apenas 8 são do gênero masculino. Esta mesma situação se repete quando da presença dos

professores e funcionários públicos no Curso: 7 para 86 e 4 para 23, respectivamente. Mesmo entre os advogados inscritos, uma área antes dominada pelos homens, nesta década se equiparam. Os homens aparecem em maior número entre os que não responderam e em outras profissões. Em outras profissões aparecem bancários, economistas, nutricionistas, militares, “domésticas”, secretárias, médicos, bibliotecários, diplomata, entre outras.

Em termos percentuais temos: estudantes, 22%; professores, 25,6%; funcionários públicos, 7,2%; advogados, 3%; outras profissões, 13,8%; e não respoderam, 28,4%.

Seguem abaixo, os gráficos, 50 e 51, representativos do nível de escolaridade dos estudantes do Curso.

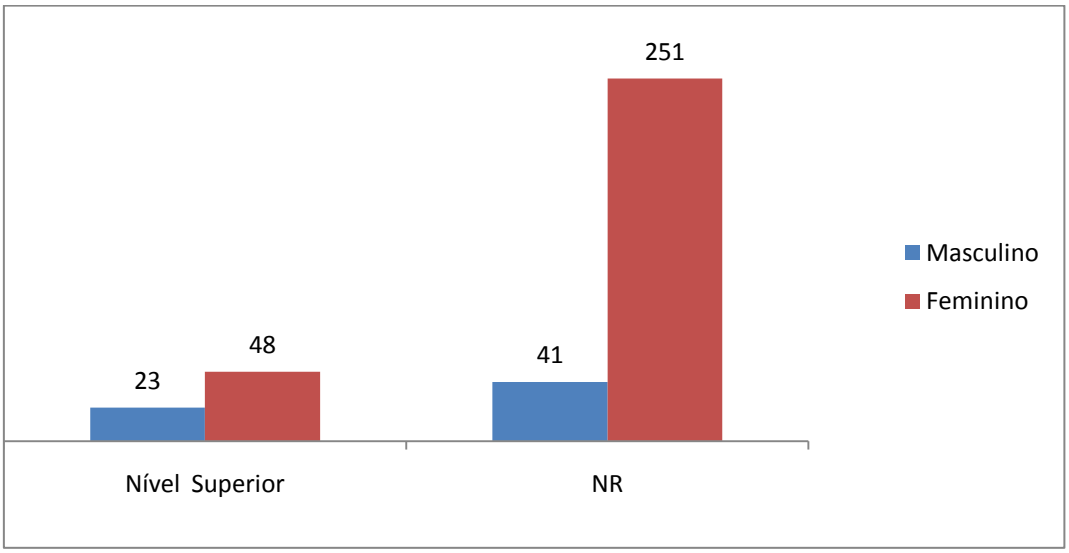

Gráfico 50 – Nível de Escolaridade por Gênero

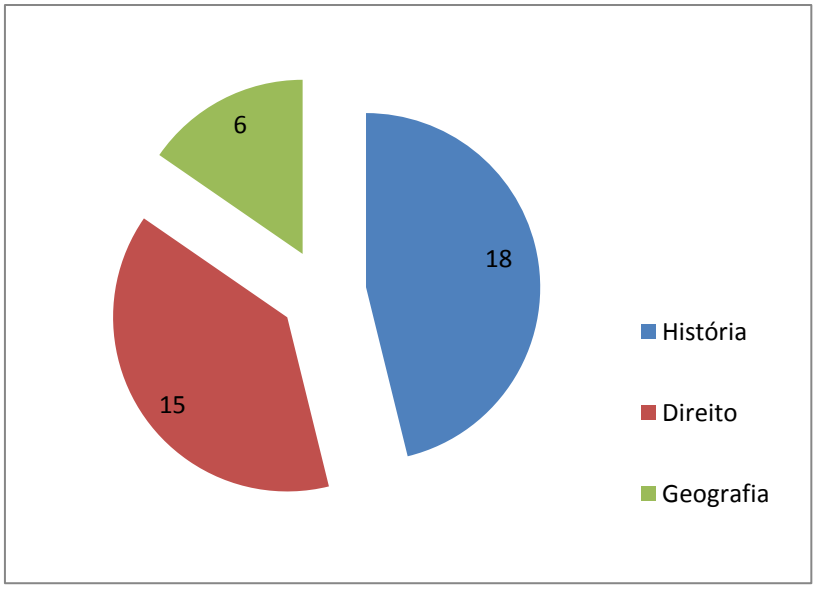

Gráfico 51 – Áreas de Formação6

Nesta década, somente os alunos com nível superior e os que não revelaram seu nível de escolaridade responderam. Dos 71 alunos com nível superior, 23 são do gênero masculino e 48 do feminino, correspondendo a 19,6% dos inscritos no Curso de Museus. Os três cursos com maior representatividade são: bacharelado e licenciatura em História[50], com 18, sendo que 15 são mulheres; Direito, com 15 (8 homens e 7 mulheres); e bacharelado e licenciatura em Geografia, com 6, dos quais somente 1 pertence ao gênero masculino. Aparecem também alunos com diplomas nas áreas de Nutrição, Enfermagem, Letras, Pedagogia e Odontologia. Um percentual que já vinha crescendo desde a década anterior era o número de alunos que revelavam o seu nível de escolaridade, sendo 41 homens e 251 mulheres, perfazendo um total de 80,4%.

Segue abaixo, os gráficos demonstrativos (52 e 53) do tipo de rede de ensino e das instituições de ensino dos estudantes do Curso de Museus.

[50] Nesta década os cursos de História e Geografia aparecem separados e não mais como uma única graduação.

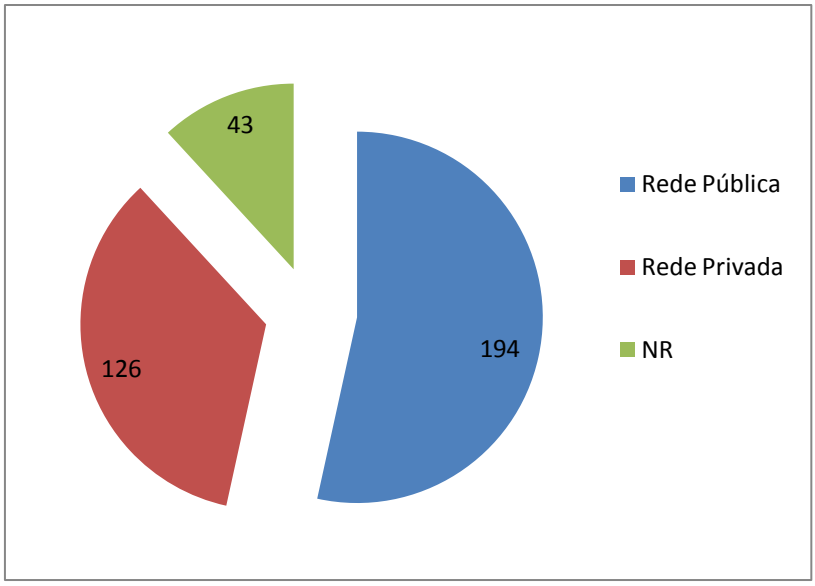

Gráfico 52 – Tipo de Rede de Ensino

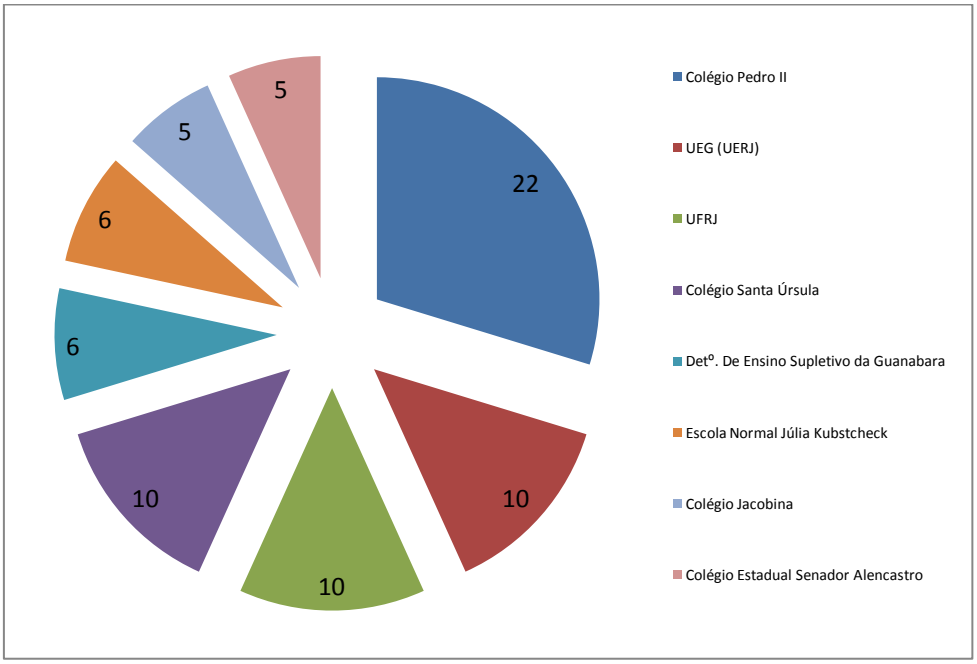

Gráfico 53 – Principais instituições de ensino

Diferentemente das décadas anteriores, a maioria dos alunos são provenientes da rede pública de ensino. Podemos deduzir que com a implantação do vestibular o curso pode atingir a um público maior da rede pública de ensino, uma vez que o conteúdos destas provas passou a abranger as matérias do ensino regular: geografia, história, português, matemática, biologia, língua estrangeira,... Será a partir desta década que o perfil do aluno e sua formação estudantil irá mudar. Dos 363 alunos matriculados no Curso de

Museus, 194, 53,4%, são ourindos de instituições públicas e 126, 34,7% são de instituições privadas e 11,9% não revelaram. Dentre as instituições públicas, podemos destacar a presença de alunos do Colégio Pedro II, da Universidade do Estado da Guanabara – UEG, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Colégio Estadual Senador Alencastro, Escola Normal Júlia Kusbtchek e do Departamento de Ensino Supletivo da Guanabara. Da rede privada, destacaram-se apenas o Colégio Santa Úrsula e o Colégio Jacobina. A título de curiosidade três alunas formadas pelo Colégio Santa Úrsula, fizeram o Curso de Humanidades Femininas.

2.6 – Panorama geral

Nos itens anteriores, vimos as principais informações, por décadas, que irão traçar o perfil do aluno matriculado no Curso de Museus ao longo do período selecionado para estudo.

O primeiro gráfico geral que analisaremos agora refere-se ao gênero.

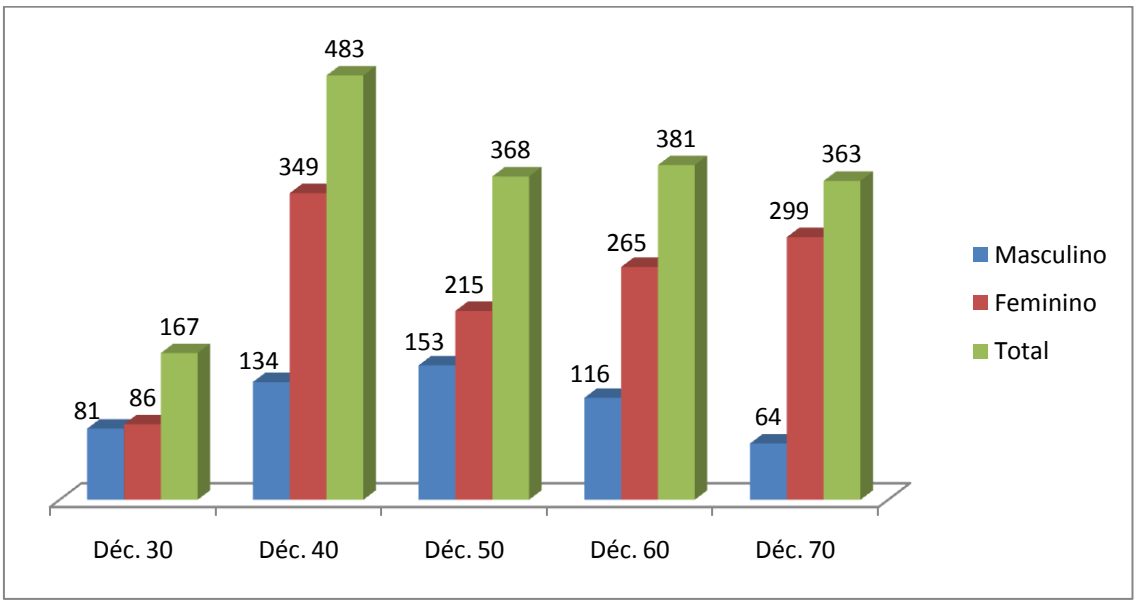

Gráfico 54 – Entrada por Décadas

Entre os ano de 1932 e 1975, se matricularam no Curso 1762 alunos, incluindo os matriculados regularmente e os ouvintes, sendo que 548 são homens e 1.214 são mulheres, respectivamente, 31,1% e 68,9% do total. Podemos notar que, na primeira década, há uma paridade entre ambos os

sexos, notando-se apenas uma diferença de apenas cinco para as mulheres. A partir da década seguinte, a busca pelo Curso passa a ser maior entre as mulheres.

Através da análise do gráfico, podemos notar uma maior procura do curso pelas mulheres na década de 40, 72,3%. Levando-se em conta que a década de 70 não foi totalmente analisada, podemos considerar que também houve uma procura acentuada, uma vez que a partir de 1975 o Curso passaria a ter duas entradas de 50 alunos por semestre e a forma de ingresso seria através do vestibular, tal como conhecemos e participamos. Nesta época, o Curso já estaria ligado diretamente à universidade, o que possibilitou a ampliação e a democratização do acesso[51] e no que se refere à presença dos homens, podemos notar que na década de 40 e 50 houve uma maior procura: 134 e 153.

Abaixo, o gráfico 55 referente à entrada por década e por estado civil dos alunos no Curso:

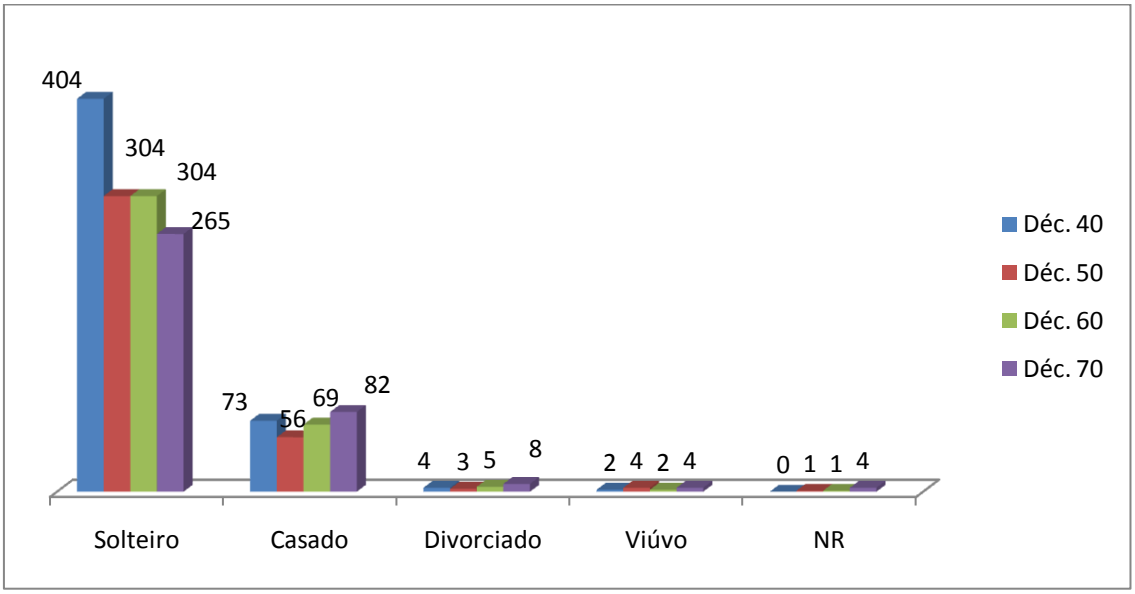

Gráfico 55 – Estado Civil por Décadas

[51] Até o vestibular passar a ser a forma de ingresso ao Curso de Museus, conforme apresentado no Capítulo 1, as provas se restringiam a dissertar sobre temas e matérias específicas.

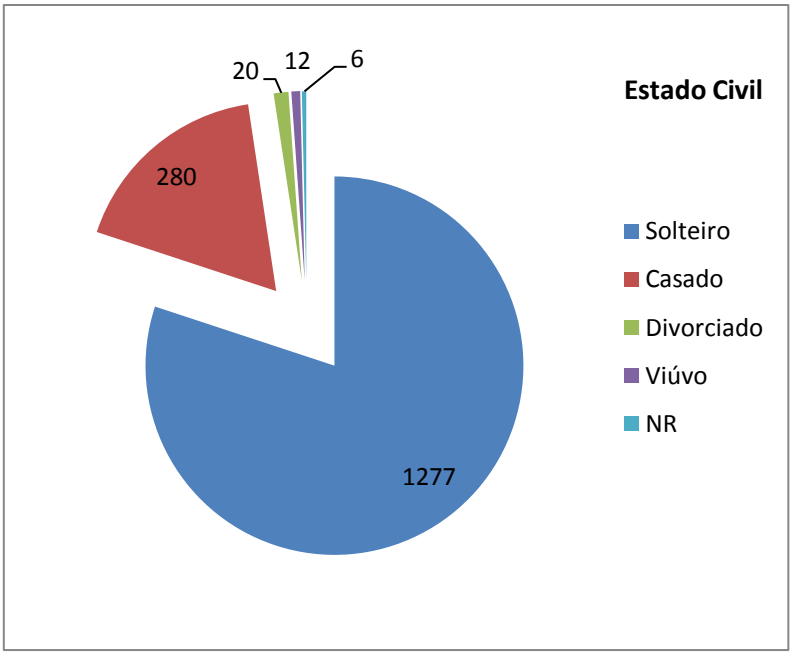

Gráfico 56 – Estado Civil

A partir destes gráficos, não analisaremos as informações referentes à década de 30, devido ao fato de não haver fichas de requerimentos de matrículas no período supracitado. Através destes gráficos podemos afirmar que 80,1% dos estudantes do Curso de Museus eram solteiros, correspondendo quantitativamente a um total de 1277. Em segundo lugar, ficam os casados, num total de 280, correspondendo a 17,6%; seguido pelos desquitados com 1,3%, 20; os viúvos com 0,8%, 10; e os que não revelaram, 0,4%, 6.

A seguir, apresentaremos os gráficos 57 e 58, referentes à faixa etária.

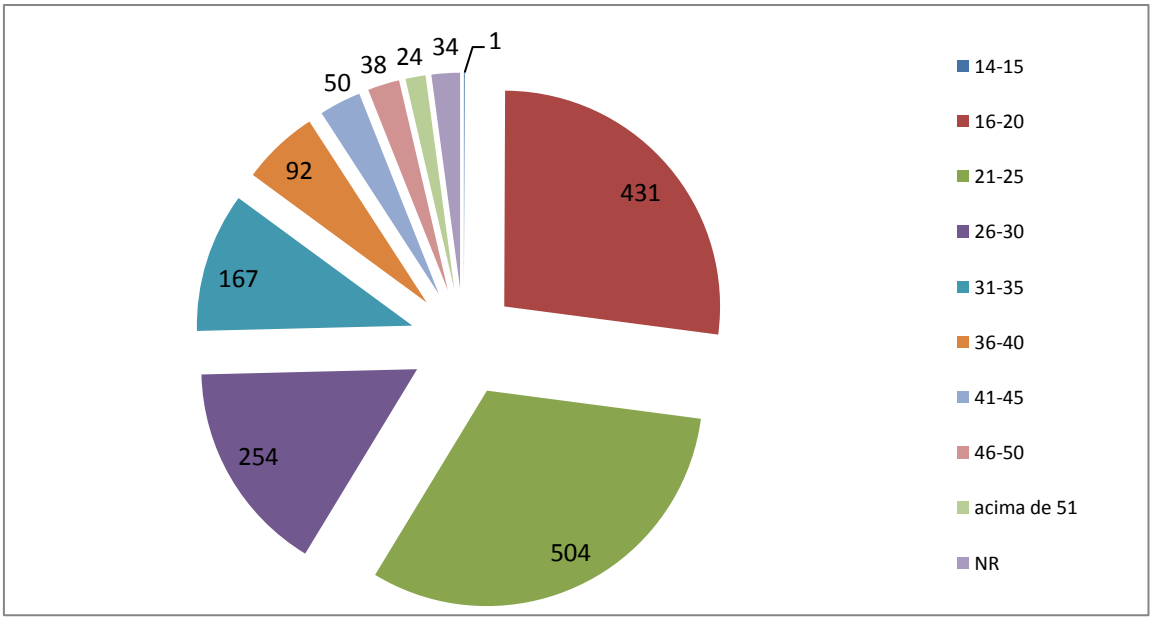

Gráfico 57 – Faixa Etária (Quadro Geral)

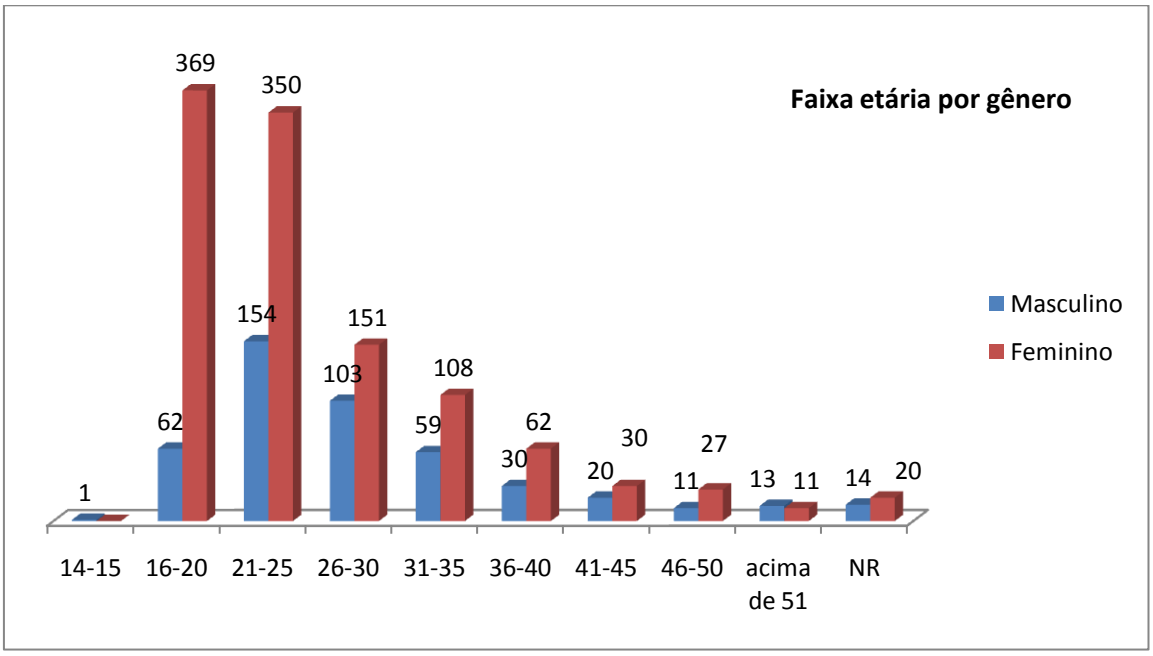

Gráfico 58 – Faixa Etária Geral por Gêneros

No que se refere à distribuição de faixas etárias, podemos afirmar que o perfil do aluno do Curso de Museus é jovem, sendo que a maioria se enquadra entre 16 e 25 anos, perfazendo um total de 58,6%, o equivalente a mais da metade do corpo discente. Nesta faixa etária, são 719 mulheres. Entre os homens, há um maior percentual na faixa etária entre 21 e 25 anos, com 154 e entre 26 e 30 anos, com 103. Eles também aparecem em número considerável entre 16 e 20 e 31 e 35 anos. Na faixa etária entre 41 e 45 anos, acima de 51 e

os que não revelaram há um proximidade numérica entre os sexos. Com os gráficos apresentamos abaixo e a cima, desmitificamos a lenda de que o Curso de Museus era procurado apenas por senhoras casadas.

Em seguida, apresentaremos os gráficos que analisam a ocupação dos estudantes durante o período selecionado para desenvolvimento da pesquisa.

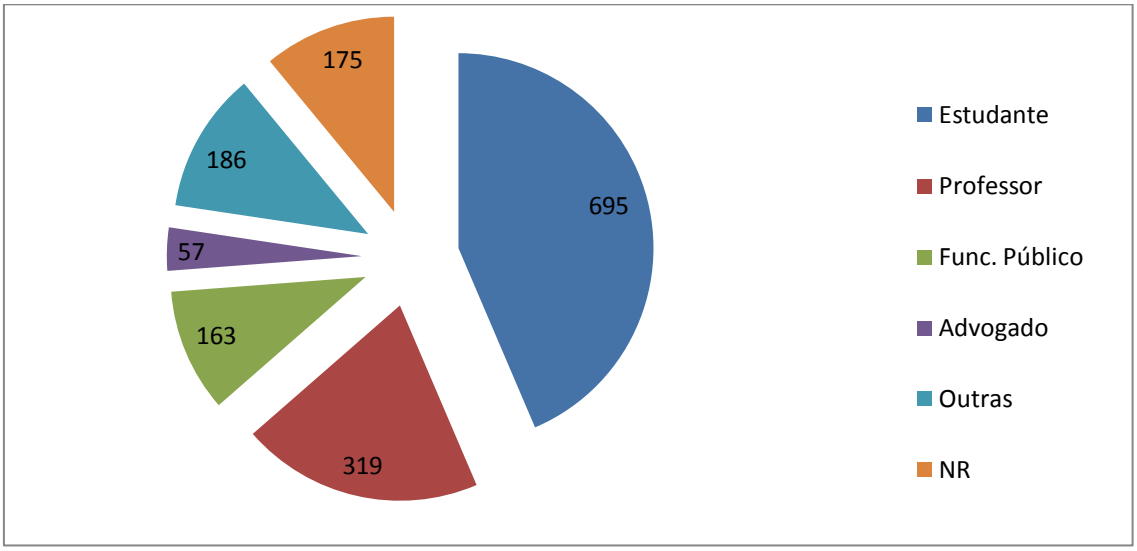

Gráfico 59- Quadro Geral da Ocupação

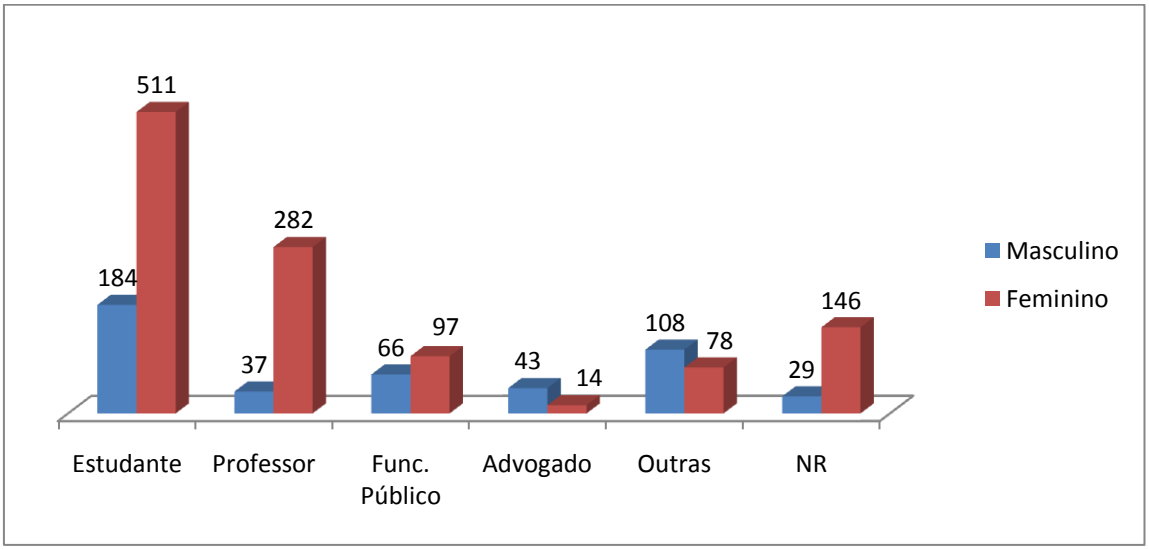

Gráfico 60 – Ocupação por Gênero

No que diz respeito à ocupação dos alunos, entre as atividades que apareciam em maior número, os que eram exclusivamente estudantes, com certeza, estão em maior número, 695, onde 184 são do gênero masculino e

511 do feminino, equivalendo 43,6%. Em seguida, são os professores formadas pelo Instituto de Educação, bacharéis e licenciados em Geografia e História, além dos formados em Letras. Entre os funcionários públicos e os que não responderam, as mulheres também prevaleceram. Os homens só tiveram uma representatividade maior entre os advogados e as outras profissões, uma vez apareceram inscritos no Curso: militares, jornalistas, comerciantes, médicos, bancários, arquitetos, entre outros, profissões exercidas essencialmente pelo gênero feminino.

Apesar de ter ficado ligado a uma instituição cultural por mais de 40 anos, o Curso teve uma intensa procura e foi durante 38 anos a única instituição no Brasil e das Américas a formar profissionais para museus e para a área de proteção do patrimônio, abarcando estudantes de todas as regiões brasileiras. Seguem abaixo, os gráficos representativos da procedência por regiões e o percentual dos estudantes do Rio de Janeiro por décadas.

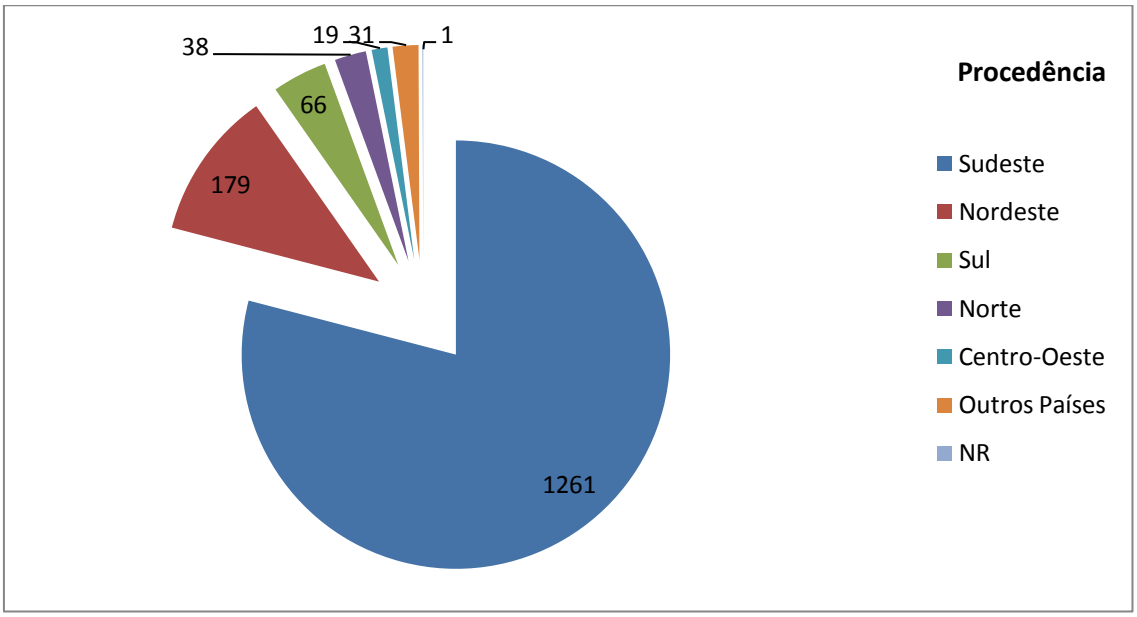

Gráfico 61 – Quadro Geral da Procedência

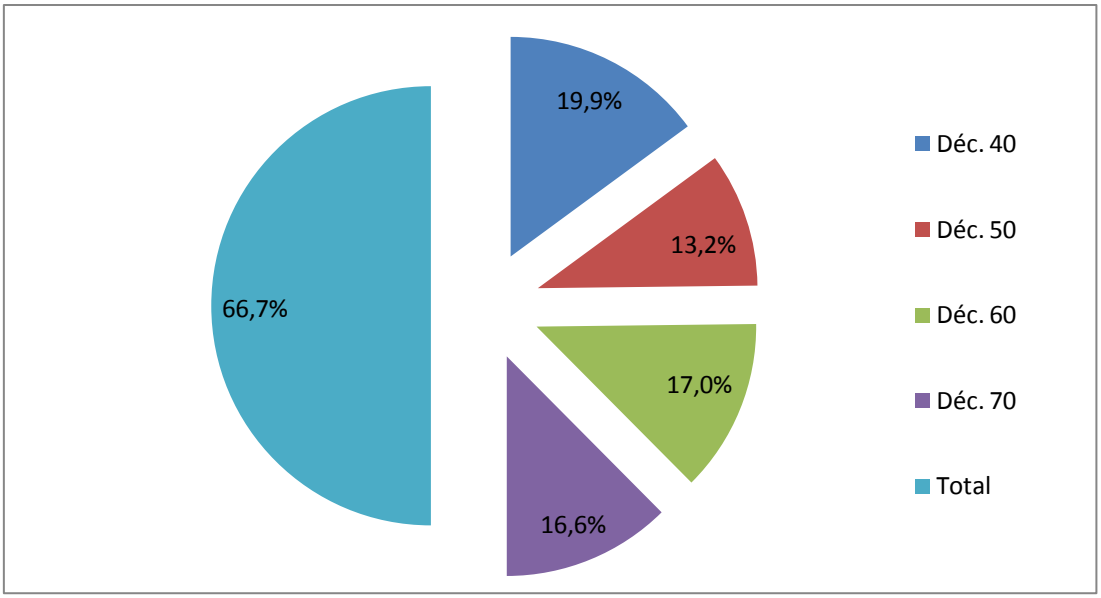

Gráfico 62 – Quadro Percentual da Procedência do Rio de Janeiro

Como já era previsível, a maioria dos estudantes matriculados no Curso de Museus, é oriunda da região sudeste. De um total de 1261, 79,1%, inscritos da região sudeste, 1065 são do estado do Rio de Janeiro, o que corresponde a 66,7% dos inscritos. Isso ocorre, porque o Curso de Museus é neste estado, no entanto, com o programa do bolsas de estudos a funcionários de outros estados, muitas regiões foram representadas no alunato. A região nordeste também foi representada, sendo que os estados que estiveram mais presentes foram a Bahia, Ceará e Pernambuco. Do sul, o estado gaúcho esteve representado e do norte, os estados do Amazonas e do Pará. A região do centro-oeste foi a menos representada no Curso de Museus. Além de todas as regiões brasileiras estarem representadas, outros países também se fizeram presentes, dentre os quais podemos destacar: Itália, Rumânia, França, Espanha, Portugal, Argentina, Bolívia, entre outros.

Sobre os números referentes ao nível de escolaridade, segue abaixo o gráfico 63:

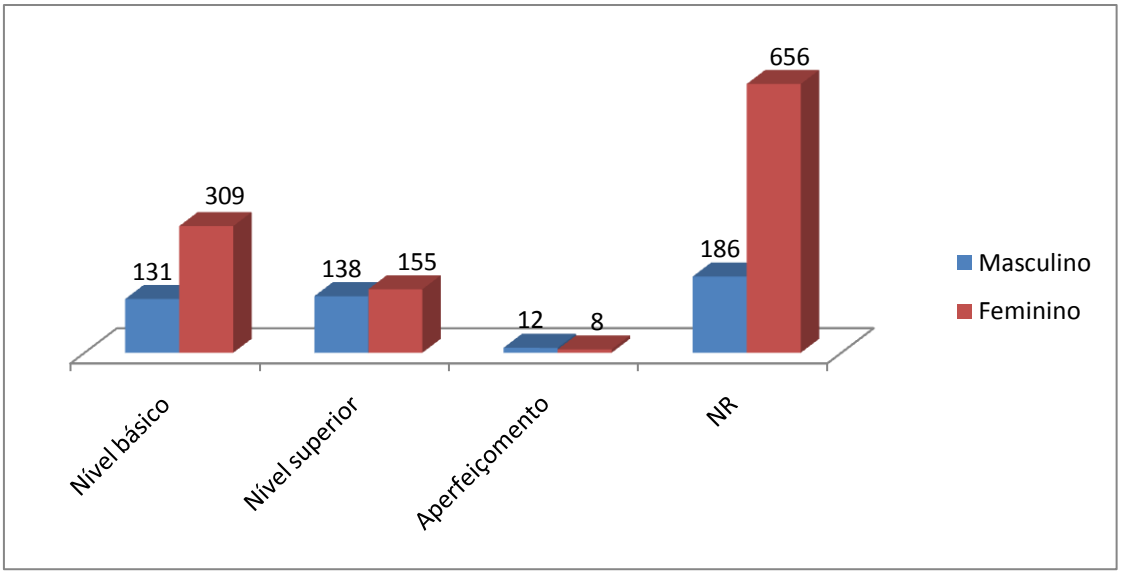

Gráfico 63 – Nível de Escolaridade

No que se refere à escolaridade, a maioria é de estudantes com a formação básica exigida, perfazendo um total de 27,6%. Há também um grupo considerável de alunos com outra graduação, 18,4%. Verifica-se estudantes formados em Direito, História e Geografia, Letras, Medicina, Belas Artes, Engenharia, Biblioteconomia, Arquitetura, entre outras. No entanto, a maioria dos estudantes não revelou sua formação, mas sobre este assunto, podemos afirmar que provavelmente possuem pelo menos a formação básica exigida, uma vez que era exigido para o ingresso no Curso, como já apresentado no Capítulo I desta dissertação.

Abaixo, os gráficos 64 e 65 referentes às redes de ensino por década e geral:

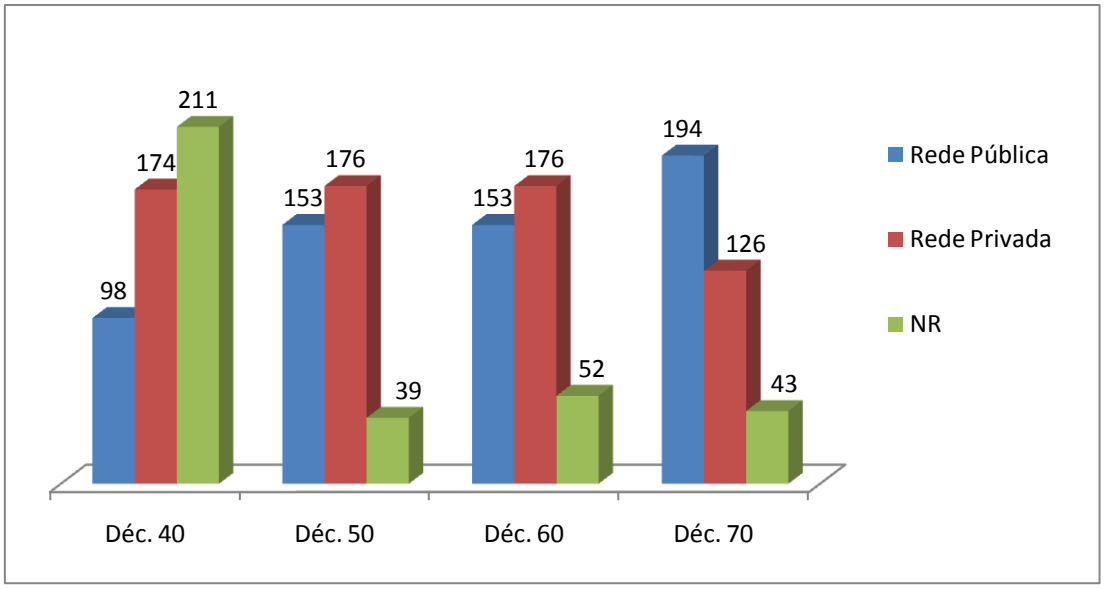

Gráfico 64 – Tipo de Rede de Ensino

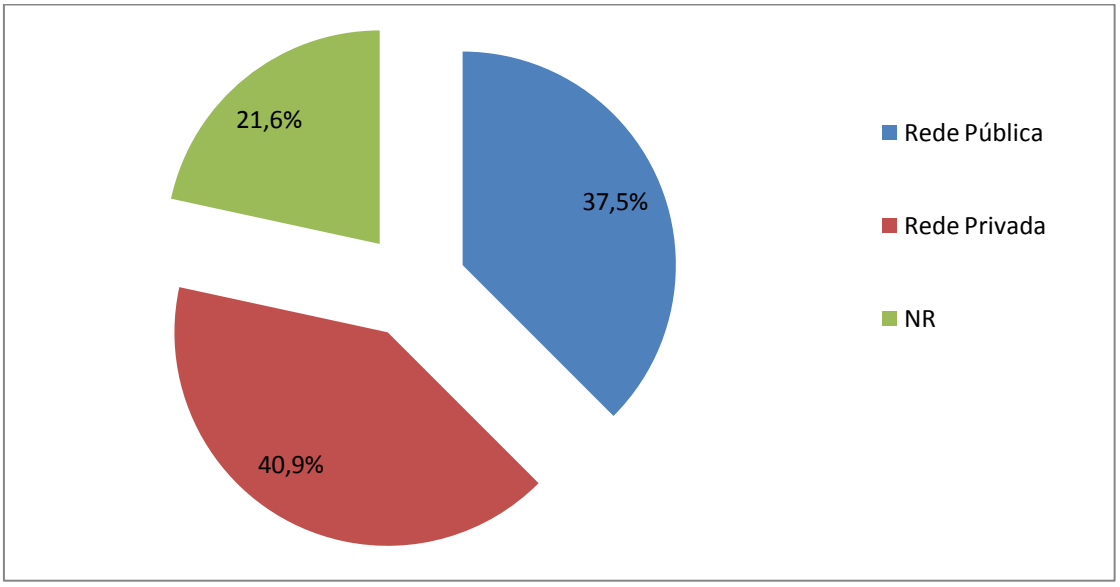

Gráfico 65 – Quadro Percentual da Rede de Ensino

Durante este período estudado, entre os que declaram o nome da instituição onde estudaram, a maioria é oriunda da rede privada de ensino, correspondendo a 40,9% (652). Da rede pública contamos com a presença de 598, ou seja, 37,5% e os que não revelaram, 345, a sua origem estudantil, 21,6%.

Assim, podemos concluir este capítulo afirmando que o perfil acadêmico do alunado do Curso de Museus é majoritariamente feminino, na faixa etária entre 18 e 30 anos de idade, ocupando a função de estudantes com formação

mínima exigida para o ingresso no curso do MHN e predominantemente oriundos da rede privada de ensino do estado fluminense.

CAPÍTULO III

PERFIL PROFISSIONAL

FRENTES DE ATUAÇÃO

Capítulo III. Perfil Profissional: Frentes de Atuação

Não existe nenhum estudo específico sobre o perfil profissional do egresso formado pelo Curso de Museus, sendo este o primeiro a analisar a atuação dos "conservadores" / museólogos no mercado de trabalho das décadas de 30, 40, 50, 60 e 70. Neste capítulo, traçaremos este perfil, tomando como base e referência o catálogo "Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional", trabalho de levantamento de informações curriculares e profissionais sobre os alunos e formandos do referido curso.

3.1 – Década de 1930

A década de 30 é marcada pela implantação das políticas preservacionistas de patrimônio através da Inspetoria de Monumentos Nacionais, em 1934, e, posteriormente, em 1937, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, atual IPHAN, bem como da criação de museus nacionais. No âmbito internacional, temos, no ano de 1931, a Carta de Atenas tratando das questões concernentes à proteção dos monumentos, em especial, ao patrimônio arquitetônico: "*A conferência recomenda que se mantenha uma utilização dos monumentos, que assegure a continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidades que respeitem o seu caráter histórico e artístico*". (CURY, 2004. p. 13)

A Inspetoria de Monumentos Nacionais foi criada por Gustavo Barroso como um departamento do Museu Histórico Nacional, com a finalidade de identificar, proteger e restaurar o patrimônio histórico e artístico nacional. Sua atuação concentrou-se na cidade histórica de Ouro Preto, onde foram restauradas pontes, chafarizes e igrejas. A Inspetoria teve pouca duração, pois foi substituída pelo SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, criado pelo Decreto-Lei n^{0} . 25, de 30 de novembro de 1937, com a finalidade de organizar a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Este decreto define no artigo primeiro o patrimônio brasileiro como:

> (...) o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, Decreto-Lei n^{0} . 25, de 30-11-1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional)

Assim como na Carta de Atenas e na Inspetoria de Monumentos Nacionais as ações de preservação do SPHAN são voltadas, essencialmente, para a proteção do patrimônio arquitetônico. No entanto, no artigo 24, do Capítulo V deste Decreto-Lei fala-se do MHN e do recém-criado, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, além de outras instituições congêneres como instâncias e agentes de conservação e exposição deste patrimônio.

> A União manterá, para a conservação e a exposição de obras históricas e artísticas de sua propriedade, além do Museu Histórico Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, tantos outros museus nacionais quantos se tornarem necessários, devendo outrossim providenciar no sentido de favorecer a instituição de museus estaduais e municipais, com finalidades similares. (BRASIL, Decreto-Lei n^{0} . 25, de 30-11-1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional)

Até a criação do MHN, em 1922, a maioria das instituições museológicas eram voltadas para a área científica, excetuando o Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, e os extintos Museus do Arsenal de Guerra e Naval. Segundo Myriam Sepúlveda dos Santos, os modernistas do SPHAN valorizaram a herança luso-católica do estado de Minas Gerais como a expressão artística genuinamente nacional, sendo tombados inúmeros prédios e igrejas barrocas, além dos sítios históricos (SANTOS, 2004, p. 57).

Nesta década foram criados o Museu Casa de Rui Barbosa, 1930; Museu da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência – RJ, 1933**;** Museu da Cidade do Rio de Janeiro, 1934; Museu Nacional de Belas Artes, 1937; o Museu das Missões, no Rio Grande do Sul, 1937; o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, 1938; o Museu do Ouro, em Sabará, 1939; Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro – RJ, 1939, além de inúmeros outros. [52]

Apesar de novo e em fase de estruturação e implantação, o campo de atuação para os “conservadores de museus” recém-formados pelo Curso de

---

[52] SÁ, Ivan Coelho de Sá. 75 Anos da Escola de Museologia – UNIRIO. 2007. Disponível em: http://www.unirio.br/museologia/nummus/75anos.htm. Acesso: 05 de maio de 2009.

Museus começa a ganhar forma, ainda que a maioria das ações fosse voltada para a preservação do patrimônio arquitetônico. A própria matriz curricular inicial do Curso, mesmo tendo como principal finalidade formar técnicos para atuar no MHN, já apontava para outras tipologias, ou seja, investia numa formação mais geral. Isto fica claro na própria configuração das disciplinas do currículo original, como defende Ivan de Sá, exemplificado no trecho destacado a seguir.

> A matriz curricular de 1932, mesmo tendo como objetivo central investir em técnicos para trabalhar com o acervo do Museu Histórico Nacional denuncia uma idéia mais geral de formação. A despeito da versatilidade do acervo do MHN, disciplinas como História da Arte e Arqueologia extrapolavam o caráter essencialmente histórico de suas coleções. Mesmo porque, museus específicos de acervos artísticos só passam a existir oficialmente a partir de 1937, com a criação do MNBA, ou seja, cinco anos após a instalação do Curso de Museus. (SÁ, 2007. p. 21)

A década de 30 é marcada pelo início das atividades letivas do Curso de Museus, bem como pela formação dos primeiros conservadores-museólogos brasileiros. Nesta década, como vimos no capítulo anterior, ainda é tímida a procura dos alunos por esta formação. Dos 167 inscritos no Curso de Museus nos anos 30, incluindo os ouvintes, somente 53 chegaram a se formar, perfazendo um total de 31,7%, conforme mostrado no Gráfico 66, a seguir.

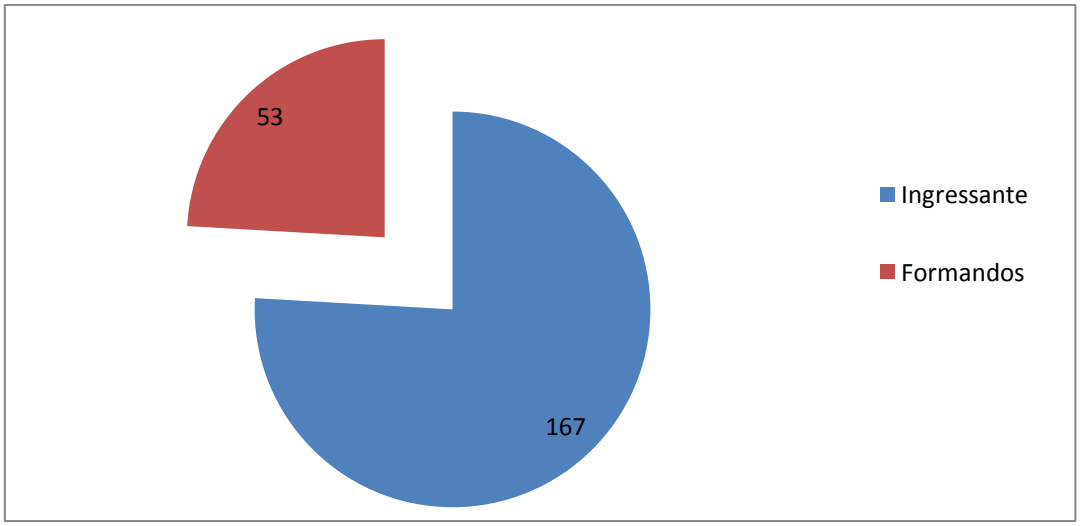

Gráfico 66 – Entrada e Saída de Alunos

Assim como a procura era tímida, menor ainda era o número de formandos. Nesta década, o maior número de alunos a se formar ocorreu no ano de 1939, quando 17 alunos, 3 do gênero masculino e 14 do feminino, concluíram o curso. Abaixo, os gráficos 67 e 68, referentes as formaturas por anos e por gênero.

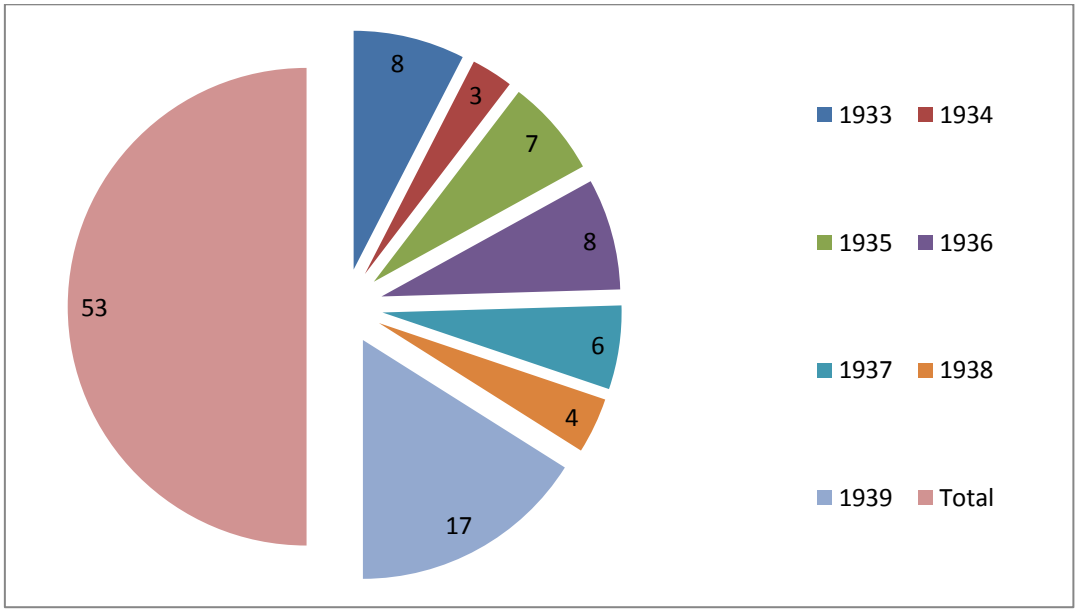

Gráfico 67 – Formaturas por anos

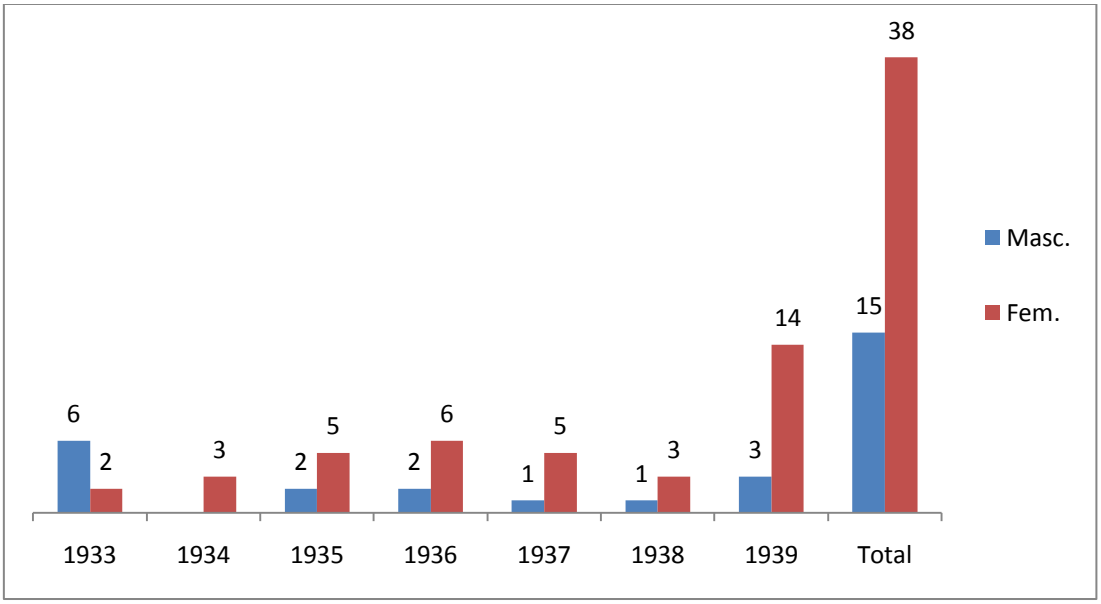

Gráfico 68 – Formaturas por Gênero

Num gráfico geral podemos ver que, apesar do primeiro ano os homens constituírem o maior grupo, este quadro não se manteve ao longo dos outros anos. 71,7% do total de alunos que se formaram são mulheres e somente 28,3% são homens, número que se mantém nas outras décadas.

Podemos ver nos gráficos acima, que no ano de 1933 e entre os anos de 1935 e 1937, houve uma constância na saída dos alunos com uma média de sete por turma. No que se refere à presença das mulheres nas formaturas constatamos que apenas em 1933 foram minoria e no ano de 1934 foram as únicas a receberem o diploma.

Nesta primeira década de formação em Museologia teremos atuando no campo dos museus, do ensino em Museologia e áreas afins vinte e oito profissionais. A partir de agora, apresentaremos um panorama da atuação dos profissionais por turma.

Da primeira turma, formada no ano de 1933, a maioria se manteve ligada à área de museus. **Adolpho Dumans**[53], funcionário do Museu Histórico Nacional desde o ano de 1927, quando tomou posse como servente, entrou para o quadro técnico através do primeiro concurso para a carreira de conservador de museus, promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP, nos idos de 1939-40. **Alfredo Solano de Barros**, funcionário desde o ano de 1932, especializou-se em numismática, chegando a ser Chefe desta Seção no MHN, além de ter participado de várias bancas de concursos e escrito inúmeros artigos sobre o tema. **Luiz Marques Poliano** ingressou no MHN nos idos de 1935, para substituir Pedro Calmon à frente da Secretaria do Curso de Museus. Especialista em Heráldica, foi classificado no já citado concurso do DASP com a tese “Heráldica”. Também produziu artigos e livros sobre heráldica, ordens honoríficas e numismática. **Paulo Olínto de Oliveira** foi um dos primeiros conservadores do Museu Imperial, onde trabalhou vários anos. **Guy José Paulo de Hollanda**, com ampla formação nas áreas de Letras, Direito, História e Biblioteconomia, destacou-se como educador e autor do livro pioneiro *Recursos educativos dos museus brasileiros* (1958). Sobre os formandos **Maria José Motta e Albuquerque**, **Maria Luíza**

[53] Escreveu o primeiro texto sobre o Curso de Museus: “A idéia de criação do Museu Histórico Nacional”, 1947.

Lage e **Raphael Martins Ferreira**, não obtivemos informações quanto à atuação profissional.

Das três alunas formadas no ano de 1934, somente a musicista **Catharina Santoro** atuou como conservadora, tendo trabalhado no MHN. **Celuta de Hannequim Gomes**, que também fizera o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional , atuou como bibliotecária nesta mesma instituição. Dos 7 alunos que se formaram no ano seguinte, 1935, apenas três atuaram em museus: **Fortunée Levy**, funcionária do MHN e do Museu da República, especializou-se em Numismática; **Luiz de Castro Faria**, atuou no Museu Nacional, dedicando-se à Antropologia; e **Margarida Barrafatto Zicari**, professora primária, atuou no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.

No que se refere aos formados do ano de 1936, podemos destacar a atuação de Anna Barrafatto e Nair de Moraes Carvalho. **Anna Barrafatto** atuou inicialmente no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro na coordenação dos Setores de Museus, Exposições, Comunicações e Expedientes, entre os anos de 40 e 48. A partir de 1946, inicia suas atividades no magistério do Curso de Museus, ministrando disciplinas referentes à História da Escultura e da Arte até o ano de 1974. Entre 74 e 77 coordenou o Curso de Museus até se aposentar, após 31 anos dedicados ao magistério. **Nair de Moraes Carvalho** ingressa, interinamente, no MHN, em 1937, no cargo de Conservadora de Museus. É nomeada para o quadro permanente do MHN, em 1940, após aprovação no já citado concurso para conservador de museu. Primeira Coordenadora do Curso de Museus, 1944-67; e Professora de Escultura, 1949-77, além de Chefe do Departamento de Arte. Junto ao Curso de Museus, atuou por 36 anos. Nair de Carvalho participou também nas reformulações museográficas do MHN, prestou assessoria técnica à organização de museus e escreveu inúmeros artigos nos Anais do MHN. Foi Vice-Diretora e Diretora substituta do MHN, a primeira egressa do Curso a assumir estas funções. Participou de trabalhos pioneiros no campo da Museologia como os primeiros levantamentos de museus, origem dos futuros livros guias das instituições museológicas brasileiras. Em 1937, elaborou a primeira tradução da Carta de Atenas e, em fevereiro de 1946, realizou a primeira viagem de estudos de um egresso do Curso, tendo pesquisado o potencial educativo dos museus norte-americanos

Da turma formada no ano de 1937, apenas 2 dos 6 não atuaram no campo dos museus. Bibliotecário da Academia Brasileira de Letras, **Oswaldo Mello Braga de Oliveira**, foi professor de História da Arte Brasileira no Curso de Museus, entre os anos de 1947 e 1954. **Regina Liberalli Laemmert** e **Regina Monteiro Real** ingressaram no quadro permanente através de aprovação no primeiro concurso público para conservador promovido pelos DASP (1939-40). A primeira atuou no MNBA até aposentar-se. A segunda, trabalhou no MNBA entre 1937 e 1954 e no Museu Casa de Rui Barbosa, 1955-69. Regina Real teve uma relevante atuação no campo da Museologia, seja através da luta pela regulamentação da profissão e criação da Associação Brasileira de Museologia (1963), seja através de uma vasta bibliografia sobre arte, educação e museus. **Yolanda Marcondes Portugal** foi aprovada neste mesmo concurso das museólogas citadas anteriormente. Especialista em Numismática, trabalhou como conservadora no MHN por quase três décadas. Através de concurso público, tornou-se professora de Numismática do Curso de Museus, após aposentadoria do Prof. Edgar Romero, tendo desempenhado a docência entre 1954 e 1973. Trabalhou com o acervo numismático do Museu do Banco do Brasil, inaugurado em 1955, e também no Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, onde organizou o acervo de arte sacra, entre 1939 e 1941.

Entre os alunos da Turma de 1938, três atuaram na área e somente uma (Stella Rodrigo Octávio Moutinho) migrou para a área de Letras. **Alfredo Teodoro Rusins**, com uma formação ampla – Filosofia, Biblioteconomia e Direito, foi o primeiro museólogo a atuar no IPHAN, 1943-1978, participando da criação, implantação, instalação, organização de inúmeros museus brasileiros: Casa de Victor Meirelles, Museu do Homem Americano, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, entre outros. **Elza Ramos Peixoto**, também aprovada no concurso, de 1940, atuou no MNBA por mais de trinta anos até aposentar-se. **Octávia Corrêa Oliveira**, nomeada conservadora do MHN através do primeiro concurso para a área. No Curso de Museus, ministrou a cadeira de Técnica de Museus em substituição ao Prof. Gustavo Barroso, além de ter exercido a chefia do Departamento de Técnica de Museus.

Dos 17 alunos formados no ano de 1939, apenas quatro dedicaram-se à área. Tanto Jenny Dreyfus quanto Lygia Martins Costa e Maria Torres de

Carvalho Barreto foram aprovadas no concurso de 1939-40. **Jenny Dreyfus**, especializou-se em Artes Decorativas, Heráldica, Genealogia e Sigilografia. Trabalhou no MHN e na implantação do Museu da República. No Curso de Museus, ministrou a disciplina de Sigilografia e Filatelia e substituiu o Prof. Mario Barata na cadeira de Artes Menores. Publicou inúmeros artigos e livros nas áreas em que se especializou e contribuiu na organização e implantação de museus. **Lygia Martins Costa** atuou como conservadora de museus, inicialmente no MNBA até o ano de 1952, quando transferiu-se para o IPHAN. Nesta instituição trabalhou até a década de 80, onde participou da organização e implantação de museus. Especializou-se em Arte Brasileira, em especial, Aleijadinho. **Maria Barreto** atuou no MNBA e **Nilza Maria Botelho Megale**, no MHN, até meados da década de 50, tendo participado da criação do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, MG.

Como podemos ver, na década de 30 os homens se apresentam inicialmente como principais interessados por esta formação e pela atuação, no entanto, no decorrer desta mesma década este perfil mudará. De acordo com Sá,

> Nos anos trinta, aparecem nomes que darão relevantes contribuições à Museologia, seja na formação ou na atuação profissional: Fortunée Levy, 1935; Anna Barrafatto e Nair de Moraes Carvalho, 1936; Regina Liberalli Laemmert, Regina Monteiro Real e Yolanda Portugal, 1937; Elza Ramos Peixoto e Octávia Corrêa de Oliveira, 1938; Jenny Dreyfus, Lygia Martins Costa e Maria Torres de Carvalho Barreto, 1939. (SÁ, 2007. p. 23)

Dos 53 alunos egressos do Curso de Museus, 30 não atuaram na área museológica, correspondendo a 56,60%. Dos 23 “conservadores” que atuaram em museus, 10 são provenientes do concurso público promovido pelo DASP entre 1939 e 1940.

3.2 – Década de 1940

Com a criação do SPHAN, em 1937, surge neste início de década a primeira legislação referente à questão da preservação patrimonial de acervos com valor artístico, arqueológico e histórico, cujas áreas são temas de estudo no Curso de Museus. No Decreto-Lei n^{0} . 2.848, de 7 de dezembro de 1940, os

artigos 165 e 166, do Capítulo IV, tratam dos danos e das penas em “objetos” de valor artístico, arqueológico ou histórico.

> (...) Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa tombada pela autoridade competente em virtude de valor artístico, arqueológico ou histórico:
> Pena – detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa.
> Alteração de local especialmente protegido
> Art.166. Alterar, sem licença da autoridade competente, o aspecto de local especialmente protegido por lei:
> Pena – detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano, ou multa. (IPHAN, 2006. p. 95-96)

Em relação às instituições museológicas desta década, podemos citar o Museu Imperial, de Petrópolis, criado em 1940 e inaugurado em 1943, sob a coordenação de Gustavo Barroso e com o apoio do então Presidente da República Getúlio Vargas. A novidade da década em termos de tipologia refere-se ao surgimento dos primeiros museus de arte moderna, refletindo a consolidação do modernismo verificado ao longo dos anos 30 e 40. Exemplos desta tendência são o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP (1947) e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM-Rio (1948). De acordo com Santos, “o Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter um conjunto de importantes museus e uma Bienal capazes de aglutinar um acervo significativo de obras de arte nacionais e estrangeiras, clássicas e contemporâneas” (SANTOS, 2004, p. 57). A criação destes museus voltados para as artes plásticas modernas e contemporâneas contou com o apoio da iniciativa privada e de mecenas de origem estrangeira que vieram se estabelecer no Brasil no período do pós-guerra. Nos outros estados, estes museus serão criados nas décadas de 50 e 60, abrindo, assim, uma nova possibilidade de atuação para os profissionais formados no MHN.

Outro importante acontecimento para a área dos museus, nesta década, se deu com a criação do Conselho Internacional de Museus – ICOM, em 1946, e contou com a participação de um representante brasileiro: o professor de Artes Menores do Curso de Museus e aluno egresso do mesmo, Mário Antônio Barata, formado pela Turma de 1940. A criação deste órgão ligado à UNESCO contou com a representação de 147 países. A partir de sua criação, o ICOM passa a ter como uma de suas finalidades a elaboração de diretrizes para

funcionamento de museus e a orientação das atividades dos profissionais de museus.

Com a deflagração da Segunda Grande Guerra e a conseqüente emancipação e entrada ativa das mulheres no mercado de trabalho, associadas à questão do Nacionalismo vigente no período varguista, a busca pelo Curso de Museus irá triplicar em relação à década anterior. Deste "movimento" nacionalista podemos destacar a criação de museus (Imperial, Missões, Inconfidência) com a finalidade de preservar o "patrimônio histórico" nacional, fato que repercute no aumento pela procura do Curso. No entanto, a conclusão do Curso não será proporcional à alta procura verificada ao longo da década, como podemos constatar no Gráfico 69.

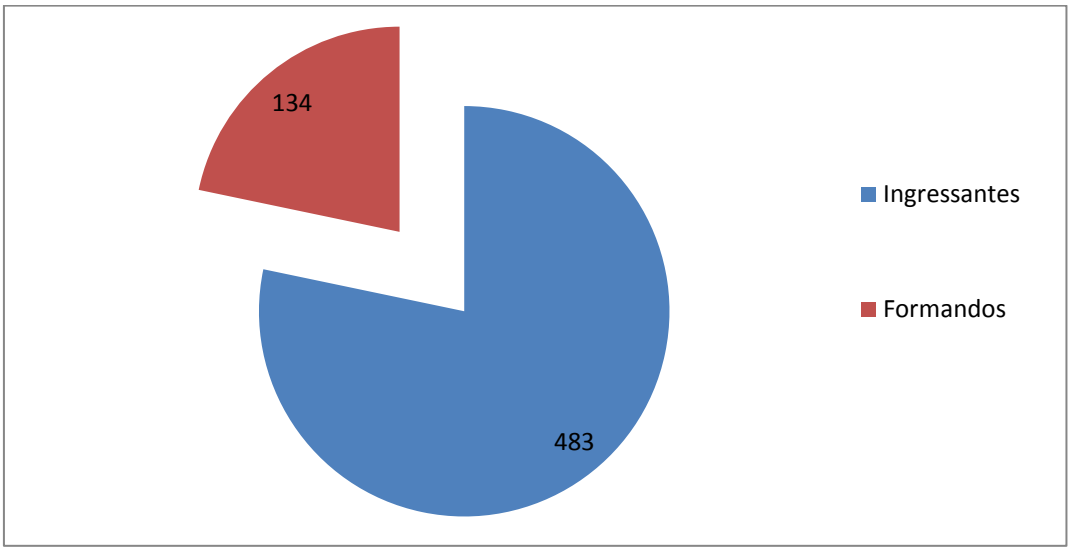

Gráfico 69 – Entrada e Saída de Alunos

Os alunos que se formaram nesta década correspondem a 27,8% do total dos inscritos. Majoritariamente, as mulheres representam a maior parcela, 82,84%, dos alunos formados pelo Curso de Museus e os homens 17, 2%. Somente em 1940 há um empate técnico entre os dois gêneros. Na primeira metade da década há um maior número de alunos que se formam pelo Curso, em especial as mulheres: 1941, 17; 1942, 23; 1943, 21; e 1944, 17. Nos anos de 1947 e 1949 nenhum homem se formou e no ano de 1948, somente 1 (Ver Gráficos 70 e 71). No que se refere à atuação profissional, trinta e seis conservadores-museólogos irão atuar na área ou em área afins.

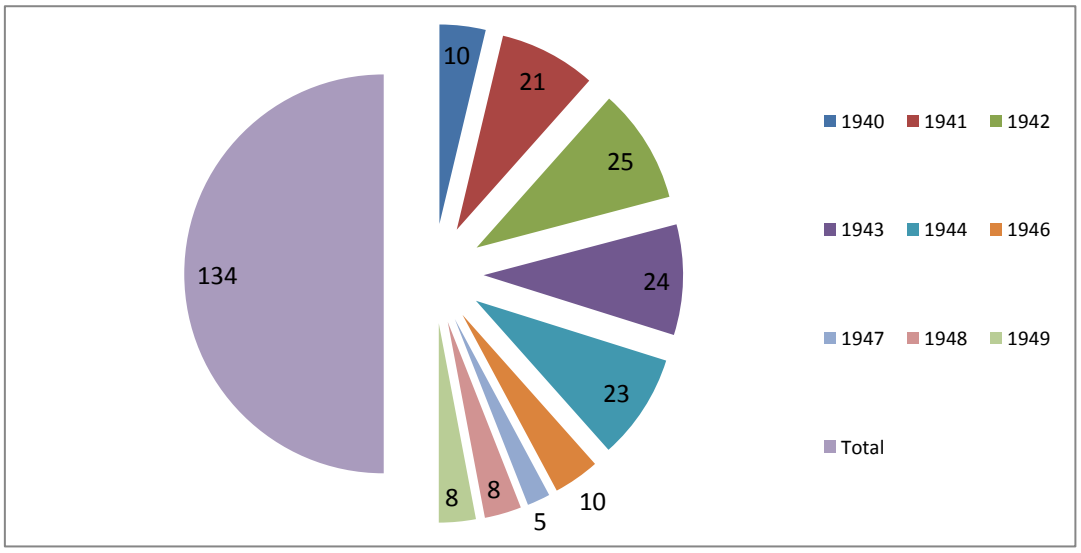

Gráfico 70 – Formatura por Ano

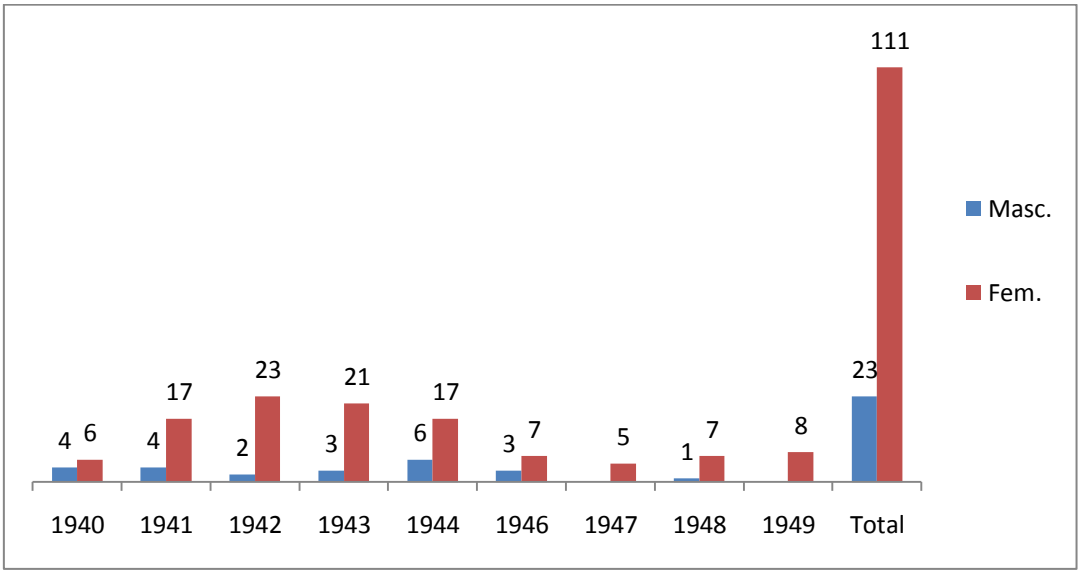

Gráfico 71 – Formatura por Gênero

Em meados da década de 40, mais exatamente em 1944, o Curso passa por uma grande reformulação curricular, certamente provocada pela crescente demanda e expansão – bastante significativa para a época –, do “mercado” de trabalho através da criação do SPHAN e de novos museus. O curso passa a ser estruturado em duas seções: Museus Históricos e Museus Artísticos. Novas disciplinas são criadas e alguns alunos formados na década anterior foram incorporados ao quadro docente do Curso de Museus em substituição aos

professores pioneiros, conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

No ano de 1940, formaram-se 10 alunos, sendo 6 mulheres e 4 homens, somente 4 dedicaram-se à museologia. **Alfredo Rei do Rego Barros** foi trabalhar no Museu Nacional em 1943, após ser aprovado no concurso para conservador de museus promovido pelo DASP, em 1942. Dedicou-se à Entomologia, publicando vários trabalhos nesta área. **José Francisco Félix de Mariz**, especialista em Arte Sacra, organizou e foi Diretor do Museu da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Entre 1945 e 1960, foi professor de Pintura e Gravura do Curso de Museus. **Marfa Barbosa Vianna** trabalhou no MNBA e no MHN. **Mario Antonio Barata** foi aprovado no concurso de 1942 para a carreira de conservador, tendo atuado no MHN, no MNBA e no IPHAN. Professor de Artes Menores no Curso de Museus e de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes, foi também crítico de Arte e tem uma vasta bibliografia publicada sobre História da Arte.

No ano de 1941, somente 2 alunos seguiram pelo campo museológico: **Dulce Cardozo Ludolf**, especialista em numismática, ingressou no MHN através do concurso para conservador de museus de 1942. Atuou no magistério de Numismática do Curso de Museus a partir de 1967, chegando à Coordenação e Direção do referido Curso. Numismata, publicou inúmeros livros e artigos sobre este tema. **Haydée Di Tommaso Bastos** foi a primeira conservadora do Museu Imperial, além de ter trabalhado na Casa de Rui Barbosa.

Assim como no ano anterior, neste ano de 1942 houve um relevante número de alunos se formando, no entanto, temos referências de poucos atuando na área. Desta turma destacamos apenas os nomes de Carmen Corrêa Quadros e Gilda Marina de Almeida Lopes. **Carmen Quadros** atuou no MHN, porém na área de Biblioteconomia. **Gilda Marina Lopes** atuou no MHN e no Museu da República. Também foi professora de História da Arte Brasileira no Curso de Museus.

Dos egressos do ano de 1943, **Angela Maria de Castro Lyra Porto** dedicou-se à Biblioteconomia. **Marília de Azevedo Sodré** trabalhou na Biblioteca Nacional, atuando na Seção de Obras Raras. Exerceu a função de Oficial de Chancelaria no Ministério das Relações Exteriores, por 24 anos.

Atuou também no Museu do Itamaraty. **Diógenes Vianna Guerra**, bacharel em Direito, dedicou-se especificamente ao magistério, tendo sido professor de Arqueologia e Etnografia. Foi Chefe do Departamento de Antropologia e Coordenador do Curso de Museus. **Maria Eneada Rodrigues Vieira** foi professora de Etnografia do Curso de Museus em substituição ao Prof. Angyone Costa, no entanto, abandonou os estudos de sincretismo religioso ao qual se dedicava. **Dulce da Silva Rebello** trabalhou na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios, dando origem, mais tarde, ao Museu do Índio. **Gerardo Britto Raposo da Câmara** foi conservador do Museu Imperial e Diretor do MHN de 1971 a 1985. Foi sócio-fundador da ABM e atuou também no ICOM-BR.

Da turma de 1944, apenas 4 atuaram em museus ou em áreas afins. **Geraldo Pitaguary** participou da criação e organização do Museu do Índio. Trabalhou no Museu Nacional no Setor de Etnografia e Etnologia, dedicando-se à conservação-restauração de objetos etnográficos. Nesta instituição criou o Setor de Museologia – SEMU, na década de 80. **Guajajara Jonhston** trabalhou no Museu da Cidade do Rio de Janeiro. **Haydée Nicolussi** dedicou-se ao jornalismo e às letras. **Orlandino Seitas Fernandes**, aprovado no concurso para conservador, de 1950, do Ministério da Educação, foi nomeado Diretor do Museu da Inconfidência. Conservador do IPHAN, atuou na criação e organização de museus e no processamento técnico de acervos de arte , consagrando-se como um dos maiores conhecedores da obra de Aleijadinho.

Como resultado da implementação da nova matriz curricular que ampliava a duração do Curso de 2 para 3 anos, no ano de 1945 não houve formatura. Em 1946 se formaram 10 alunos, dos quais, apenas 4 dedicaram-se à Museologia e ao Patrimônio. **Clóvis Bornay** trabalhou no Museu Sacro da Ordem Terceira da Penitência, mas foi no MHN que sua atuação museológica teve destaque. **Cacilda Fernandes**, funcionária do Conselho Nacional de Geografia, criou o Museu desta instituição inaugurado em 1953. **Marina Emery Jacobina** atuou durante décadas no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC. **Yolanda Americano** trabalhou no Museu da Cidade. Os outros formandos se dedicaram à Política, ao Teatro e à Psicologia.

Da Turma de 1947, Maria Augusta Machado da Silva e Pascolina Stilben tiveram uma relevante atuação no universo museológico. **Maria Augusta**

Machado trabalhou no Museu Histórico da Cidade, no INEPAC e no Museu Villa-Lobos. Pioneira e estudiosa da cultura negra, realizou pesquisas sobre arte popular e religiosidade. Assessorou galerias de arte e a implantação do Museu do Pontal, no RJ. É autora de diversos livros e artigos. **Pascoalina Stilben** trabalhou no Museu da Cidade e no Serviço de Museus do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido a museóloga que orientou o processamento técnico do Museu Carmen Miranda.

Em 1948, formam-se 8 conservadores de museus. **Gerardo Alves de Carvalho**, além de dedicar-se à Medicina, atuou também no Magistério em Museologia a partir de 1952, ministrando a disciplina de Etnografia até 1972. **Herundina Ferreira Baptista**, funcionária do Museu do Estado da Bahia, realizou um trabalho pioneiro na área museológica neste estado. **Marcelina Alves Brandão** e **Maria Barreto**, trabalharam no Museu do Ipiranga e **Maria Afonsina de Albuquerque Furtado**, especialista em Mobiliário, desenvolveu atividades museológicas no Museu da Casa Brasileira e no Museu Casa de Guilherme de Almeida, em São Paulo. **Maria Leontina Mendes de Almeida Franco,** dedicou-se às artes plásticas. No que se refere às outras duas alunas formadas nesta turma não obtivemos informações.

Da turma formada em 1949, apenas **Sigrid Porto de Barros** dedicou-se à Museologia, tendo exercido suas atividades profissionais no MHN e no Museu da República, além de ter sido Coordenadora do Curso de Museus entre 1967 e 1968. **Regina Prado Viviani**, dedicou-se à Tapeçaria, tendo exposto seus trabalhos junto com Aldemir Martins, Marcelo Grasmann, Flávio Shiró, Mario Cravo e Carybé. Nos Estados Unidos trabalhou com a promoção de palestras e exposições itinerantes de artistas brasileiros em universidades e galerias de artes.

Em relação às outras turmas desta década, os conservadores formados pela turma de 1948 tiveram uma presença maior, seja na atuação em museus, seja na formação museológica.

Sobre a formação em “Conservadores de Museus”, em 1947, Gustavo Barroso apresenta ao DASP um memorial sobre esta carreira deixando-nos a par de que, nesta época, eram utilizadas algumas definições para designar este profissional: técnico de museus, museologista e museólogo. Este memorial tinha como objetivo primordial a equivalência, nos vencimentos

básicos, dos conservadores de museus de artes e de história aos naturalistas, “conservadores” de museus científicos.

> (...)dos exames das citadas tabelas se verifica que, permanecendo nesse nível, sem a menor razão, tôda a Carreira de Conservador de Museu sofre a humilhação e a injustiça de ser considerada inferior à de Naturalista. No entanto, as funções e objetivos são idênticos: se o último conserva e pesquisa o material etnográfico, zoológico, botânico ou geológico, o primeiro conserva e pesquisa o material histórico, artístico, numismático ou paleográfico. Em que poderá ser o estudo e o trabalho de um superior ao trabalho do outro? (Anais do MHN, 1947. p.230)

Ao longo de seu texto, Barroso enfatiza a importância de se utilizar a denominação “Conservador de Museu”, por ser um termo de referência para a área museológica em alguns países e museus do mundo: França, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal. Ressalta também a atuação dos professores Pedro Calmon, Edgar Romero e Angyone Costa como signatários da área no Brasil, além de se assumir como o primeiro “Conservador” brasileiro e da formação desta área no MHN.

3.3 – Década de 1950

Para o Curso de Museus, a década de 50 é marcada pela aposentadoria dos mestres pioneiros, pela obtenção do “Mandato Universitário” e pela entrada de novos “discípulos” no magistério em Museologia: Gerardo Alves, Yolanda Portugal e Octávia Corrêa, já apresentados no primeiro capítulo.

Neste período em que países europeus ainda avaliavam os estragos provocados ao patrimônio pela Guerra, foi assinada, na Conferência Internacional de Haia, em 1954, a Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de conflito armado. Podemos destacar também a Conferência Geral da Unesco, em Nova Delhi, em 1956, quando foi elaborado o documento de recomendação que define os princípios internacionais a serem aplicados em matéria de pesquisas arqueológicas. Vale destacar que o Curso de Museus do MHN foi a primeiro curso a tratar “academicamente” a questão da Arqueologia e da Etnografia no Brasil, quando do início de suas atividades em 1932.

Este último documento tem como finalidade nortear as descobertas e pesquisas arqueológicas, a proteção e conservação dos sítios e obras do passado, a documentação das pesquisas e das coleções, a educação do público, a criação de museus e o comércio de antiguidades, além das diretrizes de direitos e deveres do Estado e dos pesquisadores envolvidos. No que se refere ao contexto dos museus, da formação das coleções e da necessidade de profissionais para atuarem neste campo, que ainda se encontrava em fase incipiente, no Brasil, podemos destacar o seguinte trecho da Recomendação:

> Sendo a arqueologia uma ciência comparativa, dever-se-ia levar em conta, na criação e organização dos museus e das coleções procedentes de pesquisas, a necessidade de facilitar, o mais possível, o trabalho de comparação. Para isso, coleções centrais e regionais, ou mesmo excepcionalmente, locais, representativas dos sítios arqueológicos particularmente importantes, poderiam ser constituídas, o que seria melhor do que pequenas coleções dispersas e com acesso restrito. Esses estabelecimentos deveriam dispor, permanentemente, de uma organização administrativa e de um corpo técnico suficientes para que fique assegurada a boa conservação dos objetos.
> 11. Deveria ser criado, junto aos sítios arqueológicos importantes, um pequeno estabelecimento de caráter educativo – eventualmente um museu – que permita aos visitantes compreender melhor o interesse dos vestígios que lhe são mostrados. (IPHAN, 2006, p. 207-208)

Para o campo museológico, esta década é marcada pelo desenvolvimento e ênfase nas atividades educativas realizadas nos museus, iniciadas no final da década de 40 após a criação do ICOM. Esta tendência repercutiu no Brasil com a organização do primeiro Seminário Internacional de Museus Regionais da UNESCO, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM-Rio, em 1958, cuja programação concentrava-se especificamente na função educativa dos museus. Segundo Marília Xavier Cury, "*Este Seminário destacou o caráter educacional dos museus e o papel das exposições como vínculo entre o museu e a sociedade*". (CURY, 2005. p. 62)

Neste mesmo ano, o conservador Guy José Paulo de Hollanda (turma de 1932), lança um livro pioneiro intitulado: "Recursos Educativos nos Museus Brasileiros", no entanto, apesar deste título, o texto refere-se mais exatamente a um guia geral dos museus do Brasil, destacando aspectos colecionísticos, museográficos e funcionais. Regina Real (Turma de 1937), escreveu em 1944 um artigo para a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, "Os museus de arte na educação", e, em 1951, o artigo "Os museus e a educação". Em 1947,

Nair de Carvalho (Turma de 1936) escreveu “Papel educativo do Museu Histórico Nacional”, enfatizando esta educação “não-formal” no MHN. Em 1958, por ocasião do Seminário no MAM, Florisvaldo dos Santos Trigueiros (turma de 1951) publica o livro “Museu e Educação”.

A procura pela formação em Museologia diminui em relação à década anterior, tanto no que se refere à entrada, como à saída de alunos. Nesta década de 50, apenas 27,2% se formam, equivalendo a praticamente um pouco mais que 1⁄4 dos alunos matriculados no curso. (ver Gráfico 72)

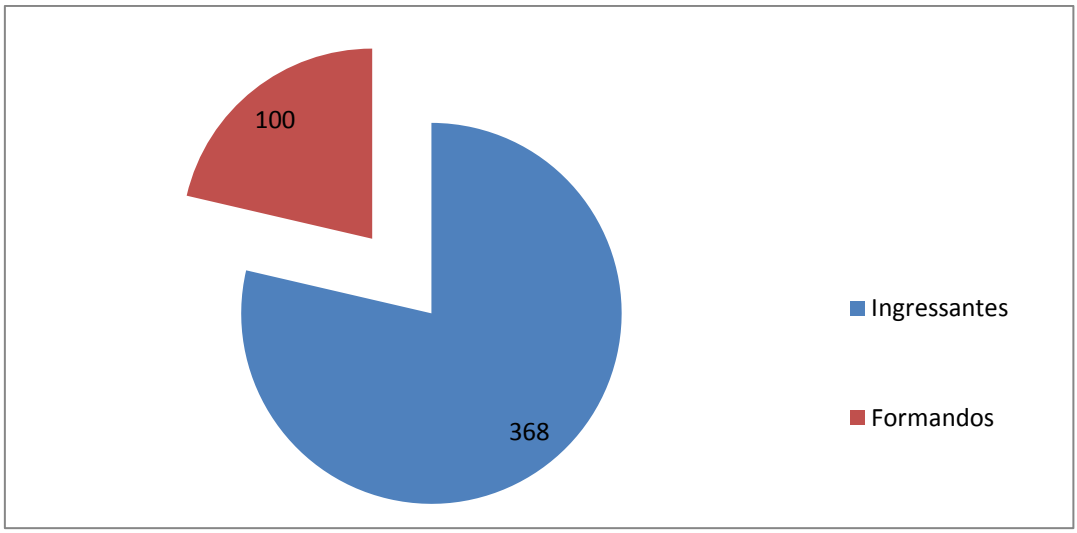

Gráfico 72 – Entrada e Saída de Alunos

De acordo com os Gráficos 73 e 74, podemos ver o baixo números de alunos formados nesta década: 100. Podemos notar que há uma constância no número de alunos que se formaram, apresentando uma oscilação somente na turma de 1954, com 16, e na de 1957, com apenas 3. As mulheres continuavam a representar a maioria, 66% do total. Os homens estiveram presentes em quase todas as formaturas, com exceção de 1957 (turma diminuta constituida por apenas 3 mulheres), chegando a ser maioria no ano de 1954, com 9 formandos.

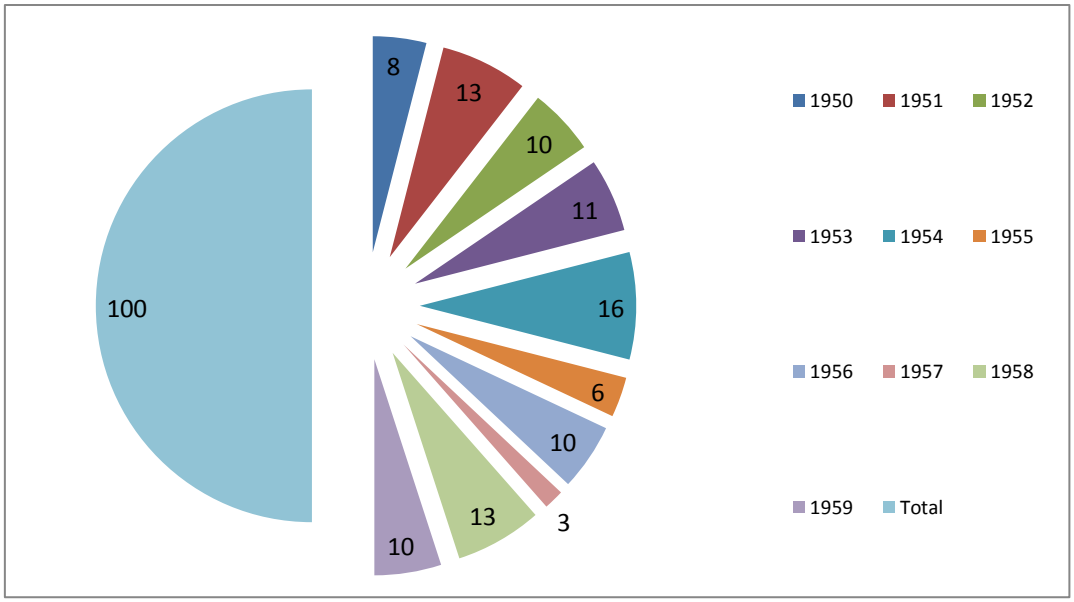

Gráfico 73 – Formatura por ano

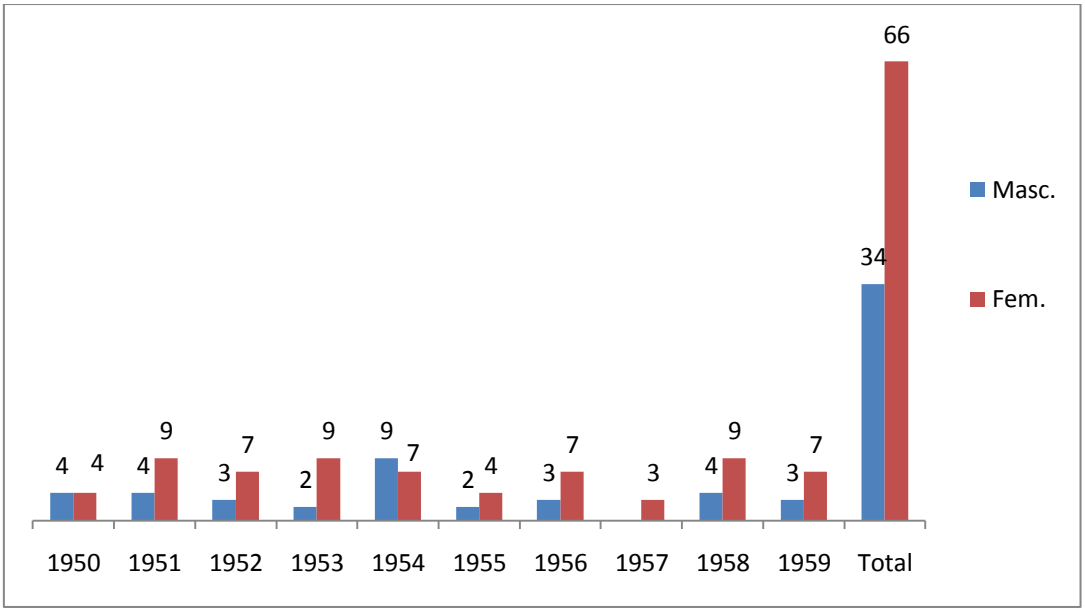

Gráfico 74 – Formatura por Gênero

No que se refere aos alunos formados no ano de 1950, não temos nenhuma informação se atuaram na área museológica ou afins. Apenas **Arlette Corrêa Neto**, trabalhou efetivamente no Museu Mariano Procópio[54], do qual era secretária quando matriculara-se no Curso de Museus, na condição de bolsista pelo estado de Minas Gerais.

[54] O Museu Mariano Procópio foi inaugurado e aberto oficialmente ao público em 1922, em comemoração ao Centenário de Independência do Brasil. Em 1936, Alfredo Ferreira Lage, colecionador e primeiro diretor do Museu doou o prédio e toda a coleção à Prefeitura de Juiz de Fora.

Da turma que se formou em 1951, a história se repete! Formaram-se 13 alunos: 4 homens e 9 mulheres. Desta turma, somente **Edna Abramant Pinkusfeld**, trabalhou no INEPAC e no Arquivo Geral da Cidade e **Florisvaldo dos Santos Trigueiros**, já citado anteriormente, especializou-se em acervos numismáticos e de valores, tendo trabalhado na organização e implantação do Museu do Banco do Brasil e do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, além de inúmeros artigos e livros publicados na área de numismática.

Da turma de 1952, somente 10% dedicou-se à área. **Antonio Pimentel Winz** dedicou-se à Museologia e à pesquisa na área. Inicialmente, foi naturalista da Seção de Extensão Cultural, Egiptologia e Arqueologia do Museu Nacional. No MHN, trabalhou na Seção de Sigilografia, Condecorações e Filatelia. Foi professor conferencista do Curso de Museus, onde criou a disciplina “Metodologia da Pesquisa”, primeira do gênero na grade curricular. Publicou também uma obra de referência sobre o prédio do MHN “A Casa do Trem”, em 1962.

Dos 11 egressos do ano de 1953, somente três (27%) alunas dedicaram-se à Museologia: Aletta Maria Botelho Trompowisky Livramento, Ecyla Castanheira Brandão e Maria Laura Ribeiro. **Aletta Trompowisky** organizou e dirigiu o Museu de Odontologia da UFRJ. **Ecyla Brandão** trabalhou no MHN, MNBA e Museu da República, sendo que nos dois primeiros exerceu a função de diretora. Também, foi professora de Pintura e Gravura no Curso de Museus, durante 9 anos e da EBA, de 1959 a 1985. **Maria Laura Ribeiro** formou-se em Biblioteconomia e trabalhou na Biblioteca e em outras Seções do MHN, onde desenvolveu atividades na área de Museologia.

Dos museólogos formados nos anos de 1954 e 1955, nenhum, de acordo com a obra que tomamos como referência para esta parte do estudo, exerceu a profissão. Da turma de 1954, Arion Sayão Romita, Lucy Altiva Seraine, Paulo Condorcet e Raymundo Martins da Costa dedicaram-se à Advocacia e ao magistério nesta área. Da turma seguinte, Alcyone Ramos Buxbaum, dedicou-se à área de música, tornando-se professora de piano.

Dos formados no ano de 1956, Alda Cândido Torres, Fernanda Camargo-Moro, Lourdes Maria do Rêgo Novaes, Lúcia Bittencourt e Selma Sfeir atuaram na área de museus e museologia. Dedicaram-se à Biblioteconomia, **Jorge Santos** e **Maria Lúcia de Castro Lima**. **José**

Francisco Calazans Falcon dedicou-se ao magistério e à pesquisa na área de História. **Alda Torres** dedicou-se à Medicina, no entanto, participou ativamente na AMICOM e do Comitê Brasileiro do ICOM. **Fernanda Moro,** dedicou-se à Arqueologia, à criação e organização de museus e conselhos diretivos do ICOM. **Lourdes Novaes** especializou-se em museus históricos e artísticos, documentação e pesquisa museológica, além de trabalhar em projetos de criação e organização de museus. **Lúcia Bittencourt** especializou-se em arte sacra, sobretudo imaginária baiana, tendo trabalhado na Fundação de Museus do Rio de Janeiro. **Selma Sfeir** trabalhou no Museu Paranaense, dedicando-se, posteriormente, ao ensino de Geografia e História.

Em 1957, como apresentado no gráfico, somente 3 alunas se formaram. **Clara Pastora Leite** trabalhou no Tribunal de Contas da União, participando, a partir da década de 70, da criação do Museu desta instituição. **Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha** especializou-se em História da Arte e da Gravura. Dedicou-se à Biblioteconomia, trabalhando na Seção de Obras Raras e de Iconografia da Biblioteca Nacional, onde atuou por mais de 50 anos. Tem uma vasta bibliografia publicada nestas áreas.

Dos alunos formados em 1958, somente três dedicaram-se ao universo museológico direta ou indiretamente: **Paulo Berger** trabalhou na aquisição, identificação e organização da Coleção Geyer; também dirigiu o Museu de Armas de Petrópolis. **Sérgio Ferreira da Cunha**, colecionador, criou e dirigiu o Museu de Armas. **Therezinha Maria Lamego de Moraes Sarmento** trabalhou no MHN e no Museu da República. Especialista em mobiliário, cerâmica, vidros e porcelanas, ministrou estas disciplinas no Curso de Museologia, além de ter sido a primeira Diretora da Escola de Museologia, criada em 1989. Atuou no processo de regulamentação da profissão como Presidente da ABM, entre 1979 e 1982. Em outras áreas, podemos destacar a presença de **Maria Luiza Falabella Fabrício**, no ensino de História da Arte, e **Maria do Carmo Wollny** nos estudos e ensino da língua e literatura alemã.

Da turma de 1959, apenas dois alunos enveredam pela Museologia: **Maria José Lopes Daudt**, funcionária do Museu Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, e **Sidney Simons Braga**, que trabalhou no MHN, no MNBA e na Fundação Nacional Pró Memória - FNpM. **Maria Thetis Nunes** dedicou-se

ao ensino e pesquisa na área de história, além de destacar-se pelo grande número de livros e artigos publicados, em especial sobre a história de Sergipe.

Nesta década além da baixa no número de alunos que concluíram o Curso de Museus (100), um pequeno grupo de 18% dedicou-se à Museologia e 10% migraram para áreas afins. Iniciado na década anterior, devido ao período da Guerra e do Pós-Guerra, o processo de emancipação feminina ocasiona a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, assim como a criação de novos cursos que atendessem este mercado.

3.4 – Década de 1960

A década de 50 encerra-se com o falecimento Gustavo Barroso. No início dos anos 60, inicia-se uma nova fase no MHN e no Curso de Museus. O escritor Josué Montello assume a direção do MHN, de 1960 a 1967, dando continuidade aos trabalhos e ao pensamento barrosiano. No período da década, 1967-1970, o Capitão de Fragata, Léo Fonseca e Silva, 1967-70, irá apresentar mudanças no modelo praticado no MHN ao longo de seus 45 anos de existência, renovando e remodelando o conceito museográfico e administrativo do MHN, bem como o ensino do Curso de Museus. Fonseca e Silva foi o primeiro museólogo de formação a assumir, em caráter efetivo, a direção do MHN.

No âmbito internacional, ao longo desta década, foram realizados inúmeros encontros internacionais visando a proteção do patrimônio cultural – monumentos e sítios de interesse histórico e artístico, bem como paisagens naturais –, tendo sido realizadas a Conferência Geral da UNESCO, em Paris, 1962, e a reunião da Organização dos Estados Americanos – OEA, em Quito, 1964.

Em 1964, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios – ICOMOS –, reuniu-se em Veneza para discutir sobre a conservação e a restauração de monumentos e sítios, culminando com a elaboração da Carta de Veneza. Nas definições desta carta, são apresentadas as noções de monumento histórico e de como a conservação-restauração contribue para o prolongamento da vida últil do bem, como destacamos no trecho a seguir.

> Art.1^{0}. A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.
> Art.2^{0}. A conservação e a restauração dos monumentos constituem uma disciplina que reclama a colaboração de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e a salvaguarda do patrimônio monumental. (CURY, 2004. p. 92)

Outro importante encontro internacional, refere-se à Conferência Geral da UNESCO realizada em Paris, no mesmo ano de 1964, tratando de medidas destinadas a proibir e impedir a exportação, a importação e a transferência de propriedades ilícitas de bens culturais. Apesar dos encontros apresentados anteriormente tratarem da preservação do patrimônio cultural, este é o que possui a temática mais próxima da atuação profissional dos museólogos e dos museus. No que se refere às coleções públicas e aos museus há dois itens nos princípios gerais que abordam este tema e merecem ser destacados.

> 8. Os museus e, em geral, todos os serviços e instituições relacionados à conservação de bens culturais, deveriam abster-se de adquirir qualquer bem cultural procedente de exportação, importação ou transferência de propriedades ilícitas.
> 9. Para estimular e facilitar os intercâmbio legítimos de bens culturais, os Estados-membros deveriam empreender os esforços necessários para pôr à disposição das coleções públicas dos demais Estados-membros, através de cessão ou intercâmbio, objetos do mesmo tipo daqueles cuja exportação ou transferência de propriedade não possam ser autorizados, ou, por meio de empréstimo ou depósito, alguns desses mesmos objetos. (CURY, 2004. p. 99)

Na Recomendação de Paris, de 1968, versando sobre a conservação dos bens culturais ameaçados pela execução de obras públicas ou privadas, o museu, através de sua principal forma comunicacional, enquadra-se dentro dos programas educativos como forma de preservação destes bens, como vemos no trecho a seguir.

> Museus, instituições educacionais ou outras organizações interessadas deveriam preparar exposições especiais para ilustrar os perigos que as obras públicas ou privadas não controladas representam para os bens culturais e as medidas que tenham sido adotadas para garantir a preservação ou o salvamento dos bens culturais ameaçados por essas obras. (CURY, 2004. p.136)

No cenário brasileiro, podemos destacar a Lei n^0. 3.924, de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, bem como sobre a pesquisa, as escavações, os direitos e deveres, e a posse dos bens encontrados no solo. Outra importante lei, n^0. 4.845, sancionada em 1965, refere-se à proibição da saída de obras de arte para o exterior, produzidas até o fim do período monárquico. Com o objetivo de congregar museólogos e profissionais de museus, foi criada, em 1963, sob liderança de Regina Real, turma de 1936, a Associação Brasileira de Museologistas, organismo precursor da regulamentação da profissão.

Nesta década de 60, a procura pela formação em Museologia mantém-se similar à década anterior, apenas há uma saída maior de alunos formados pelo Curso de Museus do MHN. Conforme o Gráfico 75, dos 381 alunos matriculados, 137 concluem, equivalendo a 36% do total.

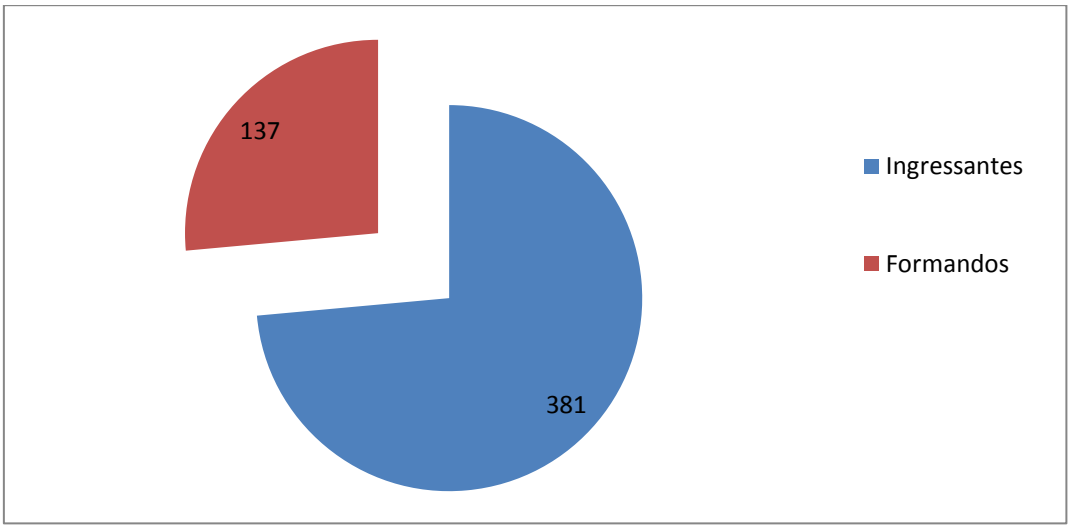

Gráfico 75 – Entrada e Saída de Alunos

No que se refere à saída dos profissionais por ano, podemos ver que há uma oscilação no quantitativo de 1965, 1966 e 1969. Nesta década, as mulheres continuam a constituir a maioria dos egressos do Curso, perfazendo um total de 79,6%. No entanto, os homens estiveram presentes em todas as formaturas e somente no ano de 1962 equivaleram ao número de mulheres: 6. (Ver Gráficos 76 e 77)

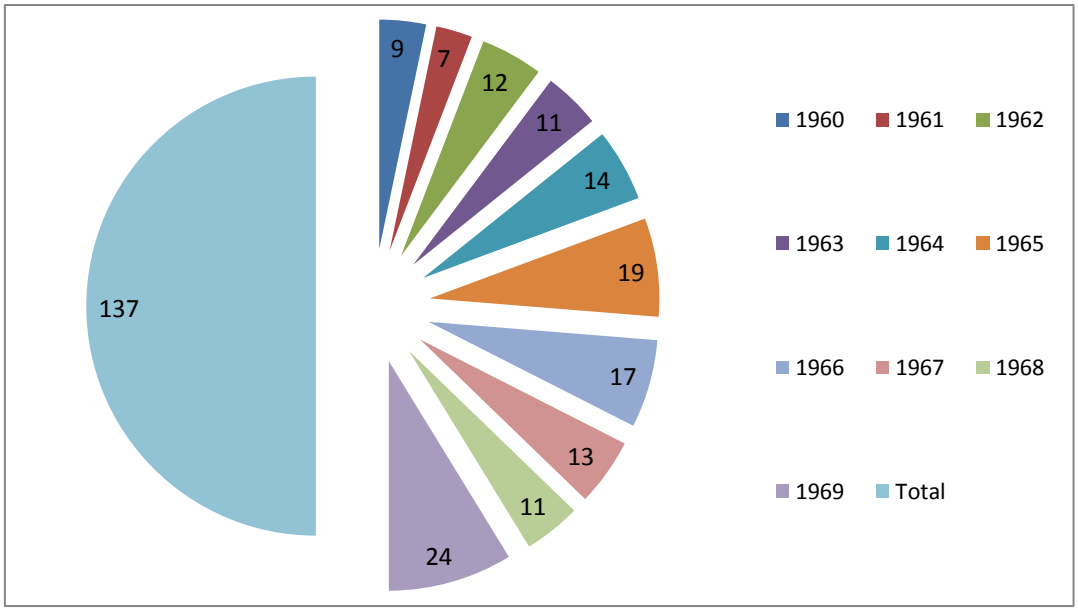

Gráfico 76 – Formatura por ano

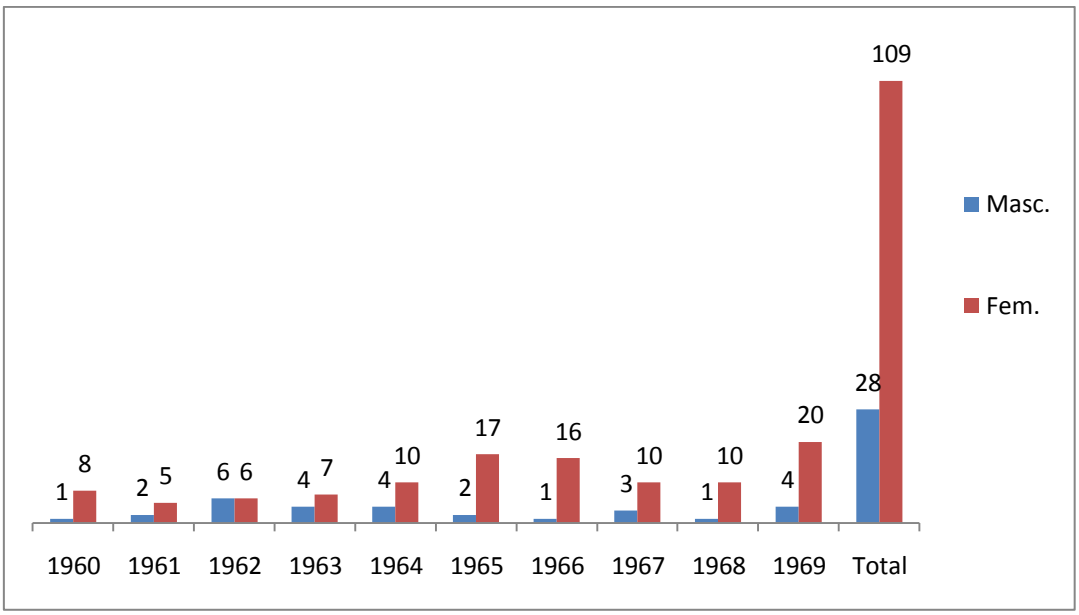

Gráfico 77 – Formatura por Gênero

Em 1966, depois de 24 anos de vigência da Matriz Curricular de 1944, ocorre uma nova reforma do Curso de Museus. Ao ingressar no último ano do Curso, o terceiro, o aluno deveria optar em cursar uma categoria específica entre as habilitações de Museus Históricos ou Artísticos. No entanto, após a conclusão em uma da habilitações, o aluno poderia retornar ao Curso de Museus e cursar a outra. A primeira turma a se formar sob esta nova matriz é a de 1968, com 11 alunos, dos quais duas: **Anamaria Rego de Almeida** e **Cecília Maria Ferrari Moreira**, após formarem-se na Seção de Museus Artísticos, retornaram em 1969 e formaram-se na Seção de Museus Históricos.

Este fenômeno será muito recorrente na década de 70, elevando, assim, o número de alunos formados pelo curso. Nesta década, formaram-se somente 35 alunos sob esta matriz, sendo que 25 na Seção de Museus Artísticos e 10 na de Museus Históricos. (Gráfico 89)

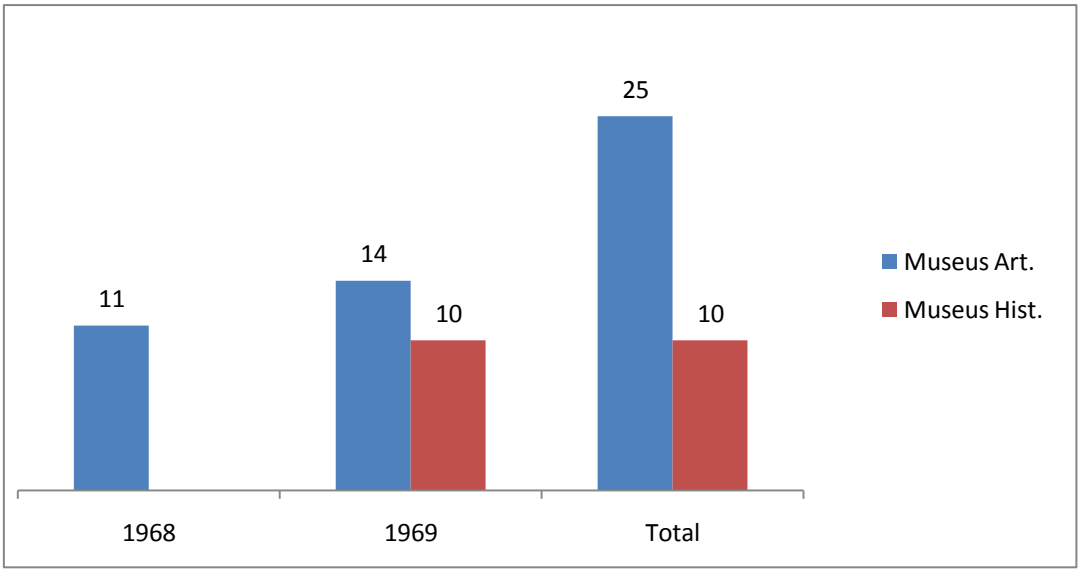

Gráfico 78 – Formatura por Habilitação

No ano de 1960, formaram-se 9 alunos: 8 mulheres e um único homem. Deste grupo, 5 atuaram na Museologia. **Arnaldo Machado** atuou no Museu do Banco do Brasil e no Museu da Casa da Moeda, tendo atuado no processo de regulamentação da profissão e na criação dos conselhos regionais de Museologia. **Auta Rojas Barreto** e **Julieta Pinto Sá Brito** atuaram no MHN e na organização e reorganização do Museu da Academia Brasileira de Medicina, além de terem se engajado também na luta pela regulamentação da profissão. **Célia de Almeida Seabra** atuou como professora conferencista no Curso de Museus e **Heloisa Nansi Bandeira** trabalhou no MHN.

Da turma formada no ano de 1961, somente um museólogo, Humberto de Oliveira Fialho, não se dedicou à profissão. **Dora Vidal de Andrade** trabalhou no MAM-Rio e **Manuel Cruz** dedicou-se à etnografia, especializando-se em índios Bororó. **Maria Gabriella Pantigoso** especializou-se em Antropologia Social, dedicando-se ao magistério nesta área no Curso de Museus / Curso de Museologia por mais de 37 anos. **Maria Mercedes Rosa** projetou, implantou e dirige, até os dias de hoje, o Museu Costa Pinto da Bahia. Teve uma relevante atuação no cenário museológico baiano, tendo trabalhado

e organizado outros museus. **Olga Gudolle Cacciatore** trabalhou nos museus da FUNARJ, dedicando-se posteriormente à música. **Solange de Sampaio Godoy** trabalhou no MHN, chegando a ser diretora desta instituição. Atuou também na criação e organização de inúmeros museus, além de dedicar-se ao magistério de História e Museologia no Curso de Museus / Curso de Museologia.

Entre os museólogos formados em 1962, atuaram no campo museológico, Beatriz Pellizzetti, Joir Meira, Léo Fonseca e Silva, Marília Duarte Nunes e Sérgio Ferreti. **Beatriz Pellizzetti** dedicou-se à restauração e ao magistério de História na Universidade Federal do Paraná. **Joir Meira de Vasconcellos Câmara Leal** trabalhou no Museu do Banco do Brasil. **Léo Fonseca e Silva**, militar, dedicou-se ao ensino de História Naval. Na área museológica, organizou o Museu da Escola Naval e foi Diretor do MHN. Elaborou o primeiro anteprojeto de Regulamentação da Profissão de Museólogo. Tentou transformar o Curso de Museus em Faculdade Superior de Museologia, projeto que não foi aceito pelo MEC. **Marília Duarte Nunes** dedicou-se à Antropologia. Trabalhou no Museu Paranaense, na FUNAI e no Museu do Índio, além de ministrar inúmeros cursos nas áreas de Museologia e Antropologia. **Sérgio Figueiredo Ferreti** dedicou-se também à Antropologia, tornando-se professor da Universidade Federal do Maranhão. Neste estado, atuou como museólogo e pesquisador da Fundação Cultural do Maranhão. Dentre os que não atuaram como museólogos destacou-se Ronaldo Ribeiro, que dedicou-se ao visagismo cinematográfico, trabalhando em diversos filmes brasileiros e franceses.

Em 1963, formaram-se 11 museólogos. Destes, **Almir Paredes Cunha** e **Sophia Jobim Magno de Carvalho** dedicaram-se ao ensino de História da Arte e de Indumentária, respectivamente, na Escola de Belas Artes da UFRJ. Almir Paredes idealizou e criou o Museu D. João VI da EBA/UFRJ e foi pioneiro da conservação-restauração de materiais têxteis no Brasil. **Sophia Jobim** fundou o Museu de Indumentária e Antiguidade, cujo acervo foi transferido, após seu falecimento, para o MHN. **Maria Eliza Carrazoni** trabalhou no Museu da República, MHN e MNBA. Durante sua gestão frente ao MNBA, realizou um trabalho pioneiro na área de educação, o Projeto “O Museu vai à Escola”. Teve uma importante participação na criação, organização e implantação de museus

ferroviários no Brasil. Sobre **Luiz Alcides Guedes**, funcionário do Palácio do Catete, não obtivemos informação sobre sua atuação nesta instituição. No magistério em História, no Curso de Museus, podemos destacar **Arthur Tavares Machado**, que se tornou assistente do Prof. Umberto Peregrino.

Dos profissionais formados em 1964, 35,7% atuaram na área: Dirceu Pinho França, Lélia Coelho Frota, Luiz Carlos de Abreu Pereira, Roberto Moreira da Costa Lima Filho e Sérgio Guimarães de Lima. **Dirceu França** dedicou-se à função de documentarista e, posteriormente, à restauração no MHN. **Lélia Coelho Frota** destacou-se por sua atuação no campo da antropologia, dedicando-se ao estudo de folclore e cultura popular. Exerceu diversas funções de direção frente ao IPHAN. **Luiz Carlos Pereira**, Medalha Gustavo Barroso nesta turma, tornou-se antiquário. **Roberto Moreira Filho**, funcionário do Ministério da Marinha, organizou o museu desta instituição. **Sérgio Lima** dedicou-se ao magistério de História da Arte. Na área museológica atuou como conservador-restaurador em diversas instituições: MHN, MNBA, Palácio do Itamaraty e na Faculdade Nacional de Arquitetura da UFRJ. Publicou o livro “Curso de Conservação de Pintura”, pioneiro na área.

O ano de 1965 representa a segunda turma desta década com o maior número de museólogos formados, 19, no entanto, somente 4 atuaram na área. **Aldeli Maria Lobo Vianna Memória** dedicou-se à restauração de bens culturais. No início de sua carreira, atuou como professora de História da Arte no Curso de Museus. **Maria de Lourdes Parreiras Horta** foi a primeira profissional de museus a cursar o Doutorado em Museologia. Iniciou sua vida profissional no MNBA, através de concurso público, transferindo-se para o Museu Imperial. Neste museu foi Chefe da Divisão de Museologia e Coordenadora Geral de Acervos Museológicos, assumindo a direção de 1991 a 2008. Introduziu no Brasil, no início da década de 80, o conceito de Educação Patrimonial. **Neyde Gomes de Oliveira** ingressou no IPHAN através do concurso realizado em 1967. Trabalhou nos Museus Castro Maya, além de ter dado suporte museológico a outros museus. **Vera Lúcia Tostes** ingressou na carreira de conservador de museus do MEC, através do mesmo concurso prestado pelas duas museólogas anteriores. Trabalhou no Museu Casa de Ruy Barbosa, na FNpM e no MHN, onde ocupa, desde 1994, o cargo de Diretora. No magistério de Museologia, dedicou-se ao ensino de Heráldica.

Da turma de 1966, destacamos também a atuação de apenas três profissionais. **Henrique Medeiros Barroso**, funcionário da Universidade Federal do Ceará, trabalhou no Museu de Arte e também no Museu do Ceará. **Maria Bernadete Fernandes Gonçalves**, especialista em Numismática e Medalhística, trabalhou no MHN e prestou assessoria técnica a diversas instituições culturais com este tipo de coleção museológica. **Maria Helena Saide Bianchini** trabalhou nos museus da FUNARJ e no MHN. Nesta última instituição, junto com a documentalista Helena Dodd Ferrez, desenvolveu o sistema de informatização de acervos, dedicando-se ao estudo e terminologia da classificação. Maria Helena Bianchini dedicou-se também ao magistério em Museologia na área de artes decorativas e paleografia. **Lucia Neiva Blundi** dedicou-se ao *design* de jóias.

Dos 17 museólogos graduados em 1967, somente quatro (23,5%) atuaram no campo da museologia. **Léa de Oliveira Paula**, museóloga do IPHAN trabalhou no MHN e na 12ª. Superintendência do IPHAN – Florianópolis. **Neusa Fernandes** trabalhou no MAM-Rio, nos museus da FUNARJ e dirigiu o Museu de Imagem e Som – MIS/RJ. Professora de História e Museologia, ministrou estas disciplinas no Curso de Museus do MHN e no Curso de Museologia e Arqueologia da antiga FINES, atual UNESA – Universidade Estácio de Sá. Teve uma relevante participação na regulamentação da profissão de museólogo e foi presidente da FUNARJ. **Norma Soares da Rocha**, museóloga do INEPAC, trabalhou no Museu Histórico da Cidade e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. **Sônia Gomes Pereira** dedicou-se ao ensino de História da Arte do Curso de Museologia e da EBA-UFRJ. Como museóloga trabalhou no Museu Histórico da Cidade, na organização do Museu dos Esportes do Maracanã e no Museu D. João VI, sendo, neste último, na função de Diretora. Foi também Coordenadora do Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ. Vale destacar também, a atuação de **Mercedes Maria Viegas** no campo da arte contemporânea, tendo se tornado proprietária de uma galeria particular.

No ano de 1968 mantém-se a média de quatro museólogos atuando e refere-se à primeira turma oriunda da Reforma Curricular de 1966. **Anamaria Rego de Almeida** trabalha no MHN desde 1974, desempenhando atividades de processamento técnico museológico. **Beatriz Vicq de Carvalho** trabalhou

como museóloga no Museu Histórico da Cidade, tornando-se Diretora entre as décadas de 80 e 90. **Marco Paulo Alvim** trabalhou na Fundação Casa de Rui Barbosa na pesquisa e montagem de exposições. **Maria Amélia Bianchini** desenvolveu, inicialmente, a função de museóloga na Fundação Casa de Rui Barbosa e, posteriormente, a de bibliotecária. Exerceu também, o magistério na área de História da Arte.

O ano de 1969 representa a turma com o maior número de profissionais formados nesta década de 60: 24, sendo que duas, Anamaria Rego de Almeida e Cecília Maria Ferrari Moreira, já haviam se formado na turma anterior na especialização de museus artísticos. Esta turma também representa o maior número de profissionais atuando na área: 13, 54,2% do total. Formados pela Seção de Museus Artísticos: **Ana Lúcia Soares Uchôa**, além de atuar como artista plástica, foi Diretora do Museu do Instituto Feminino da Bahia; **Luci de Figueiredo** foi museóloga do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty; **Maria Augusta Pontual Coelho** trabalhou no IPHAN e na FNpM; **Maria de Fátima Castro Neves** dedicou-se à conservação-restauração e trabalhou no Museu Histórico da Cidade e no MIS. Atuou também no magistério em Museologia na década de 90; **Maria de Lourdes Naylor Rocha** dedicou-se, inicialmente, ao magistério em museologia, tendo implantado junto com as professoras Tereza Scheiner e Celma Franco as disciplinas de Exposição Curricular no Curso. Atualmente, dedica-se ao magistério no Curso de Teatro da UNIRIO; **Marília Emília Mattos**, museóloga do IPHAN e da FNpM, participou da organização e da coordenação de inúmeras instituições museológicas, tendo atuado, sobretudo, na área de museus de arte sacra; **Nair Moussatché Camhi** dedicou-se à conservação-restauração de obras de arte; **Thereza Cristina Collares Portella** atuou na Assessoria Filatélica da ECT; **Maria Thereza de Almeida Netto** iniciou ministrando aulas de Técnica de Museus, abandonando-as para dedicar-se ao Turismo. Na Seção de Museus Históricos, destacamos a atuação de **Aécio Oliveira**, funcionário da Fundação Joaquim Nabuco e um dos implantadores do Museu do Homem do Nordeste e do Museu do Homem do Norte. Atuou na revitalização do Museu do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e na direção do Museu do Estado de Pernambuco; **Antônio Carlos de Carvalho** trabalhou na EMBRATUR durante muitos anos, dedicando-se, posteriormente, ao ensino de Museologia e Turismo no Curso de

Museologia da UNIRIO; **Dora Maria Rego Correia**, foi museóloga do Museu Imperial por mais de três décadas; **Laís Scuotto**, museóloga da ECT, atuou na criação do Museu Postal de Brasília e de museus filatélicos no Brasil; e **Luiz Rafael Vieira Souto** estudioso de arte brasileira do século XIX, trabalhou no MNBA por mais de trinta anos.

Vale destacar que, com a criação da ABM, em 1963, grande número de profissionais de museus engajou na luta pela regulamentação, reconhecimento e valorização da profissão. Nesta década, destacamos a atuação de 52 profissionais nos museus, equivalendo a 38% do total de graduandos do Curso de Museus.

3.5 – Década de 1970

Na década de 70, o discurso da exposição do MHN mudou de foco, deixando de falar dos heróis e personalidades para narrar períodos históricos do Brasil através de suas coleções. Em caráter interino, a Conservadora de Museus, Octávia dos Santos Oliveira assume a direção do museu após a saída de Léo Fonseca e Silva, permanecendo até o início da gestão de Gerardo Britto Raposo da Câmara. Após a gestão do Comandante Léo Fonseca e Silva, todos os diretores do MHN, possuem a formação em Museologia.

Esta década também é marcada pela entrada do Curso de Museologia no contexto universitário, após ter sido absorvido pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro e de uma nova reformulação curricular. Nesta nova reforma, o Curso passa a ter a duração de 4 anos e são suprimidas as habilitações para museus de artes, ciências ou história, além da entrada de novos alunos egressos para exercerem o magistério em Museologia.

No campo de ensino e formação em Museologia, dois novos cursos são abertos: um na Universidade Federal da Bahia – UFBA, em 1970, e o outro nas Faculdades Integradas Estácio de Sá – FINES, atual Universidade Estácio de Sá – UNESA. No que se refere à formação nesta área, no Primeiro Encontro de Governadores de Estado, realizado em abril de 1970, com a presença de secretários estaduais da área cultural, prefeitos de municípios e representantes de instituições culturais, um dos pontos discutidos foi a criação de novos

cursos, como podemos constatar no trecho abaixo retirado do Compromisso de Brasília.

> 8. Para remediar a carência de mão-de-obra especializada nos níveis superior, médio e artesanal, é indispensável criar cursos visando à formação de arquitetos, restauradores, conservadores de pintura, escultura e documentos, arquivologistas e museólogos de diferentes especialidades, orientados pela DPHAN e pelo Arquivo Nacional os cursos de nível superior.
> 9. Não só a União, mas também os estados e municípios se dispõem a manter os demais cursos, devidamente estruturados (...)
> (IPHAN, 2006. p.139)

No Segundo Encontro de Governadores realizado no ano seguinte, em Salvador, novamente se discute a questão da formação de profissionais de museus e das atividades investigativas na área do patrimônio cultural e natural, como vemos a seguir.

> 17. Recomenda-se o aproveitamento remunerado de estudantes de arquitetura, museologia e arte, para formação de corpo de fiscais na área de comércio de bens moveis de valor cultural.
> 18. Recomenda-se a convocação do Conselho Nacional de Pesquisas e da CAPES para o financiamento de projetos de pesquisas e de formação de pessoal especializado, com vistas ao estudo e à proteção dos acervos naturais e de valor cultural.
> 19. Recomenda-se que sejam criados, no âmbito das universidades brasileiras, centros de estudos dedicados à investigação do acervo natural e de valor cultural em suas respectivas áreas de influência (...).
> 20. Recomenda-se aos governos estaduais que incluam no ensino de 2º. Grau curso complementar de estudos brasileiros e museologia, que permita aos diplomados a prestação de serviços nos museus do interior, onde não haja profissional de nível superior. (IPHAN, 2006, 145-146).

Nos encontros internacionais da década de 70, a temática voltou-se especialmente para a questão da salvaguarda e restauração de bens culturais e do patrimônio arquitetônico. No ano de 1972, podemos destacar três importantes documentos para as áreas do patrimônio e dos museus: Carta do Restauro; Convenção de Paris, que tratou da salvaguarda do patrimônio mundial, cultural e natural; e a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile. Nesta década, devemos também destacar a criação oficial do Comitê Internacional de Museologia do ICOM – ICOFOM, em 1976, e sua instalação na Reunião Geral, em 1977.

De acordo com Santos, a Carta de Santiago do Chile constitui um dos documentos mais relevantes para a Museologia contemporânea, por apresentar e introduzir a noção de Museu Integral. Neste novo conceito,

aparecem as palavras chaves para designarmos esta nova tipologia de museu que estava surgindo: Território, Patrimônio e Sociedade. O trecho a seguir destaca a opinião da autora.

> Segundo Hughes de Varine, a mesa-redonda organizada pela Unesco em cooperação com o ICOM, em Santiago de Chile, em 1972, pode ser considerada um marco que estabelece as fronteiras entre a museologia das coleções e aquela que concebe o museu como instrumento de desenvolvimento social. A partir da década de 1970, as novas práticas desenvolvidas nos museus priorizam o respeito à diversidade cultural, a integração dos museus às diversas realidades locais e a defesa do patrimônio cultural de minorias étnicas e povos carentes. Mais do que isso, os museus modificaram a relação cotidiana entre profissionais de museus, exposições e público. A tarefa educativa passou a ser compreendida a partir do diálogo com o público e de práticas interativas. (SANTOS, 2004. p. 58-59)

Todas as recomendações e cartas citadas irão influenciar nas frentes de atuação dos profissionais formados a partir deste período. Um fator que deve ter influenciado no aquecimento do mercado de trabalho refere-se às comemorações ao Sesquicentenário da Independência, em 1972, evento muito explorado pela Ditadura, mais exatamente pelo governo do Presidente Garrastazú Medici, tido como um dos mais repressores deste período. As comemorações mobilizaram, sobretudo, os museus através de vários eventos que culminaram com a exposição Memória da Independência no Museu Nacional de Belas Artes, entre 1972 e 1973. Nesta época, correspondendo à gestão de Maria Elisa Carrazzoni, o MNBA chegou a contar com um quadro técnico de 18 museólogos.

Esta última década do Curso de Museus funcionando nas instalações do MHN, corresponde ao maior número de profissionais formados, 92%. No entanto, devemos considerar que 38 alunos cursaram as duas habilitações oferecidas: Arte e História. Então, se subtrairmos estes museólogos, teríamos um grupo de 296 profissionais, 81,5%, o maior até então e num período um pouco menor que os anteriores. No Gráfico 79 podemos constatar os números referentes à entrada e à saída nos anos 70.

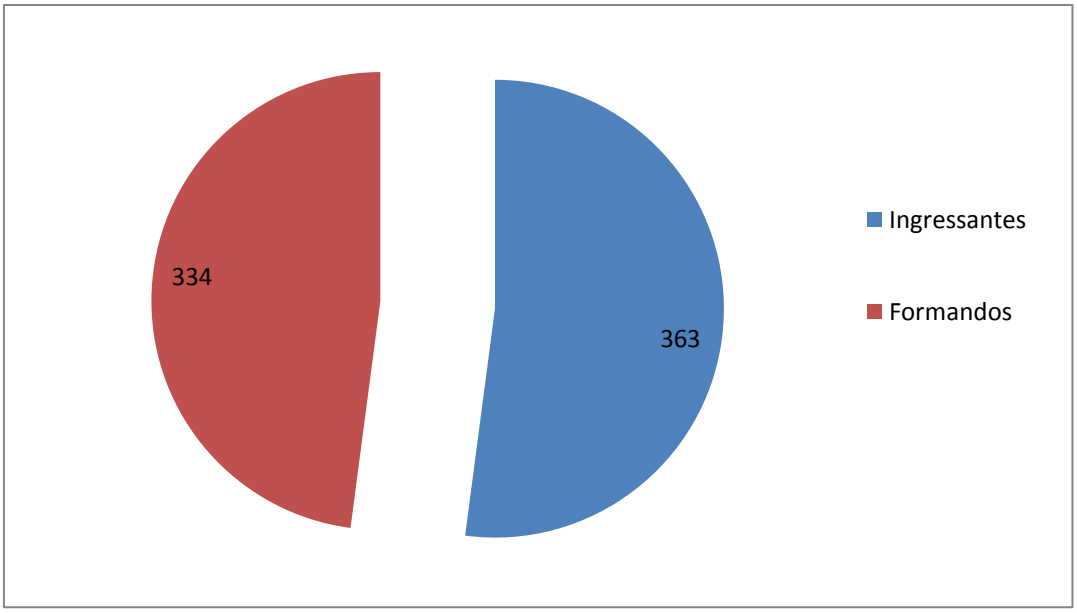

Gráfico 79 – Entrada e Saída de Alunos

Nesta década, praticamente todas as turmas terão um grande número de alunos recebendo o título de conservador de museus ou de museólogos, com exceção de 1977 e 1978. O grupo que se formou em 77 é composto de alunos remanescentes do currículo que vigorou até o ano de 1974. A partir de 1975, é adotado o sistema de vestibular e a entrada de alunos no Curso de Museus passa a ser semestral, 50 em cada um. A turma formada em 1978 corresponde aos alunos matriculados no 1º semestre de 75. As mulheres correspondem a 87,7% dos museólogos formados nesta década, enquanto os homens representam 22,3% do total. No ano de 1970, houve uma única turma que se formou na Seção de Museus Científicos, representa ndo 3,21% dos diplomados. A Seção de Museus Artísticos diplomou 203 profissionais, 65,28%, e a Seção de Museus Históricos, 98 (31,5%). (Ver Gráficos 80, 81 e 82)

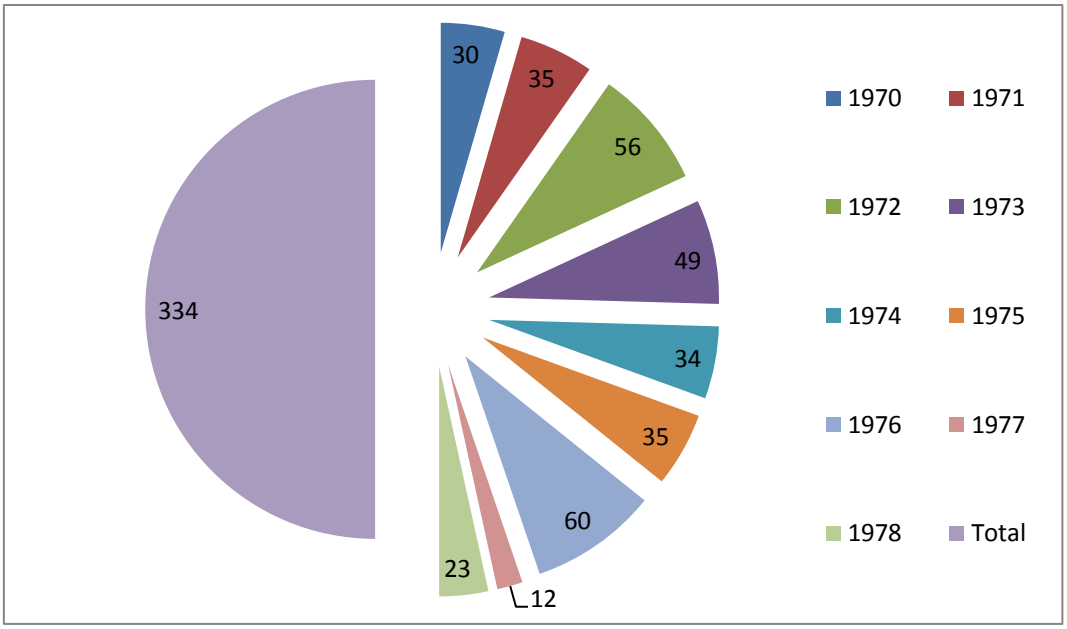

Gráfico 80 – Formatura por Ano

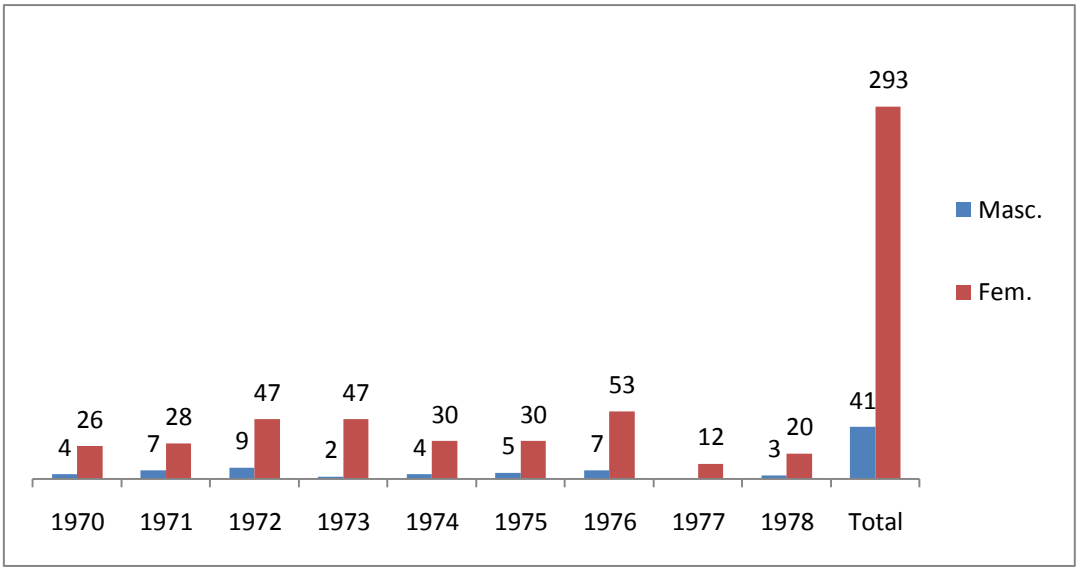

Gráfico 81 – Formatura por Gênero

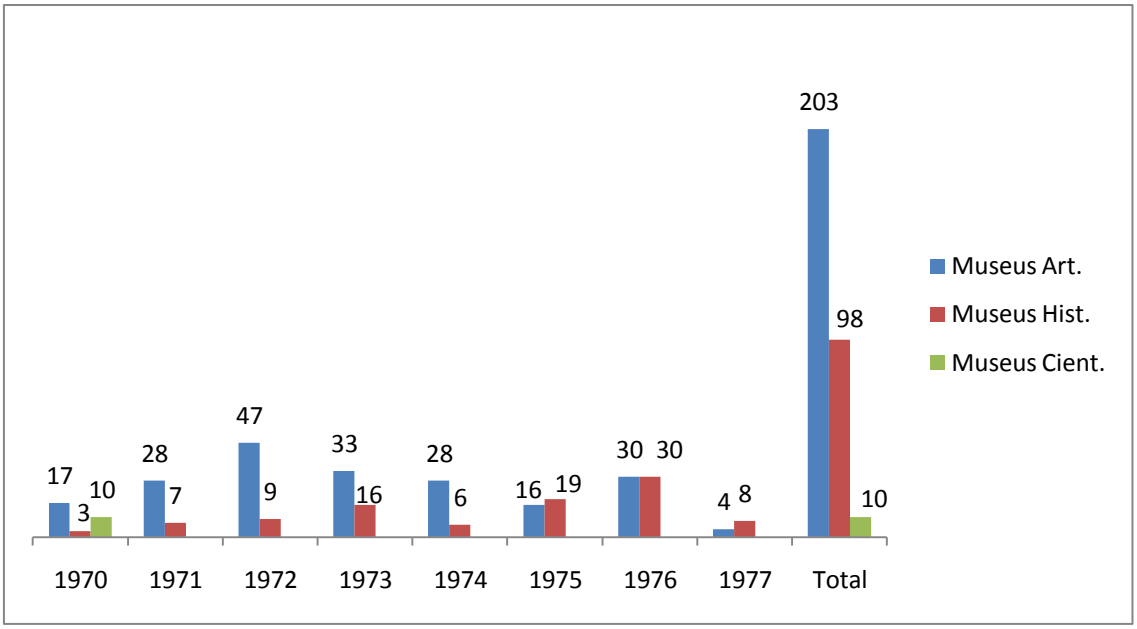

Gráfico 82 – Formatura por Habilitação

Na década de 70, um maior número de formandos ingressa no campo museológico. Entretanto, dos 30 museólogos formados em 1970, apenas 1⁄3 irá atuar. Da Seção de Museus Artísticos: **Alair Siqueira Barros** trabalhou no MNBA e dedicou-se também à restauração de obras de arte e à produção cultural; **Celma Thereza Franco** atuou em museus do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e no magistério superior de Museologia, tendo implantado, junto com as professoras Tereza Scheiner e Maria de Lourdes Naylor Rocha, a disciplina de Exposição Curricular no Curso de Museologia; **Lucia Maria de Souza Vianna** trabalhou no MIS do Rio de Janeiro; **Magaly Oberlaender** trabalhou no MNBA e na FNpM na área de conservação-restauração; **Maria Cristina de Lacerda Rodrigues** também dedicou-se à restauração. Formados pela única turma habilitada na Seção de Museus Científicos podemos destacar a atuação de: **Catarina Eleonora Ferreira da Silva** que especializou-se em arqueologia e trabalha no IPHAN; **Jurena Porto Newmann** trabalhou na Fundação Casa de Rui Barbosa; **Tereza Cristina Moletta Scheiner** dedicou-se ao magistério em Museologia nas áreas de Teoria Museológica e da Museografia, tendo implantado, com Maria de Lourdes Naylor e Celma Franco a disciplina de Exposição Curricular. Exerceu várias funções no Curso de Museologia, como Chefe do Departamento de Estudos e Processos Museológicos – DEPM, e Diretora da Escola de Museologia (1994-2000). Além

de dedicar-se ao magistério, atua ativamente junto ao ICOM, em especial, no Conselho Executivo deste organismo internacional, tendo criado em 2006, o primeiro Mestrado em Museologia do Brasil: Programa Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO. **Vera Lúcia de Azevedo Siqueira** especialista em conservação, atuou no processamento técnico dos museus do Distrito Federal e no ensino *on line* em Museologia. Da Seção de Museus Históricos, apenas **Edwaldo Pita Santos** atuou nos museus militares do Exército: Casa Histórica de Deodoro, Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana.

Da Seção de Museus Históricos de 1971, **Hercília Canosa Vianna** trabalhou no Museu Casa de Benjamin Constant. Na Seção de Museus Artísticos, destacamos a atuação de 15 profissionais: **Ana Lucia Siaines de Castro** trabalhou no MIS e no magistério em Museologia; **Angela Maria de Oliveira Paiva** trabalhou no MNBA, no MHN e no Museu Victor Meirelles na área de conservação-restauração de obras de arte; **Beatriz Dutra Folly** é museóloga e pesquisadora da Casa de Rui Barbosa; **Carmela Rapucci** trabalhou no MNBA e na 6ª Coordenadoria Regional do IPHAN; **Eliana Teixeira de Carvalho** dedicou-se à área de Arqueologia; **Ingrid Beck**, trabalhou no MNBA e no Arquivo Nacional, tendo se dedicado à conservação-restauração de papel; **Lia Carneiro da Cunha** foi museóloga do Museu da Caixa Econômica Federal; **Lucia Hussack Van Velthem**, especialista em Antropologia, trabalhou no Museu Emílio Goeldi; **Luiz Fernando Fernandes Ribeiro** trabalhou na FIOCRUZ; **Margarida Maria Barbosa Guimarães** trabalhou no MNBA; **Maria Regina Fernandes de Mendonça Furtado** especializou-se em Antropologia e foi Presidente do Conselho Federal de Museologia; **Pedro Martins Caldas Xéxeo**, especialista em arte brasileira do século XIX, desenvolveu as atividades museológicas no MNBA, onde trabalha há mais trinta anos; **Thereza de Barcellos Baumann** dedicou-se ao magistério em História e trabalhou no Museu Nacional, como Chefe do Setor de Museologia, onde atuou no processo de revitalização e reorganização das exposições de longa duração; **Vilma Faria Rodrigues d'Almeida** trabalhou no MNBA e no MHN; **Yara Mattos**, museóloga do IPHAN, e atualmente dedica-se ao magistério em Museologia, tendo participado da criação do Curso de

Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, do qual é Coordenadora.

A turma formada em 1972 representa a segunda maior turma desta década com 56 graduandos, sendo que atuaram no campo museológico ou em áreas afins apenas 10, 17,9%. Assim como nas duas últimas turmas, apenas um formando da Seção de Museus Históricos dedicou-se à área: **Rejane Maria Lobo Vieira** especialista em Numismática, trabalha no MHN há mais de 30 anos. Da Seção de Museus Artísticos destacamos a atuação de: **Ana Cristina Vieira Fernandes**, museóloga do Museu Imperial e do MNBA, transferiu-se para o Jardim Botânico onde atua no Museu Botânico, na área de educação e preservação ambiental; **Estafania Quilma Gomes da Andrade** dedicou-se à área de organização de arquivos; **Heleny Pires de Castro** trabalhou no Museu Aeroespacial, no MHN e na concepção e organização do Centro Cultural do Rio de Janeiro; **Icléia Thiesen** trabalhou no Centro de Documentação e Disseminação da Informação do IBGE e, atualmente, dedica-se ao magistério nas áreas de História e Memória; **Leila Zebulum** trabalhou no MNBA e no IPHAN; **Madelon Mongruel Pêgo de Faria** trabalhou no MNBA e no Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty, especializando-se na área de conservação-restauração de papéis; **Maria Elizabeth Banchi Alves** trabalhou no Museu do Primeiro Reinado e no MHN; **Maria Regina Martins Batista e Silva** foi museóloga do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco; **Marta Freitas Gerude** foi museóloga da FUNARJ e da Fundação Casa França Brasil; e **Sidérea Souza Nunes** trabalhou no MNBA até aposentar-se.

Dos formandos de 1973, apenas 9 exerceram a profissão: **Adua Nesi** que trabalhou no MIS por mais de 30 anos; **Eliane Vasconcellos Fontes**, **Jurema Seckler** e **José Manoel de Andrade Pires** trabalharam na Fundação Casa de Rui Barbosa; **Heloisa Helena Gonçalves** atuou no Museu Geológico do Estado da Bahia e, atualmente, dedica-se ao magistério em Museologia na Universidade Federal da Bahia; **Irene Zoffoli** atuou no magistério em Museologia na área de Antropologia; **Liana Rubi Tereza de Ocampo** dedicou-se ao magistério em Museologia com ênfase em ação educativa em museus, tendo sido uma das pioneiras das questões ligadas à acessibilidade; **Luci de Figueiredo** foi museóloga do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty.

Da turma de 1974, somente cinco atuaram na área. Podemos destacar a atuação de: **Arlete Monck Machado** que foi museóloga do MIS; **Cláudia Barbosa Reis** museóloga da Fundação Casa de Rui Barbosa até a atualidade; **Deize da Silva Domingues** que especializou-se na área de conservação-restauração e trabalha no MHN; **Elsamaria Brasil Loureiro de Souza** que dedicou-se também à restauração; e **Ruth Beatriz Silva Caldeira de Andrada**, funcionária do IPHAN, trabalha no MHN onde, atualmente, exerce o cargo de Vice-Diretora.

Comparando-se com as turmas anteriores, a turma de 1975 teve um dos melhores índices de profissionais atuando no cenário museológico. Da Seção de Museus Históricos: **Izolete Raisson**, museóloga do IPHAN, trabalhou no Museu da República, no Museu Casa de Benjamin Constant e no Museu Imperial; e **Marilda Monteiro da Silva** especializou-se em Arqueologia, tendo ministrado esta disciplina no Curso de Museologia da UNIRIO e da FINES, além de ter atuado em museus militares. Da Seção de Museus Artísticos, podemos destacar a presença de **Diana Farjalla Correia Lima**, **Líbia Schenker**, **Loda Maria Angeli** e **Maria Lucila de Morais Santos** no exercício da docência de disciplinas de Artes no Curso de Museologia; **Célia Maria Corsino** museóloga do IPHAN e, atualmente, do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. Atuou na criação, implantação e revitalização de inúmeras instituições museológicas. **Eliane Rose Vaz**, especialista em Numismática, trabalha no MHN; **Fernando Antônio Ponce de Léon** é museólogo do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco; **Isabel Cristina Grigolli** trabalhou no Museu de Folclore Edison Carneiro, chegando a ser diretora da instituição. Dedica-se atualmente à restauração; **Maria da Conceição Chambarelli** trabalhou no Museu Rodoviário e foi pioneira na pesquisa do rodoviarismo no Brasil. **Rosane Maria Rocha de Carvalho** trabalhou no Museu da República e no MHN e dedica-se à docência na área de Relações Públicas; e **Sônia Maria de Souza Canellas**, trabalhou na FUNARTE e foi Diretora do Museu de Folclore Edison Carneiro.

A turma de 1976 apresenta o maior grupo de museólogos formados na década de 70, no entanto, atuaram na área apenas 11. Da Seção de Museus Artísticos: **Angela Maria Chiesi Moliterno** trabalhou no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro e na FUNARJ, tendo sido diretora do Museu do

Primeiro Reinado; **Carlos Passos Peres** foi museólogo do CCBB-RJ; **Gláucia Cortes Abreu**, funcionária do IPHAN, trabalha nos Museus Castro Maya; **Helena Pavão** dedicou-se ao estudo de arte sacra, tendo organizado e implantado o Museu Arquidiocesano da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro e lecionado no Curso de Museologia na área de Museologia Aplicada; **Maria Eugênia Cardoso**, museóloga do MIS onde aposentou-se recentemente; e **Nancy de Castro Nunes** trabalha no MNBA, onde atua na conservação-restauração. E da Seção de Museus Históricos: **Carla Regina Petrópolis Vieira Freitas** e **Carlos Roberto Freitas** atuam na área de arquivos, com destaque para a conservação-restauração de documentos; **Ely Gonçalves** foi Diretora do Museu Villa-Lobos e atuou no magistério superior em Museologia na FINES; **Fausto Henrique dos Santos** trabalhou no Museu da República, MHN e Biblioteca Nacional; **Lucienne Fernandes Symonowicz** dedicou-se à Antropologia e à docência desta disciplina no Curso de Museologia da UNIRIO; **Maria Elizabeth Portella Corrêa** é museóloga da FUNARJ; e **Maria Lúcia de Niemeyer** foi museóloga da FUNARJ, do Jardim Botânico e, atualmente, é tecnologista do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

No que se refere à Turma de 1977, nenhum dos museólogos formados neste ano, atuou na área. Já a de 1978, a única turma a se formar pela FEFIERJ e sob nova matriz curricular, lança no mercado de trabalho 6 profissionais: **Ana Maria Moura de Alencar**, que trabalhou no Museu Villa-Lobos e no Museu D. João VI; **Carlos Antônio de Oliveira Reis** trabalhou na Fundação Joaquim Nabuco e no Museu de Folclore Edison Carneiro na área de conservação-restauração; **Cláudia Márcia Ferreira,** museóloga do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, do qual foi Presidente, tendo sido também Diretora do Museu de Folclore; **Elizabeth Carbone Baez** trabalhou no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, no MHN, Museu da República e nos Museus Castro Maya, onde aposentou-se; e **Vera Maria de Alencar**, trabalhou no MHN, Museu da República e Museus Castro Maya, do qual é Diretora na atualidade; e **Violeta Cheniaüx** dedicou-se ao magistério no Curso de Museologia na área de conservação, sendo uma das pioneiras no ensino da conservação preventiva.

Oriundos da formação em Museologia, nesta década de 70, oitenta e cinco profissionais atuaram no campo dos museus e do ensino em Museologia. Devemos lembrar que não obtivemos informações sobre todos os formandos e que o estudo apresentado neste capítulo 3 tem como base o catálogo “Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional”.

3.6 – Panorama Geral

Num panorama geral, o Curso de Museus formou 758 museólogos ao longo de 45 anos, período em que esteve vinculado ao Museu Histórico Nacional, o que corresponde a 43% dos matriculados. Os profissionais formados por esta primeira fase do ensino formal de Museologia foram os responsáveis pela disseminação deste campo, seja através da criação, organização, implantação e remodelação de museus, seja através de cursos de capacitação em museus e museologia por todas as regiões. A maior entrada de alunos ocorreu na década de 40 e a maior saída, ou seja, de alunos efetivamente formados, na de 70. A seguir, os gráficos 83 e 84.

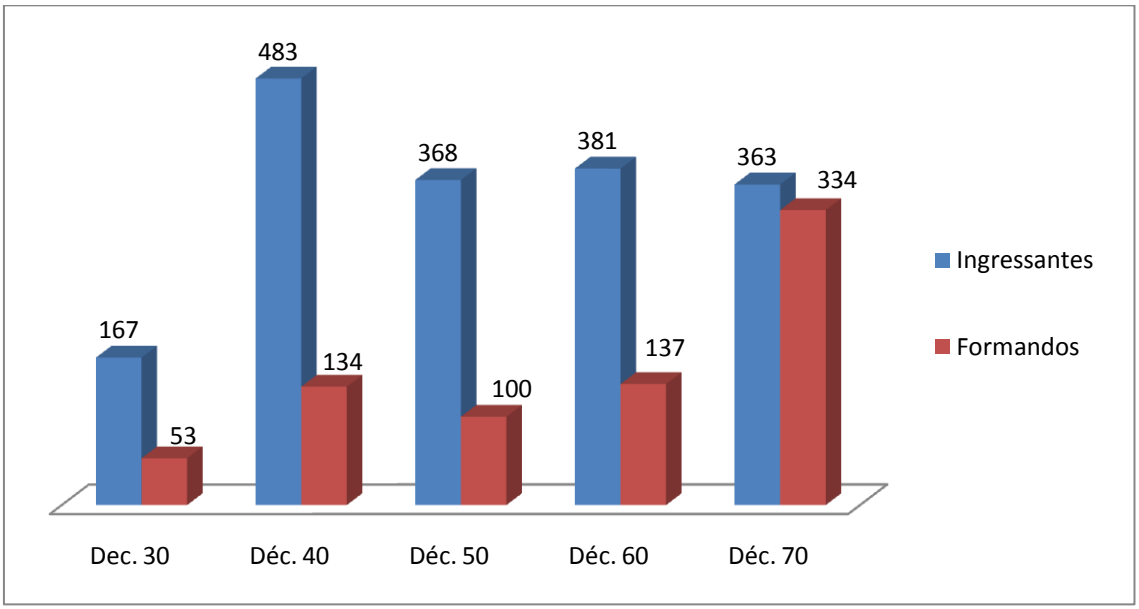

Gráfico 83 – Entrada e Saída por Década

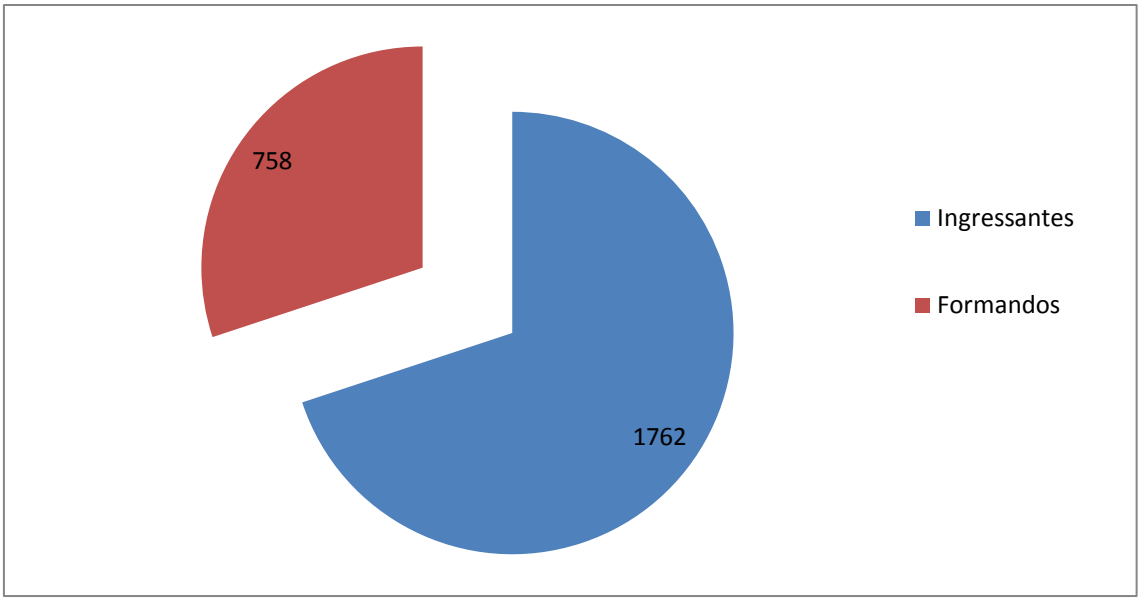

Gráfico 84 – Entrada e Saída Geral

Indubitavelmente, as mulheres foram maioria tanto na entrada quanto na saída. Referente à formatura, as mulheres representam 81,4%, ou seja 617, e os homens, 141 (Gráficos 85 e 86). No que se refere às habilitações escolhidas no terceiro ano do curso, a Seção de Museus Artísticos corresponde a 65,9%, seguido pelos Museus Históricos, 31,2% e Museus Científicos, 2,9 dos 346 profissionais formados no período de vigência desta matriz curricular (Gráfico 87).

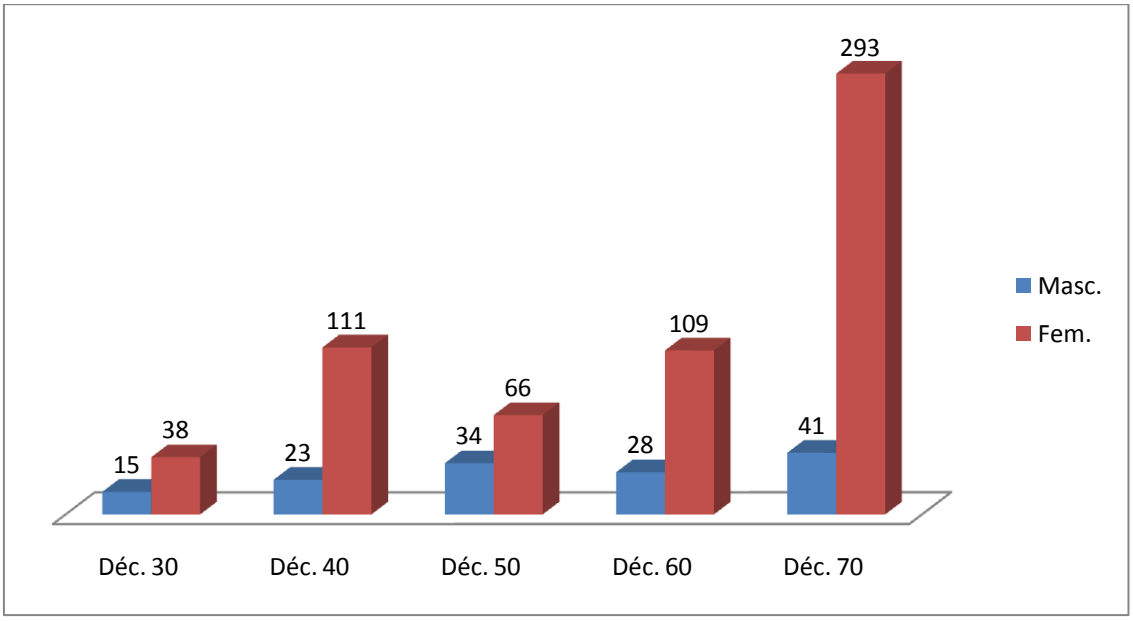

Gráfico 85 – Formatura por Gênero e Década

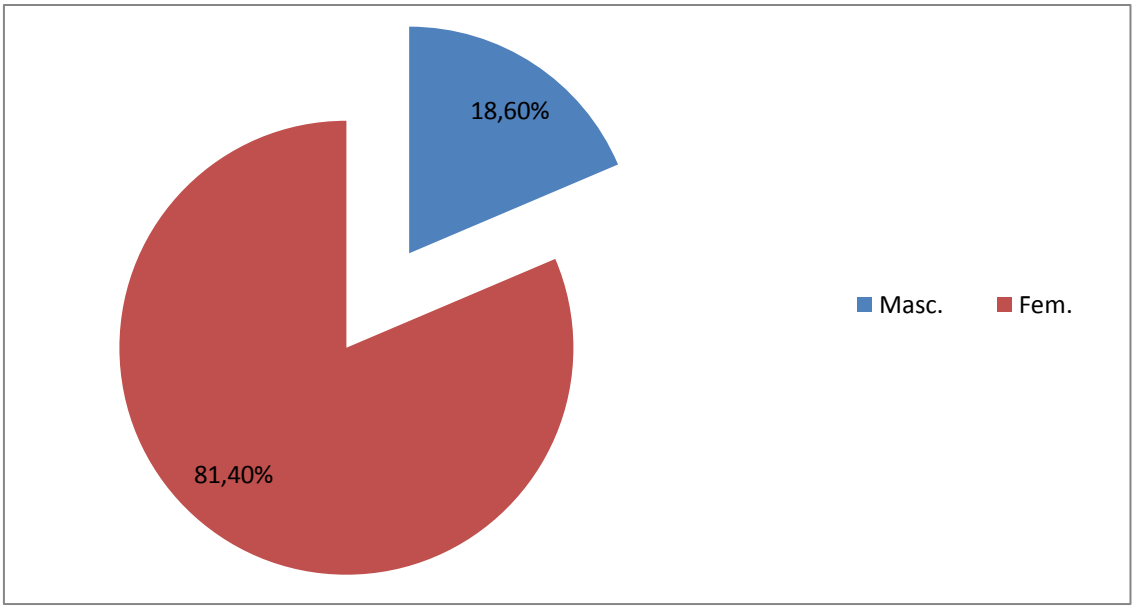

Gráfico 86 – Formatura por Gênero (Percentagem Geral)

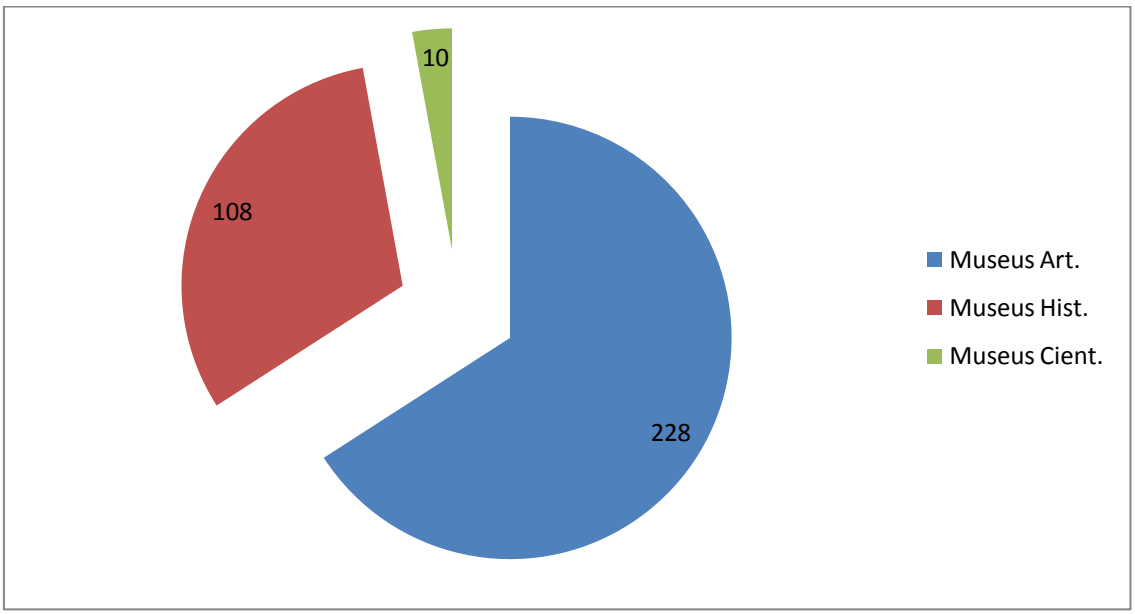

Gráfico 87 – Quadro Geral por Habilitação

Num panorama geral, a maioria dos profissionais atuou, inicialmente, no MHN e no magistério em Museologia, no MNBA, no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, nos museus do IPHAN e nos museus da FUNARJ. Destacamos, também, o grande número de profissionais que se dedicou à Numismática, à História da Arte e à Conservação-Restauração de bens culturais, além de assumirem a direção de importantes museus.

Destas turmas formadas ao longo de 45 anos, período em que o MHN era praticamente o único centro formador em Museologia no Brasil[55], destacamos a importância destes profissionais na criação, implantação e organização de inúmeros museus em todos os estados brasileiros, bem como na luta e regulamentação da profissão.

[55] O Curso de Museologia da UFBA, criado em 1970, produzirá seus primeiros egressos a partir da segunda metade da década de 1974.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Ao assumir a direção do Curso de Museus do MHN, em 1932, Gustavo Barroso talvez não tivesse vislumbrado que aquele curso – concebido inicialmente com a função de formar técnicos para o MHN – fosse assumindo um formato cada vez mais acadêmico e científico até culminar com seu ingresso definitivo no âmbito universitário, perdurando por quase oito décadas de atividades ininterruptas. O Curso de Museus formou inúmeros museólogos que encontram-se espalhados por todo o território brasileiro, atuando, sobretudo, no processamento técnico dos mais diversos tipos de museus e instituições culturais, bem como no magistério em Museologia e áreas afins dos inúmeros cursos de graduação. Podemos dizer que a iniciativa pioneira de Barroso em institucionalizar o ensino da Museologia no Brasil foi uma atitude extremamente significativa para as áreas dos museus, da Museologia e do Patrimônio como um todo. Vale reforçar que durante 38 anos, de 1932 a 1970, o Curso de Museus foi o único centro formador de profissionais de museus com especialização específica na área, tornando-se uma referência nacional.

No desenvolvimento deste estudo, procuramos atender a todos os objetivos propostos: num primeiro momento, estudar e analisar a história do Curso de Museus no período em que esteve vinculado ao MHN, pontuando as principais reformulações curriculares, administrativas e estruturais, e, num segundo momento, levantar e mapear o perfil acadêmico-profissional do aluno e do egresso através de dados obtidos na documentação primária dos arquivos consultados e de bibliografia disponível sobre o tema.

Destacamos ainda que as fontes estudadas constituíram um amplo e precioso conjunto documental, ainda pouco explorado no âmbito acadêmico. A facilidade de acesso aos documentos pertencentes ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil – NUMMUS, da Escola de Museologia da UNIRIO, bem como do Arquivo Institucional do Museu Histórico Nacional – MHN foram valiosíssimas, possibilitando o confronto e a ampliação dos temas aqui apresentados devido à diversidade dos materiais disponibilizados, sobretudo em relação aos registros de alunos, decisivo para o mapeamento do quadro discente do Curso de Museus em relação a matrículas, abandonos e formaturas.

Em relação aos dados obtidos do período delimitado para este estudo, isto é, de 1932 a 1978, podemos constatar o seguinte:

1.º. O Curso de Museus recebeu 1.762 alunos, entre as décadas de 30 e 70, dos quais 548 eram do gênero masculino, e 1.214 do gênero feminino. Deste total,

estavam regularmente matriculados 482 homens e 1.106 mulheres, correspondendo a 27,4% e 62,8% respectivamente.

Na primeira década de funcionamento do Curso de Museus a diferença de entrada entre os gêneros é mínima, sendo 81 homens e 87 mulheres, como podemos constatar no Gráfico 2, apresentado no segundo capítulo. Através da apresentação deste gráfico pode se ver que nos dois primeiros anos do Curso a presença masculina é maior que a feminina e que, a partir de 1934, as mulheres começam a aparecer em maior número. No entanto, esta década é marcada pelo único empate técnico em termos de procura entre os gêneros pelo Curso de Museus, uma vez que a partir da década seguinte as mulheres estaram presentes em maior número.

A década de 40 é marcada pelo maior número de alunos inscritos no Curso: 483, sendo que 349 são mulheres e 134 homens. Nas décadas seguintes, inscrevem- se, 153 (1950), 116 (1960) e 64 (1970) homens e 215, 265 e 299, mulheres, correspondendo a um total de 368, 381 e 363 alunos matriculados.

Vale destacar, também, que desmitificamos, neste estudo, a lendária história de que o Curso de Museus era freqüentado apenas por senhoras da alta sociedade, cuja finalidade era aprender as técnicas de organização e conservação de suas coleções particulares. Sem dúvida nenhuma, havia jovens “casadoiras” em busca de lustro cultural, mas, certamente, era uma parcela reduzida. Na realidade, predominavam jovens, sobretudo estudantes (695), professores (319), funcionários públicos (163) e advogados (57). Havia também a procura de profissionais (186) já consolidados em outras áreas, como Artes, Letras, Medicina e outras. Para estes, o Curso de Museus representava uma opção ligada ao prazer ou a uma vocação anteriormente sufocada, e não ao lado prático e material. No que se refere à procedência estudantil, 40,9% destes jovens eram oriundos da rede privada de ensino (652), pelo menos até a década de 60. A partir da década de 70, este perfil mudará com a institucionalização do vestibular e com a entrada do curso na Universidade, passando a receber, assim, um maior número de jovens da rede pública.

Constatou-se a presença majoritária de 1.277 jovens solteiros (72,9%) e provenientes do Estado do Rio de Janeiro (1.065 alunos) cuja faixa etária enquadra-se entre 18 e 30 anos (1.189 alunos), o que corresponde a 67,5%. Certamente, estes jovens viam o curso não apenas como uma possibilidade de formação superior e de um valioso aprendizado cultural, mas também como uma oportunidade de trabalho.

2.º. Dos alunos inscritos no Curso de Museus, 274 foram matriculados como ouvintes no período de 1932 a 1960, uma vez que, a partir de 1961, as inscrições de alunos informais não foram mais registradas. Destes ouvintes levantados, 66 eram do sexo masculino (3,8%) e 108 do sexo feminino (6,1%).

3.º. Dos 1762 alunos matriculados regularmente, 1.004 abandonaram o curso, ao passo que 758 concluíram-no. Podemos constatar neste levantamento de perfil que o maior índice de evasão se deu por parte dos homens: 407 desistentes (40,5%) Numericamente, é menor que a evasão feminina que foi de 597 (59,5%), no entanto, devemos comparar estes dados com os índices de ambos. O índice geral de evasão corresponde a mais da metade do total de alunos inscritos, 57%.

4. º. Apenas 758 alunos concluíram o Curso, sendo que 617 eram mulheres (81,4%) e 141 eram homens (18,6%). Destes totais, destacamos a presença feminina nas cinco décadas estudadas: 38 formandas (1930), 111 (1940), 66 (1950), 109 (1960) e 293 (1970) para 15, 23, 34, 28 e 41 homens que se formaram no MHN, sendo que apenas nas décadas de 30 e de 50 a diferença é menor entre os gêneros.

5.º. Dos formandos, 556 migraram para outras áreas (73,4%), sendo 95 do sexo masculino e 461 do sexo feminino.

6.º. Dos que efetivamente trabalharam na área, ou seja, 202, 46 eram do sexo masculino e 156 do sexo feminino. Apenas 26,7% dos formandos pelo Curso de Museus, entre 1932 e 1978, atuaram na área museológica, seja no magistério em Museologia, seja nos museus de arte, história, ciência ou antropologia, ou na área de conservação-restauração de bens culturais. Abaixo, no Gráfico 88, são apresentados os dados finais do quantitativo dos ingressantes, formandos e profissionais atuantes no campo:

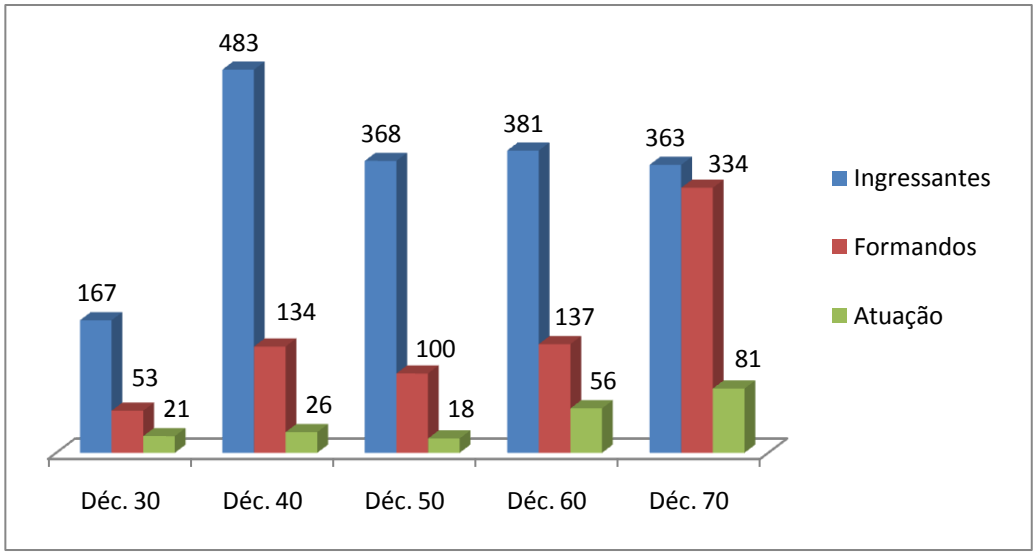

Gráfico 88 – Percentual Geral da Entrada, Saída e Atuação Profissional

Na década de 30, dos 53 que concluíram, 21 atuaram na área museológica, sendo que 9 em museus de história; 5 em museus de artes; 1 em museus de ciências; 5 no magistério em Museologia; 1 no IPHAN; 1 na pesquisa sobre museus; e 2 na área de Letras e Biblioteconomia. No caso, dos 5 professores do Curso, com exceção de Oswaldo Mello Braga, todos atuaram no trabalho técnico do MHN ou de outras instituições , no entanto, preferimos enquadrá-los no perfil de docente.

As décadas de 40 e 50 apresentaram os índices mais baixos de profissionais atuantes: 26 e 18. Na década de 40, nos museus voltados para a temática histórica, tivemos 14 profissionais; nos museus de artes apenas 1; e nos museus de ciências e antropologia, 3. Já no magistério em Museologia, foram 6 e 2 atuaram nos órgãos de defesa do patrimônio estadual e nacional. Cinco profissionais migraram para outras carreiras como: Biblioteconomia, Jornalismo, Geografia e Artes. Já na década de 50, 14 profissionais atuaram nos seguintes tipos de museus: históricos (9), artísticos (2), ciências e antropologia (3), valores (1); assim como na década anterior, dois atuaram no IPHAN e no INEPAC. Destacamos também a atuação de museólogos na área de Biblioteconomia (3); História (2); Medicina (atuou junto ao ICOM); magistério em História da Arte e Letras.

A partir da década de 60, a possibilidade de atuação para estes profissionais se ampliam como poderemos ver, uma vez que este período ocupa lugar de destaque no percentual de atuação profissional na área. Dos 56 museólogos, 37 trabalharam nos museus de arte, de história, de ciências, de antropologia, de valores e filatélicos; outros 7 dedicaram-se ao IPHAN e ao INEPAC. Oito museólogos atuaram no campo do magistério do Curso de Museus e 4 na área de conservação-restauração. Um

tornou-se antiquário e outra dona proprietária de galeria de arte contemporânea. Em outras áreas, um dedicou-se ao visagismo cinematográfico e outra ao *design* de jóias.

Na década de 70, com a crescente possibilidade de atuação no campo da Museologia, e comparando-se com os números da década de 30, um número quatro vezes maior de profissionais irá "abraçar" a área museológica. Desta década, em especial, emergem do curso os profissionais que, ainda hoje, atuam ativamente nas instituições museológicas e no ensino da Museologia. Dentre estes 81 profissionais atuantes, destacamos a presença de 21 em museus históricos, 14 em museus artísticos, 10 em museus de ciências e antropologia, assim como 8 que atuaram em museus de valores, militares e tecnológicos. Cinco museólogos dedicaram-se exclusivamente à conservação-restauração. No entanto, houve casos de profissionais (6), que, inicialmente, atuaram em museus artísticos e históricos e, posteriormente, enveredaram pela área de conservação-restauração. No magistério em Museologia, destacamos a presença de 14 museólogos e nas áreas de História e Memória, apenas uma. No IPHAN, na FUNARJ e na FUNARTE, instituições públicas de Patrimônio, tivemos 8 museólogos atuantes. Os profissionais desta década encontraram um campo de trabalho mais fértil que os museólogos formados nas décadas anteriores, uma vez que, neste período, surgiu um grande número de museus voltados para o folclore, a arte moderna, a imagem e o som, os museus-casas, além do campo da conservação-restauração de bens culturais ter crescido consideravelmente.

A predominância feminina já era um dado imaginado há muito tempo, mas que foi constatado através do levantamento deste trabalho. É um fato perfeitamente plausível, uma vez que o Curso abria mais uma frente de possibilidades de estudos e atuação para este mercado específico, impulsionado, especialmente, pela criação, em 1937, do SPHAN, atual IPHAN, e dos inúmeros museus implantados e vinculados a este órgão ou sob sua orientação nas décadas de 30, 40 e 50.

Abaixo, o Gráfico 89, representando o quantitativo dos profissionais, homens e mulheres, que efetivamente atuaram na área museológica:

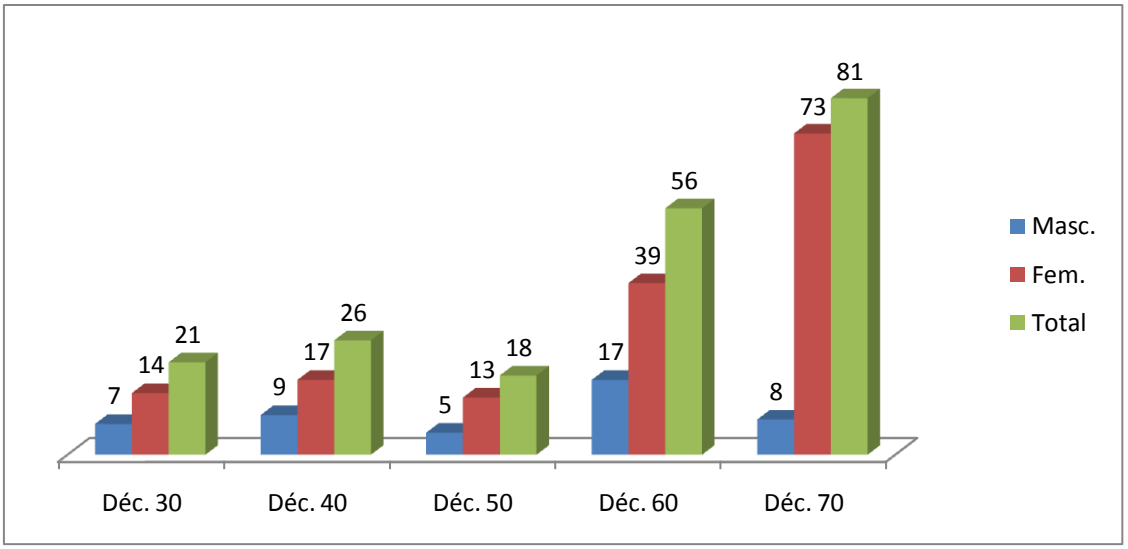

Gráfico 89 – Atuação Profissional por Gênero e Década

Em termos quantitativos, as 156 mulheres representam, no somatório total das décadas, 77,2% da atuação profissional e os homens (46), 22,8%. Os homens mantiveram uma média equivalente nas décadas de 30, 40, 50 e 70, ocorrendo apenas na década de 60, uma oscilação maior. Já no que se refere à atuação feminina, as três primeiras décadas também mantêm o mesmo tipo de equivalência apresentada pelos homens, ocorrendo nas décadas de 60 e 70 uma procura maior pelo mercado de trabalho.

No que se refere à atuação profissional, novamente vimos que as mulheres dominaram a cena, tendo atuado ativamente na formação acadêmica em Museologia, História da Arte, História, Arqueologia, bem como no trabalho de processamento técnico (documentação, pesquisa, conservação-restauração e administração) de inúmeras instituições museológicas públicas e privadas.

Em sua grande maioria, após a formatura, atuaram por algum tempo no MHN, instituição que funcionou como laboratório para os egressos, onde colocavam em prática os conhecimentos técnicos adquiridos no Curso. Os profissionais que se dedicaram à área foram, em sua maioria, absorvidos pelo funcionalismo público e atuaram, sobretudo, nos museus federais criados a partir da década de 30: MNBA, Museu Imperial, Museu da República, Museu Villa-Lobos, Museu da Inconfidência, entre outros. Estes profissionais contribuíram com uma importante participação na criação, organização, implantação, reorganização e revitalização de inúmeros museus criados fora da região Sudeste. Destes conservadores de museus que participaram ativamente da criação de novas instituições museológicas em todo o território nacional, vale destacar que estavam lotados diretamente no IPHAN ou em museus

vinculados a este órgão. Isto ocorre em especial a partir da década de 40 com a abertura de concursos públicos para preenchimento de vagas de “conservador” de museus, dentre os quais podemos destacar a atuação de Alfredo Teodor Rusins, Lygia Martins Costa, Elza Ramos Peixoto, Regina Real, Nair de Moraes Carvalho, Octavia Corrêa dos Santos, Mario Barata, Jenny Dreyfus, Regina Liberalli Laemmert, Luiz Marques Poliano, dentre vários outros.

Finalizando, segue abaixo, um esquema reduzido (Gráfico 90) das principais frentes de atuação dos museólogos formados pelo Curso de Museus ao longo de quatro décadas.

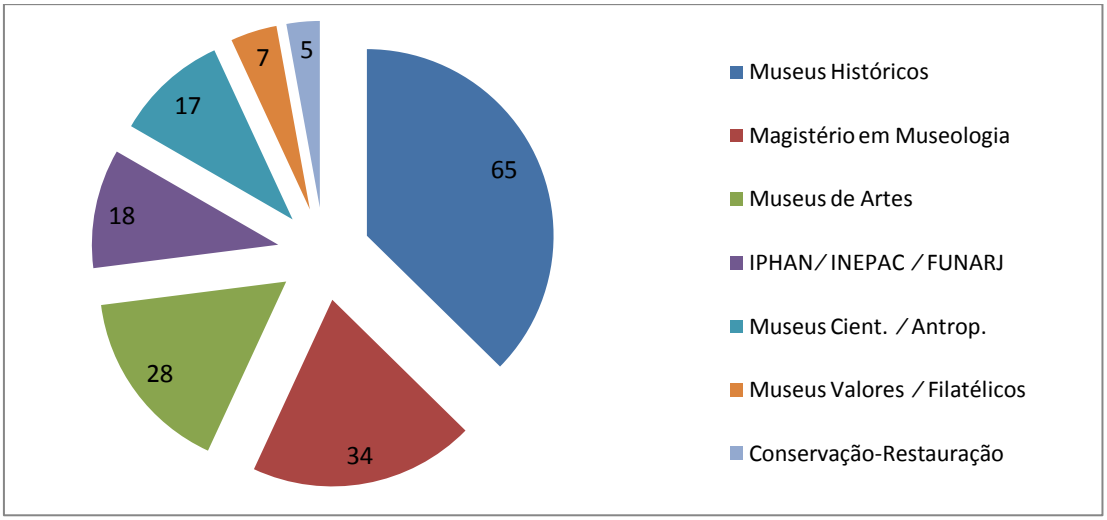

Gráfico 90 – Atuação Profissional

Podemos notar que os museus voltados para a temática histórica se constituem como o principal mercado de trabalho (65), seguido pelo magistério em Museologia (34) e pelos museus de artes (28). Outra importante frente de atuação que se destaca são os órgãos federais, estaduais e municipais voltados para a proteção do Patrimônio e que possuem, sob sua égide, museus e centros culturais, como ocorre com o IPHAN, o INEPAC e a FUNARJ. Os museus de ciências e antropologia também representam uma parcela considerável, uma vez que o Instituto Joaquim Nabuco e o Museu de Folclore Edison Carneiro captaram inúmeros profissionais para desenvolverem trabalhos de processamento técnico. Devemos destacar ainda o trabalho de museólogos frente à conservação-restauração de bens culturais.

Finalmente, podemos dizer que trabalhar com um tema intimamente relacionado à nossa formação nos traz e nos possibilita a facilidade de encontrar e de acessar as fontes necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, ao mesmo tempo, apresenta o desafio do distanciamento – requisito necessário para o

desenvolvimento do trabalho científico –, para conseguirmos analisar e apresentar os fatos que nos são tão próximos, com o máximo possível de imparcialidade.

Esperamos que esta dissertação possa ter esclarecido e dirimido várias dúvidas em relação ao perfil do aluno e do formando do Curso de Museus, bem como da atuação profissional do museólogo, e que também possa vir a abrir novas possibilidades e perspectivas de estudos, não apenas em relação ao Curso mas ao próprio desenvolvimento da Museologia do Brasil.

REFERÊNCIAS

Referências

Fontes Primárias:

Arquivo Permanente do Museu Histórico Nacional
- Relatórios de atividades do Museu Histórico Nacional emitidos ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1922 a 1930 (Série ASDG1)
- Relatórios emitidos ao Ministério da Educação e Saúde, 1931 a 1940 (Série ASDG1)
- Correspondências enviadas e recebidas (Série ASDG2)

Núcleo de Memória da Museologia
- Coleção Curso de Museus – Fichas de Requerimento de Matrículas (1940 – 1975)
- Coleção Curso de Museus – Livros de Assentamentos (1932-1940)
- Coleção Léo Fonseca e Silva
- Coleção Nair Moraes de Carvalho (Curso de Museus)

Ante-projeto [sic] do REGIMENTO da Escola Superior de Museologia submetido ao Conselho Federativo da FEFIEG. MHN/Curso de Museus, 1970.

BARRAFATTO, Anna. Relação dos currículos adotados de 1932 a 1975. MHN/Curso de Museus,1975.

_____. S/ Título. MHN/Curso de Museus, 1976.

O JORNAL. “Como se desenvolve o curso de museologia do Museu Histórico Nacional”. Rio de Janeiro: O Jornal, 03 de março de 1945.

O JORNAL. “Como se formam technicos de museus no Brasil”. Rio de Janeiro: O Jornal, maio de 1934.

JORNAL DO BRASIL. “Curso de Museus”. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, abril de 1936.

BRASIL. Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922.*Cria o Museu Histórico Nacional e aprova o seu regulamento.*

BRASIL. Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932. *Cria no Museu Histórico Nacional o “Curso de Museus”.*

BRASIL. Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934. *Aprova, sem aumento de despesa, o novo regulamento do Museu Histórico Nacional.*

BRASIL. Decreto-Lei nº 6.689, de 13 de julho de 1944. *Dispõe sobre a organização do Curso de Museus, no Ministério da Educação e Saúde, e dá outras providências.*

BRASIL. Decreto nº 16.078, de 13 de julho de 1944. *Aprova o Regimento do Curso de Museus a que se refere o Decreto-Lei nº. 6.689, de 13 de julho de 1944.*

BRASIL. Decreto nº 58.800, de 13 de julho de 1966. *Aprova o Regimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional.*

LAMARE, Sergio de Almeida; NETTO, Antonio Cid Loureiro. Estágio no MHN. In: AS/DG4 1(1) – Estagiários 1954, 55, 59, 75. MHN / Curso de Museus, 1954.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Relatório de Atividades do MHN (apresentados ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores; ao Ministério de Educação e Saúde; e Ministério da Educação e Cultura, entre os anos de 1922 e 1977).

_____. Curso de Museus (Mandato Universitário). Rio de Janeiro: MHN, 1956.

_____. Portarias. (expedidas entre os anos de 1946 e 1977).

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Curso de Museus. AS/DG4 3(2) – Normas sobre o Curso de Museus – 1970, 74-77, 1977. (datilografado)

_____. AS/DG4 2(3) – Processo 105.834/51 – Solicitações de dispensa de função Prof. Flávio Labouriau Barroso, 1952. (datilografado)

_____. AS/DG4 2(5) – Processo 5457/61 – Autorização de bolsas de estudo e pagamento de professores, 1961. (datilografado)

_____. AS/DG4 2(14) – Processo 203.603/72 – Museólogos com habilitação para Museus de Ciência e Tecnologia, 1972-74. (datilografado)

_____. AS/DG4 3(8) – Criação e Reformulação do Curso de Museus – 1932, 44, 65, 70 (mudança de nome). s/data, aprox. 60-70. (datilografado)

_____. AS/DG4 3(12) – Regimentos – 1944, 62, 67, 73-75. s/ data. (datilografado)

_____. Memorial de Gustavo Barroso sobre Cursos Técnicos do Museu Histórico e da Biblioteca Nacional. s/data, aprox. 1944-50.

_____. Regimento do Conselho Departamental do Curso de Museus, de 30 de dezembro de 1966.

NORTE, João do. O culto da saudade. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 29, p. 32-34, 1997.

PARECER nº 971/69, Conselho Federal de Educação. Dezembro de 1969.

RESOLUÇÂO nº 14, Conselho Federal de Educação. 27 de fevereiro de 1970.
SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Relação dos currículos adotados pela Escola de Museologia: 1932-1995. UNIRIO/Escola de Museologia, 1995.

Secundárias:

• Coleção dos Anais do Museu Histórico Nacional, vols. 01 a 26. 1940-1975 (CD-ROM)
• MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Museu Histórico Nacional*. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: s/ed., 1955

Bibliografia:

ABREU, Regina. Memória, história e coleção. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 28, p. 34-64, 1996.
BARROSO, Gustavo. A carreira de conservador. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v.8, p. 229-234, 1947.
CARVALHO, Gerardo de Carvalho. Um sistema de documentação didática para o Curso de Museus. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 19, p. 198-213, 1968.
CARVALHO. Nair Moraes de. O papel educativo do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v.8, p. 18-30, 1947.
CHAGAS, Mario de Souza; GODOY, Solange de Sampaio. Tradição e Ruptura no Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 27, p. 31-59, 1995.
CURY, Isabelle (org). Cartas Patrimoniais. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
CURY, Marília Xavier. Museologia – Marcos referenciais. In: Cadernos do CEOM "Museus: pesquisa, acervo, comunicação". Chapecó: Argos, 2005. Nº. 25, p45-74.
CRUZ, Henrique de Vasconcelos; SÁ, Ivan Coelho de. Do horizonte do passado ao horizonte do futuro: 75 anos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1932-2007). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007.
DUMANS, Adolpho. A idéia de criação do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1947.
_____. O Museu Histórico Nacional através de seus 25 anos de existência. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 29, p. 24-31, 1997
FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e o seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 35, p. 179-196, 2003
IPHAN. Coletânea de Leis sobre preservação do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

KESSEL, Carlos. O movimento neocolonial e a preservação do patrimônio. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 33, p. 173-188, 2001.

LOPES, Maria Margareth. A formação de museus nacionais na América Latina Independente. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 30, p. 121-145, 1998.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Culto da Saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959). Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937). 2004. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História do IFCS /UFRJ). Rio de Janeiro, UFRJ/ IFCS, 2004.

_____. O que se deve saber para escrever a história nos museus?. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 34, p. 107-130, 2002.

NAZARETH, Gilson do Couto. Fundamentos epistemológicos da Museologia: uma proposta ao problema curricular. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos. O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-RJ. Rio de Janeiro, PUC, 2003.

REIS, Cleber José das Neves Reis. Uma “marca” barroseana: A primeira exposição permanente do Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 35, p. 213-226, 2003

SÁ, Ivan Coelho. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 39, p. 10-48, 2007.

_____. Apresentação. In: PITAGUARY, Geraldo. A lembrança de Ouro Preto continua sempre comigo: memórias de um aluno da primeira excursão do Curso de Museus - MHN em 1945. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006, p.11-28.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

SANTAFÉ, Elena Carrión. La formación museológica en España. http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev02/Rev02_Elena_Carrion.pdf. Acesso em 29-06-2008, 09:30 horas.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 19, nº. 55. 2004. p. 53-73 .

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os museus etnográficos brasileiros: “polvo é povo, molusco também é gente”. In: O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.67-98.

SILVA, Léo Fonseca e Silva. Museologia, um estudo sistemático do passado, também tem curso. *Revista Esso*, ano 30, n.2, p.21-24, 1967.

WILLIAMS, Daryle. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 29, p. 141-186, 1997.

ANEXOS

Anexo 1 – Currículo 1932-1933

1932			
1º. Ano			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
Arqueologia Aplicada ao Brasil	João Angyone Costa	Decreto-Lei .n°21.129 de 07/03/1932	-Informações sobre disciplinas retiradas do Decreto-lei nº : 21.129 de 07/03/1932 publicado no D.O de 13 março de 1932. -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
História da Arte (especificamente a do Brasil)	Joaquim Menezes de Oliva		
História Política e Administrativa do Brasil (período Colonial)	Rodolfo Augusto de Amorim Garcia		
Numismática (parte geral)	Edgar de Araújo Romero		
Fonte: Levantamento Cronológico da Memória das Disciplinas e Professores do Curso de Museus – MHN, 1932-1978 Marcos André Pinto Ramos – Bolsista IC/UNIRIO Ivan Coelho de Sá – Professor orientador 2006-2008			

1933			
2 º Ano			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
História Política e Administrada do Brasil (até a atualidade)	Pedro Calmon Moniz de Bittencourt		
Numismática (brasileira) e Sigilografia	Edgar de Araújo Romero		
Técnica de Museus, Epigrafia e Cronologia	Gustavo Dodt Barroso		
Fonte: Levantamento Cronológico da Memória das Disciplinas e Professores do Curso de Museus – MHN, 1932-1978 Marcos André Pinto Ramos – Bolsista IC/UNIRIO Ivan Coelho de Sá – Professor orientador 2006-2008			

Anexo 2 – Currículo 1935

1935			
1 º Ano			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
História da Civilização Brasileira (Período Colonial)	Pedro Calmon Moniz de Bittencourt	Decreto-Lei n° 24.735 de 14/07/1934	-Informações sobre disciplinas retiradas do Decreto-lei nº : 24.735 de 14/07/1934 -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
História da Arte Brasileira	Joaquim Menezes de Oliva		
Arqueologia Brasileira	João Angyone Costa		
Numismática (Parte geral)	Edgar de Araújo Romero		
2 º Ano			
Disciplinas	Professores		
História da Civilização Brasileira (até a atualidade)	Pedro Calmon Moniz de Bittencourt		
Numismática (Parte brasileira) e Sigilografia	Edgar de Araújo Romero		
Técnica de Museus, Epigrafia e Cronologia	Gustavo Dodt Barroso		
Obs	-Em 1935, entrou em vigor o Decreto n º: 24.735 de 14 de julho de 1934 no Curso de Museus, onde se manteve no Museu Histórico Nacional o referido Curso destinado ao ensino das disciplinas que interessavam aos seus objetivos culturais.		
Fonte: Levantamento Cronológico da Memória das Disciplinas e Professores do Curso de Museus – MHN, 1932-1978 Marcos André Pinto Ramos – Bolsista IC/UNIRIO Ivan Coelho de Sá – Professor orientador 2006-2008			

Anexo 3 - Bolsistas

ESTADO	BOLSISTA	MATRÍCULA	FORMATURA
BA	Lilah Pinho Saback	1942	1943
	Maria Auxiliadora Tosta Santos Silva de Siqueira	1945	1947
	Herundina Ferreira Baptista	1946	1948
	Amazília Atuá Negrão	1948	1950
	Florisvaldo dos Santos Trigueiros	1949	1951
	Celina Salles Trigueiros	1950	1952
	Gisélia Antonia Gomes Leite	1951	1953
	Raymundo Martins da Costa	1952	1954
	Mariá Saraiva	1953	---
	Lúcia Bittencourt Marques de Oliveira	1954	1956
	Maria Mercedes de Oliveira Rosa	1954	1961
	Maria de Lourdes da Silva	1955	---
	Alba Regina Soares de Queiroz	1962	---
	Ana Lúcia Soares Uchoa	1967	1969
	Lúcia Maria de Almeida Mattos	1967	---
RS	Ritta Gomes Soares	1946	----
	Yedda Teixeira de Oliveira	1946	1948
	Almerinda Veríssimo Corrêa	1954	1956
	Janina Armando de Azevedo	1956	---
	Maria José Soares Daudt	1957	1959
	Julieta Pinto Sá Brito	1958	1960
	Olga Gudolle Cacciatore	1959	1961
CE	Maria Afonsina de Albuquerque Furtado	1946	1948
	Lucy Altiva Seraine	1952	1954
	José Luiz Gonzaga de Lavor Campos	1954	---
	Eneida Assunção Simões	1956	---
	Maria Elys Olimpio Costa	1957	---
	Auta Rojas Barreto	1958	1960
	Vânia Maria Gurgel Bastos	1961	1963
	Henrique Medeiros Barroso	1964	1966
SP	Mabel Vargas	1946	---
	Marcelina Alves Brandão	1946	1948
	Maria Barreto	1946	1948
	Maria Leontina Mendes de Almeida Franco	1946	1948
	Nara Tormi Jordão	1949	1951
	Fernanda Camargo-Moro	1954	1956
MG	Paulo Krüger Corrêa Mourão	1943	1944
	Arlette Corrêa Netto	1948	1950
	Clara Botelho Martins Pereira	1949	1951
	Eunice Guimarães Vasconcellos	1955	---
	Décio de Souza Ferreira	1956	---
	Maria Rita Figueiredo Pereira	1958	1960
MA	Maria de Jesus Muniz Lima	1948	---
	Lucy de Jesus Teixeira	1949	1951
	Maria do Perpétuo Socorro e Sousa	1950	1952
	Maria Liz de Jesus Machado Bacelar	1952	1954
	Therezinha de Jesus Marques Martins	1953	1955
	Maria Lúcia Gama	1962	---
PR	Cleon Faria Affonso da Costa	1956	1958
	Beatriz Pellizzetti	1960	1962

	Marília Duarte Nunes	1960	1962
AM	Nair Alves Ferreira	1949	1951
	Maria Perpétuo Socorro Benages Gonçalves	1962	1964
PE	Dinaldo Buarque de Gusmão	1951	1953
	Aécio de Oliveira	1967	1970
RJ	Maria Marlene Mattos da Silva	1956	1958
	Georgeta David Sayah	1960	1962
SC	Aldo Domingues	1952	1954
	Selma Sfeir	1954	1956
ES	Neyla Toledo de Macedo	1958	1960
GO	Maria José e Silva	1961	---
SE	Maria Thethis Nunes	1957	1959
MT	Clara Pastora Leite	1955	1957
Argentina	José Martin de Bartolomé	1967	1969

Fonte: SÁ, Ivan Coelho de Sá; SIQUEIRA, Graciele Karine. Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

Anexo 4 – Excursões de Estudos

ANO	CIDADES / ESTADOS
1945	Ouro Preto, Mariana, Congonhas / MG
1946	São João Del Rey, Tiradentes e arredores / MG
1947	Cidades históricas do estado de MG
1948	Baependi, São Tomé das Letras e Campanha / MG
1949	Salvador / BA
1950	Recife, Olinda, Igarassú e Goiana / PE
1951	Belo Horizonte, Sabará, Caeté, Santa Bárbara, Barão de Cocais, Ouro Preto e Mariana / MG
1952	São Luís, Alcântara e Rosário / MA
1953	Cidades históricas de estado de Santa Catarina / SC
1954	Diamantina, Serro, Santa Luzia, Sabará e Ouro Preto / MG
1955	Belém / PA; cidades do Ceará / CE; cidades do Estado do Amapá / AP
1956	Nova Almeida, Jabaeté, Santa Leopoldina, Santa Tereza, Vale do Canaan, Araçatuba, Guarapari, Anchieta e Cachoeira de Itapemirim / ES
1957	Cidades do estado do Rio Grande do Sul, entre as quais as ruínas históricas e o Museu das Missões em Santo Angelo / RS
1958	Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo, Sabará e Codisburgo / MG
1959	Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e Sabará / MG
1960	São João Del Rey, Tiradentes, Belo Horizonte, Congonhas, Sabará e Ouro Preto / MG
1961	Belo Horizonte, Congonhas, Sabará, Ouro Preto, Codisburgo e Diamantina / MG
1962	Não houve excursão de estudos devido ao atraso na liberação da verba.
1963	Não houve excursão de estudos devido ao atraso na liberação da verba.
1964	Não houve excursão de estudos devido ao atraso na liberação da verba. Alguns alunos obtiveram passagens pela FAB e hospedagem pela Reitoria da Universidade do Pará. Esta viagem ao estado do Pará foi coordenada pelo Prof. Diógenes Vianna Guerra, afim de estudar os aspectos arqueológicos, artísticos e culturais da região.
1965	Não houve excursão de estudos devido ao atraso na liberação da verba.
1966	Não houve excursão de estudos devido ao atraso na liberação da verba.
1967	Cidades históricas de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e à Brasília.
1969	Salvador / BA
Fonte: Arquivo Institucional – MHN Série: AS DG 1 (Relatórios de Atividades do MHN)	

Anexo 5 – Currículo (Reforma de 1944)

1946			
1ª série – Parte Geral			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
História da Arte (Parte Geral)	Anna Barrafatto	Decreto-Lei .n°: 16.078 de 13/07/1944	-Informações sobre disciplinas retiradas do Decreto-Lei .n°: 16.078 de 13/07/1944 -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
História do Brasil Colonial	Gustavo Dodt Barroso		
Numismática (Parte Geral)	Edgar de Araújo Romero		
Etnografia	Diógenes Vianna Guerra		
Técnica de Museus (Parte Geral)	Gustavo Dodt Barroso		
2 ª série – Parte Geral			
Disciplinas	Professores		
História do Brasil Independente	Pedro Calmon Moniz de Bittencourt		
História da Arte Brasileira	Joaquim Menezes de Oliva		
Numismática	Edgar de Araújo Romero		
Artes Menores	Jenny Dreyffus		
Técnica de Museus (Parte Básica)	Gustavo Dodt Barroso		
3º. Série – Parte Especial *Seção de Museus Históricos*			
Disciplinas	Professores		
História Militar e Naval do Brasil	Gustavo Dodt Barroso		
Arqueologia Brasileira	Diógenes Vianna Guerra		
Sigilografia e Filatelia	Jenny Dreyfus.		
Técnica de Museus (Parte Aplicada)	Gustavo Dodt Barroso		
3º. Série – Parte Especial *Seção de Museus Artísticos ou de Belas Artes*			
Disciplinas	Professores		
Arquitetura	Pedro Calmon Moniz de Bittencourt		
Pintura e Gravura	José Francisco Félix de Mariz		
Escultura	Anna Barrafatto		
Arqueologia Brasileira, Arte Indígena e Arte Popular	Diógenes Vianna Guerra		
Técnica de Museus (Parte Aplicada)	Gustavo Dodt Barroso		
Fonte: Levantamento Cronológico da Memória das Disciplinas e Professores do Curso de Museus – MHN, 1932-1978 Marcos André Pinto Ramos – Bolsista IC/UNIRIO Ivan Coelho de Sá – Professor orientador 2006-2008			

Anexo 6 – Currículo (Reforma de 1966)

1970			
1ª ano			
- 1 º semestre			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
Artes Menores	Almir Paredes Cunha	Resolução n º: 14/ C.F.E. de 27/02/1970	*Informações retiradas da Resolução n º: 14/C.F.E. . de 27/02/1970 -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
Estética	Sylvio Serpa Costa Dominique Gurjão Boavista		
Comunicações Museológicas	Célia de Almeida Seabra		
Museologia Teórica	Auta Rojas Barreto Phebo		
História da Civilização	Antônio Luiz Porto e Albuquerque		
Ciências Auxiliares da História- Noções Gerais	Umberto Peregrino Seabra Fagundes		
Antropologia	Maria Gabriella Pestana de Aguiar Pantigoso Francisco Octávio Bezerra		
Cosmografia e Cartografia	John Wesley Freire		
Biogeografia	Luiz Carlos de Albuquerque Santos		
Geografia Física	Antonio Carlos de Carvalho		
-2 º semestre			
Disciplinas	Professores		
História da Arte	Anna Barrafatto		
Estética	Sylvio Serpa Costa		
Comunicações Museológicas	Célia de Almeida Seabra		
Museologia Teórica	Auta Rojas Barreto Phebo		
História da Civilização	Umberto Peregrino Seabra Fagundes		
Numismática	Dulce Cardozo Ludolf		
Antropologia	Gerardo Alves de Carvalho		
História Luso-brasileira	Neusa Fernandes		
Moral e Cívica	Hugo Machado		
2ª ano			
- 1 º semestre			
Disciplinas	Professores		
História da Arte	Gilda Marina Lopes		
História Luso-brasileira	Affonso Celso Villela de Carvalho		
História da Arte Brasileira	Gilda Marina de Almeida Lopes		
Artes Menores	Almir Paredes Cunha		
Vidros, Cristais e Vitrais	Célia de Almeida Seabra		
Heráldica e Genealogia	Jenny Dreyfus		
Numismática	Dulce Cardozo Ludolf		
História Geral	Affonso Celso Villela de Carvalho		
-2 º semestre			
Disciplinas	Professores		
Armaria	Jenny Dreyfus		
Cerâmica, Porcelanas e Mosaicos	Célia de Almeida Seabra		

Numismática	Dulce Cardozo Ludolf		
Moral e Cívica	Célia de Almeida Seabra		
História Luso-brasileira	Umberto Peregrino Seabra Fagundes		
História da Arte	Anna Barrafatto Sônia Gomes Pereira		
História da Arte Brasileira	Gilda Marina Lopes		
3º. Série *Seção de Museus Históricos*			
1 º e 2 º semestres			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências
História Militar e Naval do Brasil	Affonso Celso Villela de Carvalho	Decr.n°58.800 de 13/07/1966	*Informações retiradas do Documento Decreto-lei nº : 58.800 de 13/07/1966 -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
Arqueologia {*Folclore e Arte Popular no Brasil; Geologia, Arqueologia Geral e da Pré-história e Arqueologia do Brasil*}	Francisco Octávio Bezerra		
Sigilografia e Filatelia	Jenny Dreyfus Auta Rojas Barreto Phebo		
Técnica de Museus {*Joalheria e Prataria; Indumentária, Rendas e Bordado; Mobiliário; Museografia, Tapeçarias e Bandeiras; Navios e Aeronaves; Viaturas Terrestres*}	Jenny Dreyfus		
Metodologia das Pesquisas Museológicas	Antonio Pimentel Winz		
Moral e Cívica	Hugo Machado		
3º. Série *Seção de Museus Artísticos*			
1 º e 2 º semestres			
Disciplinas	Professores		
História da Arquitetura	Ruy Alves Campello Sônia Gomes Pereira		
História da Pintura e da Gravura	Ecyla Castanheira Brandão		
História da Escultura	Nair de Moraes Carvalho		
Técnica de Museus {*Joalheria e Prataria, Arte Sacra, Mobiliário, Museografia, Tapeçarias e Bandeiras*}	Edson de Souza Carneiro		
Arqueologia {*Arte Negra e Indígena no Brasil, Geologia, Arqueologia Geral e da Pré-história e Arqueologia do Brasil*}	Olga Gudolle Gacciatore		
Metodologia das Pesquisas Museológicas	Antonio Pimentel Winz		
Moral e Cívica	Célia de Almeida Seabra		
3º. Série *Seção de Museus Científicos*			
1 º semestre			
Disciplinas	Professores	Ato Legislativo de Criação/ Implantação das Disciplinas	Referências

Introdução à Geologia	Antônio Carlos Magalhães Macedo Friederich Wilhelm Sommer .	Parecer n º: 971/69 de 05/12/1969	*Informações retiradas do Parecer n º: 971/69 de 05/12/1969 -Informações sobre os professores, retiradas das caixas série ASDG n º: 4.
Introdução à Paleontologia	Friederich Wilhelm Sommer .		
Introdução à Biologia	Solon Leontsinis Renato Clapp do Rêgo Barros		
Técnica de Museus Escolares Polivalentes	Maria Julia Pourchet		
Introdução à Botânica Morfológica e Sistemática	Maria de Lourdes Pôrto		
Metodologia da Pesquisa Cientifica	Sólon Leontsinis		
Estudos dos Problemas Brasileiros	Léo Fonseca e Silva		
Metodologia da Pesquisa	Lúcia Maria Silveira		
Antropologia Física	Maria Júlia Pourchet Suely Cárdia Leal		
2 º semestre			
Disciplinas	Professores		
Folclore e Arte Popular do Brasil	Edson de Souza Carneiro		
Taxionomia	Luis Carlos de Figueiredo Alvarenga		
História da Ciência	Sólon Leontsinis		
Zoologia	Renato Clapp do Rêgo Barros Maria de Lourdes Porto		
Arqueologia Geral	Fernanda Camargo Almeida Brêtas Noronha		
Arqueologia Brasileira	Lourdes Maria Martins do Rêgo Novaes		
Ecologia	Fernando Segadas Vianna		
Estudos dos Problemas Brasileiros	Hugo Machado		
Antropogeografia	Luiz Carlos de Albuquerque Santos		
Obs	-Os alunos que se matricularam neste ano permaneceram no currículo de 1966, mais tiveram adaptações nas disciplinas sujeitas a resolução n º: 14/C.F.E. -Implantação da nova especialização na 3 ª série, da Seção de Museus Científicos.		
Fonte: Levantamento Cronológico da Memória das Disciplinas e Professores do Curso de Museus – MHN, 1932-1978 Marcos André Pinto Ramos – Bolsista IC/UNIRIO Ivan Coelho de Sá – Professor orientador 2006-2008			

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo